

SUE  
MONK  
KIDD

INVENÇÃO  
DAS ASAS

Autora do best-seller *A vida secreta das abelhas*

SUE  
A MONK  
KIDD  
INVENÇÃO  
DAS ASAS

Tradução  
FLÁVIA YACUBIAN

PA  
RA  
BI  
BI

*Para SANDY KIDD  
Com todo o meu amor*

PARTE UM  
NOVEMBRO DE 1803 — FEVEREIRO DE 1805

## Hetty “Encrenca” Grimké

Houve um tempo na África, as pessoas podiam voar. A mamã me contou isso uma noite, quando eu tinha dez anos de idade. Ela disse: “Encrenca, sua vovozinha viu com os próprios olhos. Disse que eles voavam sobre as árvores e montanhas. Disse que voavam que nem pássaros negros. Quando viemos pra cá, a magia ficou pra trás”.

Minha mamã era esperta. Não aprendeu a ler e escrever como eu. Tudo que ela sabia vinha do pouco de misericórdia que ela encontrou na vida. Olhou nos meus olhos cheios de tristeza e dúvida e disse: “Você não acredita em mim? De onde você acha que vieram esses ossos nas suas costas, menina?”.

Aqueles ossos pareciam brotar das minhas costas. Ela deu um tapinha neles e disse: “Isso é o que sobrou de suas asas. Nada a num ser esses ossos aqui, mas um dia você vai ter asa de novo”.

Eu era esperta como a mamã. Mesmo aos dez anos eu já sabia que aquela história de gente voando era pura lorota. Não éramos um povo especial que tinha perdido a magia. Éramos escravos e não íamos a lugar algum. Mais tarde eu entendi o que ela queria dizer. A gente voava, sim, mas não tinha mágica nenhuma naquilo.

No dia em que a vida se tornou uma coisa inserável, eu estava no pátio fervendo roupa de cama de escravo, atizando o fogo embaixo da panela de lavar e com os meus olhos queimando das fagulhas de sabão de barreira que saíam

voando. Era uma manhã fria — o sol parecia um botãozinho branco costurado firme no céu. No verão, usávamos vestido de algodão fiado sobre nossas roupas de baixo, mas quando o inverno de Charleston aparecia como uma menina preguiçosa, em novembro ou janeiro, a gente vestia nossos sacos — uns casacos grossos feitos com fios de lã espessos. Um saco velho com mangas. O meu tinha sido dado por alguém e chegava até meus tornozelos. Eu não saberia dizer quantos corpos sem banho tinham usado aquela roupa antes de mim, mas todos tinham, bondosamente, deixado seus cheiros nele.

Naquela manhã, a sinhá já tinha dado uma bengalada no meu traseiro por ter caído no sono durante as suas preces. Todos os dias, todos nós, escravos, todos menos Rosetta, que era velha e demente, nos apertávamos na sala de jantar antes do café da manhã para lutar contra o sono enquanto a sinhá nos ensinava versículos curtos da Bíblia, como “Jesus chorou” e rezava em voz alta a respeito do assunto preferido de Deus, *obediência*. Quem cochilasse levava um safanão bem no meio do Deus disse isso e Deus disse aquilo.

Eu era bem desafortada com a Tia-Irmã sobre todo aquele negócio infeliz. Eu dizia: “Afasto de mim esse cálice”, declamando com voz empoada um dos versículos da patroa. Eu dizia: “Jesus chorou porque tá preso lá com a sinhá, que nem a gente”.

A Tia-Irmã era a cozinheira — estava com a sinhá desde quando ela era sinhá-moça —, e, ao lado de Tomfry, o mordomo, regia a orquestra. Ela era a única que podia dizer à patroa o que fazer sem levar uma bengalada. Mamã dizia para eu segurar a língua, mas eu nunca conseguia. A Tia-Irmã me dava palmadas, três vezes por dia.

Eu era uma encrenca mesmo. Mas não foi por isso que eu ganhei esse apelido. Encrenca era meu nome de berço. O sinhô e a sinhá davam os nomes oficiais, mas as mamãs olhavam seus bebês deitados nos berços e o nome vinha até elas, alguma coisa relacionada à aparência do bebê, o dia da semana, o clima, ou a cara do mundo naquele dia. O nome de berço da minha mamã era Verão, mas seu nome certo era Charlotte. Ela tinha um irmão cujo nome de berço era Dificuldade. As pessoas pensam que eu invento isso, mas é a pura verdade.

Se você tinha um nome de berço, pelo menos tinha alguma coisa da sua mamã. O senhor Grimké me deu o nome de Hetty, mas a mamã olhou pra mim no dia em que vim ao mundo, e como eu nasci antes da hora, me chamou de Encrenca.

Naquele dia, enquanto eu ajudava a Tia-Irmã no pátio, a mamã estava na

casa, trabalhando num vestido de cetim dourado da sinhá, com uma cauda que começava nas costas, um estilo chamado de Watteau. Ela era a melhor costureira de Charleston e trabalhou com a agulha até os dedos ficarem duros. Você nunca viu coisa mais refinada do que as que minha mamã fazia, e ela nem usava moldes. Ela odiava moldes. Pegava ela mesma as sedas e os veludos no mercado e fazia tudo o que os Grimké possuíam: cortinas, anáguas acolchoadas, anquinhas laçadas, calças de camurça e aquelas velhas roupas de jóquei para a Semana da Corrida.

Eu vou te dizer uma coisa: os brancos viviam pra essa Semana da Corrida. Tinha piquenique, passeio e compromissos requintados um atrás do outro. A festa da sra. King sempre caía na terça. O jantar no Jóquei Clube, na quarta. A grande agitação era no sábado com o baile Santa Cecília, quando eles desfilavam nas melhores roupas. A Tia-Irmã dizia que Charleston tinha mania de grandeza. Até os oito anos, mais ou menos, eu achava que grandeza era a mesma coisa que caganeira.

A sinhá era baixa, de cintura larga, com o que pareciam bolotas de massa embaixo dos olhos. Ela se recusava a alugar a mamã para outras senhoras. Elas imploravam, e mamã implorava também, porque poderia ficar com parte do pagamento, mas a sinhá dizia: “Não posso correr o risco de você fazer para elas algo melhor do que eu faz para nós”. À noite, mamã rasgava faixas de tecido para suas colchas, enquanto eu segurava a vela de sebo com uma mão e empilhava as faixas, por cor, bem arrumadinho. Ela gostava de cores fortes, combinando tons de um jeito que ninguém mais pensaria em fazer: roxo com laranja, rosa com vermelho. O formato que ela adorava era o triângulo. Sempre preto. Mamã colocava triângulos pretos em quase todas as colchas que costurava.

Tínhamos uma caixa de madeira para guardar os retalhos, uma almofadinha para agulhas e linhas, e um dedal de latão de verdade. Mamã dizia que o dedal seria meu um dia. Quando ela não estava usando, eu o colocava na ponta de meu dedo, como uma joia. Estufávamos nossas colchas com algodão cru e fiapos de lã. O melhor enchimento eram penas, ainda são, e mamã e eu nunca passávamos por uma no chão sem recolher. Certos dias, mamã aparecia com o bolso cheio de penas de ganso que ela tinha arrancado de buracos nos colchões da casa. Quando a gente ficava desesperada para encher uma colcha, arrancava o musgo do carvalho no pátio e o costurava entre o forro e a cobertura da colcha, com carrapato e tudo.

Isso era o que mamã e eu adorávamos, nosso tempo com as colchas.

Não importava o que a Tia-Irmã me botasse para fazer no pátio, eu

sempre observava as janelas do andar de cima onde mamã costurava. Tínhamos um sinal. Quando eu virava o balde de ponta-cabeça perto da cozinha, significava que a barra estava limpa. Mamã abria a janela e jogaria um doce que tinha roubado do quarto da sinhá. Às vezes, vinha uma trouxa com retalhos, calicô do bom, guingão, musselina, um pouco de linho importado. Uma vez, foi aquele dedal de latão de verdade. A coisa preferida dela era a linha vermelho-escarlate. Ela enrolava no bolso e saía da casa.

O pátio estava mais do que cheio aquele dia, por isso não tinha esperança de que um doce caísse do céu. Mariah, a escrava da lavanderia, tinha queimado a mão com o carvão do ferro de passar e estava de cama. A Tia-Irmã estava irada por causa da roupa acumulada. Tomfry mandou os homens matarem um leitão que guinchava a todos pulmões. Todo mundo estava lá, desde o velho Neve, o cocheiro da carruagem, até o limpador de esterco do estábulo, Príncipe. Tomfry queria acabar logo com a matança, porque a sinhá odiava barulho do pátio.

O barulho estava na sua lista de pecados dos escravos, que nós sabíamos de cor. Número um: roubar. Número dois: desobedecer. Número três: preguiça. Número quatro: barulho. Um escravo devia ser como o Espírito Santo: não se vê, não ouve, mas está sempre por perto, a postos.

A sinhá ralhou com Tomfry, disse que fizessem silêncio, uma dama não precisa saber de onde vem seu bacon. Quando ouvimos isso, eu disse para a Tia-Irmã que a sinhá não sabia por qual lado o seu bacon entrava e por qual lado ele saía. A Tia-Irmã me deu um tapa tão grande que eu fui parar no dia anterior.

Peguei a longa estaca que chamávamos de batedor e pesquei as cobertas de dentro da panela de lavar cheia de soda e as joguei pingando sobre a cerca onde a Tia-Irmã secava suas ervas de cozinhar. Era proibido colocá-las no corrimão da cerca porque os olhos dos cavalos eram preciosos demais para serem expostos aos efeitos da soda. Olhos de escravos eram outra coisa. Mexendo a estaca, bati naqueles lençóis e cobertas até a morte. A gente chamava isso de pegar a sujeira.

Depois que terminei de lavar, fiquei desocupada e feliz por poder aproveitar o pecado número três. Segui um caminho que eu tinha transformado em terra por passar lá dez, doze vezes por dia. Comecei no fundo da casa-grande, passei pela cozinha e pela lavanderia até a grande árvore. Alguns galhos eram mais grossos que o meu corpo, e todos eles se enrolavam como fitas em uma caixa. Maus espíritos viajam em linha reta, e nossa árvore não tinha nenhum canto desentortado. Nós, escravos, nos reuníamos ali quando o calor apertava.

Mamã sempre me dizia pra não arrancar o musgo cinza porque ele mantém o sol e os olhos bisbilhoteiros longe.

Passei pelo estábulo e pela cocheira. O caminho me levou através do mapa inteiro do mundo que eu conhecia. Eu ainda não tinha visto o globo giratório na casa que mostrava todo o resto. Fui em frente, torcendo para que o dia passasse logo e aí mamã e eu poderíamos ir para o nosso quarto. Ele ficava em cima da cocheira e não tinha janelas. O cheiro de esterco do estábulo e do curral subia tão forte que parecia que nossa cama era recheada com isso e não com palha. O resto dos escravos dormia em cima da cozinha.

O vento bateu e eu tentei ouvir as velas dos navios chacoalhando no porto do outro lado da estrada, um lugar cujo odor eu já tinha sentido pela brisa, mas nunca tinha visto. As velas soavam como chicotes, e todo mundo prestava atenção pra ver se era algum escravo sendo açoitado num pátio vizinho ou os navios se aprontando para partir. Você descobria se ouvisse os gritos ou não.

O sol tinha ido embora, deixando um buraco nas nuvens, como se o botão tivesse caído. Peguei o batedor do lado da panela de lavar e, sem motivo algum, enfiei em uma abóbora na horta. Joguei contra a parede, onde ela explodiu fazendo um grande barulho.

De repente, o ar ficou parado. A voz da sinhá surgiu da porta dos fundos: “Tia-Irmã, traga Hetty aqui agora mesmo”.

Fui pra casa, pensando que ela estaria muito brava por causa de sua abóbora. Avisei para o meu traseiro se preparar.

## Sarah Grimké

Meu aniversário de onze anos começou com mamãe me tirando do berçário. Por um ano, sonhei em me livrar das bonecas de porcelana, dos piões e dos minúsculos jogos de chá espalhados pelo chão, das pequenas camas alinhadas em fileira, de toda aquela bagunça do lugar, mas o dia tinha chegado, e eu empaquei na soleira do meu novo quarto. Ele era todo escuro e tinha o cheiro do meu irmão — fumaça e couro. O dossel de carvalho e o tecido de veludo vermelho eram tão imponentes que pareciam mais perto do teto que do chão. Eu nem era capaz de me mexer por medo de morar sozinha num lugar tão enorme e sobrecarregado.

Respirando fundo, me atirei pela soleira. Era o jeito desajeitado que eu encarava os obstáculos da minha infância. Todo mundo pensava que eu era uma garota corajosa, mas, na verdade, não era tão destemida como todos achavam. Eu tinha o temperamento de uma tartaruga. Diante de qualquer perigo, medo ou obstáculo que aparecia no meu caminho, não queria fazer outra coisa a não ser frear e me esconder. *Se você precisa errar, erre pela audácia.* Esse foi o pequeno *slogan* que criei para mim mesma. Faz algum tempo que ele vinha ajudando a me arrastar por soleiras.

Aquela manhã estava bem fria, vento brilhante jorrando do Atlântico e nuvens soprando como birutas. Por um momento, fiquei de pé no quarto ouvindo as folhas das palmeiras se chocando em volta da casa. As calhas do terraço assobiavam. O balanço da varanda gemia em suas correntes. Lá embaixo, na cozinha abafada, mamã mandava os escravos pegarem as sopeiras chinesas e

xícaras Wedgwood, preparando minha festa de aniversário. Sua criada Cindie tinha passado horas umedecendo e prendendo a peruca de mamã com papel e bobes e o cheiro azedo de seu cozimento tinha se infiltrado escada acima.

Observei Binah, a mamã do berçário, guardando minhas roupas no pesado e antigo armário, lembrando como ela usava um atizador para balançar o berço de Charles, com suas pulseiras de búzios chocalhando por seus braços enquanto ela nos apavorava com contos da Booga Hag — uma velha que passeava por aí numa vassoura e sugava o espírito de crianças malvadas. Eu ia sentir saudade da Binah. E da doce Anna, que dormia com o dedão na boca. E também de Ben e Henry, que pulavam como diabretes até seus colchões explodirem como gêiseres de penas de ganso, e da pequena Eliza, que tinha o hábito de se enfiar na minha cama para se esconder do reino de terror noturno da Booga.

Claro que eu deveria ter sido emancipada do berçário havia muito tempo, mas tinha sido forçada a esperar que John fosse para a faculdade. Nossa casa de três andares era uma das maiores de Charleston, mas tinha poucos quartos, considerando o quão... bem, o quão fértil mamãe era. Éramos dez: John, Thomas, Mary, Frederick e eu, seguida pelos habitantes do berçário — Anna, Eliza, Ben, Henry e o bebê Charles. Eu era a do meio, a que mamãe chamava de *diferente*, e papai de *notável*, a com o cabelo acenourado e as sardas, constelações delas. Meus irmãos tinham tracejado Órion, a Ursa Menor e a Maior nas minhas bochechas e na minha testa com carvão, conectando os pontinhos vermelho vivo, e eu não me importei em ser o céu inteiro deles por horas.

Todo mundo dizia que eu era a favorita do papai. Não sei se era preferência mesmo ou pena, mas ele com certeza era o *meu* favorito. Ele era juiz na corte mais alta da Carolina do Sul e estava no topo da classe latifundiária, o grupo que Charleston considerava a sua elite. Ele tinha lutado com o general Washington e foi feito prisioneiro pelos britânicos. Era modesto demais para falar dessas coisas — para isso, ele tinha a mamãe.

O nome dela era Mary, e aí termina qualquer semelhança com a mãe do nosso Senhor. Era descendente de uma das primeiras famílias de Charleston, um pequeno grupo de lordes que o rei Charles enviara para estabelecer a cidade. Ela enfiava tanto isso em conversas que nem nos dávamos mais ao trabalho ou ao esforço de revirar os olhos. Além de governar a casa, um bando de crianças e catorze escravos, ela tinha deveres sociais e religiosos que teriam acabado com rainhas e santas da Europa. Quando eu estava sendo compreensiva, dizia que minha mãe estava simplesmente exausta. Suspeito, porém, que ela fosse

simplesmente desagradável.

Quando Binah terminou de arrumar meu cabelo com pentes e fitas, na minha nova e extravagante penteadeira Hepplewhite, virou-se para mim, e eu devo ter parecido desamparada, pois ela estalou a língua no céu da boca e disse: “Pobre srta. Sarah”.

Eu odiava tanto o acréscimo de *pobre* ao meu nome. Binah vinha murmurando *pobre srta. Sarah* como um feitiço desde que eu tinha quatro anos.

Minha mais antiga lembrança: organizando as bolas de gude de meu irmão para formar palavras. É verão, e estou embaixo do carvalho nos fundos do pátio. Thomas, dez anos, a quem eu amava mais do que aos outros, tinha me ensinado nove palavras: SARAH, MENINA, MENINO, IR, PARAR, PULAR, CORRER, ACIMA, ABAIXO. Ele as escreveu num papel-manteiga e me deu um saquinho com quarenta e oito bolas de gude para soletrar, o suficiente para montar duas palavras por vez. Organizei as bolas na terra, copiando as palavras escritas de Thomas. *Sarah Ir. Menino Correr. Menina Pular*. Trabalhava o mais rápido que era capaz. Binah viria atrás de mim em breve.

É a mamãe, no entanto, que desce os degraus do fundo até o pátio. Binah e os outros escravos da casa estão grudados uns aos outros, movimentando-se com cuidado, passos sincronizados como se fossem uma única criatura, uma centopeia cruzando um espaço desprotegido. Pressinto a sombra que os cobre no ar, um medo devorador, e engatinho de volta ao refúgio verde e preto da árvore.

Os escravos encaram as costas de mamãe, que é reta e dura. Ela se vira e os repreende. *Estão enrolando. Rápido, vamos acabar logo com isso.*

Enquanto ela fala, uma escrava mais velha, Rosetta, é arrastada da cocheira, arrastada por um homem, um escravo do pátio. Ela luta, arranhando o rosto dele. Mamãe observa, impassível.

Ele amarra as mãos de Rosetta à coluna do canto da varanda da cozinha. Ela olha por sobre o ombro e implora. *Sinhá, por favor. Sinhá. Sinhá. Por favor.* Ela implora mesmo enquanto o homem a atinge com o chicote.

O vestido dela é de algodão, de um amarelo pálido. Olho, paralisada, enquanto brota sangue de suas costas, florescências vermelhas que se abrem como pétalas. Não consigo conciliar a selvageria dos golpes com a forma doce como ela implora ou a beleza das rosas se enroscando ao longo da treliça de sua espinha. Alguém conta as chicoteadas — seria mamãe? Seis, sete.

O flagelo continua, mas Rosetta para de lamentar e afunda contra a

pilastra da varanda. *Nove, dez.* Desvio meus olhos. Eles seguem uma formiga preta viajando pelos confins abaixo da árvore — as raízes montanhosas e os musgos florestais, os perigos sem fim — e na minha mente eu digo as palavras que montei mais cedo. *Menino Correr. Menina Pular. Sarah Ir.*

*Treze. Catorze...* Saio das sombras, passo pelo homem que agora enrola seu chicote, trabalho bem-feito, passo por Rosetta pendurada pelas mãos e caída. Ao pular os degraus dos fundos e entrar em casa, mamãe me chama, e Binah tenta me pegar, mas escapo voando pelo corredor principal, saio pela porta da frente e sigo cegamente para o cais.

Não me lembro do resto com clareza, apenas que me vejo andando em uma prancha de embarque de um navio, soluçando, tropeçando em um monte de cordas. Um bom homem de barba e chapéu escuro pergunta o que eu procuro. Eu imploro: *Sarah Ir.*

Binah vem atrás de mim, embora eu não a perceba até que me pegue nos braços e murmure: “Pobre srta. Sarah, pobre srta. Sarah”. Como um decreto, uma proclamação, uma profecia.

Quando chego em casa, sou um amontoado de ranho, terra do pátio e sujeira do porto. Mamãe me segura, se afasta e me chacoalha com irritação, depois me agarra outra vez. “Você tem que prometer nunca mais fugir. *Me prometa.*”

Eu quero. Eu tento. As palavras estão na ponta da língua, carochos redondos, brilhando como as bolas de gude embaixo da árvore.

“Sarah!”, ela exige.

Nada sai. Som algum.

Fico muda por uma semana. As palavras parecem presas no vale entre minhas clavículas. Recupero-as aos poucos, rezando, forçando e cortejando. Volto a falar, mas com um tipo estranho e inconstante de gagueira. Nunca tinha sido uma interlocutora fluida, até mesmo minhas primeiras palavras possuíram certa qualidade beligerante, mas agora havia pausas feias e demoradas entre minhas frases, segundos infinitos quando as palavras se acovardavam em meus lábios e as pessoas desviavam o olhar. Por fim, essas terríveis pausas começaram a ir e vir de acordo com seus próprios caprichos misteriosos. Elas me atormentavam por semanas e então sumiam por meses, apenas para retornar tão abruptamente quanto tinham ido embora.

No dia em que me mudei do berçário para começar uma vida de maturidade no velho e austero quarto de John, eu não estava pensando na crueldade que tinha acontecido no pátio quando eu tinha quatro anos ou nos finos

filamentos que controlavam minha voz desde então. Essas preocupações estavam o mais distante possível de minha mente. Meu problema de dicção ausentara-se havia um tempo — quatro meses e seis dias. Eu quase me imaginava curada.

Então, quando minha mãe surgiu de repente no quarto — eu, em um paroxismo de adaptação ao novo ambiente, e Binah guardando minhas coisas aqui e ali — e perguntou o que achava de meus novos aposentos, fiquei chocada por minha incapacidade de responder. A porta bateu em minha garganta, e o silêncio ficou lá dentro. Mamãe me olhou e suspirou.

Quando ela saiu, forcei meus olhos a permanecerem secos e virei as costas para Binah. Não aguentaria ouvir mais um *pobre srta. Sarah*.

## Encrenca

Tia-Irmã me levou para a cozinha abafada, onde Binah e Cindie se ocupavam com bandejas de prata, enchendo-as de bolo de gengibre e maçãs com amêndoas moidas. Vestiam seus longos aventais dos bons, engomados. Na sala de visitas, o som era como de abelhas zunindo.

A sinhá surgiu e mandou que Tia-Irmã arrancasse meu casaco nojento e lavasse meu rosto. “Hetty, hoje é aniversário de onze anos de Sarah e vamos fazer uma festa para ela.”

Ela pegou uma fita cor de lavanda do topo do armário de mantimentos e a colocou em volta do meu pescoço, fazendo um laço, enquanto Tia-Irmã tirava o preto de minhas bochechas com seu pano. A sinhá amarrou outra fita em volta de minha cintura. Quando eu a puxei, ela deu uma bronca: “Pare de mexer nisso, Hetty! Fique quieta”.

A sinhá tinha apertado muito o laço na minha garganta. Eu tinha a sensação de que não conseguiria engolir. Procurei os olhos de Tia-Irmã, mas eles estavam colados na bandeja de comida. Queria dizer-lhe: “Me livre disso, me ajude, preciso usar a latrina”. Eu sempre tinha algo inteligente a dizer, mas minha voz tinha fugido da garganta como um camundongo de cozinha.

Dancei numa perna e depois na outra. Pensei no que mamã tinha dito: “Seja boazinha perto do Natal, porque é quando eles vendem criança sobrando ou mandam pro campo”. Eu não sabia de nenhum escravo que o sinhô Grimké tivesse vendido, mas eu conhecia muitos enviados para a sua plantação no interior profundo. É de lá que mamã tinha vindo, comigo dentro dela e deixando

papai para trás.

Parei de me mexer na hora. Meu ser inteiro foi para o buraco onde minha voz estava. Tentei fazer o que eles diziam que Deus queria. Obedecer, ficar quieta, ficar parada.

A sinhá me estudou, como eu ficava de fitas violetas. Pegando-me pelo braço, ela me levou até a sala de visita onde as senhoras sentavam com seus vestidos apumados e suas xícaras de chá de porcelana e guardanapos rendados. Uma senhora tocava um pianinho chamado espineta, mas parou quando a sinhá bateu palmas uma vez.

Todos os olhos se fixaram em mim. A sinhá disse: “Esta é nossa pequena Hetty. Sarah, querida, ela é o seu presente, sua própria dama de companhia”.

Apertei as mãos entre as pernas e a senhora deu um tapa nelas. Virou-me em um círculo completo. As damas começaram como papagaios — “*parabéns, parabéns*” — as cabeças enfeitadas balançando no ar. A irmã mais velha da srta. Sarah, srta. Mary, estava completamente emburrada por não ser o centro da festa. Depois da sinhá, era o pior papagaio do cômodo. Nós todas já tínhamos visto ela com a *sua* criada, Lucy, abusando da garota de domingo a domingo. A gente dizia que se a srta. Mary derrubasse o lenço do segundo andar, mandaria Lucy pular da janela para pegá-lo. Pelo menos eu não fui parar com aquela.

Srta. Sarah ficou de pé. Usava um vestido azul-marinho e tinha o cabelo vermelho liso como fiapo de milho e sardas da mesma cor no rosto todo. Ela respirou profundamente e começou a mexer os lábios. Naquela época, a srta. Sarah puxava palavras da garganta como se estivesse pegando água de um poço.

Quando finalmente trouxe o balde à tona, mal ouvimos o que ela disse: “... Desculpe, mamãe... Não posso aceitar”.

A sinhá pediu que ela repetisse. Dessa vez, srta. Sarah berrou como um vendedor de camarão.

Os olhos da sinhá eram de azul-gelo como os da srta. Sarah, mas ficaram escuros como anil. Suas unhas cravaram em mim e arranharam meu braço como uma revoada de pássaros. Ela disse: “Sente-se, querida Sarah”.

A srta. Sarah disse: “... Eu não preciso de dama de companhia... Estou perfeitamente bem sem uma.”

“Já chega”, disse a sinhá. Como é possível alguém não notar um aviso desses, não sei. A srta. Sarah errou de longe.

“... Você não pode guardá-la para Anna?”

“Chega!”

Srta. Sarah caiu na cadeira como se alguém a tivesse empurrado.

A água começou a escorrer pela minha perna. Me mexi de todas as maneiras para me libertar das garras da madame, mas aí veio um jato sobre o tapete.

A sinhá gritou e tudo ficou em silêncio. Dava pra ouvir as brasas estalando na lareira.

Eu achei que receberia um safanão, ou coisa pior. Pensei em Rosetta, em como ela fingia um ataque de tremor quando necessário. Ela babava e girava os olhos. Parecia um besouro de cabeça para baixo tentando se endireitar, mas isso a livrava da punição, e passou pela minha cabeça cair e fingir um ataque do melhor jeito que conseguisse.

Mas fiquei de pé com meu vestido molhado grudado nas minhas coxas e a vergonha aquecendo meu rosto.

Tia-Irmã veio e me levou embora. Quando passamos pela escada no corredor principal, vi mamã à beira da escada, apertando as mãos contra o peito.

Naquela noite, as pombas se sentaram nos galhos das árvores e arrulharam. Grudei na mamã em nossa cama de corda, encarando o tear, como ele se pendurava das vigas do teto sobre nós duas, amarrado com força em suas polias. Ela dizia que o tear era nosso anjo da guarda. Ela disse: “Tudo vai ficar bem”. Mas a vergonha permaneceu em mim. Tinha gosto amargo.

Os sinos badalaram por Charleston para o toque de recolher dos escravos, e mamã disse que a Guarda logo estaria lá fora batendo seus tambores, mas ela disse assim: “A farinha vai carunchá logo”.

Então, massageou os ossos planos de meus ombros. Foi quando ela me contou a história da África que sua mamã tinha lhe contado. De como as pessoas sabiam voar. Como voavam sobre árvores e nuvens. Como voavam que nem pássaros negros.

Na manhã seguinte, mamã me deu uma colcha do meu tamanho e disse que eu não poderia mais dormir com ela. Dali em diante, eu dormiria no chão do corredor ao lado do quarto da srta. Sarah. Mamã disse: “Só saia da colcha quando a srta. Sarah chamar. Não saia andando sem rumo. Não acenda vela nenhuma. Não faça barulho. Quando a srta. Sarah tocar o sino, você se apressa”.

Mamã me falou: “De agora em diante, vai ser difícil, Encrenca”.

## Sarah

Fui enviada para confinamento solitário em meu novo quarto para escrever uma carta de desculpas para cada convidada. Mamãe me posicionou com papel, tinta e uma carta que ela mesma tinha redigido para servir de exemplo.

“... Você não puniu a Hetty, puniu?”, perguntei.

“Você acha que sou desumana, Sarah? Foi um acidente. O que eu poderia fazer?” Ela deu de ombros com irritação. “Se não for possível limpar o tapete, terá de ser descartado.”

Enquanto ela caminhava na direção da porta, eu me esforcei para tirar as palavras de minha boca antes que ela sáísse. “Mamãe, por favor, deixe... deixe-me devolver Hetty pra você.”

*Devolver Hetty.* Como se ela fosse minha. Como se ter pessoas fosse tão natural quanto respirar. Apesar de toda a minha resistência em relação à escravidão, eu respirava aquele ar doente também.

“Sua guarda é legal e obrigatória. A Hetty é sua, Sarah, não há nada a ser feito a respeito.”

“... Mas...”

Ouvi a movimentação de suas anáguas ao cruzar o tapete de volta. Ela era uma mulher que comandava os ventos e as marés, mas, naquele momento, foi gentil comigo. Colocando um dedo sob meu queixo, ela inclinou meu rosto para o dela e sorriu. “Por que você está brigando por isso? Não sei de onde tira essas ideias estranhas. Este é nosso estilo de vida, querida, deve-se conciliar com ele.”

Beijou o topo da minha cabeça. “Espero as dezoito cartas até amanhã.”

O quarto se encheu com um brilho laranja que iluminou os painéis de cipreste e depois se derreteu no crepúsculo e nas sombras. Na minha mente, eu via Hetty claramente — a expressão confusa e envergonhada em seu rosto, as tranças de seu cabelo viradas para todas as direções, as malditas fitas cor de lavanda. Era extremamente magra, um ano mais nova do que eu, mas parecia ter seis anos. Seus membros eram palitos ossudos. Seus cotovelos, as curvas de dois alfinetes. A única coisa de tamanho nela eram os olhos, coloridos de um estranho tom dourado, e flutuavam sobre as bochechas negras dela como brilhantes meias-luas.

Parecia falso pedir perdão por algo de que não me arrependia nem um pouco. Eu me arrependia do quão patético meu protesto tinha soado. Queria apenas sentar ali e não ceder, pela noite inteira, por dias e semanas se necessário, mas, no fim, cedi e escrevi as malditas cartas. Eu sabia que era uma garota diferente, com ideias rebeldes, intelecto insaciável, aparência engraçada, que na metade do tempo gaguejava como um cavalo forçando o freio, qualidades não atraentes no sexo feminino. Estava a caminho de me tornar a pária da família e temia o ostracismo. Temia isso mais do que tudo.

Uma atrás da outra, escrevi:

*Cara Madame,*

*Obrigada pela honra e gentileza que me concedeu ao comparecer ao meu chá de aniversário de onze anos. Infelizmente, meu comportamento na ocasião não foi adequado, embora tenha sido bem-educada por meus pais. Humildemente peço perdão pela grosseria e desrespeito.*

*Sua Amiga Arrependida,*

*Sarah Grimké*

Escalei a altura absurda do colchão e tinha acabado de me ajeitar quando um pássaro do lado de fora da janela começou a cantar. Primeiramente, uma sequência de assobios, depois uma canção suave e melancólica. Me senti sozinha no mundo, com minhas ideias estranhas.

Deslizando de meu poleiro, segui na ponta dos pés até a janela, onde estremeci em minha camisola de lã branca, observando a Baía Leste, para além dos telhados escuros, na direção do porto. Com a estação dos furacões ficando para trás, havia quase cem mastros atracados lá, cintilando na água. Grudando a bochecha no vidro frio, descobri possuir uma vista parcial dos aposentos dos escravos sobre o estábulo, onde eu sabia que Hetty passaria a última noite com

sua mãe. No dia seguinte, ela começaria seus afazeres e dormiria do outro lado de minha porta.

Foi então que tive uma epifania. Acendi uma vela com um carvão quase apagado da lareira, abri a porta e segui na passagem escura e sem aquecimento. Três figuras na sombra estavam deitadas no chão ao lado dos quartos. Eu nunca tinha de fato visto o mundo além do berçário à noite e demorei um pouco para perceber que as figuras eram escravos, dormindo por perto caso um Grimké tocasse o sino.

Mamãe queria substituir esse arranjo arcaico por um recém-instalado na casa de sua amiga, a sra. Russell. Lá, apertavam-se botões que soavam nos aposentos dos escravos, cada um com um toque especial. Mamãe era inclinada a essa inovação, mas papai achava que seria um desperdício. Embora fôssemos anglicanos, ele possuía um leve temperamento de hugenote frugal. Botões ostentatórios na casa Grimké, somente sobre seu cadáver.

Desci na ponta dos pés descalços a escada de mogno até o primeiro andar, onde mais dois escravos dormiam, além de Cindie, que estava acordada, com as costas apoiadas na parede do lado de fora do quarto de meus pais. Ela me olhou desconfiada, mas não perguntou aonde eu ia.

Segui com cuidado pelo tapete persa que cobria quase todo o corredor principal, girei a maçaneta da biblioteca de papai e entrei. Um retrato de George Washington, ricamente emoldurado, estava iluminado pela teatral luz da lua que entrava pela janela frontal. Por quase um ano, papai fingiu não ver quando eu pilhava a biblioteca debaixo do nariz do sr. Washington. John, Thomas e Frederick possuíam livre acesso à vasta coleção — livros de direito, geografia, filosofia, teologia, história, botânica, poesia e cultura clássica — enquanto Mary e eu éramos oficialmente proibidas de ler qualquer palavra da biblioteca. Mary não parecia gostar de livros, mas eu... eu sonhava com eles. Amava-os de tal maneira que não sabia nem expressar direito, nem para o Thomas. Ele me indicava certos títulos e me interrogava nas declinações do latim. Era o único que sabia do meu desespero por adquirir uma educação verdadeira, para além daquela que eu recebia pelas mãos de madame Ruffin, minha tutora e inimiga francesa.

Ela era uma mulher pequena e de temperamento forte, que usava uma touca de viúva cujos cordões caíam ao lado de suas bochechas e, quando estava frio, um manto de pele de esquilo e minúsculos sapatos revestidos do mesmo material. Era conhecida por enfileirar meninas no banco do castigo por causa das menores infrações e gritar até que desmaiassem. Eu a odiava e também sua

“educação polida para a mente feminina”, que era composta de bordado, etiqueta, desenho, leitura básica, caligrafia, piano, a Bíblia, francês e o suficiente de aritmética para somar dois e dois. Eu pensei que seria possível morrer de tanto desenhar florzinhas nas páginas de meu caderno de arte. Certa vez, escrevi na margem: “Se eu morrer por conta deste exercício horroroso, desejo que estas flores decorem meu caixão”. Madame Ruffin não achou graça. Tive de ficar de pé no banco do castigo, com ela esbravejando a respeito de minha insolência, e tive de me esforçar para não desmaiar.

Cada vez mais, durante essas aulas, desejos tomavam conta de mim, vontades exteriores e torrenciais que dominavam meu coração. Eu queria conhecer coisas, me tornar alguém. *Oh, ser um filho homem!* Eu adorava meu pai, pois ele me tratava quase como se eu fosse um filho, permitindo que eu entrasse de fininho em sua biblioteca.

Naquela noite, os carvões da lareira da biblioteca estavam frios e o cheiro de fumaça de charuto ainda pairava no ar. Sem esforço, localizei o *Justiça da Paz e Leis Públicas da Carolina do Sul*, de autoria de meu pai. Já tinha folheado o volume o suficiente para saber que em algum lugar naquelas páginas havia uma cópia de um documento de alforria legal.

Ao achá-lo, peguei papel e pena na escrivanhinha de meu pai e copiei:

*Declaro, por meio desta, no dia 26 de novembro de 1803, na cidade de Charleston, no estado da Carolina do Sul, que alforrio Hetty Grimké e entrego este certificado de manumissão para ela.*

*Sarah Moore Grimké*

O que papai poderia fazer a não ser tornar a liberdade de Hetty tão legal e obrigatória quanto sua posse? Eu estava seguindo um código legal que ele mesmo havia criado! Deixei minha carta de alforria sobre a caixa de gamão em sua mesa.

No corredor, ouvi o tilintar da sineta de mamãe chamando Cíndie e corri escada acima, o que apagou a chama de minha vela.

Meu quarto estava ainda mais frio e o passarinho tinha parado de cantar. Entrei embaixo da pilha de colchas e cobertores, mas não consegui dormir de excitação. Imaginei os agradecimentos de Hetty e Charlotte para mim. Imaginei o orgulho de meu pai ao descobrir o documento, a irritação de minha mãe. *Legal e obrigatória, de fato!* Por fim, dominada pela fadiga e pela satisfação, caí no sono.

Quando acordei, os azulejos holandeses azulados em torno da lareira

brilhavam com a luz. Sentei na quietude. A euforia da noite anterior tinha ido embora, me deixando mais calma e consciente. Eu não sabia explicar à época como uma árvore mora dentro de sua semente ou como eu de repente soube que do mesmo modo enigmático algo vivia dentro de mim — a mulher que eu me tornaria —, mas eu parecia saber subitamente quem ela era.

Ela tinha estado lá o tempo todo, enquanto eu devorava os livros de papai e construía argumentos em nossos debates à hora do jantar. Na semana anterior, papai tinha orquestrado uma discussão entre Thomas e eu sobre criaturas exóticas fossilizadas. Thomas argumentou que se esses animais estranhos estivessem mesmo extintos, implicaria mau planejamento de Deus, ameaçando o ideal da perfeição divina; desse modo, essas criaturas deveriam ainda viver em lugares remotos da terra. Eu argumentei que até mesmo Deus deveria ter o direito de mudar de ideia. “Por que a ideia de perfeição de Deus deve ser baseada numa natureza imutável?”, perguntei. “A flexibilidade não é mais perfeita que a estagnação?”

Papai estapeou a mesa. “Se Sarah fosse um menino, seria a maior jurista da Carolina do Sul!”

Naquele momento, fiquei pasma com suas palavras, mas apenas ali, acordando em meu novo quarto, é que entendi seu verdadeiro significado. A compreensão de meu destino veio de repente. *Eu seria jurista.*

Naturalmente, eu sabia que não havia advogadas. Para uma mulher, nada existia além da esfera doméstica e aquelas florzinhas gravadas em caderno de arte. Uma mulher aspirar ser advogada — bem, possivelmente, seria o fim do mundo. Mas uma semente se tornava uma árvore, não?

Eu disse a mim mesma que meu problema na voz não me impediria, me impulsionaria. Ele me tornaria mais forte, pois eu precisaria ser forte.

Eu tinha mania de fazer pequenos rituais particulares. A primeira vez em que peguei um livro da biblioteca de meu pai, escrevi a data e o título — 25 de fevereiro, 1803, *A dama do lago* — em um pedaço de papel, o qual enfiei em uma presilha de cabelo de tartaruga e usei sorratamente. Agora, com o amanhecer se reunindo em raios brilhantes sobre a cama, eu queria consagrar o que certamente era minha maior realização.

Fui até o armário e peguei o vestido azul que Charlotte tinha costurado para meu desastroso aniversário. Onde o colarinho se juntava, ela tinha pregado um enorme botão de prata no qual havia uma flor-de-lis gravada. Usando o abridor de cartas que John tinha deixado para trás, o descosturei. Apertando o botão em minha mão, rezei: *Por favor, Deus, permita que essa semente que plantou em mim*

*dê frutos.*

Quando abri os olhos, tudo permanecia igual. O quarto ainda estava iluminado pela luz da manhã, o vestido parecia um amontoado de céu no chão, o botão prateado continuava apertado em minha palma, mas eu senti que Deus tinha me ouvido.

*O botão de prata carregava tudo que tinha acontecido à noite* — a revolta por ter a posse de Hetty, o alívio por lhe dar sua alforria, mas, principalmente, a euforia de reconhecer a semente inata dentro de mim, a que meu pai já tinha visto. *Uma jurista.*

Enfie o botão em uma caixinha de rocha vulcânica italiana, que tinha ganhado de Natal certa vez, depois a escondi no fundo da gaveta de minha penteadeira.

Vozes surgiram no corredor misturadas ao retinir de bandejas e jarras. O som dos escravos na servidão. O mundo acordando.

Me vesti rapidamente, imaginando se Hetty já estaria do outro lado da porta. Ao abrir, meu coração acelerou, mas Hetty não estava lá. O documento de alforria que eu tinha escrito estava no chão. Rasgado ao meio.

## Encrenca

Minha vida com a srta. Sarah começou com um péssimo pé esquerdo.

Quando cheguei ao meu quarto na primeira manhã, a porta estava aberta e a srta. Sarah estava sentada no frio, encarando a parede. Enfiei minha cabeça lá dentro e perguntei: “Srta. Sarah, você quer que eu entre?”.

Ela tinha mãozinhas grossas com dedinhos gordos e eles estavam sobre sua boca, abertos como um leque de madame. Seus olhos estavam pálidos e falavam melhor que sua boca. Eles disseram, *não quero você aqui*. A boca disse: “... Sim, entre... Fico feliz de ter você como minha dama de companhia”. Então, ela se afundou na cadeira e voltou ao que estava fazendo antes. Nada.

Uma escrava de pátio de dez anos que nunca tinha feito nada, a não ser algumas tarefas pra Tia-Irmã, não costumava entrar na casa. E nunca nos andares superiores. Que quarto! Ela tinha uma cama grande como uma carruagem, uma penteadeira com espelho, uma mesa para livros e mais livros, e muitas cadeiras estofadas. A lareira tinha uma tela bordada com flores cor-de-rosa que eu sabia terem vindo da agulha de mamã. Sobre o tampo, dois vasos brancos de porcelana pura.

Olhei para tudo e fiquei parada, pensando no que fazer. Disse: “Está bem frio”.

Srta. Sarah não respondeu, então eu repeti mais alto: “ESTÁ BEM FRIO”.

Isso acordou a moça de sua olhação pra parede. “...Você poderia acender o fogo, acho.”

Eu já tinha visto aceso, mas nunca tinha visto acendendo. Não sabia

verificar a chaminé, e aí veio uma nuvem de fumaça saindo de lá como morcegos.

A srta. Sarah começou a abrir as janelas. Deve ter parecido como se a casa estivesse em chamas, pois do pátio Tomfry gritou: “*Fogo, fogo*”.

Então todos olharam.

Peguei a bacia de água do cômodo usada para se limpar e joguei no fogo, o que não fez nada a não ser dobrar a fumaça. Srta. Sarah tentava expulsar a fumaça pelas janelas, parecendo um fantasma no meio daquelas nuvens pretas. Havia uma porta embutida que dava na sacada, e eu corri para abrir, querendo gritar para Tomfry que não era incêndio, mas antes que eu conseguisse, ouvi a sinhá voando pela casa, gritando para que todos saíssem carregando objetos.

Depois que a fumaça afinou e já parecia algumas poucas teias flutuantes, segui srta. Sarah para o pátio. O velho Neve e Sabe-Tudo já tinham colocado rédeas nos cavalos e puxado as carruagens para fora caso todo o pátio desmoronasse com a casa. Tomfry pediu a Príncipe e Eli que pegassem baldes com água da cisterna. Alguns vizinhos homens tinham aparecido com mais baldes. O pessoal temia mais o fogo do que o diabo. Mantinham um escravo sentado o dia inteiro no campanário da St. Michael, observando os telhados à procura de fogo, e eu temi que ele visse toda a fumaça, tocasse o sino da igreja e a brigada inteira aparecesse.

Corri para mamã, que estava agrupada com o resto. As coisas que acharam dignas de salvar estavam amontoadas em pilhas aos seus pés. Tigelas de porcelana, carrinhos de chá, cadernos de registros, roupas, retratos, Bíblias, broches e pérolas. Até mesmo um busto de mármore estava lá fora. A patroa estava com sua bengala com ponta de ouro numa mão e um porta-charuto de prata na outra.

Srta. Sarah tentava passar pelos frenéticos para contar a Tomfry e aos homens que não havia fogo no qual jogar água, mas, quando foi capaz de arrastar as palavras para fora da boca, os homens já tinham voltado a buscar água.

Quando entenderam o que tinha acontecido, a sinhá ficou furiosa. “Hetty, sua idiota incompetente!”

Ninguém se mexeu, nem mesmo os vizinhos. Mamã se aproximou e me escondeu atrás dela, mas a sinhá me puxou para a frente. Tacou a bengala com ponta de ouro na parte de trás da minha cabeça, o maior golpe que eu já tinha recebido. Me derrubou de joelhos.

Mamã gritou. E também a srta. Sarah. Mas a sinhá levantou o braço como

se fosse me dar outro. Não sei descrever direito o que aconteceu depois. O pátio, as pessoas, as paredes ao nosso redor, tudo sumiu. O chão se abriu embaixo de mim e o céu foi levado como uma barraca arrastada pelo vento. Eu estava num espaço para mim, um lugar que o tempo não cruza. Uma voz falou na minha cabeça: *Levante daí. Levante daí e olhe essa mulher no rosto. Desafie a bater outra vez. Desafie.*

Fiquei de pé e enfiei meu rosto nela. Meus olhos diziam: *Me bate, duvido.*

Sinhá deixou o braço cair e deu um passo atrás.

E então o pátio estava à minha volta de novo. Estiquei o braço e passei a mão na cabeça. Tinha um galo do tamanho de um ovo de codorna. Mamã se aproximou e o tocou com a ponta do dedo.

No resto daquele maldito dia, toda mulher e menina escrava foi obrigada a arrastar roupas, roupas de cama, tapetes e cortinas de todos os cômodos do andar de cima para a sacada, para arejar. Todas, exceto mamã e Binah, me olhavam com olhos de desprezo. Srta. Sarah veio ajudar e começou a carregar as coisas com o resto de nós. Sempre que me virava, ela estava olhando para mim como se nunca tivesse me visto antes.

## Sarah

Fiz minhas refeições a sós em meu quarto nos três dias seguintes, um protesto contra minha propriedade de Hetty, embora creia que ninguém tenha notado. No quarto dia, engoli meu orgulho e fui para a sala de jantar na hora do café da manhã. Mamãe e eu não tínhamos conversado sobre meu famigerado documento de alforria. Suspeitei que tinha sido ela quem o rasgara em dois pedaços de idêntico tamanho e os depositado em frente ao meu quarto, desse modo, obtendo a Última Palavra sem pronunciar uma sílaba.

Aos onze anos, eu possuía uma escrava e não podia libertá-la.

A refeição, a maior do dia, já tinha havia muito iniciado — papai, Thomas e Frederick já tinham saído para a escola e o trabalho, enquanto mamãe, Mary, Anna e Eliza permaneceram.

“Está atrasada, querida”, disse mamãe. Não sem nota de simpatia.

Phoebe, que ajudava Tia-Irmã e parecia pouco mais velha do que eu, surgiu atrás de mim trazendo os odores frescos da cozinha — suor, carvão, fumaça e um cheiro acre de peixe. Normalmente, ela ficava ao lado da mesa balançando o espanta-mosca, mas hoje ela depositou o prato à minha frente cheio de salsichas, bolinho frito, camarão salgado, pão integral e geleia de mandioca.

Na tentativa de colocar uma trêmula xícara de chá ao lado de meu prato, Phoebe a depositou sobre minha colher, derrubando o líquido na toalha. “Oh, sinhá, sinto muito”, ela gritou, virando-se na direção de mamãe.

Mamãe bufou como se todos os erros de todos os pretos do mundo

pesassem sobre seus próprios ombros. “Onde está Tia-Irmã? Por que, em nome de Deus, você está servindo?”

“Ela tá me mostrando como faz.”

“Bem, então aprenda.”

Quando Phoebe correu para ficar ao lado da porta, tentei lhe jogar um sorriso.

“Que bom que você apareceu”, disse mamãe. “Está recuperada?”

Todos os olhos se voltaram para mim. As palavras se juntaram em minha boca e ficaram lá. Nesses momentos, usava a técnica de imaginar que minha língua era como um estilingue. Eu puxava para trás, com força, força. “... Estou bem.” As palavras se espalharam pela mesa com um jato de saliva.

Mary fez questão de dar batidinhas com o guardanapo em seu rosto.

*Ela vai ser igualzinha mamãe, pensei. Cuidando de uma casa lotada de crianças e escravos, enquanto eu...*

“Acredito que encontrou os restos de sua bobagem?”, mamãe perguntou.

Ah, ali estava. Ela tinha confiscado meu documento, provavelmente sem conhecimento de papai.

“Que bobagem?”, disse Mary.

Dei a mamãe um olhar suplicante.

“Nada do seu interesse, Mary”, ela disse e inclinou a cabeça como se quisesse consertar a rusga entre nós.

Afundi na cadeira e considerei levar minha causa para papai e apresentar meu documento de manumissão rasgado. Não consegui pensar em mais nada durante o resto do dia, mas, quando a noite chegou, sabia que não adiantaria. Ele passava para mamãe todos os assuntos caseiros e detestava dedos-duros. Meus irmãos nunca deduraram, e eu também não o faria. Além disso, eu seria uma idiota se aborrecesse mamãe ainda mais.

Enfrentei minha decepção conduzindo vigorosas conversas comigo mesma sobre o futuro. *Tudo é possível, tudo mesmo.*

Todas as noites, eu abria a caixinha de rocha vulcânica e fitava o botão de prata.

## Encrenca

A sinhá disse que eu era a pior dama de companhia em Charleston. Ela disse: “Você é *abismal*, Hetty, *abismal*”.

Perguntei à srta. Sarah o que significa *abismal* e ela disse: “Que ainda não chegou ao padrão esperado”.

Hum-hum. Eu entendi pela cara da sinhá que havia o ruim, o muito ruim e, depois disso, o *abismal*.

Naquela primeira semana, além da fumaça, eu derramei óleo da lamparina no chão, deixando uma mancha escorregadia, quebrei um dos vasos de porcelana e fritei uma mecha do cabelo vermelho da srta. Sarah com o enrolador. A srta. Sarah nunca me dedurava. Ela puxou o tapete por cima do ponto oleoso, escondeu a porcelana quebrada no depósito no sótão e cortou o cabelo chamuscado com a tesoura que a gente usava para aparar pavio de vela.

As únicas vezes que srta. Sarah tocava o sino era quando a sinhá vinha na nossa direção. Binah e suas duas ajudantes, Lucy e Phoebe, sempre cantarolavam: “Bengala batendo. Bengala batendo”. O aviso da srta. Sarah me dava mais segurança e eu aproveitava. Eu perambulava pelo corredor até a alcova da entrada de onde eu podia ver a água no porto flutuar para o oceano, e o oceano rolar até se encontrar com o céu. Nada se comparava a isso.

A primeira vez em que vi, meus pés saltaram sem saírem do lugar, e eu levantei minha mão sobre a cabeça e comecei a dançar. Foi quando comecei a ter minha verdadeira religião. Eu não chamava de religião na época, não sabia diferenciar amém de amêndoa, só sabia que algo vinha até mim e me fazia

sentir como se a água me pertencesse. Eu dizia: “Aquela água é minha”.

Eu a via mudar de cor. Um dia era verde, depois marrom, no outro amarela como cidra. Roxa, preta, azul. Era inquieta, sem cessar. Barcos vinham e iam, com os peixes debaixo deles.

Eu cantava estes pequenos versos para ela:

*Pela água, pelo mar  
Deixe os peixes me levar.  
Se a água demorar,  
Vem me levar, vem me levar.*

Depois de um ou dois meses, estava fazendo mais coisas corretas na casa, mas até a srta. Sarah não sabia que certas vezes eu largava meu posto ao lado de sua porta e observava a água a noite toda, como o luar a deixava prateada. As estrelas brilhando enormes como bandejas. Eu via com clareza a ilha de Sullivan. Eu almejava por mamã, quando estava escuro. Sentia falta de nossa cama. Sentia falta do tear nos guardando. Imaginava mamã costurando colchas sozinha. Pensava no saco de juta cheio de penas, a almofadinha vermelha com alfinetes e agulhas, o dedal de latão puro. Noites assim, eu corria de volta para o estábulo.

Sempre que mamã acordava e me encontrava na cama com ela, tinha um ataque, contando todos os problemas que eu teria se fosse pega, como eu já estava em maus lençóis com a sinhá.

“Nada de bão pode vir de você andar por aí desse jeito”, ela disse. “Você tem que ficar boazinha na sua colcha. Faz isso por mim, tá ouvindo?”

E eu fazia por ela. Pelo menos por alguns dias. Deitava no corredor, tentando me aquecer na corrente de ar, me contorcendo à procura da tábua mais macia. Eu aguentava aquele sofrimento e encontrava consolo na água.

## Sarah

Em uma manhã nublada de março, quatro meses após a calamidade de meu décimo primeiro aniversário, acordei e não encontrei Hetty; seu catre no chão ao lado do meu quarto estava amassado no formato de seu corpo pequeno. Naquela hora, ela deveria estar enchendo minha bacia com água e me contando alguma história qualquer. Fiquei surpresa por sentir pessoalmente sua ausência. Sentia a falta dela como a de uma companhia querida, mas temia por ela também. Mamãe já tinha levantado sua bengala para Hetty antes.

Sem encontrar qualquer sinal dela na casa, fiquei parada no degrau mais alto da porta dos fundos, vasculhando o pátio com os olhos. Uma névoa fina tinha soprado do porto, e o sol brilhava através dela com o dourado opaco de um relógio de bolso. Neve estava na porta da cozeira, consertando um arreiro. Tia-Irmã estava montada em uma banqueta na horta, escamando peixe. Sem querer levantar suspeitas, fui furtivamente para a varanda da cozinha, onde Tomfry distribuía suprimentos. Sabão para Eli lavar os degraus de mármore, duas toalhas de algodão cru para Phoebe limpar cristais, uma concha de carvão para Sabetudo reencher os baldes.

Enquanto eu esperava que ele terminasse, deixei meus olhos vagarem para o carvalho no canto dos fundos à esquerda. Seus galhos estavam adornados por pequenos brotos e, embora a árvore carregasse pouca semelhança com sua aparência de verão, a lembrança daquele dia distante voltou: sentada esparramada no chão, o silêncio quente, a sombra esverdeada, formando minhas palavras com as bolinhas de gude, *Sarah ir...*

Desviei o olhar para o lado oposto do pátio, e foi lá que vi a mãe de Hetty, Charlotte, andando ao lado da lenha, abaixando aqui e acolá para pegar algo do chão.

Chegando atrás dela sem ser vista, notei que as coisinhas que ela recolhia eram pequenas e macias penas. "... Charlotte..."

Ela pulou e a pena que estava entre seus dedos voou com o vento do mar. Subiu para o topo da alta parede de tijolo que cercava o pátio, grudando na trepadeira.

"Srta. Sarah!", ela exclamou. "Você me deu um baita de um susto." A risada dela foi aguda e fragilizada pelo nervosismo. Seus olhos pularam na direção do estábulo.

"... Eu não queria te assustar... Eu só queria saber, você sabe onde..."

Ela me interrompeu e apontou para dentro da pilha de lenha. "Olha aí dentro."

Espiando pelo buraco entre duas lenhas, fiquei cara a cara com uma criatura orelhuda e marrom, coberta de penugem. Apenas pouco maior do que um pintinho, era algum tipo de coruja. Me afastei quando seus olhos amarelos piscaram e me perfuraram com o olhar.

Charlotte riu de novo, dessa vez com mais naturalidade. "Não bica."

"... É um bebê."

"Eu encontrei faz uns dias. A pobrezinha no chão, chorando."

"... Ela estava... machucada?"

"Não, só foi abandonada, só isso. A mamã dela é uma coruja-branca. Pegou ninho de um corvo no barracão, mas foi embora. Acho que alguma coisa pode ter pegado ela. Eu tô dando de comer pro bebê."

Meu único contato com Charlotte tinha sido para tirar medidas de vestidos, mas já tinha detectado certa perspicácia nela. De todos os escravos que meu pai possuía, ela me parecia a mais inteligente, e talvez a mais perigosa, o que se mostraria verdadeiro.

"... Eu vou ser boa com a Hetty", disse abruptamente. As palavras — cheias de remorso e nobreza — saíram como uma espinha de culpa sendo expelida.

Os olhos dela se abriram subitamente, depois se estreitaram em pequenos buraquinhos. Eram da cor do topázio, a mesma dos de Hetty.

"... Eu nunca quis ter posse dela... Tentei libertá-la, mas... não permitiram." Eu não conseguia parar.

Charlotte deslizou a mão para dentro do bolso do avental, e o silêncio

creceu insuportavelmente. Ela tinha visto minha culpa e a usou com esperteza. “Tá tudo bem”, disse. “Porque eu sei que cê vai compensar isso pra ela um dia desses.”

A letra C grudou na minha língua com sua boca grande: “... Co-co-compensar?”

“Tô querendo dizer que eu sei que cê vai ajudá de tudo jeito que puder pra ela ser livre.”

“... Sim, vou tentar.”

“Eu preciso que cê jure.”

Eu assenti, mal entendendo que eu tinha sido habilmente levada a fazer uma aliança.

“Você mantém sua palavra”, ela disse. “Sei que vai manter.”

Lembrando por que eu havia me aproximado dela em primeiro lugar, disse: “... Eu não consigo encontrar...”

“A Encrenca vai aparecê na sua porta rapidinho.”

Caminhando de volta para a casa, senti o laço que aquela troca estranha e íntima tinha transformado em um nó.

Hetty apareceu no meu quarto dez minutos depois, os olhos dominando o pequeno rosto, ferozes como os da corujinha. Sentada à minha escrivaninha, eu tinha acabado de abrir um livro que pegara emprestado da biblioteca de meu pai, *Aventuras de Telêmaco*. Telêmaco, filho de Penélope e Odisseu, seguia em direção à Troia para encontrar seu pai. Sem questionar onde ela tinha estado, comecei a ler em voz alta. Hetty se jogou nos degraus da cama, que levavam ao colchão, escorou o queixo na palma da mão e ouviu a manhã toda Telêmaco enfrentando as hostilidades do mundo antigo.

Astuta Charlotte. Conforme março passava, eu ficava obcecada com a promessa que ela tinha arrancado de mim. Por que eu não falei que a liberdade de Hetty era impossível? Que o máximo que poderia oferecer era bondade?

Quando chegou a hora de costurar meu vestido de Páscoa, eu me encolhia só de pensar em vê-la outra vez, petrificada com a possibilidade de ela trazer à tona nossa conversa ao lado da lenha. Eu preferia ter me furado com uma agulha do que enfrentar mais de seu escrutínio.

“Não preciso de vestido novo pra essa Páscoa”, disse à mamãe.

Uma semana mais tarde, estava de pé em cima do caixote de medidas, usando um vestido semicosturado de cetim. Ao entrar no meu quarto, Charlotte

apressadamente mandou Hetty em alguma missão forçada antes que eu pudesse pensar em um jeito de impedir. O vestido era de um tom suave de canela, notavelmente similar ao tom da pele de Charlotte, uma semelhança que notei quando ela ficou à minha frente com três alfinetes enfiados entre os lábios. Quando falou, senti cheiro de grãos de café e sabia que ela os tinha mascado. Suas palavras se apertaram entre os alfinetes em cachos torcidos de sons. “Cê vai manter sua promessa?”

Para minha desgraça, usei meu defeito em minha vantagem, lutando mais que o necessário para responder, fingindo que as palavras caíram num buraco obscuro e desapareceram.

## Encrenca

No primeiro sábado bom, quando parecia que a primavera estava se fixando de vez, a sinhá saiu com a srta. Sarah, a srta. Mary e a srta. Anna na carruagem com lanternas. Tia-Irmã disse que elas iriam para um passeio em White Point, disse que todas as mulheres e garotas estariam por lá, passeando com suas sombrinhas.

Quando Neve dirigiu a carruagem pela porteira de trás, srta. Sarah abanou a mão, e Sabe-Tudo, que estava enfeitado com uma sobrecasaca verde e um colete de libré, ia pendurado atrás, sorrindo.

Tia-Irmã nos disse: “Que cês tão olhando? Voltem ao trabalho de limpeza, deem um lustre completo no quarto delas. Quando os gatos saem... não deixem para amanhã o que podem fazer hoje.”

Lá no quarto da srta. Sarah, fiz a cama e esfreguei o embaçado do espelho, que não queria sair com nenhum tipo de sabão. Varri traças mortas e gordas de tanto morder as cortinas, limpei a latrina e joguei uma pitada de soda nela. Esfreguei o chão com sabão de cal do garrafão.

Cansada depois de tudo isso, fiz o que a gente chamava de procurar enguiço. Ir atrás de coisa errada. Primeiro, olhei para ver se havia algum escravo no corredor; tem uns que te deduram num piscar de olhos. Fechei a porta e abri um dos livros da srta. Sarah. Sentei à sua mesa e virei página atrás de página, encarando aquilo que parecia pedacinhos de renda preta espalhados sobre o papel. Os sinais tinham uma beleza própria, mas não via como podiam fazer outra coisa a não ser confundir uma pessoa.

Abri a gaveta e mexi em suas coisas. Encontrei um ponto-cruz inacabado, com pontos desajeitados, parecia que uma criança de três anos tinha feito aquilo. Havia linhas finas e brilhantes enroladas em carretéis de madeira. Cera para selo. Papel pardo. Desenhinhos com manchas de tinta. Uma chave de latão comprida com uma borla.

Fucei no guarda-roupa, tocando os vestidos que mamã tinha feito. Xeretei a gaveta da penteadeira, pegando em joias, elásticos de cabelo, leques de papel, garrafas e escovas e, por fim, uma caixinha. Brilhava escuro como minha pele molhada. Levantei o trinco. Dentro, um botão grande de prata. Toquei nele e depois fechei a tampa do mesmo jeito lento que tinha fechado o guarda-roupa, as gavetas e os livros — com meu peito se enchendo. Havia tanto no mundo para ter e não ter.

Voltei e abri a gaveta da escrivaninha mais uma vez e encarei as linhas. O que fiz em seguida foi errado, mas não liguei muito. Peguei o gordo carretel de linha escarlate e o enfiei dentro do bolso.

No sábado antes da Páscoa, fomos todos levados para a sala de jantar. Tomfry disse que coisas tinham sumido da casa. Fui pra lá pensando: *Senhor, tem piedade.*

Não havia nada pior para nós do que uma bobagem sumir. Uma lata amassada na despensa ou uma migalha de torrada do prato da sinhá, e as penas se eriçavam. Mas dessa vez não era uma bobagem, e não era a linha escarlate. Era o rolo de seda verde novinho em folha da sinhá.

Ali estávamos nós, catorze, enfileirados enquanto a sinhá discursava. Disse que era uma seda especial, como tinha vindo do outro lado do mundo, como umas minhocas na China tinham tecido os fios. Na época, nunca tinha ouvido tanta loucura junta.

Todos nós suávamos e nos contraíamos, passando as mãos pelos bolsos dos culotes ou debaixo dos aventais. Eu sentia o cheiro de nossos corpos, que era apenas medo.

Mamã sabia de tudo que se passava do outro lado do muro — a madame dava permissão para ela ir ao mercado sozinha. Ela tentava esconder as coisas ruins de mim, mas eu sabia da casa de tortura na rua Magazine. Os brancos chamavam de Casa de *Trabalho*. Como se os escravos ficassem lá costurando roupas ou fazendo tijolos ou martelando ferraduras. Eu sabia disso antes de fazer oito anos, o buraco escuro onde colocavam você e o deixavam sozinho por

semanas. Eu sabia sobre as chicotadas. Vinte era o máximo. Um homem branco poderia comprar um tempo de açoite por metade de um dólar e usar quando precisasse colocar um escravo nos eixos.

Até onde eu sabia, nenhum escravo Grimké tinha ido pra Casa de Trabalho, mas, naquela manhã, todos na sala de jantar estavam imaginando se esse seria o dia.

“Um de vocês é culpado de roubo. Se devolver o rolo de tecido, que é o que Deus gostaria que fizesse, então eu serei piedosa.”

*Sei.*

A sinhá achava que a gente não tinha uma gota de juízo.

O que qualquer um de nós poderia fazer com seda esmeralda?

A noite depois que o tecido sumiu, eu escapei. Passei direto pela porta. Precisava passar por Cindie do lado de fora da porta da sinhá — ela não era amiga da mamã, e eu tinha que ter muito cuidado perto dela, mas ela estava até roncando. Me enfiei na cama ao lado de mamã, mas ela não estava na cama, estava de pé, no canto, com os braços cruzados sobre o peito. Ela disse: “Que você pensa que tá fazendo?”

Eu nunca tinha ouvido aquele tom em sua voz.

“Levanta, vamo voltar pra casa agora mesmo. Essa é a última vez que você sai escondido, a última vez. Isso num é brincadeira, Encrenca. Vai ter dor pra pagar por isso.”

Ela não esperou que eu me mexesse, mas me pegou como se eu fosse um pedaço de algodão que escapou. Puxou-me por debaixo do braço, marchando comigo pelos degraus da cocheira, pelo pátio. Meus pés mal tocavam o chão. Ela me arrastou pela cozinha quente, a porta que ninguém trancava. O dedo dela ficou em cima de seus lábios, me avisando pra ficar quieta, depois me colocou na escada e fez um movimento com a cabeça para cima. *Vai.*

Os degraus fizeram um barulhão. Mal dei dez passos quando ouvi uma porta lá embaixo se abrindo, e o ar fugiu da garganta de mamã.

A voz do sinhô saiu da escuridão, dizendo: “Quem é? Quem está aí?”

A luz da lanterna bateu nas paredes. Mamã não se mexeu.

“Charlotte?”, ele chamou, muito calmo. “O que você está fazendo aqui?”

Atrás de si, mamã fez um gesto com a mão, gesticulando para o chão, e eu sabia que ela queria dizer para eu agachar no degrau. “Nada, mestre Grimké. Nada, senhor.”

“Deve haver algum motivo para sua presença na casa a essa hora. Você deve se explicar agora para evitar problemas.” Ele fala quase de um modo gentil.

Mamã ficou parada como se o gato tivesse comido sua língua. Sinhô Grimké sempre provocava isso nela. *Fala alguma coisa*. Se fosse a sinhá ali, mamã já teria cuspidido umas três ou quatro coisas. Fala que a Encrenca está doente e que você estava indo ter com ela. Fala que a Tia-Irmã mandou você pegar um remédio pro Neve. Fala que não consegue dormir de preocupação com as roupas da Páscoa, se vão servir ou não pela manhã. Fala que anda dormindo. *Fala alguma coisa*.

Mamã esperou demais, porque a sinhá saiu do quarto. Espiando pelo degrau, vi que sua touca de dormir estava torta.

Eu cometi erros nesses anos que não posso desfazer, e este é um dos piores: a noite que fiz coisa errada e mamã foi pega.

Eu poderia ter aparecido. Eu poderia ter falado e dito a coisa certa, que era eu, mas o que fiz foi me encolher nos degraus.

A sinhá perguntou: “Você é a larápia, Charlotte? Você voltou para pegar mais? É assim que você faz, entrando aqui de noite?”.

Sinhá acordou a Cindie e mandou buscar Tia-Irmã e acender duas lanternas, iam fazer uma busca no quarto de mamã.

“Sissinhora, sissinhora”, disse Cindie. Feliz como um passarinho.

Sinhô Grimké resmungou como se tivesse pisado em cocô de cachorro, todas essas histórias desagradáveis entre mulheres e escravos. Ele pegou sua lanterna e voltou para a cama.

Segui mamã à distância, dizendo palavras que uma criança de dez anos não deveria saber, mas tinha aprendido muitos palavões ouvindo Sabe-Tudo cantando para os cavalos. *Malditus, malditus, eu vou ser franco. Malditus, malditus, todos os brancos*. Eu estava me preparando para contar pra sinhá o que tinha acontecido. *Eu deixei meu lugar ao lado da porta da srta. Sarah e fui até meu quarto antigo. Mamã me trouxe de volta pra casa*.

Quando espiei pela jamba da porta do nosso quarto, vi as cobertas arrancadas da cama, a bacia virada, nosso saquinho de juta de ponta-cabeça, recheio de manta por toda parte. Tia-Irmã estava mexendo na roldana para abaixar o tear. Ele estava coberto por uma manta com as pontas esfiapadas, os fios brilhantes esvoaçando.

Ninguém olhou para mim na porta, apenas mamã enviou os olhos para mim. Suas pálpebras fecharam e ela não as abriu de novo.

As rodas da roldana chiaram e o tear fluuava para baixo com aquela música rangente. Ali, em cima da manta inacabada, um rolo de tecido verde brilhante.

Olhei para o tecido e pensei que bonito. A luz da lanterna refletindo em cada vinco. Eu, Tia-Irmã e a sinhá o encaramos como se fosse um sonho.

A sinhá encheu nossas orelhas sobre como era difícil pra ela disciplinar um escravo em quem confiava, mas que escolha tinha?

Ela disse a mamã: “Vou adiar sua punição até segunda. Amanhã é Páscoa e eu não quero estragá-la com isso. Não vou mandar você para *fora* para ser punida, e devia ficar agradecida por isso, mas posso garantir que sua penalidade será de acordo com seu crime”.

Ela não disse *Casa de Trabalho*, disse *fora*, mas a gente sabia o que *fora* significava. Pelo menos mamã não iria pra lá.

Quando a sinhá finalmente se virou pra mim, não perguntou o que eu estava fazendo ali nem me mandou de volta para as tábuas do chão da srta. Sarah. Ela disse: “Você pode ficar com sua mãe até a punição dela na segunda. Quero que ela tenha um pouco de consolo até lá. Não sou uma mulher sem sentimentos”.

Naquela noite adentro, eu solucei minha dor e minha culpa. Mamã esfregou meus ombros e me disse que não estava brava. Ela disse que eu nunca deveria ter saído escondida da casa, mas não estava brava.

Eu estava prestes a cair no sono quando ela falou: “Eu devia ter costurado aquela seda verde dentro da colcha e ela nunca ia descobrir. Não me arrependo de ter roubado, só de terem me pegado”.

“Por que você pegou?”

“Porque”, ela respondeu, “porque eu podia”.

Aquelas palavras grudaram em mim. Mamã não queria o tecido, só queria causar confusão. Ela não podia ser livre e não podia dar na sinhá com uma bengala, mas podia pegar a seda dela. Você se rebela do jeito que pode.

## Sarah

Na Páscoa, nós, os Grimké, fomos até a Igreja Episcopal St. Philip's embaixo das árvores lírio-da-índia que se enfileiravam de ambos os lados da rua Meeting. Eu tinha pedido um lugar ao ar livre com papai, mas Thomas e Frederick ficaram com o privilégio, e eu acabei dentro da carruagem, com a mamãe e o calor. O ar se espremia entre as fendas que serviam de janelas, soprando em finos filetes. Espremi o rosto contra a abertura e observei o esplendor de Charleston passar: casas claras com varandas espaçosas, canteiros com flores, folhagens tropicais aparadas: oleandro, hibisco, buganvília.

“Sarah, espero que esteja preparada para sua primeira lição”, disse mamãe. Eu tinha, há pouco, me tornado professora da Escola Dominical para Pessoas de Cor, uma aula ministrada por garotas, de treze anos ou mais, mas mamãe tinha perturbado o reverendo Frost até que ele fizesse uma exceção, e, pela primeira vez, sua natureza autoritária tinha conseguido algo não totalmente repugnante.

Virei-me para ela, sentindo a queimação da alfena em minhas narinas. “... Sim... estudei mu-muito.”

Mary zombou de mim, arregalando os olhos de um jeito grotesco e balbuciando: “... Mu-mu-muito”, o que fez Ben rir disfarçadamente.

Ela era uma chateação, minha irmã. Ultimamente, as pausas em minha fala vinham diminuindo e eu me recusei a deixá-la me incomodar. Eu estava prestes a fazer algo útil, para variar, e se eu hesitasse e gaguejasse a aula toda, que assim fosse. Naquele momento, estava mais preocupada em ter de fazê-lo

com Mary como companhia.

Conforme a carruagem se aproximava do mercado, o barulho aumentava e as calçadas começavam a se encher de pretos e mulatos. Domingo era o único dia de folga dos escravos, e eles enchiam as vias — a maioria seguindo na direção da igreja de seus senhores, onde eram obrigados a comparecer e se sentar nos andares de cima —, mas mesmo em dias comuns, os escravos dominavam as ruas, seguindo as ordens de seus donos, fazendo compras, entregando mensagens e convites para chás e jantares. Alguns eram alugados e iam para lá e para cá entre serviços. Naturalmente, tiravam uma pequena folga para confraternizar. Era possível vê-los reunidos nas esquinas, cais e botequins. O jornal *Charleston Mercury* criticava duramente os “bandos sem vigilância” e pedia regulações, mas, como papai dizia, contanto que um escravo possua um passe ou distintivo de trabalho, sua presença era perfeitamente legítima.

Neve foi preso certa vez. Em vez de esperar perto da carruagem, enquanto estávamos na igreja, ele tinha guiado até a cidade sem ninguém dentro, apenas para se divertir. Tinha sido levado para a delegacia perto de St. Michael. Papai ficou furioso, não com Neve, mas com a guarda municipal. Foi bufando para a prefeitura e pagou a multa, evitando assim que Neve fosse para a Casa de Trabalho.

Um excesso de carruagens na rua Cumberland não nos deixou chegar perto da igreja. O desregramento das pessoas que atendiam aos cultos apenas na época da Páscoa deixava mamãe furiosa, pois ela fazia questão que os Grimké estivessem em seu banco todos os domingos comuns e sem graça do ano. A voz grave de Neve chegou de seu assento até nós: “Sinhá, cês têm que andar daqui”, e Sabe-Tudo abriu a porta e nos ajudou a descer, uma a uma.

Nosso pai já estava andando rápido à frente. Não era um homem alto, mas se impunha com sua casaca cinza, cartola e lenço de seda de Bengala amarrado no pescoço. Possuía um rosto anguloso com um nariz longo e sobranceiras cheias, que se enrolavam na saliência da testa, mas o que o fazia mais bonito era seu cabelo, uma mistura selvagem de ondas castanho-escuras. Thomas tinha herdado o cabelo cheio, castanho-avermelhado, bem como Anna e o pequeno Charles, mas para mim tinha vindo no tom pálido de caqui e minhas sobranceiras e cílios eram tão claros que pareciam ter sido esquecidos.

A distribuição de lugares dentro de St. Philip's era uma cópia verossímil do status de Charleston: a elite lutando para alugar assentos na frente, os menos abastados atrás, enquanto os pobres se apinhavam nos bancos gratuitos dos lados. Nosso banco, pelo qual papai pagava trezentos dólares por ano, ficava a apenas

três fileiras do altar.

Sentei ao lado de papai, segurando seu chapéu de ponta-cabeça no colo, sentindo o cheiro do óleo de limão que ele usava para domesticar seus cachos. Acima, nas galerias superiores, os escravos começavam a tagarelar e rir. Era um problema permanente, esse barulho. Eles ficavam corajosos no balcão da mesma maneira que na rua, devido ao seu número. Recentemente, a balbúrdia tinha chegado a tal ponto que monitores foram colocados nos balcões como dissuasivos. Apesar deles, o barulho aumentava. De repente, *pá*. Um grito. Paroquianos se viram, olhando feio para cima.

Quando o reverendo Frost subiu ao púlpito, um rebuliço completo tinha se instalado. Um sapato voou do andar superior e mergulhou abaixo. Uma bota pesada. Estatelou em uma senhora a meio caminho do chão, derrubando seu chapéu e machucando sua cabeça.

Enquanto a abalada senhora e sua família saíam do santuário, reverendo Frost apontou o dedo para o canto extremo esquerdo da galeria superior e fez um círculo lento sentido horário. Quando todos ficaram em silêncio, ele citou uma escritura dos Efésios, recitando de memória. “Escravos, obedeçam a seus senhores terrenos com respeito e temor, com sinceridade de coração, como a Cristo.” Depois, fez o que muitos, inclusive minha mãe, chamariam de a mais eloquente improvisação sobre a escravidão que já tinham ouvido. “Escravos, eu advirto vocês a se contentarem com seu quinhão, pois é a vontade de Deus! Sua obediência é ordenada nas Escrituras. É comandada por Deus através de Moisés. É aprovada por Cristo através de seus apóstolos e defendida pela igreja. Tomem tento, então, e que Deus em sua piedade lhes conceda que sejam prostrados hoje e voltem a seus mestres como servos fiéis.”

Ele voltou para sua cadeira atrás do presbitério. Encarei o chapéu no meu colo, depois olhei para meu pai, chocada, confusa, estupefata até, tentando entender o que eu deveria pensar, mas seu rosto estava sem expressão, uma máscara implacável.

Depois do culto, fui para uma sala de aula pequena e abandonada atrás da igreja, onde vinte e duas crianças escravas faziam uma anarquia. Ao entrar na sala escura e abafada, abri as janelas, mas acabei nos tornando alvo do pólen. Espirrei repetidas vezes ao bater a haste de meu leque sobre a mesa, tentando instalar a ordem. Mary sentou-se na única cadeira da sala, uma velha Windsor, e me observava com uma expressão perfeitamente situada entre tédio e diversão.

“Deixe-os brincar”, ela me disse. “É o que eu faço.”

Fiquei tentada. Desde o sermão do reverendo, não estava no ânimo para a lição.

Uma pilha de almofadas para ajoelhar velhas e empoeiradas estava amontoada no canto dos fundos, com o bordado sem conserto. Supus que seriam para as crianças sentarem, pois não havia um móvel sequer na sala a não ser a cadeira e a mesa da professora. Nenhum panfleto com a matéria, livros ilustrados, lousa, giz ou enfeites nas paredes.

Distribuí as almofadas em fileiras no chão, que provocaram uma brincadeira de chutar, como se fossem bolas. Tinham-me dito para ler a escritura do dia e elaborar seu significado, mas quando finalmente consegui colocar as crianças empoeiradas nas almofadas e vi seus rostos, a coisa toda me pareceu uma farsa. Se todos estavam tão dispostos a cristianizar os escravos, por que estes não eram ensinados a ler a Bíblia por conta própria?

Comecei a cantar o alfabeto, uma cantiga nova de aprendizagem. A B C D E F G... Mary olhou para mim, surpresa, depois suspirou e voltou ao seu estado apático. H I J K L M N O P... Nunca havia hesitação em minha voz quando cantava. Os olhos das crianças brilharam com atenção. Q R S... T U V... W X... Y e Z.

Incentivei-os a cantar comigo em pedacinhos. Suas pronúncias eram falhas. L saía *eli*. M *emi*. Ah, mas seus rostos! Que sorrisos. Disse a mim mesma que quando voltasse, na próxima vez, traria uma lousa e escreveria as letras, para que vissem enquanto cantassem. Pensei em Hetty. Notei o desarranjo de meus livros sobre minha escrivaninha e sabia que ela os explorava em minha ausência. Como ela iria adorar aprender aquelas vinte e seis letras!

Depois de meia dúzia de rodadas, as crianças cantavam com gosto, quase gritando. Mary tampava as orelhas com os dedos, mas eu cantava bem alto, usando meus braços como batutas, gesticulando para que continuassem. Não vi o reverendo Frost na porta.

“Que bagunça horrorosa está acontecendo aqui?”

Paramos abruptamente, e fiquei com a sensação zozna de que as letras ainda dançavam caoticamente no ar sobre nossas cabeças. Meu rosto ficou da cor de flamboyant.

“... Estávamos cantando, senhor reverendo.”

“Qual filha dos Grimké você é?” Ele tinha me batizado quando bebê, como a todos os meus irmãos, mas ninguém esperava que ele soubesse dizer quem era quem.

“Ela é a Sarah”, disse Mary, ficando de pé num pulo. “Eu não participei dessa música.”

“... Desculpe o barulho.” Eu disse a ele.

Ele franziu a testa. “Nós não *cantamos* na Escola Dominical para Pessoas de Cor, e muito menos o alfabeto. Você sabia que ensinar um escravo a ler vai contra a lei?”

Eu conhecia a lei, embora vagamente, como se tivesse sido guardada em um sótão em minha cabeça e de repente fosse desencavada, como mandioca embolorada. Tudo bem, era a lei, mas me pareceu algo indecente. Claro que ele não iria dizer que isso também era a vontade de Deus.

Ele esperou minha resposta, quando ela não veio, disse: “Você colocaria a igreja em contradição à lei?”

A lembrança de Hetty aquele dia, quando mamãe lhe deu uma bengalada, surgiu em minha mente, e eu levantei o queixo e o encarei, sem responder.

## Encrenca

O que aconteceu em seguida foi um vento forte e amargo.

Segunda-feira, depois das Devoções, Tia-Irmã levou mamã de lado. Disse que a sinhá tinha a visita de uma amiga que não gostava de açoites e bolara uma punição perneta. Tia-Irmã teve uma trabalhadeira para descrever. Ela disse que eles amarram uma faixa de couro no tornozelo do escravo, aí puxam esse pé para trás e amarram a faixa no pescoço. Se deixar o calcanhar cair, a faixa estrangula a garganta.

A gente conhecia o que ela estava contando. Mamã sentou nos degraus da cozinha e deitou a cabeça nos joelhos.

Tomfry foi quem veio amarrar. Dava pra ver que ele não queria fazer parte daquilo, mas não dizia. A sinhá disse: “Uma hora, Tomfry. Isso basta”. Depois foi pra dentro, pra sua janela.

Ele levou mamã até o centro do pátio, perto da horta, onde pequenos brotinhos tinham acabado de furar a terra. Todos nós estávamos aglomerados embaixo da grande árvore, exceto Neve, que tinha saído com a carruagem. Rosetta começou a chorar. Eli deu tapinhas em seu braço, tentando acalmar. Lucy e Phoebe discutiam sobre um pedaço de presunto que sobrou do café da manhã. Tia-Irmã foi lá e estapeou a cara das duas.

Tomfry virou mamã pra que ela olhasse a árvore, com as costas pra casa. Ela não resistiu. Ficou ali, mole como o musgo nos galhos. O cheiro da maré baixa vindo do porto estava por toda parte. Um cheiro podre.

Tomfry disse a mamã: “Segure em mim”, e ela pousou as mãos sobre seu

ombro enquanto ele amarrava seu tornozelo com algo que parecia um cinto velho de couro. Ele puxou pra trás, de modo que ela ficasse em uma perna só, depois enrolou a outra ponta em volta de sua garganta e afivelou.

Mamã me viu pendurada em Binah, lábios e queixo tremendo, e disse: “Cê num precisa ver. Fecha os olhos”.

Mas eu não fui capaz.

Depois que ele a amarrou, Tomfry se afastou para ela não segurar nele, e mamã levou um tombo forte. Rasgou a pele sobre a sobranceira. Quando ela atingiu o chão, o cinto apertou e mamã começou a engasgar. Jogou a cabeça para trás e buscou ar. Corri para ajudar, mas o *tá-tá-tá* da bengala da sinhá na janela fez Tomfry me puxar e ajudar mamã a ficar de pé.

Fechei meus olhos, mas o que vi no escuro foi pior que a realidade. Abri uma fresta e observei mamã tentando manter a perna pra cima, pra não cortar seu ar, lutando pra ficar de pé. Ela colocou os olhos no topo do carvalho. Sua perna estendida tremia. Sangue do corte escorria bochecha abaixo. Pendurava na sua mandíbula como o goteira no telhado.

*Não deixa ela cair de novo.* Essa foi a reza que fiz. A sinhá dizia que Deus ouvia a todos, mesmo um escravo tinha acesso à orelha de Deus. Carregava a imagem de Deus na minha cabeça, um homem branco, segurando uma bengala como a sinhá ou evitando escravos como o senhor Grimké, agindo como se comandasse um mundo onde eles não existissem. Não podia ver ele levantando um dedo para ajudar.

Mas mamã não caiu de novo, e eu aceitei que Deus tinha me ouvido, e talvez aquela orelha não fosse branca, talvez o mundo tivesse um Deus de cor também, ou sei lá, a mamã mesma não se deixou cair, ela que atendeu à minha prece com a força de seus membros e de seu coração. Ela não choramingou, não emitiu um som dos lábios a não ser sussurros. Mais tarde, perguntei se os sussurros eram pra Deus, e ela respondeu: “Eles era pra sua vovozinha”.

Quando aquela hora passou, e Tomfry afrouxou o cinto no pescoço, ela caiu e se curvou na terra. Tomfry e Tia-Irmã a levantaram pelos braços e arrastaram suas pernas imóveis escada acima, para seu quarto. Eu corri atrás, tentando evitar que seus calcanhares batessem nos degraus. Eles a jogaram na cama como um saco de farinha.

Quando ficamos sozinhas, deitei ao seu lado e encarei o tear. De tempos em tempos, perguntava: “Quer água? Suas perna tão doendo?”.

Ela respondia com a cabeça, com olhos fechados.

À tarde, Tia-Irmã trouxe bolinhos de arroz e sopa de galinha. Mamã não

tocou neles. A gente sempre deixava a porta aberta pra entrar luz, e o dia todo entraram cheiros e barulhos do pátio. O dia mais longo que já vivi.

As pernas de mamã voltariam a andar como antes, mas ela nunca mais foi a mesma por dentro. Depois daquele dia, parecia que parte dela sempre estava esperando o cinto ser afrouxado. Parecia que naquele dia ela começou a alimentar sua fogueira de ódio.

## Sarah

Na manhã depois da Páscoa, ainda não havia sinal de Hetty. Entre o café da manhã e minha ida até a escola de Madame Ruffin, na rua Legare, mamãe me obrigou a ficar fechada no quarto copiando uma carta de desculpas para o reverendo Frost.

*Caro senhor reverendo,*

*Peço desculpas por falhar em minhas obrigações como professora na Escola Dominical para Pessoas de Cor de nossa amada St. Phillip. Imploro perdão por meu desrespeito insensato pelo curriculum e peço seu perdão por minha insolência ao senhor e seu santo ofício.*

*Sua Alma Arrependida e Pesarosa,  
Sarah Grimké*

Assim que assinei meu nome, minha mãe me arrastou para a porta da frente onde Neve esperava com a carruagem, Mary já lá dentro. Normalmente, Mary e eu nos encontrávamos com a carruagem nos fundos, enquanto Neve enrolava, nos atrasando.

“Por que ele veio nos buscar na porta da frente?”, perguntei, o que levou mamãe a responder que eu devia ser mais como minha irmã e não fazer perguntas entediantes.

Neve se virou e olhou para mim, e uma espécie de mau presságio vazou dele.

O dia inteiro pareceu se equilibrar sobre um arame fino e vibrante.

Quando encontrei com Thomas aquela tarde na sacada, para meus estudos — meus estudos *reais* —, minha inquietação estava no auge.

Duas vezes por semana, mergulhávamos nos livros de papai, em pontos da lei, latim, história do mundo europeu e, recentemente, nas obras de Voltaire. Thomas insistia que eu era muito jovem para Voltaire. “Ele é demais para sua cabeça!” E era. Mas, obviamente, me atirei no mar de Voltaire mesmo assim e emergi com apenas vários aforismos: “Todo homem é culpado do bem que não fez”. Tal noção tornava impossível aproveitar a vida! E isto: “Se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo”. Eu não sabia se o reverendo Frost tinha inventado seu Deus ou eu tinha inventado o meu, mas essas ideias me atormentavam e perturbavam.

Eu vivia para essas sessões com Thomas, mas naquele dia, sentada no balanço, com a cartilha de latim no colo, não conseguia me concentrar. O dia estava cheio de um calor letárgico, do cheiro de caranguejos pescados nas águas cor de gengibre do rio Ashley.

“Vai em frente. Continue”, instigou Thomas, se aproximando para bater no livro com o dedo. “Água, mestre, filho — nominativo, singular e plural.”

“... *Aqua, aquae... Dominus, domini... Filius, filii...* Oh, Thomas, tem alguma coisa errada!” Eu estava pensando na ausência de Hetty, no comportamento de mamãe, no desalento de Neve. Sentia uma morosidade em todos: Tia-Irmã, Phoebe, Tomfry, Binah. Thomas devia ter sentido também.

“Sarah, você sempre lê meu pensamento”, ele disse. “Pensei que tinha escondido, mas eu devia saber.”

“... O que é?”

“Eu não quero ser advogado.”

Ele tinha interpretado mal minha intenção, mas eu não o avisei, pois esse era o segredo mais impressionante que ele já tinha revelado a mim.

“... Não quer ser advogado?”

“Nunca quis ser advogado. Vai contra minha natureza.” Ele me deu um sorriso cansado. “*Você* devia ser advogada. Papai disse que você seria a melhor da Carolina do Sul, lembra?”

Lembro-me do mesmo modo que alguém se lembra do sol, da lua e das estrelas brilhando no céu. O mundo pareceu correr na minha direção, resplandente e belo. Olhei para Thomas e senti meu destino confirmado. Eu tinha um aliado. Um aliado verdadeiro e inflexível.

Passando as mãos pelas ondas do cabelo, torrenciais como os do pai, Thomas começou a andar para lá e para cá na sacada. “Eu quero ser clérigo”,

ele disse. “Estou a menos de um ano de seguir os passos de John em Yale, e sou tratado como se não soubesse pensar por conta própria. Papai acredita que eu não conheço a mim mesmo, mas *conheço*.”

“Ele não permitiria que você estudasse teologia?”

“Eu implorei seu consentimento ontem à noite, mas ele se recusou. Eu disse: ‘Você não se importa que seja o próprio chamado de Deus a que eu deseje responder?’ E sabe o que ele falou para mim? ‘Até que Deus *me* informe desse chamado, você vai estudar Direito.’”

Thomas se jogou numa cadeira, e eu fui me ajoelhar à frente dele, apertando minha bochecha em sua mão. Suas juntas estavam crespas de pelos e brotoejas. Eu disse: “Se pudesse, faria de tudo para ajudar você”.

Enquanto o sol baixava nos fundos da casa, Hetty ainda não tinha aparecido. Incapaz de conter meus medos, plantei-me do lado de fora da janela da cozinha, onde as escravas sempre se reuniam para a última refeição do dia.

A cozinha era seu santuário. Ali, contavam histórias e fofocavam e viviam suas vidas secretas. Às vezes, começavam a cantar, as melodias navegando pelo pátio e entrando na casa. Minha favorita era um canto que ficava mais barulhento conforme chegava ao fim:

*O pão partilhado.*

*Deixem meu Jesus ir.*

*Pés cansados.*

*Deixem meu Jesus ir.*

*Costas doendo.*

*Deixem meu Jesus ir.*

*Dentes caídos.*

*Deixem meu Jesus ir.*

*Arrastando o quadril.*

*Deixem meu Jesus ir.*

As risadas delas soavam de repente, um som que mamãe recebia bem. “Nossos escravos estão felizes”, ela se orgulhava. Nunca ocorreu a ela que a alegria deles não era satisfação, mas sobrevivência.

À noite, no entanto, a cozinha estava embrulhada na melancolia. Calor e fumaça saíam do forno pela janela, avermelhando meu rosto e pescoço. Avistei Tia-Irmã, Binah, Cindy, Mariah, Phoebe e Lucy em seus vestidos de calicó, mas

ouvi apenas o tilintar das panelas de ferro fundido.

Por fim, a voz de Binah chegou até mim. “Cê quer dizer que ela num comeu o dia todo?”

“Nadica”, respondeu Tia-Irmã.

“Bão, eu tamém num comeria nada se *me* amarrassem daquele jeito”, disse Phoebe.

O frio inchou em minha barriga. *Amarram? Quem? Não a Hetty, com certeza.*

“O que ela pensou que daria ser gatuna desse jeito?” Acho que a voz era de Cíndie. “O que ela diria para si mesma?”

Tia-Irmã falou de novo: “Ela não quer falar. A Encrenca tá lá na cama com ela, falano pelas duas”.

“Coitada da Charlotte”, foi o comentário de Binah.

*Charlotte! Foi ela quem amarraram. Mas o que isso significa?* O lamento melódico de Rosetta surgiu em minha mente. Vi amarrarem suas mãos. Vi o chicote de couro cortar as costas dela e o sangue brotar vivo e morrer em sua pele.

Não me lembro de voltar para casa, apenas que de repente estava na cozinha quente, saqueando o armário trancado onde mamãe guardava os curativos. Já tendo o destrancado muitas vezes para pegar brometo para papai, encontrei a chave com facilidade e peguei a garrafa azul de linimento e uma jarra de chá de melissa. No chá, joguei dois grãos de láudano.

Quando colocava tudo numa cesta, mamãe entrou no corredor. “Por favor, explique o que está fazendo.”

Joguei a questão de volta para ela. “... O que  *você*  fez?”

“Mocinha, segure essa língua!”

Segurar minha língua? Eu vinha segurando a coitada da minha língua a vida toda.

“... O que  *você*  fez?”, eu repeti, quase gritando.

Ela apertou os lábios e arrancou a cesta de meu braço.

Uma ferocidade desconhecida tomou conta de mim. Puxei minha cesta de volta e saí na direção da porta.

“Você não vai colocar o pé para fora desta casa!”, ela ordenou. “Eu proíbo.”

Saí pela porta dos fundos, na escuridão suave, no terror e na emoção de meu desafio. O céu estava cobalto. O vento vinha forte do porto.

Mamãe me seguiu, berrando: “Eu proíbo”. As palavras pegavam carona

na brisa, além dos galhos do carvalho, sobre a cerca de tijolos.

Atrás de nós, sapatos se arrastavam na varanda da cozinha, e, ao me virar, vi Tia-Irmã, Binah, Cindie, todas elas, cobertas pela sombra em um escuro crescente, olhando para nós.

Mamãe parou, pálida, nos degraus do pórtico.

“Eu vou ter com a Charlotte”, avisei. As palavras deslizaram sem dificuldade pelos meus lábios, como uma cascata, e eu soube instantaneamente que minha aflição nervosa na voz tinha voltado à sua hibernação, pois fora assim no passado, a debilidade gradualmente enfraquecendo, até que um dia eu abria a boca e não havia sinal dela.

Mamãe reparou também. Ela não disse mais nada, e eu marchei na direção da cocheira sem olhar para trás.

## Encrenca

Quando a escuridão caiu, mamã começou a tremer. Sua cabeça inclinava e seus dentes batiam. Não era como Rosetta e seus ataques, quando todos os membros se mexiam, era como se mamã estivesse fria dentro dos ossos. Não sabia o que fazer a não ser dar tapinhas em seus braços e pernas. Depois de um tempo, ela se aquietou. Sua respiração ficou pesada, e antes que eu percebesse, caí no sono também.

Comecei a sonhar e, naquele sonho, eu dormia. Dormia embaixo de uma treliça de verde espesso. Perfeitamente inclinada sobre mim. As vinhas caíam em volta de meus braços. As uvas se penduravam ao lado do meu rosto. Eu era a menina dormindo, mas ao mesmo tempo eu conseguia me enxergar, como se fizesse parte das nuvens flutuando, e aí eu olhei para baixo e vi que a treliça não era bem uma treliça, era nosso tear coberto por videiras e folhas. Continuei dormindo, observando a mim dormindo, e as nuvens continuaram flutuando, e eu vi dentro do verde espesso outra vez. Dessa vez, era mamã quem estava lá.

Não sei o que me acordou. O quarto estava quieto, sem luz.

Mamã disse: “Tá acordada?”. Foram as primeiras palavras que falou desde que Tomfry tinha amarrado sua perna.

“Tô acordada.”

“Certo. Vó te contá uma história. Tá ouvindo, Encrenca?”

“Tô ouvindo.”

Meus olhos se acostumaram ao escuro, e vi a porta ainda escancarada para o corredor, e mamã ao meu lado, franzindo a testa. Ela disse: “Sua

vovozinha veio da África quando era menina. Como você agora”.

Meu coração começou a bater com força. Enchia meus ouvidos.

“Quando ela chegou aqui, a mamã e o papá dela foram tirados dela, e na mesma noite as estrelas caíram do céu. Cê pensa que as estrelas não caem, mas sua vovozinha jurava.”

Mamã demorou a continuar, deixando que a gente imaginasse como o céu ficou naquele dia.

“Ela disse que tudo aqui parecia maluquice pra ela. A comida tinha gosto de carne de macaco. Ela não tinha nada, a não ser uma colcha velha que a mamã dela fez. Na África, a mamã dela fazia colcha, a melhor que tinha. Eles era do povo Fon e bordava apliques, igual eu. Cortava peixes, pássaros, leões, elefantes, todas as feras que tinham, e costurava, mas a colcha que sua vovozinha trouxe não tinha animais, só formas de três lados, o que você chama de triângulo. O mesmo que eu coloco nas minha colcha. Minha mamã disse que era asa de pássaro negro.”

O chão rugeu no corredor e eu ouvi alguém respirando alto e rápido, do jeito da srta. Sarah. Me apoiei no cotovelo e estiquei o pescoço, e ali estava ela — sua sombra manchando a janela. Me abaixei de novo e mamã continuou contando sua história com a srta. Sarah ouvindo.

“Sua vovozinha foi vendida prum homem por vinte dólar, e ele colocou ela nos campos perto de Georgetown. Elas comiam feijão-fradinho de manhã, e se não terminasse de comer em dez minutos, não recebia mais aquele dia. Sua vovozinha disse que sempre comia devagar demais.

“Eu nunca conheci meu papá. Ele era um homem branco chamado John Paul, não o mestre, mas irmão dele. Depois que eu nasci, a gente foi vendida. Mamã disse que eu era do lado claro do marrom e todo mundo sabia o que era isso.

“A gente foi comprada por um homem perto de Camden. Ele mandava mamã pro campo e eu ficava lá com ela, e à noite ela me ensinava tudo que sabia de colcha. Eu rasgava pernas das calças e rabos de vestidos e cortava em pedacinho. Mamã disse que na África eles costurava amuletos nas colcha. Eu colocava fio do meu cabelo na minha. Quando fiz doze ano, mamã começou a se gabar pra sinhá de Camden, como eu conseguia costurar qualquer coisa, e a sinhá me levou pra casa pra aprender com a costureira dela. Eu fiquei boa e ela tava com pressa.”

Ela parou e mudou a posição das pernas na cama. Fiquei com medo que não fosse continuar. Eu nunca tinha ouvido essa história. Escutar era como me

observar dormindo, as nuvens flutuando, mamã debruçada sobre mim. Esqueci que a srta. Sarah estava ali fora.

Esperei, e logo ela voltou a contar. “Mamã deu à luz meu irmão quando eu costurava na casa. Nunca falou quem era o papá dele. Meu irmão não viveu um ano.

“Depois que ele morreu, sua vovozinha encontrou uma árvore espiritual pra gente. É só um carvalho, mas ela chama de baobá, igual eles têm na África. Disse que o povo Fon tem uma árvore espiritual e sempre é o baobá. Sua vovozinha enrolou o tronco com linha que pedia e roubava. Me levou ali e disse: ‘Vamo colocá nossos espírito na árvore pra eles ficá bem seguro do mal’. A gente ajoelhou na colcha da África, que tava só um fiapo, e demo nossos espírito pra árvore. Ela diz que nossos espírito vive na árvore com os pássaro, aprendendo a voar. Ela me disse: ‘Se você for embora desse lugar, vem pegá seu espírito pra ele ir junto’. A gente pegava folha e graveto em volta da árvore e colocava em saquinhos pra usar no pescoço.”

Sua mão foi para o pescoço como se sentisse.

Ela continuou: “Mamã morreu de crupe num inverno. Eu tinha dezesseis. Eu conseguia costurar qualquer coisa. Ai o sinhô ficou sem dinheiro e vendeu todo mundo. O sinhô Grimké me comprou pra sua propriedade na União. Na noite antes d’eu ir, fui e peguei meu espírito da árvore e levei comigo.

“Quero que você fique sabendo que seu pai tinha coração de ouro. O nome dele era Shanney. Ele trabalhava no campo do sinhô Grimké. Um dia, a sinhá disse que eu tinha que costurar pra ela em Charleston. Eu falei que tudo bem, mas traz o Shanney, meu marido. Ela diz que o Shanney é escravo de plantação, e talvez eu vou ver ele quando for visitar. Cê já tava dentro de mim, ninguém sabia. Shanney morreu de um corte na perna antes de cê fazê um ano. Ele nunca viu sua cara.”

Mamã parou de falar. Acabou. Foi dormir e deixou a história perfeitamente inclinada sobre mim.

Na manhã seguinte, quando eu saí de mansinho da cama e fui pra latrina, trombei com uma cesta na porta. Dentro, uma garrafa grande com linimento e um tipo de chá medicinal.

Naquele dia, eu voltei pra cuidar da srta. Sarah. Entrei no quarto dela quando ela lia um dos seus livros. Ela teve vergonha de conversar sobre o que aconteceu com mamã, então eu disse: “A gente pegou sua cesta”.

O rosto dela se acalmou. “Diga à sua mãe que sinto muito por esse tratamento que ela teve e espero que melhore logo”, e não havia dificuldade em suas palavras.

“Isso significa muito pra gente”, eu falei.

Ela abaixou o livro e veio onde eu estava, perto da lareira, e colocou os braços em volta de mim. Era difícil saber em que pé as coisas estavam. As pessoas dizem que o amor fica manchado por uma diferença tão grande quanto a nossa. Eu não sabia ao certo se os sentimentos da srta. Sarah vinham do amor ou da culpa. Eu não sabia se os meus vinham do amor ou da necessidade de segurança. Ela me amava e tinha pena de mim. E eu amava e usava a srta. Sarah. Nunca foi simples. Naquele dia, nossos corações estavam puros como jamais estariam.

## Sarah

A primavera virou verão, e quando Madame Ruffin suspendeu as aulas até o outono, perguntei a Thomas se ele poderia expandir nossas aulas particulares na sacada.

“Temo que vamos ter de pará-las”, ele disse. “Tenho meus próprios estudos para considerar. Papai me ordenou a empreender um estudo sistemático de seus livros de Direito em preparação para Yale.”

“Eu posso ajudar!”, gritei.

“Sarah, Sarah, para, para.” Era a frase que ele usava quando sua recusa era final e imutável.

Ele não fazia ideia de até que ponto eu o tinha envolvido em meus planos. Havia uma fileira de escritórios de advocacia na rua Broad, da Exchange até St. Michael, e eu imaginei nós dois em sociedade com uma placa na frente, *Grimké e Grimké*. Claro, seria o fim dos tempos. Haveria uma escaramuça completa com os líderes da sociedade, mas com Thomas ao meu lado, e papai me dando apoio, nada poderia impedir.

Eu mergulhei nos livros de Direito de papai todas as tardes, sozinha.

De manhã, lia em voz alta para Hetty em meu quarto, com a porta trancada. Quando o ar ficava insuportavelmente quente, escapávamos para a sacada, e lá, sentadas lado a lado no balanço, cantávamos canções que Hetty compunha, a maioria sobre viajar pelas águas de barco ou baleia. Suas pernas balançavam para a frente e para trás como pequenas batutas. Às vezes, sentávamos à janela da alcova do segundo andar e brincávamos de cama de

gato. Hetty sempre tinha um estoque de linha vermelha no bolso do vestido. Passávamos horas com os dedos esticados, criando intrincados labirintos cor de sangue no ar.

Tais ocupações eram o que meninas fazem juntas, mas era a primeira vez para nós duas, e fazíamos tudo o mais escondido possível para evitar que mamãe colocasse um fim naquilo. Estávamos cruzando uma linha perigosa, Hetty e eu.

Certa manhã, quando Charleston ficava imprestável no braseiro do verão, Hetty e eu estávamos deitadas de barriga para baixo no tapete em meu quarto enquanto eu lia *Dom Quixote* em voz alta. Na semana anterior, mamãe tinha mandado que tirassem os véus contra pernilongos do depósito e os pendurassem sobre as camas prevendo a estação dos chupadores de sangue, mas como os escravos não tinham tal proteção, eles já estavam se coçando e arranhando a pele. Esfregavam-se com lardo e melão para espantar a coceira e deixavam o rastro dessa *eau de cologne* pela casa.

Hetty cutucava uma picada inflamada no antebraço e fazia uma careta para as páginas do livro, como se fossem algum tipo de código indecifrável. Queria que ela ouvisse as aventuras do cavaleiro e de Sancho Pança, mas ela me interrompia sem parar, colocando um dedo sobre uma palavra qualquer e perguntando: “O que essa diz?”, e eu tinha que interromper a história para responder. Tinha feito a mesma coisa há pouco tempo, quando liamos *Vida e Aventuras admiráveis de Robinson Crusóé*, e eu imaginei que, talvez, ela estivesse apenas entediada com as bizarrices masculinas, desde os naufragos até os cavaleiros.

Enquanto fazia cadências e pronúncias dramáticas, tentando atraí-la de volta à história, o quarto ficou escuro, tingido por uma tempestade que se aproximava. O vento soprou pela janela aberta, grosso, com o cheiro de chuva e oleandros, girando o véu do mosquito. Parei de ler quando um trovão rugiu e a chuva bateu no peitoril.

Hetty e eu pulamos ao mesmo tempo e puxamos a vidraça, e ali, dando uma rasante na escuridão amarela, estava a pequena coruja que Charlotte e Hetty fielmente alimentaram ao longo da primavera. Tinha crescido além de suas plumas, mas não tinha desocupado a residência na pilha de lenha.

Eu a vi voar na nossa direção, em um arco sobre a rua George e sobrevoando o muro do pátio, com sua cara engraçada de coruja-branca notavelmente visível. Quando o pássaro sumiu, Hetty foi acender o lampião, mas

eu fiquei fixada ali. Veio a mim o dia ao lado da lenha quando Charlotte me mostrou o pássaro pela primeira vez, e me lembrei da promessa que tinha feito de ajudar Hetty a ser livre, uma promessa impossível de cumprir e que continuava a me causar uma culpa sem fim, mas que de repente pareceu clara pela primeira vez: Charlotte disse que eu deveria ajudar a libertar Hetty *do jeito que eu pudesse*.

Me virando, observei-a carregando a lanterna para a penteadeira, a luz refletindo sobre seus pés. Quando ela a colocou, eu perguntei: “Hetty, você quer aprender a ler?”.

Equipada com uma cartilha elementar, dois cadernos de soletrar, uma lousa e um pedaço de giz, começamos as lições diárias em meu quarto. Não só eu trancava a porta, como tampava o buraco da fechadura. Nossos tutoriais pela manhã duravam duas horas ou mais. Ao fim, eu embrulhava os materiais num pedaço de tecido grosso, conhecido como pano de preto, e enfiava o pacote embaixo da cama.

Eu nunca tinha ensinado ninguém a ler, mas tinha tido aulas de latim em quantidades abundantes de Thomas e me submetido à Madame o suficiente para criar um plano razoável. E, no final, Hetty tinha jeito pra coisa. Dentro de uma semana, conseguia escrever e recitar o alfabeto. Em duas, conseguia soletrar. Nunca vou esquecer o momento em que ela fez a conexão mágica em sua mente e as palavras e os sons passaram a fazer sentido. Depois disso, lia a cartilha com proficiência crescente.

Na página quarenta, ela tinha vocabulário de oitenta e seis palavras. Registrei e numerei cada uma que ela dominou em uma folha de papel. “Quando alcançar cem palavras”, prometi, “vamos celebrar com chá”.

Ela começou a decifrar palavras em etiquetas do boticário e potes de comida. “Como se soletra *Hetty*?”, ela queria saber. “Como se soletra *água*?” Seu apetite por aprender era voraz.

Certa vez, espiei Hetty no pátio, escrevendo na terra com uma vareta e corri para impedi-la. Ela tinha rabiscado Á-G-U-A com caligrafia exata para o mundo inteiro ver.

“O que está fazendo?”, perguntei, apagando as letras com o pé. “Alguém vai ver.”

Ficou igualmente brava comigo. “Você acha que eu não tenho pé pra apagar se alguém aparecer?”

Ela conquistou sua centésima palavra dia treze de julho.

Celebramos com chá no dia seguinte, no telhado em declive, tentando vislumbrar as festividades do dia da Bastilha. Possuíamos uma população francesa considerável de São Domingo, um teatro francês e uma escola de etiqueta francesa a cada esquina. Uma cabeleireira francesa frisava e empoava mamãe e as amigas, regalando-as com relatos do guilhotinamento de Maria Antonieta, que ela dizia ter presenciado. Charleston era britânica até a ponta dos pés, mas celebrava a queda da Bastilha com tanto zelo quanto a nossa própria independência.

Subimos até o sótão com duas xícaras de porcelana e uma jarra de chá preto temperado com mel e hissopo. De lá, escalamos uma escada que levava a um postigo no telhado. Thomas tinha descoberto essa entrada secreta aos treze anos e me levado lá para passear entre as chaminés. Neve nos avistou ao trazer mamãe de volta de uma de suas missões caridosas e, sem dizer uma palavra a ela, subi e nos resgatao. Eu não havia me aventurado por lá desde então.

Hetty e eu nos acomodamos em uma das valas no lado sul, com as costas apoiadas num declive. Ela disse nunca ter bebido em uma xícara de porcelana e engoliu rápido, enquanto eu bebericava lentamente e encarava o azul duro sobre nossas cabeças. Quando a multidão marchou em procissão pela rua Broad, estavam longe demais para que pudéssemos enxergar, mas os ouvimos cantando a *Marselhesa*. Os sinos de St. Philip's tocaram e houve uma salva de treze tiros.

Pássaros zanzavam pelo telhado, e restos de penas se espalhavam aqui e acolá. Hetty encheu os bolsos com elas, e isso gerou um sentimento de ternura em mim. Talvez eu estivesse meio embriagada de hissopo e mel, da novidade de sermos garotas juntas no telhado. O que quer que fosse, comecei a contar confidências a Hetty, coisas que apenas eu sabia.

Contei que sabia bisbilhotar muito bem, que fiquei parada ao lado do quarto de Charlotte na noite em que ela foi punida e ouvi a história que contou.

“Eu sei”, ela disse. “Você não é tão boa em futricar quanto pensa.”

Contei todos os segredos possíveis. Minha irmã, Mary, me odiava. Thomas tinha sido meu único amigo. Fui dispensada como professora inadequada para as crianças escravas, mas ela não precisava se preocupar, não foi por incompetência.

Conforme eu ia em frente, minhas revelações foram ficando sombrias. “Vi Rosetta ser açoitada uma vez”, contei. “Eu tinha quatro anos. Foi quando meu

problema de fala começou.”

“Você parece tá falando bem agora.”

“Vem e volta.”

“A Rosetta ficou machucada?”

“Acho que foi feio.”

“O que ela fez de errado?”

“Não sei. Não perguntei... Não consegui falar por semanas depois daquilo.”

Ficamos caladas, reclinadas, observando as nuvens dentadas. Falar de Rosetta tinha nos tornado mais sóbrias do que minha intenção, demais para um chá de celebração por causa de um vocabulário de cem palavras.

Tentando recuperar o ânimo, disse: “Vou ser advogada, como meu pai”. Fiquei surpresa ao me ouvir soltando isso, a joia da coroa de meus segredos, e me sentindo subitamente exposta, acrescentei: “Mas você não pode contar pra ninguém”.

“Não tenho ninguém pra contar. Só mamã.”

“Bom, você não pode contar nem pra ela. Promete.”

Ela concordou.

Satisfeita, pensei na caixinha de pedra vulcânica e meu botão de prata. “Você sabe como um objeto pode significar algo bem diferente de seu propósito?” Ela olhou para mim sem expressão, enquanto eu tentava pensar em um jeito de explicar. “Sabe a bengala da minha mãe, por exemplo, que é feita para ajudar a andar, mas todo mundo sabe o que significa.”

“Bater nas cabeças.” Depois de uma pausa, ela acrescentou: “Um triângulo numa colcha significa asa de pássaro negro”.

“Sim, é isso que quero dizer. Bem, eu tenho uma caixa de pedra no meu guarda-roupa com um botão dentro. O botão é feito pra prender roupas, mas esse é bonito, incomum, então decidi que ele representaria meu desejo de ser advogada.”

“Eu conheço esse botão. Eu não toquei, só abri a caixa e olhei.”

“Não ligo se você o tocar”, eu disse.

“Eu tenho um dedal e ele serve para enfiar a agulha sem machucar o dedo, mas eu posso dar outro motivo pra ele.”

Quando perguntei o que, ela respondeu: “Não sei, sei que quero costurar que nem mamã”.

Hetty entendeu o espírito. Ela recontou toda a história que eu ouvi sua mãe contar aquela noite, sobre a avó vindo da África, bordando colchas com

triângulos. Quando Hetty falou da árvore espiritual, a voz dela adquiriu um tom de reverência.

Antes de voltarmos pelo postigo, Hetty disse: “Eu peguei um carretel de linha do seu quarto. Estava na sua gaveta, sem uso pra ninguém. Me desculpa, eu posso trazer de volta”.

“Ah. Bem, agora fique com ele, mas, por favor, Hetty, não roube mais, mesmo coisas pequenas. Você pode se enrascar seriamente.”

Ao descermos a escada, ela disse: “Meu nome de verdade é Encrenca”.

## Encrenca

Mamã ficou manca. Quando ela estava na sala ou na cozinha comendo, não tinha problema algum, mas assim que pisava no pátio, arrastava a perna como se fosse um peso morto. Tia-Irmã e as outras observavam mamã andar coxa e balançavam a cabeça. Não gostavam desse tipo de truque e não se importavam em dar sua opinião. Mamã disse a elas: “Depois que *ocês* passar pela punição perneta, aí pode falar o que quiser. Até lá, melhor calar a boca”.

Depois disso, ficaram longe dela. Pararam de falar quando ela aparecia, e voltavam quando ela saía. Mamã dizia que estavam isolando ela de raiva.

Agora, seus olhos queimavam de ódio a toda hora. Às vezes ela voltava seu olhar escuro para mim. Às vezes ela o transformava em esperteza. Certo dia, encontrei com ela no pé da escada, explicando para a sinhá que era difícil subir para costurar e, por falar nisso, era difícil subir a escada do estábulo para o seu quarto. Ela disse: “Mas eu dô um jeito, num se preocupe”. Então, enquanto a sinhá e eu observávamos, ela se apoiava no corrimão e se arrastava para cima, chamando Jesus o caminho todo.

E logo a sinhá mandou Príncipe limpar um cômodo grande no porão, do lado da casa que dava de costas pro muro do pátio. Ele colocou a cama e todas as coisas de mamã lá. Desceu o tear do teto velho e o pregou no teto novo. A patroa disse pra mamã que ela faria toda a costura desse quarto e mandou Príncipe descer a mesa de costura laqueada.

O quarto do porão era grande como três quartos de escravos juntos. Era branco de cal e tinha sua própria janelinha perto do teto, mas olhando para ela,

não dava pra ver nuvens no céu, só tijolos do muro. Mamã fez uma cortina de calicó mesmo assim. Ela pegou umas imagens coloridas de uma revista jogada fora — casa, jardins e navios — e grudou na parede. Uma cadeira de balanço pintada apareceu por lá, além de uma mesa de banheiro estragada que ela cobriu com linho grosso. Em cima, colocou garrafas coloridas vazias, uma caixa de velas, um sabão de sebo e um prato de estanho cheio de grãos de café pra ela saborear. Onde ela arrumou todas essas tranqueiras, eu não sei. Ao longo da prateleira da parede, depositou suas coisas de costura: a caixa de remendos, a almofadinha com agulhas, linhas e alfinetes, o saquinho com recheio de colcha, tesouras, tracejador, carvão, papel para moldes, fitas métricas. Ela também separou meu medal de latão e a linha vermelha que roubei da gaveta da srta. Sarah.

Depois que mamã arrumou o lugar feito um palácio, ela perguntou à Tia-Irmã se todas podiam ir lá rezar por seu “pobre quartinho”. Certa noite, todas vieram, felizes para ver quão pobre era o quartinho. Mamã ofereceu a cada uma delas um grão de café. Deixou que olhassem tudo à vontade, depois mostrou como a porta fechava com trinco de ferro, como ela tinha sua própria latrina debaixo da cama, que sobrava pra eu esvaziar, considerando como ela estava aleijada. Ela se vangloriou da bengala de madeira que a sinhá tinha dado de presente pra ela andar por aí.

Quando Tia-Irmã deixou a festa de mamã, cuspiu no chão do lado de fora, e Cindie veio atrás e fez o mesmo.

A melhor coisa era que eu podia ir pro novo quarto sem sair da casa. Na maioria das noites, eu descia escondida os dois lances de escada a partir do quarto de srta. Sarah, evitando os rangidos. Mamã amava aquele trinco na porta. Se ela estava no quarto, com certeza ele estaria fechado, e se estivesse dormindo, eu precisava bater até machucar as juntas pra ela acordar.

Mamã não se importava mais que eu deixasse meu posto. Ela abriria a porta, me puxaria para dentro e trancaria de novo. Debaixo das cobertas, eu pediria a ela que me contasse da árvore espiritual, querendo mais detalhes, cada folha, galho e ninho. Quando ela pensava que eu dormia, levantava e andava de um lado para o outro, emitindo um zumbido baixo pelos lábios. Nessas noites, algo sombrio e imprudente se soltava nela.

De dia, ela sentava lá e costurava. Srta. Sarah deixava eu descer todas as tardes e ficar lá até a hora do jantar. Um ventinho conseguia passar pela janela de mamã, mas a maior parte do tempo era como uma fundição ali. Mamã diria: “Vai arrumá coisa pra fazer”. Eu aprendi a alinhavar, preguear e a nesga. Todos

os pontos que existem. Aprendi a fazer buraco de botão e barra. Cortar um molde do zero sem giz.

Quando o verão chegou, fiz onze anos, e mamã disse que o catre onde eu dormia lá em cima não servia nem pra um cachorro. A gente devia estar trabalhando na próxima leva de roupas pra escravos. Todos os anos, os homens ganhavam duas camisas marrons e duas brancas, duas calças e dois coletes. As mulheres recebiam três vestidos, quatro aventais e um lenço pra cabeça. Mamã disse que tudo isso podia esperar. Ela me mostrou como cortar os triângulos pretos, cada um do tamanho da ponta do meu dedão, depois bordamos duzentos ou mais em quadrados vermelhos, uma cor que mamã chamava de sangue de boi. Costuramos circulinhos amarelos para o sol, depois descemos o tear e juntamos tudo. Eu fiz a barra do forro sozinha, e enchemos com todos os recheios e penas que a gente tinha. Cortei um cacho do meu cabelo e um do de mamã e coloquei os dois dentro pra dar sorte. A gente levou seis tardes.

Mamã tinha parado de roubar e arranjado meios mais seguros de fazer o mal e a destruição. Ela tinha “esquecido” que as mangas da patroa eram larguinhas e uma delas estouraria na igreja ou sei lá onde. Mamã me fazia costurar botões sem dar nó, e eles caíam no colo da sinhá no primeiro uso. Todo mundo que tinha ouvido podia escutar a sinhá gritando com mamã pela preguiça, e mamã berrava: “Oh, sinhá, reza por mim, eu quero fazê mió”.

Eu não posso contar tudo que mamã aprontava, apenas o que eu via, e isso já era o bastante. Ela, “sem querer”, quebrava qualquer porcelana ou bibelô que tivesse dando sopa. Derrubava e saía andando. Quando ela via bandejas de chá que Tia-Irmã tinha deixado esquentando na cozinha para Cindie subir, derrubava qualquer nojeira à mão dentro do bule. Sujeira do chão, fiapo do carpete, cuspe da boca. Eu avisei pra srta. Sarah ficar longe dessas bandejas.

Um dia antes da tempestade, uma sensação de quietude pesava no ar. Você sentia que tava esperando alguma coisa, mas não sabia o quê. Tomfry disse que era furacão e se amarrou. Príncipe e Sabe-Tudo fecharam as persianas da casa, guardaram as ferramentas do pátio no barracão e amarraram os animais. Dentro de casa, enrolamos os carpetes do primeiro andar e tiramos as coisas frágeis de perto das janelas. A sinhá mandou trazer comida da cozinha para dentro de casa.

A tempestade chegou à noite, quando eu estava na cama com mamã. O vento gritou e jogou galhos contra a casa. As palmeiras chacoalhavam tanto no escuro que mamã e eu precisamos gritar para ouvir uma a outra. A gente sentou

na cama e observou a chuva se bater contra a janela alta e entrar pelos cantos. A enchente entrava por debaixo da porta. Cantei minhas músicas o mais alto que consegui para não pensar naquilo.

*Pela água, pelo mar  
Deixe os peixes me levar.  
Se a água demorar,  
Vem me levar, vem me levar.*

Quando a tempestade finalmente foi embora, colocamos as pernas no chão e a água fez círculos em volta de nossos calcanhares. O tal “pobre quartinho” de mamã virou realmente um pobre quartinho.

Na maré baixa do dia seguinte, a enchente recuou e todo mundo foi chamado pro porão para tirar a lama pra fora. O pátio estava uma bagunça de galhos e folhas de palmeira quebradas, baldes de água e comedouros de cavalo, a porta para latrina, e tudo mais que o vento tivesse agarrado e soltado ali. Um pedaço de vela de navio estava pendurado na grande árvore.

Depois de limpar o quarto da mamã, fui ver a vela na árvore. Balançava na brisa, criando uma visão estranha. Embaixo dos galhos, o chão era uma lousa molhada de argila. Pegando um pau, escrevi BEBÊ BONECA BOA BATE SEU SINO HETTY, fazendo as letras bem fundas na lama grossa, feliz com minha caligrafia. Quando Tia-Irmã me chamou pra cozinha, esfreguei todas as palavras com a ponta do sapato.

No resto do dia, o sol brilhou e secou o mundo.

Na manhã seguinte, enquanto mamã e eu estávamos na sala de jantar esperando as Devoções, srta. Mary veio correndo pelo corredor com a sinhá trotando atrás. Seguiram pra porta dos fundos.

Mamã se apoiou na bengala e disse: “Pra onde elas tão correndo?”.

Pela janela, a gente viu Lucy, a dama de companhia da srta. Mary, embaixo da árvore, a vela ainda presa nos galhos. Vimos a srta. Mary guiar a mãe pelo pátio bem para onde Lucy olhava o chão, e eu senti um calor subir do meu estômago e se espalhar pelo peito.

“O que tão olhando?”, perguntou mamã, observando como as três se dobravam na cintura e estudavam a terra.

Então, Lucy veio correndo na direção da casa. Ao se aproximar, berrou: “Encrenca! Encrenca! A sinhá tá mandando ocê vir aqui agora”.

Eu fui, totalmente consciente.

Minhas palavras, direto da cartilha, estavam cozinhadas na argila. A

esfregada na lama com o sapato tinha apagado um pouco por cima, mas deixou as fissuras profundas das letras.

BEBÊ BONECA BOA BATE SEU SINO HETTY.

## Sarah

Dois dias depois de um furacão em setembro fazer a maré subir sobre toda a East Bay até a rua Meeting, quando Binah bateu à minha porta antes do café da manhã, os olhos cheios de medo e consolação, eu sabia que uma catástrofe havia ocorrido.

“Alguém morreu? Papai...”

“Não, ninguém morreu. Seu paizinho, ele chama ocê na biblioteca.”

Eu nunca tinha sido convocada dessa maneira e isso provocou uma sensação estranha de queda em minhas pernas, de tal modo que tombei um pouco os joelhos enquanto andava para a penteadeira para ver o laço cor de marfim que estava amarrando no cabelo.

“O que aconteceu?”, perguntei, apertando o laço, alisando o vestido, deixando a mão pousar por um instante sobre minha barriga agitada.

Eu via o reflexo dela no espelho. Ela balançou a cabeça. “Srta. Sarah, não posso dizê o que ele qué, e não vai adiantá cutucá.”

Colocando a mão nas minhas costas, ela me empurrou para sair do quarto, passando pela nova colcha de Encrenca, uma massa de triângulos grudada no chão. Descemos a escada, parando na porta da biblioteca. Sem falar o seu “Pobre da srta. Sarah”, Binah disse no lugar: “Escuta a Binah. Não vai chorá, e não foge. Fica firme”.

As palavras, com a intenção de me dar coragem, apenas me deixaram mais nervosa. Assim que bati a porta, a sensação estranha voltou aos meus joelhos. Ele estava sentado à sua mesa, o cabelo com óleo penteado para trás,

liso. Não levantou os olhos, concentrado numa pilha de documentos.

Quando levantou o rosto, os olhos estavam duros. “Você me desapontou, Sarah.”

Eu fiquei chocada demais para chorar ou fugir, que tinham sido as duas coisas que Binah contraindicara. “Eu nunca desapontaria você por querer, papai. Eu só me preocupo em...”

Ele levantou a mão. “Eu trouxe você aqui para ouvir. Não fale.”

Meu coração batia tão ferozmente que tive que colocar minhas mãos nas costelas, para evitar que se deslocassem.

“Fiquei sabendo que sua escrava é letrada. Não pense em negar, ela escreveu diversas palavras no chão de lama do pátio e até se deu ao trabalho de assinar.”

*Ah, Encrenca, não!* Evitei os olhos duros e acusadores, olhando por cima de sua cabeça, tentando colocar as coisas em perspectiva. Encrenca tinha sido descuidada. Fomos descobertas. Mas minha mente descrente não era capaz de aceitar que papai, de todos, acreditasse que sua habilidade de ler fosse uma ofensa imperdoável. Ele iria me castigar por obrigação, a pedido de mamãe. Depois iria suavizar. Nas profundezas de sua consciência, entendia o que eu tinha feito.

“Como você acha que ela adquiriu essa habilidade?”, ele perguntou calmamente. “Surgiu do nada? Nasceu com ela? Ensinou a si mesma? Claro que sabemos como: você ensinou. Desafiou sua mãe, seu pai, as leis de seu Estado, até seu pároco, que expressamente a advertiu sobre isso.”

Ele levantou da cadeira de couro e andou na minha direção, parando ao alcance do braço, e quando falou outra vez, um pouco da hostilidade tinha deixado sua voz. “Perguntei a mim mesmo como você é capaz de desobedecer com tamanha facilidade e despreocupação. Temo que a resposta seja que você é uma menina mimada, que não entende seu lugar no mundo, e isso é em parte minha culpa. Com minha leniência, nunca lhe fiz bem. Minha indulgência lhe deu a ideia de que pode transgredir fronteiras sérias como esta.”

Sentindo o calafrio de um terror novo e diferente, ousei falar, e senti minha garganta se apertar daquele jeito conhecido. Fechei os olhos e forcei o pensamento para fora. “... Sinto muito, papai... Não foi por mal.”

*“Não foi por mal?”*

Ele não tinha notado o retorno de minha gagueira. Marchou pela sala abafada e me repreendeu, enquanto sr. Washington observava serenamente da lareira. “Você acha que não há problema em um escravo saber ler? Há verdades

tristes em nosso mundo, e uma delas é que escravos que sabem ler são ameaças. Eles ficariam a par de notícias que os incitariam de maneiras incontrolláveis. Sim, é injusto privá-los, mas há um bem maior aqui que deve ser protegido.”

“... Mas, papai, é errado!”, gritei.

“Você está tão insolente a ponto de me desafiar? Quando deixou o documento sobre minha mesa libertando sua escrava, eu deveria ter colocado juízo na sua cabeça na hora, mas eu fui mole. Pensei que ao rasgar aquela bobagem e devolvê-la a você, iria entender que nós, os Grimké, não subvertemos instituições e leis sob as quais vivemos, mesmo que não concordemos com elas.”

Me senti confusa e muito estúpida. Papai tinha rasgado minha alforria.  
*Papai.*

“Não se engane, Sarah, eu vou proteger nosso estilo de vida. Não vou tolerar sedição nesta família!”

Quando eu abraçava minha posição antiescravagista durante os debates à mesa de jantar, papai se iluminava e me incentivava, portanto, pensava que ele valorizasse minha posição. Pensei que *dividis*se comigo minha opinião, mas me dei conta, subitamente, de que eu tinha sido um macaco adestrado dançando ao som do acordeão de seu mestre. Papai se divertia comigo. Ou talvez apenas encorajasse minha opinião dissidente, pois ela permitia que os outros afixassem suas posições contrárias. Talvez tolerasse minhas noções, pois os debates eram um exercício oral misericordioso para ajudar a filha defeituosa a falar?

Papai cruzou os braços sobre a camisa branca e me encarou por debaixo daquele tufo de sobrancelhas sem aparo. Seus olhos eram claros e castanhos e sem compaixão, e foi quando vi meu pai pela primeira vez como o homem que era — um homem que valorizava mais o princípio do que o amor.

“Você literalmente cometeu um crime”, ele disse e voltou a andar, fazendo uma órbita ampla e lenta à minha volta. “Não vou puni-la de acordo, mas você precisa aprender, Sarah.”

“De agora em diante, está proibida de entrar nesta sala. Não cruzará esta fronteira em momento algum, dia ou noite. Está proibida de ler todos os livros daqui, e qualquer outro livro, exceto os indicados por Madame Ruffin.”

*Meus livros. Deus, por favor:* Minhas pernas cederam, fiquei de joelhos.

Ele continuou circulando. “Você vai estudar apenas as matérias recomendadas pela Madame. Chega de latim com Thomas. Não vai escrever, falar ou compor em latim na sua cabeça. Entendeu?”

Levantei as mãos, palmas para cima, na altura da cabeça, me moldando no formato de um suplicante. “... Papai, eu imploro... Po-por favor, não tire os

livros de mim... Eu não aguento.”

“Você não precisa de livros, Sarah.”

“... *Pa-p-pai!*”

Ele caminhou de volta à sua mesa. “Fico angustiado de ver sua tristeza, Sarah, mas é *fait accompli*. Tente não levar tão a sério.”

Da janela veio o trovejar de charretes e carruagens, os gritos de escravos vendedores na rua — a velha com a cesta sobre a cabeça que guinchava “TOOOO-MA-TIIIS”. O barulho do comércio seguia sem se preocupar. Ao abrir a porta da biblioteca, vi Binah esperando. Ela pegou minha mão e me levou para cima, até meu quarto. “Vou pegar café da manhã e trago na bandeja pra você”, ela disse.

Depois que ela saiu, espiei embaixo da cama, onde eu guardava a lousa, os cadernos, a cartilha. Não estavam lá. Os livros na minha mesa também não. Meu quarto tinha sido pilhado.

Foi só quando Binah voltou com a bandeja que pensei em perguntar: “... Onde está Encrenca?”

“Oh, srta. Sarah, é isso. Ela tá prestes a ter a punição dela lá fora.”

\*

Não tenho recordação alguma de meus pés passando pela escada.

“É só uma chicotada”, Binah gritou, correndo atrás de mim. “Uma chicotada, a sinhá disse. Só isso.”

Abri a porta dos fundos com tudo. Meus olhos vasculharam o pátio. Os braços magrelos de Encrenca estavam amarrados na pilastra da varanda da cozinha. Dez passos atrás, Tomfry segurava um pedaço de couro e encarava o chão. Charlotte estava na trilha que ia da cocheira até o portão dos fundos, enquanto o resto dos escravos se amontoava embaixo do carvalho.

Tomfry levantou o braço. “Não!”, berrei. “*Nããããão.*” Ele virou para mim, hesitante, e o alívio tomou conta de seu rosto.

Em seguida, ouvi a bengala de mamãe batendo contra o vidro da janela do segundo andar, e Tomfry levantou os olhos cansados na direção do som. Assentiu e desceu o chicote nas costas de Encrenca.

## Encrenca

Tomfry disse que tentou não pôr muita força, mas o golpe abriu um corte na minha pele. A srta. Sarah fez um preparado com bálsamo de brotos de gileade embebidos no rum do mestre Grimké, e mamã entregou a garrafinha pra mim e disse: “Aqui, vai, bebe isso também”. Eu mal me lembro da dor.

O talho sarou rápido, mas a dor da srta. Sarah só piorava. A voz dela voltou a falhar e ela queria muito seus livros. Era uma menina infeliz.

Foi Lucy quem correu pra dedurar pra srta. Mary sobre minhas letras debaixo da árvore, e a senhorita correu pra dedurar pra sinhá. Achei que a Lucy fosse idiota, mas era só fraca e queria cair nas graças da senhorita. Nunca perdoei ela, e não sei se a srta. Sarah perdoou a irmã, porque o resultado de toda a caguetagem foi a maré virando na vida dela. Seus estudos acabaram de vez.

Minhas aulas de leitura também. Eu tinha minhas cem palavras e descobri muitas mais só usando minha esperteza. De vez em quando, eu dizia o ABC pra mamã e lia pra ela as palavras nas figuras coladas na parede.

Um dia, fui pro porão e mamã fazia uma roupinha de nenê de musselina com listras cor de lilás. Ela viu minha cara e falou: “É isso mesmo, *outro* Grimké vem vindo. No inverno. A sinhá num tá feliz. Ouvi ela dizer pro mestre que chega, esse é o último”.

Quando mamã terminou de fazer a barra da roupinha, pegou do saco de juta um montinho de papel limpo, um tinteiro pela metade e uma pluma, e eu

sabia que ela tinha roubado cada uma daquelas coisas. Eu disse: “Por que você continua fazendo isso?”.

“Você precisa me escrever uma coisa. Escreve: ‘Charlotte Grimké tem permissão para viajar’. Embaixo, coloca o mês, deixa sem dia, e assina Mary Grimké com um floreio.”

“Primeiro, eu não sei escrever *Charlotte*. Eu não sei *permissão* também.”

“Então escreve: ‘Esta escrava pode viajar’.”

“O que você vai fazer com isso?”

Ela sorriu, mostrando a brecha entre seus dentes da frente. “Esta escrava vai viajar. Mas não se preocupe, ela sempre volta.”

“O que você vai fazer quando um homem branco te parar e pedir seu passe e parecer escrito por uma criança de onze anos?”

“Então melhor cê escrever como se não tivesse onze ano.”

“Como você vai passar do muro?”

Ela olhou para a janela perto do teto. Não chegava ao tamanho de uma caixa de chapéu. Não sabia como ia se enfiar ali, mas se tivesse que se lambuzar de gordura de ganso, ela assim faria. Eu escrevi o passe porque ela faria de tudo pra conseguir.

Depois disso, pelo menos uma ou duas tardes por semana, ela ia. Ficava fora do meio da tarde até ficar escuro. Não dizia pra onde ia. Não dizia como saía e entrava no pátio. Eu imaginei o caminho dela na minha cabeça. Do lado de fora da janela, não chegava a um metro entre a casa e o muro, e pensei que depois de se enfiar pela janela, ela apertava as costas na casa e os pés no muro e subia até passar por cima, caindo no chão do outro lado.

Claro, ela tinha que achar outro caminho pra voltar. Eu acho que era pelo portão do fundo, onde a carruagem entrava e saía. Ela nunca voltava até estar bem escuro, pra poder pular e ninguém ver. Sempre chegava antes do toque do tambor, que era o toque de recolher. Nem queria pensar nela lá fora, se escondendo da guarda municipal.

Uma tarde, enquanto a gente terminava as roupas de escravo, mostrei meu raciocínio de como ela saía pela janela de dia e voltava pelo portão de noite. Ela disse: “E num é que cê é esperta?”.

No fundo da minha mente, eu a via com a corda amarrada no calcanhar e no pescoço, e eu me enchia de lágrimas e começava a implorar. “Não faz mais isso. Por favor. Tá? Vão te pegar.”

“Vou te contar, você pode me ajudar: se alguém perceber que eu num tô, coloca o balde do lado da cisterna, que eu posso ver do portão do fundo. Faz isso

pra mim.”

Isso me assustou ainda mais. “Se você ver, o que vai fazer? Fugir? Me abandonar?” Aí eu caí em pranto.

Ela deixou o trabalho de lado e massageou meus ombros, como sempre. “Encrenca, criança, eu morro antes de te deixá. Cê sabe disso. Se o balde estiver na cisterna, só me ajuda saber o que me aguarda, só isso.”

Com a temporada festiva começando de novo, mamã e eu não dávamos conta dos vestidos e casacos, e ela ainda foi lá e se alugou sem permissão. Fiquei sabendo um dia depois da janta, quando a gente estava lá no meio do pátio. Srta. Sarah ficou numa das suas angústias o dia todo, e eu pensei que as piores coisas com que eu deveria me preocupar eram com a sua profunda tristeza e mamã fugindo pela janela. Mas mamã tirou um distintivo do bolso. Se um dono alugava o seu escravo pra fora, ele tinha que comprar um distintivo da prefeitura, e eu sabia que o senhor Grimké não tinha comprado nada do tipo. Ter um distintivo falso era pior que roubar aquela seda verde.

Peguei o distintivo e o estudei. Era um quadrado pequeno de cobre com um buraco no alto pra poder alfinetar na roupa. Era entalhado com palavras. Eu soletrei até que entendi. “Em-pre-ga-do... Empre-gado. Do-méstico. *Empregado Doméstico!*”, gritei. “Número 133. Ano 1805. Onde você arrumou isso?”

“Bão, eu num andei bebendo e folgando por aí esse tempo todo. Eu arranjei trabalho pra mim.”

“Mas você tem mais trabalho do que dá conta.”

“E não ganho nada por ele, ganho?” Pegou o distintivo de mim e jogou de volta no bolso.

“Um dos escravos dos Russel, chamado Tom, tem uma oficina de ferreiro na East Bay. A sinhá Russell deixa ele trabalhar alugado o dia todo e só pega três quartos do que ele ganha. Ele fez esse distintivo pra mim, copiou de um de verdade.”

Eu tinha a cabeça de uma criança de onze anos, mas eu sabia de cara que esse ferreiro não era só um homem bonzinho fazendo um favor. Por que ele se colocaria em perigo pra fazer um distintivo falso pra ela?

Ela continuou: “Vô fazê toucas e vestidos e colchas pra uma madame na rua Queen. Sinhá Allen. Disse que meu nome era Pearl e que era do seu Dupre, na esquina da George com a East Bay. Ela disse: ‘Você quer dizer o alfaiate francês?’. E eu disse: ‘Sissinhora, não tamo com muito serviço lá, então ele me

alugou”.

“E se ela conferir sua história?”

“Ela é uma viúva velha, não vai ver nada. Ela só disse: ‘Me mostra seu distintivo!’.”

Mamã estava orgulhosa do distintivo e dela mesma.

“A sinhá Allen disse que vai me pagá por peça, e as duas filhas precisam de roupas e cobertinhas pras criança.”

“Como você vai fazer todo esse serviço?”

“Eu tenho você. Tenho a noite inteira.”

Mamã queimou tantas velas trabalhando no escuro que começou a pegar velas de todos os cômodos por onde passava. Seus olhos viraram fendinhas e a pele em volta deles enrugou que nem rede de pesca. Ficou cansada e fraca, mas parecia melhor por dentro.

Ela trouxe um pouco de dinheiro pra casa e guardou dentro do saco de juta, e eu ajudei a costurar dia e noite, sempre que não tinha serviço, fazendo o banho da srta. Sarah, limpando seu quarto, cuidando das suas roupas e do seu balde de latrina. Quando a gente acabava uma encomenda da viúva, mamã se enfiava pela janela e carregava os pacotes até a porta da mulher, de onde trazia pano pra próxima fornada. Aí esperava até ficar escuro e esgueirava pelo portão dos fundos. Esse negócio perigoso ficou normal com o passar do tempo.

Uma tarde, durante uma época bem quente de janeiro, a sinhá mandou Cindie pro porão pra buscar mamã, por causa de umas rosetas caindo do vestido tipo império novo. E, claro, mamã tinha saído por cima do muro. Não trancou a porta antes de sair porque sabia que a sinhá mandaria Príncipe serrar a porta se ela não atendesse, e como ela ia explicar o quarto vazio atrás da porta trancada?

A notícia de um escravo desaparecido se espalha que nem fogo no mato. Quando eu fiquei sabendo, meu coração despencou até o joelho. A sinhá bateu sua sineta e reuniu todo mundo no pátio, perto da porta dos fundos. Colocou a mão sobre a sua enorme barriga de grávida e disse: “Se vocês sabem o paradeiro de Charlotte, são obrigados a me contar”.

Nem um pio de ninguém. A sinhá olhou pra mim. “Hetty? Onde está sua mãe?”

Dei de ombros e fingi que estava confusa. “Num sei, sinhá. Queria eu saber.”

A sinhá disse pra Tomfry procurar na cozinha, lavanderia, cocheira,

estábulo, celeiro, latrina e nos quartos dos escravos. Mandou passar o pente fino em cada fresta do pátio, olhar o lugar onde Príncipe enfiava feno pros cavalos. Se isso não fizesse mamã aparecer, disse que ele podia buscar na casa, na sacada, no jardim ornamental, de cima abaixo.

Ela tocou o sino, o que significava voltar ao trabalho. Corri pro quarto de mamã pra olhar o saco de juta. Todo o dinheiro dela ainda estava no fundo, debaixo do enchimento. Aí eu fui de mansinho pra fora e coloquei o balde perto da cisterna. O sol estava baixando no céu, que ficava cor de damasco.

Enquanto Tomfry fazia sua busca de cima a baixo, peguei meu posto em frente à alcova no segundo andar pra esperar. Na primeira sombra escura, de prontidão, olhei pra baixo pela janela e lá estava mamã virando a esquina. Ela marchou direto pra porta da frente e bateu.

Corri escada abaixo e cheguei na porta ao mesmo tempo que Tomfry.

Quando ele abriu, mamã disse: “Te dou meio dólar se me colocar aí dentro segura. Você me deve, Tomfry”.

Ele foi para o patamar, comigo atrás, e fechou a porta. Eu joguei meus braços em volta dela. Ela disse pra ele: “Rápido, diz como é que vai ser”.

“Num tem lugar pra te colocar”, ele disse. “A sinhá mandou eu procurar em tudo quanto é canto.”

“Não no telhado”, eu falei.

Tomfry ficou de vigia e eu levei mamã pro sótão e mostrei a escada e o postigo. Eu disse: “Quando eles aparecerem, você diz que tava tão quente que veio aqui ver o porto, deitou e dormiu”.

Enquanto isso, Tomfry foi e falou pra sinhá que tinha esquecido o telhado, e ele sabia que a Charlotte já tinha ido lá antes.

A sinhá esperou no pé da escada pro sótão com a bengala, bufando de subir a escada, grande daquele jeito. Eu me esgueirei atrás. Tremendo de nervoso.

Mamã desceu a escada, tremendo, contando a história maluca que eu inventei. A sinhá disse: “Não achei que você fosse tão burra quanto os outros, Charlotte, mas me enganei. Dormir no telhado! Você poderia ter rolado para a rua. *O telhado!* Você deve saber que este lugar é proibido”.

Ela levantou a bengala e deu na parte de trás da cabeça de mamã. “Vá pro seu quarto e amanhã, depois das Devoções, vai costurar as rosetas outra vez no meu vestido novo. Seu desleixo com a agulha piorou.”

“Sissinhora”, disse mamã, correndo pra escada, me empurrando na frente dela. Se sinhá notou que mamã estava sem bengala e não mancava, não disse nada.

Quando chegamos no porão, mamã fechou e trancou a porta. Eu estava sem fôlego, mas a respiração de mamã estava firme. Ela esfregou a cabeça. Cerrou a mandíbula. E disse: “Eu sô uma mulher especial, e cê é uma minina especial, e a gente nunca vai se curvá pra essa mulher”.

## Sarah

A chegada de um novo irmão não foi uma notícia feliz para mim. Trancada no meu quarto, eu a absorvi com resignação sombria. Quando estava grávida, mamãe ficava com o humor ainda pior, e quem, dentre nós, poderia achar isso bom? Minha verdadeira consternação foi quando peguei papel e caneta e fiz as contas: mamãe tinha passado dez dos últimos vinte anos grávida. *Misericórdia!*

Prestes a fazer doze anos, eu estava à beira da mocidade e queria me casar — sim, eu queria —, mas números como esses me assustavam. Ainda mais surgindo assim, como o fizeram, logo após meus livros terem sido tirados de mim, me desanimaram para a vida feminina.

Desde a bronca de papai, eu só deixava minhas quatro paredes para as refeições, as aulas de Madame Ruffin três vezes por semana e a igreja no domingo. Encrenca me fazia companhia, fazendo perguntas cujas respostas não lhe interessavam, apenas para me animar. Me observava nas tentativas fracas de bordado e de escrever histórias sobre uma garota abandonada numa ilha, como Robinson Crusoé. Mamãe me mandava sair de minha introversão e tristeza, e eu tentava, mas meu tormento apenas aumentava.

Mamãe chamou um médico, dr. Geddings, que, depois de muitos testes, decidiu que eu sofria de melancolia severa. Escutei atrás da porta quando ele disse à mamãe que nunca tinha testemunhado um caso assim em alguém tão jovem, que esse tipo de distúrbio ocorria em mulheres depois do parto ou após o início da menopausa. Ele me declarou uma garota temperamental e nervosa,

com propensão para a histeria, como evidenciado por minha fala.

Pouco depois do Natal, passei pela porta de Thomas e avistei seu baú aberto no chão. Não suportava sua partida, mas era pior pensar que ele iria para New Haven atrás de um sonho que eu mesma possuía, mas nunca realizaria. Consumida pela inveja de seu futuro brilhante, voei para meu quarto, onde chorei minha mágoa. Jorrava de mim em ondas negras, e conforme o fazia, meu desânimo parecia alcançar o auge, o limite, tornando-se algo que hoje posso apenas nomear de esperança torturada.

No final, tudo passa, até mesmo a pior melancolia. Abri a gaveta da penteadeira e tirei de lá a caixa de pedra vulcânica que guardava o meu botão. Meus olhos embaçaram com essa visão, e dessa vez senti meu espírito alcançar minha vontade. Não desistiria. Eu erraria pela audácia. Era isso que sempre tinha feito.

Meu erro audacioso ocorreu na festa de despedida para Thomas, que aconteceu na sala de visita do segundo andar na noite de reis. Durante a semana anterior, flagrei papai sorrindo para mim na mesa de jantar e interpretei seu presente de Natal — uma gravura de Apolo e as Musas — como uma oferenda de amor e fim da censura. Àquela noite, ele conversava com Thomas, Frederick e John, que vieram de Yale para uma visita, todos em sobretudos de lã negra e coletes listrados de diferentes cores, o de papai era de linho. Sentada com Mary na mesa Pembroke, observei-os e queria saber o que debatiam. Anna e Eliza, que tinham sido permitidas nas festividades, sentavam-se no tapete em frente à lareira, apertando suas bonecas de Natal, enquanto Ben aticava seus novos soldadinhos de madeira para a batalha, gritando “atacar!” a cada segundo.

Mamãe estava deitada no veludo vermelho de seu *recamier* de pau-rosa, que tinha sido trazido de seu quarto. Testemunhei cinco gestações de mamãe, e claramente esta era a mais difícil. Tinha ficado de um tamanho descomunal. Até seu pobre rosto estava inchado. Mesmo assim, ela organizou uma festa elaborada. O cômodo brilhava com velas e lampiões, que refletiam em espelhos e superfícies laminadas, e as mesas estavam cobertas com toalhas de linho e passadeiras de brocado dourado, nas cores da Epifania. Tomfry, Neve e Eli serviam, usando as librés verde-escuras, carregando bandejas de bolinho de siri, camarão na manteiga, vitela, peixe frito e suflê de omelete.

Meu apetite pródigo estava de volta e me ocupei comendo e ouvindo o zumbir das vozes graves do outro lado da sala. Conversavam sobre a reeleição do

sr. Jefferson, se o sr. Merriwether Lewis e o sr. William Clark tinham alguma chance de alcançar a costa do Pacífico, e quase irresistivelmente, o que a abolição da escravidão nos estados do Norte, mais recentemente em Nova Jersey, prenunciava para o Sul. *Lei de abolição?* Nunca tinha ouvido falar sobre isso e estiquei o pescoço para pescar tudo. Os do Norte, então, acreditavam que Deus era contra a escravidão?

Terminamos a refeição com o doce preferido de Thomas, macarons com gelado de amêndoa, em seguida papai tilintou uma taça de cristal com a colher e silenciou a sala. Desejou coisas boas a Thomas e lhe presenteou com *Um resumo do ensaio acerca do entendimento humano*, de Locke. Mamãe tinha permitido que Mary e eu tomássemos meia taça de vinho, meu gole inaugural, e eu encarei o livro na mão de Thomas com uma sensação zozna entre os ouvidos.

“Quem vai se despedir de Thomas com um discurso?”, perguntou papai, analisando os rostos dos filhos. O primogênito John puxou a barra do colete, mas fui eu, a sexta a nascer e segunda filha, que saltou para falar.

“... Thomas, querido irmão, sentirei sua falta... Desejo boa sorte com seus estudos...” Pausei e senti minha coragem aumentar. “Um dia quero seguir seus passos... para me tornar jurista.”

Quando papai encontrou sua língua, seu tom de voz era divertido. “Meus ouvidos me enganam? Você disse que quer seguir seu irmão na Ordem?” John assobiou, e Fredrick gargalhou. Papai olhou para eles, sorriu e continuou: “E há mulheres juristas? Se sim, pequena, nos ilumine a respeito”.

A hilaridade explodiu, e vi Thomas também rindo.

Eu tentei responder, sem compreender totalmente a profundidade de seu escárnio, que a pergunta foi em benefício de meus irmãos apenas.

“... Não seria uma grande conquista se *eu* fosse a primeira?”

Com isso, a diversão de papai se tornou irritação. “Não haverá *primeira*, Sarah, e se algo tão absurdo ocorrer, não seria filha minha.”

Mesmo assim, fui em frente estupidamente, cegamente: “... Papai, eu lhe faria orgulhoso. Eu faria de tudo”.

“Sarah, pare com essa bobagem! Você está se envergonhando. Envergonhando a todos. De onde tirou a ideia de que poderia estudar direito?”

Eu lutei para permanecer ali, pare me agarrar ao que parecia ser o último pedaço tenaz de mim. “... Você disse que eu seria a melhor juíza...”

“Se você fosse um menino!”

Meus olhos passaram por Anna e Eliza, que olhavam para mim, depois por Mary, que não me olhou de volta.

Virei para Thomas. “... Por favor... você lembra... você disse que *eu* deveria ser jurista?”

“Sarah, sinto muito, mas papai tem razão.”

As palavras dele acabaram comigo.

Papai fez um gesto com a mão, dispensando o assunto, e todos deram as costas para mim e retomaram a conversa. Ouvi mamãe dizer meu nome baixinho. Não estava mais deitada, mas sentada ereta, o rosto trazendo uma expressão compadecida. “Você pode ir para o seu quarto”, ela disse.

Eu me retirei como uma alma condenada. No chão, ao lado do meu quarto, Encrenca estava toda enrolada em seus quadrados vermelhos e triângulos negros. Ela disse: “Acendi seu lampião e aticei o fogo. Precisa de ajuda com o vestido?”.

“... Não, fique aí.” Minhas palavras estavam desanimadas de dor.

Ela me estudou, incerta. “O que aconteceu, srta. Sarah?”

Incapaz de responder, entrei no meu quarto e fechei a porta. Sentei na cadeira da penteadeira. Me sentia estranha e vazia, incapaz de chorar, incapaz de sentir nada além de um buraco vazio e estéril no estômago.

O toque na minha porta foi leve, e pensando se tratar de Encrenca, tirei forças não sei de onde e disse: “... Não preciso de você”.

Mamãe entrou, desequilibrando com seu peso. “Não fiquei feliz de ver sua esperança destruída”, ela disse. “Seu pai e seus irmãos foram cruéis, mas acredito que a zombaria foi em igual proporção à surpresa. Advogada, Sarah? Sua ideia é tão absurda que creio ter falhado amargamente com você.”

Ela colocou a mão ao lado da barriga e fechou os olhos, como se prevendo o empurrão de um cotovelo ou de um pé. A gentileza em sua voz, sua própria presença em meu quarto revelava quão angustiada estava por mim, e, no entanto, parecia sugerir que a indelicadeza deles foi justificada.

“Seu pai acredita que você é uma menina anormal, com seu desejo por livros e suas aspirações, mas ele está errado.”

Olhei para ela com surpresa. A arrogância não estava mais lá. Havia um lamento nela que eu nunca tinha visto antes. “Toda garota vem ao mundo com diferentes graus de ambição”, ela disse, “mesmo que seja apenas a esperança de não pertencer de corpo e alma ao marido. Eu já fui uma garota, acredite ou não”.

Ela parecia uma estranha, uma mulher sem todas as feridas e a armadura que os anos trazem, mas então ela continuou, e era mamãe outra vez. “A verdade é que toda garota tem que ter sua ambição arrancada de si para seu próprio bem.

Sua anormalidade é apenas essa determinação de lutar contra o inevitável. Você resistiu e deu nisso, foi domada como um cavalo.”

Ela se inclinou e colocou os braços à minha volta. “Sarah, querida, você lutou com mais garra do que eu poderia imaginar, mas você deve se entregar à sua tarefa e ao seu destino e ser feliz como puder.”

Senti a pele inchada de sua bochecha e queria ao mesmo tempo abraçá-la e empurrá-la. Observei-a indo embora, notando que ela não tinha fechado a porta ao entrar. Encrenca teria ouvido tudo. O pensamento me reconfortou. Não há dor no mundo que não anseie por uma testemunha benevolente.

Quando Encrenca apareceu, me olhando com olhos enormes e expressivos, peguei a caixinha de pedra da penteadeira, tirei o botão de prata e o joguei no borralho da lareira, onde desapareceu embaixo da fuligem cinza e branca.

No dia seguinte, a sala de visita foi usada para o repouso de mamãe. Ela tinha dado à luz seus últimos seis filhos lá, rodeada por Binah, Tia-Irmã, dr. Geddings, uma ama de leite e duas primas. Parecia improvável que ela me concedesse uma visita, mas uma semana antes de o trabalho de parto começar, ela permitiu que eu entrasse.

Era uma manhã gelada de fevereiro. O céu estava agrupado em nuvens de inverno, e as lareiras por toda a casa crepitavam e chiavam. Na sala de visita, o fogo era a única fonte de luz. Mamãe, a uma semana de seu aniversário de quarenta anos, estava jogada no *recamier*, totalmente acabada.

“Espero que não venha falar de problemas, porque eu não tenho forças para lidar com isso”, ela disse por entre lábios inchados.

“... Eu tenho um pedido.”

Ela se levantou um pouco e alcançou sua xícara sobre a mesa de chá. “Bem, e então, do que se trata? Que pedido é esse que não pode esperar?”

Tinha ido preparada com um discurso, me sentindo resoluto, mas naquela hora minha cabeça nadava na ansiedade. Fechei os olhos e imaginei como poderia fazê-la entender.

“... Tenho medo de que recuse sem nem pensar.”

“Céus, por que eu faria isso?”

“... Porque meu pedido é incomum... Eu quero ser madrinha do bebê.”

“Bem, você tem razão: é incomum. E também é fora de questão.”

Eu esperava por isso. Ajoelhei ao seu lado. “... Mamãe, se eu precisar

implorar, o farei... Eu perdi tudo que era precioso para mim. O que pensei ser o propósito de minha vida, minha esperança de educação, livros, Thomas... Até papai parece que perdi... Não me negue isso, por favor.”

“Mas, Sarah, madrinha do bebê? De todas as coisas. Não é uma frivolidade. A educação religiosa da criança estaria em suas mãos. Você tem apenas doze anos. O que as pessoas diriam?”

“... Eu farei *da criança* o propósito da minha vida... Você disse que eu deveria abandonar minhas ambições... Certamente o amor e o cuidado com uma criança é algo que você permite... Por favor, se você me ama...” Baixei a cabeça em seu colo e chorei as lágrimas que não fui capaz de chorar na noite da despedida de Thomas e desde então.

Sua mão tomou minha nuca e, quando eu finalmente me recompus, vi que seus olhos estavam úmidos. “Tudo bem, então. Você será a madrinha do bebê, mas tome tento para não falhar.” Beijei sua mão e saí da sala, sentindo, estranhamente, que tinha recuperado uma parte perdida de mim mesma.

## Encrenca

Enrolei o tronco da árvore com linha vermelha até o último pedacinho sair do carretel. Mamã observou. Foi ideia só minha fazer pra gente uma árvore espiritual igual a que mamã tinha feito, e eu sabia dizer que ela estava ali só pra me agradar. Agarrou seus cotovelos e soprou vapor da boca. Ela disse: “Tá cabano? Tá frio que nem a lua azul aqui”.

Estava o mais frio que podia ficar em Charleston. Granizo nas janelas, coberta nos cavalos, Sabe-Tudo e Príncipe cortando lenha o dia todo. Olhei pra mamã e abri minha colcha vermelha e preta no chão. Era um ponto brilhante embaixo das pernas peladas.

Eu disse: “Primeiro, a gente tem que ajoelhar aqui e dar nossos espíritos pra árvore. Quero que a gente faça do jeito que você disse que a vovozinha fez”.

Ela disse: “Tá certo, vamo fazê então”.

Ficamos de joelhos e encaramos o tronco com as mangas dos casacos se tocando. O chão estava duro, coberto de bolotas de carvalho e o frio atravessava pelos quadrados e triângulos. Uma quietude baixou em nós, fechei meus olhos. Dentro do bolso do casaco, a ponta dos meus dedos relaram no botão de prata da srta. Sarah. Era como uma pedra de gelo. Peguei das cinzas depois que ela jogou fora. Me senti mal que ela tivesse que desistir do plano, mas isso não justifica jogar fora um botão bom.

Mamã se mexia sobre os joelhos. Queria fazer isso da árvore espiritual rápido, e eu queria que demorasse.

Eu disse: “Fala de novo como você e a vovozinha fizeram”.

“Tá certo. A gente fez isso aqui e ela disse: ‘Agora a gente coloca nossos espírito na árvore pra ficar seguro do mal’. Aí a gente deu nossos espírito pra ela”.

“Você sentiu quando aconteceu?”

Ela puxou o lenço por cima das orelhas frias e tentou forçar um sorriso. Ela disse: “Deixa ver se eu lembro. Sim, senti meu espírito sair bem daqui”. Tocou o osso entre os peitos. “Saiu como um vento encanado, e eu olhei prum galho e não vi, mas sei que ele tá ali me olhando.”

Ela estava inventando tudo. Não tinha importância, porque eu não via por que não podia ser daquele jeito aquela hora.

Falei alto: “Dou meu espírito pra árvore”.

Mamã falou a mesma coisa. Depois disse: “Depois que sua vovozinha faz nossa árvore espiritual, ela diz: ‘Se você for embora desse lugar, vem pegá seu espírito pra ele ir junto’. Daí ela pega noz, gravetos e folhas e faz saquinho pra eles, e a gente usa em volta do pescoço”.

Então a gente pegou bolotas e gravetos e restos amarelos de folhas. O tempo todo, pensei no dia que a patroa me deu de presente pra srta. Sarah, e mamã falou: “De agora em diante, vai ser difícil, Encrenca”.

Desde aquele dia, um ano tinha se passado, e eu tinha virado amiga da srta. Sarah e aprendido a ler e escrever, mas tinha sido uma estrada sem piedade, como a mamã avisou, e eu não sabia o que seria de nós. A gente podia ficar ali pro resto da vida, com a porta do céu trancada na nossa cara, mas mamã tinha achado a parte dela que se recusava a se curvar, e quando se acha isso, o problema funga no seu pescoço.

PARTE DOIS  
FEVEREIRO DE 1811 — DEZEMBRO DE 1812

## Sarah

Sentada em frente ao espelho no meu quarto, encarava minha face enquanto Encrenca e Nina, com seis anos, trançavam meu rabo de cavalo com o objetivo de transformá-lo em um coque na nuca. Mais cedo, tinha esfregado meu rosto com sal e vinagre de limão, a fórmula de mamãe para tirar manchas. Tinha clareado minhas sardas, mas não apagado, e peguei a almofadinha de pó para acabar com elas.

Era fevereiro, o pico da temporada festiva de Charleston, e a semana toda, uma torrente de convites tinha se amontoado na mesinha ao lado da porta da frente. De todos, mamãe tinha escolhido os eventos mais elegantes e oportunos. Naquela noite, uma valsa.

Eu tinha sido apresentada à sociedade havia dois anos, aos dezesseis, empurrada para a roda extravagante de bailes, chás, salões de música, corridas de cavalo e convescotes, os quais, de acordo com mamãe, significavam que as portas deslumbrantes de Charleston tinham sido abertas para mim e a vida feminina poderia verdadeiramente começar. Em outras palavras, eu poderia começar a procurar marido. O quão bem-nascido e rico esse marido seria dependeria exclusivamente da atração de meu rosto, delicadeza de meu físico, habilidade na costura e carisma tête-à-tête. Exceto pela costura, cheguei ao debutte brilhante como um cordeiro para o abate.

“Olha essa bagunça que você foi fazer”, disse Encrenca para Nina, que tinha embaraçado o pedaço de cabelo designado para ela em algo comumente chamado de ninho de rato. Encrenca passou a escova nele, não com pouco

prejuízo ao meu escalpo, depois dividiu a mecha em três partes iguais e nomeou duas delas de coelhos e a outra de tronco. Nina, que tinha feito um bico por ter tido sua trança confiscada, se animou com o prospecto de um jogo.

“Olha aqui”, Encrenca disse a ela. “Este coelho passa por baixo do tronco, e este coelho passa por cima. Você faz eles pularem assim até embaixo. Tá vendo, é assim que se faz uma trança: pula por cima, passa por baixo.”

Nina tomou posse dos coelhos e do tronco e criou uma trança notavelmente aceitável. Encrenca e eu fizemos “ohs” e “ahs”, como se ela tivesse esculpido uma estátua florentina.

Era uma noite de inverno como muitas outras, que passou calma como previsto: a sala repleta de lamparinas, o fogo se aninhando na lareira, uma escuridão adiantada batendo contra as janelas, enquanto minhas duas companheiras se alvorçavam ao meu redor na penteadeira.

Minha irmã e afilhada, Angelina — Nina de apelido — já trazia o rosto oval e traços graciosos com os quais nossa irmã mais velha, Mary, tinha sido abençoada. Seus olhos eram castanhos e seu cabelo e cílios, escuros como a caixinha de pedra onde certa vez guardei meu botão. Minha preciosa Nina era impressionantemente bonita. Melhor ainda, possuía um intelecto vivaz e mostrava sinais de bastante coragem. Acreditava ser capaz de fazer qualquer coisa, uma condição que eu estimulava apesar do desastre proveniente de *minha* própria crença corajosa.

Minha aspiração de me tornar jurista tinha sido sepultada em meu Cemitério de Esperanças Falidas, um estabelecimento totalmente feminino. A dor tinha esvanecido, mas o arrependimento permanecia, e eu imaginava se as Moiras seriam mais gentis com uma garota *diferente*. Ao longo de minha infância, um desenho emoldurado das Três Moiras tinha ficado proeminentemente pendurado no topo da escada, onde elas ficaram ocupadas fiando, medindo e cortando o fio da vida, o tempo todo de olho nas minhas idas e vindas. Eu tinha certeza da animosidade pessoal contra mim, mas isso não significava que tratariam minha irmã do mesmo modo.

Eu tinha jurado para mamãe que Nina seria o meu propósito de vida, e assim ela era. Nela, eu tinha uma voz que não gagueja e um coração ileso. É verdade que eu vivia parte de minha vida através dela, e, sim, eu embaçava as fronteiras entre nós para ambas, mas não havia ninguém que amasse Nina mais do que eu. Ela tinha se tornado minha salvação, e eu queria acreditar que era a dela.

Ela me chamava de mamãe desde que começara a falar. Saiu

naturalmente, e eu não desencorajei, mas tive o bom senso de não deixá-la falar assim na frente de nossa mãe. Desde os dias de berço, eu pregava para Nina a respeito dos maus da escravidão. Ensinei a ela tudo que sabia e em que acreditava, e embora mamãe com certeza tivesse percebido que eu a moldava à minha própria imagem, não sabia até que ponto.

Com a trança terminada, Nina subiu no meu colo e começou a ladainha de sempre. “Não vá! Fique comigo!”

“Ah, eu preciso ir, você sabe. Binah vai colocar você na cama.” Nina fez beicinho e eu acrescentei: “Se não choramingar, deixo escolher o vestido que vou usar”.

Ela pulou de meu colo para o guarda-roupa, de onde escolheu o vestido mais luxuoso que eu possuía, de veludo marrom com três insígnias de cetim na frente, cada qual com presilhas de diamantes lascados. Era criação magnífica da própria Encrenca. Aos dezessete, um prodígio das agulhas, mais do que a sua mãe. Agora, costurava a maior parte das minhas vestes.

Quando Encrenca ficou na ponta dos pés para pegar o vestido, notei como ela era mal desenvolvida — seu corpo era ágil e magricelo como o de um menino. Não tinha chegado a um metro e meio e nunca chegaria. Contudo, por menor que fosse, seus olhos ainda chamavam atenção. Certa vez, ouvi um amigo de Thomas se referir a ela como a pretinha bonitinha de olhos amarelos.

Não éramos mais tão próximas quanto na infância. Talvez por conta de minha dedicação à Nina, ou das tarefas acumuladas de Encrenca como aprendiz de costureira, ou talvez porque simplesmente atingimos uma idade na qual nossos caminhos naturalmente divergiam. Mas *éramos* amigas, eu repetia a mim mesma.

Ao vê-la passar pela lareira com o vestido nos braços, notei o cenho franzido que parecia permanentemente incrustado em sua expressão, como se, ao juntar aqueles olhos enormes, ela sentisse que o mundo não poderia atingi-la. Parecia que ela começava a sentir os limites de sua vida com mais intensidade, que tinha atingido uma espécie de acerto de contas. Na semana anterior, Mamãe tinha lhe negado o passe para o mercado por causa de uma razão menor, esquecível, e ela tinha se abalado. Suas idas ao mercado eram o ápice de seus dias, e, por misericórdia, eu dissera: “Sinto muito, Encrenca, sei como você se sente”.

Parecia a mim que eu sabia, *sim*, como era ter a liberdade restrita, mas ela se enfureceu. “Então a gente é igual, eu e você? Por isso é que você caga no pote e eu que tenho que esvaziar?”

Suas palavras me chocaram, e eu me virei para a janela para esconder minha dor. Escutei-a respirando em fúria ao sair voando pela porta e sem retornar pelo resto dia. Nunca mais falamos nisso.

Ela me ajudava, agora, a entrar no vestido e subi-lo por cima do corset, que eu tinha amarrado o mais frouxo possível. Eu tinha um tamanho mediano, não achava necessário obstruir minha respiração. Depois de abotoar, Encrenca alfinetou uma mantilha negra de *poult-de-soie* no topo de minha cabeça, e Nina me entregou o leque de renda negra. Abrindo-o, desfilei no quarto para elas.

Mamãe entrou no momento em que eu dava uma pirueta, tropeçava na barra e caía para a frente — a imagem da graciosidade. “Espero que você contenha esse tipo de desastre na casa da sra. Alston.”

Ela ficou parada, apoiada na bengala. Aos quarenta e seis anos, os ombros de mamãe já se encurvavam como os de uma velha senhora. Ela vinha me chamando a atenção sobre a dificuldade da vida de solteirona havia um ano, elaborando sobre a vida triste e sozinha de sua tia Amelia Jane. Ela comparava a tia a uma flor murcha, presa entre páginas de um livro esquecido, como se isso pudesse provocar beleza e compostura em mim. Temi que mamãe estivesse prestes a embarcar outra vez na existência dessecada da tia, mas perguntou: “Você não usou isso há apenas duas noites?”

“Usei, mas...” Olhei para minha irmãzinha empoleirada no banco da penteadeira e sorri, “Nina escolheu”.

“É imprudente usar outra vez tão cedo.” Mamãe parecia falar apenas para si mesma, e eu aproveitei para ignorá-la.

O olhar dela caiu sobre Angelina, sua última criança. Fez um gesto convocatório, a mão dando colheradas no ar por vários segundos antes de falar: “Venha comigo, vou levar você para o berçário”.

Nina não se mexeu. Seus olhos vieram para mim, como se eu fosse a autoridade máxima que poderia sobrepor aquele comando. Mamãe percebeu. “Angelina! Eu disse venha. Agora!”

Se eu fui um espinho na vida de mamãe, Angelina seria a roseira. Ela balançou a cabeça e os ombros. Seu corpo todo oscilou desafiadoramente, e sabendo muito bem o que estava fazendo, anunciou: “Eu quero ficar aqui com a mamãe!”

Me preparei para a explosão de mamãe, que não veio. Ela massageou as têmporas com os dedos em círculo e emitiu um som que foi parte gemido, parte suspiro, parte acusação. “Fui tomada por uma dor de cabeça maldosa”, ela disse. “Hetty, chame Cindie no meu quarto.”

Revirando os olhos, Encrenca obedeceu, e mamãe partiu logo atrás, o som oco da bengala esvaindo ao longo do corredor.

Ajoelhei à frente de Nina, afundando na saia, que se espalhou em volta de tal maneira que eu deveria estar parecendo um estame em uma flor gigantesca. “Quantas vezes eu já falei? Não pode me chamar de mamãe, só quando estamos sozinhas.”

O queixo de Nina tremia visivelmente. “Mas você é minha mamãe.” Deixei que chorasse no veludo do vestido. “*Você é, você é, você é.*”

A sala de visitas do andar superior da casa da sra. Alston, na rua King, estava excessivamente iluminada por um candelabro de cristal que brilhava como um pequeno inferno no teto. Abaixo, um mar de pessoas dançava o xote, as risadas sobrepujando os violinos.

Minha programação de dança estava vazia, exceto por Thomas, que tinha escrito seu nome em duas rodadas de quadrilha. Ele tinha sido admitido na Ordem no ano anterior e tinha aberto um escritório com o sr. Langdon Cheves, um homem que, para mim, tinha tomado meu lugar, do mesmo modo que eu tinha tomado o de mamãe. Thomas me escrevera de Yale, arrependido de ter ridicularizado minha ambição na noite de sua despedida, mas não mudou de opinião. Fizemos as pazes, mesmo assim, e de muitas maneiras ele ainda era um semideus para mim. Procurei no salão por ele, sabendo que estaria grudado a Sally Drayton, com quem logo se casaria. Na festa de noivado, papai declarou que um casamento entre um Grimké e uma Drayton traria “uma nova dinastia para Charleston”. Isso irritara Mary, que tinha aceitado uma proposta de casamento adequada, mas sem conotações reais.

Madame Ruffin tinha sugerido que eu usasse meu leque a meu favor, escondendo “a mandíbula forte e as bochechas vermelhas”, e eu o fiz obsessivamente, por constrangimento. Posicionando o leque sobre a metade inferior de meu rosto, eu espiei por cima de sua borda escalonada. Eu conhecia muitas jovens das aulas da Madame, da igreja ou de ocasiões sociais prévias, mas não podia me considerar amiga de nenhuma. Eram educadas o suficiente comigo, mas nunca permitiam minha entrada no aconchego de seus segredos e fofocas. Acho que minha gagueira as deixava desconfortáveis. Isso, e o mal-estar que eu sentia na presença delas. Usavam turbantes modernos, do tamanho de almofadas de sofá, feitos com brocados pesados e tachonados com alfinetes, pérolas e pequenos broches com o rosto de nosso novo presidente, sr. Madison,

pintado. As pobres cabeças pareciam oscilar em cima do pescoço. Achei que estavam fazendo papel de bobas, mas os bons partidos ficavam todos em torno delas.

Noite após noite, eu enfrentava esses grandes eventos sozinha, revoltada por sermos transformadas em *objet d'art* e desdenhosa de como a sociedade era vazia, e, no entanto, inexplicavelmente, sentia um intenso desejo de ser uma delas.

Os escravos se movimentavam entre nós com bandejas de creme de ovos e tortas huguenotes, segurando portas, pegando casacos, atizando o fogo, se movendo sem serem vistos, e pensei quão estranho era que ninguém falasse sobre eles, como a palavra *escravidão* não era apropriada em companhia polida, mas referida como *a instituição peculiar*.

Virando abruptamente para deixar a sala, trombei com tudo em um escravo carregando uma jarra de cristal com ponche Dragoon. Provocou uma explosão magnífica de chá, uísque, rum, cereja, fatias de laranja e limão, e cacos de vidro. Espalharam-se pelo tapete, na libré do escravo, na minha saia, e na calça de um jovem alto que passava ao lado no momento da colisão.

Naqueles primeiros segundos de choque, o jovem me encarou, e eu, por reflexo, levantei a mão ao queixo para me cobrir com o leque, mas então percebi que tinha deixado o leque cair durante a comoção. Ele sorriu para mim. Quando o barulho retornou à sala, sustos e gritinhos. Sua compostura me acalmou, e eu sorri de volta, notando um pouco de polpa laranja em seu rosto.

Sra. Alston apareceu em um vestido balouçante, cinza-prata, a cabeça sem enfeites, exceto uma faixa bordada com joias cruzando a franja encaracolada. Com desenvoltura, ela perguntou se alguém havia se machucado. Dispensou o escravo petrificado com um gesto da mão e chamou outro para limpar o desastre, sempre sorrindo suavemente para acalmar a todos.

Antes que eu pudesse me desculpar, o jovem falou alto a todos da sala: “Peço perdão. Temo ser um grosseirão desajeitado”.

“Mas não foi você quem...”, comecei.

Ele me interrompeu: “A culpa é absolutamente minha”.

“Insisto que esqueça o assunto”, disse a sra. Alston. “Venham, ambos, vamos secá-los.” Ela nos acompanhou até seu quarto e nos deixou aos cuidados de sua criada, que secou meu vestido com uma toalha. O jovem esperou, e, sem pensar, eu estiquei a mão e limpei o gominho de laranja de sua bochecha. Foi extremamente atrevido de minha parte, mas só pensei nisso mais tarde.

“Nós estamos encharcados”, ele disse. “Posso me apresentar? Sou Burke

Williams.”

“Sarah Grimké.”

O único cavalheiro que tinha mostrado interesse por mim foi um sujeito feio, com uma testa saliente e olhos de uva-passa. Membro do Jôquei Clube, tinha me acompanhado na prova de New Market, no auge da Semana da Corrida no ano anterior, e, depois, me deixado no balcão das Senhoras para assistir aos cavalos sozinha. Nunca mais o vi.

Sr. Williams pegou a toalha e secou a calça, depois perguntou se eu queria tomar um ar. Assenti, zozna com a pergunta. Seu cabelo era loiro com mechas castanhas, como as areias claras da praia na ilha Sullivan; os olhos eram esverdeados; o queixo, largo, e as bochechas levemente talhadas. Me dei conta de que o encarava conforme andávamos na direção do balcão da sala de visitas, como uma menina abobalhada, o que, de fato, eu era. Ele sabia disso. Vi um leve sorriso em sua boca, e eu silenciosamente me censurei por ter perdido o precioso leque, por ter ido àquela escuridão silenciosa do balcão com um estranho. *O que eu estava fazendo?*

A noite estava fria. Ficamos parados na varanda, que tinha sido enfeitada com guirlandas de pinhos, e encaramos as sombras do outro lado da janela, na sala. A música se enfiaava por entre as vidraças. Me senti muito distante de tudo. A brisa do mar aumentou e eu comecei a tremer. Minha gagueira estava hibernada havia quase um ano, mas no último inverno tinha ressurgido às vésperas de meu debute e continuou por toda a minha primeira temporada festiva, estragando tudo. Eu tremia naquele momento, tanto de medo de seu retorno como do ar gélido.

“Você está com frio”, ele disse, tirando o casaco e o colocando sobre mim de modo cavalheiresco. “Como não fomos apresentados até agora?”

*Williams.* Não reconhecia seu nome de família. A pirâmide social de Charleston era ferozmente defendida por fazendeiros aristocráticos no topo — os Middleton, Pinckney, Heyward, Drayton, Smith, Manigault, Russell, Alston, Grimké e por aí adiante. Abaixo residia a classe mercantil. Uma pequena mobilidade social era possível, e me correu que sr. Williams era da segunda camada, tendo se infiltrado na sociedade por alguma fissura oportuna, ou talvez estivesse na cidade à visita.

“Você está a passeio?”, perguntei.

“De jeito nenhum. A casa de minha família fica na Vanderhorst. Mas eu leio seus pensamentos. Está tentando localizar minha família. *Williams, Williams, quem és tu, Williams?* Ele riu. Se é como as outras, está preocupada com eu ser

um artesão, um trabalhador, ou pior, um *aspirante*.”

Fiquei sem fôlego. “Ah, eu não quis... Não me preocupo com esse tipo de coisa.”

“Estou brincando... Vejo que não é como as outras. A não ser, claro, que fique chateada em saber que minha família é dona da oficina de prateiro na rua Queen. Vou herdá-la um dia.”

“Não fico chateada, nem um pouco”, disse, depois acrescentei: “Já fui à sua oficina”.

Não mencionei que comprar prata me irritava profundamente, como todo o resto das coisas que devia fazer para aprender a ser esposa. *Nossa*, os dias em quem mamãe me forçava a dar Nina para Binah olhar e me sentar com Mary, fazendo trabalhos artesanais, ponto cheio, ponto-cruz atrás de ponto-cruz, vagonite, e se não era bordado, era pintura, e se não era pintura, eram visitas, e se não visitas, compras nas soturnas oficinas de prateiros, onde minha mãe e minha irmã se derretiam por causa de um ralador de noz-moscada de prata de lei ou coisa do tipo.

Fiquei em silêncio, desconfortável com o rumo da conversa, e me virei para o jardim, olhando para baixo, para as sombras negras desbotadas. Os pés de pera pareciam sem frutos, seus galhos espalhados como as entranhas de uma sombrinha. Na escuridão mais distante, casas, sobrados e vilas se enfileiravam, uma grudada na outra, até a ponta da península.

“Vejo que a ofendi”, ele disse. “Queria ser charmoso, mas fui gracejador. Por conta de minha posição social, é um assunto difícil para mim. Não fico à vontade com ele.”

Voltei-me para ele, atordoada por sua franqueza. Nunca tinha conhecido um rapaz tão franco quanto a suas vulnerabilidades. “Não fiquei ofendida. Fiquei... encantada com o que disse.”

“Obrigado, então.”

“Não, eu é que devo agradecer-lhe. O desajeitamento na sala... Fui eu. E você...”

“Poderia dizer que eu tentava ser galante, mas, na verdade, queria impressioná-la. Venho observando a senhorita. Estava prestes a me apresentar quando você girou e choveu ponche.”

Eu ri, mais perplexa do que entretida. Jovens rapazes não me observavam.

“Você criou um espetáculo brilhante”, ele disse. “Não acha?”

Infelizmente, estávamos indo para os perigos do flerte. Sempre fui fraca nesse campo.

“Sim. Eu te-tento.”

“E você cria esses espetáculos com frequência?”

“Eu tento.”

“Conseguiu, então. As damas no salão se encolheram com tamanho susto que pensei que um turbante sairia voando e machucaria alguém.”

“Mas... o machucado ficaria por *sua* conta, não minha. Quero dizer, foi você quem tomou a responsabilidade pela coisa toda. *De onde isso saiu?*”

Ele fez uma reverência, concedendo.

“Devemos retornar à festa”, eu disse, tirando seu casaco de meus ombros, querendo terminar o gracejo no ponto alto, mas, preocupada, também, que poderiam dar por nossa ausência.

“Se você insiste, mas não queria dividi-la. Você é a mais graciosa dama que conheci nesta temporada.”

Suas palavras pareceram gratuitas, e, por um instante, não acreditei nelas. Mas por que eu não poderia ser graciosa para ele? Talvez as Moiras no topo da escada tivessem mudado de ideia. Talvez ele tivesse visto além da minha simplicidade e avistado algo mais profundo. Ou, talvez, eu não fosse tão comum tanto pensava.

“Posso visitar você?”, ele perguntou.

“Você quer me visitar?”

Ele pegou minha mão e a levou aos seus lábios. Beijou-a, sem tirar os olhos dos meus, pressionando o calor e a maciez de seus lábios sobre minha pele. Seu rosto estava estranhamente concentrado, e eu senti o calor de sua boca subindo por meu braço até meu peito.

## Encrenca

O dia em que mamã começou a costurar sua colcha de histórias, a gente estava sentada debaixo da árvore espiritual. A gente sempre fazia as costuras mais fáceis ali — barrinhas, botões e acertos, ou os pontos miúdos que forçavam a vista no quarto mal iluminado. Assim que o tempo ficava bom, a gente espalhava a colcha no chão e se esparramava lá com nossas agulhas. A sinhá não gostava, dizia que as roupas sujariam. Mamã disse: “Bão, eu preciso do ar livre pra ir em frente, mas vou tentar me virar sem”. Logo em seguida, mamã começou a entregar menos roupas. Ninguém recebia roupas novas. Então, a sinhá disse: “Tudo bem, costure lá fora, mas fique de olho para não sujar os tecidos”.

Era o começo da primavera, e os brotos da árvore abriam enquanto a gente estava ali, sentada. Nesses tempos, eu andava muito aflita e angustiada. Eu via a srta. Sarah na sociedade, como ela usava suas roupas elegantes e como ia onde bem entendesse. Ela queria arrumar marido logo e ir embora. O mundo era um tapete estendido à sua frente, e parecia que as portas tinham se fechado pra mim, mas isso nem é verdade — as portas nunca foram abertas, pra começo de conversa. Eu estava ficando velha o suficiente pra ver que nunca seriam.

A sinhá ainda arrastava a gente pra sala de jantar, pras Devoções, pregando: “Fiquem satisfeitos com sua sina, pois é a sina do Senhor”. Eu queria dizer, *Pega sua sina e coloca onde o sol não bate*.

A outra coisa era a pequena Nina. Era a irmã da srta. Sarah, mas parecia uma filha pra ela. Eu amava Nina, também, não conseguia não amar, mas ela

tomou o coração da srta. Sarah. Era assim que tinha de ser, mas fiquei com um buraco no meu.

Nesse dia, na árvore, mamã e eu espalhamos todas as nossas coisas de costura em volta das raízes — linhas, agulhas, almofadinha de alfinete, tesoura e uma latinha de cera de abelha que a gente usava para engordurar as agulhas. Uma agulha encerada praticamente deslizava pela roupa sozinha, e eu cheguei ao ponto de odiar costurar sem aquele cheiro. Eu coloquei o dedal de latão no dedo, terminando uma toalha de mesa para a alcova da patroa, bordando videiras de moscatel nas bordas. Mamã dizia que eu a tinha superado na costura — eu não precisava tracejar como ela, e meus ajustes ficavam perfeitos.

Dois anos antes, quando eu tinha feito quinze anos, a sinhá falou: “Vou tornar você aprendiz de costureira, Hetty. Você vai aprender tudo que conseguir e assumir algumas tarefas”. Eu vinha aprendendo com mamã desde que consegui segurar uma agulha, mas acho que isso se fez oficial e dividiu um pouco do fardo da mamã comigo.

Mamã deixou sua caixa de madeira ao lado, além de uma pilha de quadrados vermelhos e marrons, recém-cortados. Ela fuçou na caixa e tirou de lá um retalho de tecido preto. Observei ela cortar três figuras, apenas no olho. Sem hesitar, esse é o truque. Ela pregou as figuras no quadrado vermelho e começou a bordar. Sentava com as costas curvadas, as pernas esticadas na frente, as mãos se mexendo que nem música contra seu peito.

Quando a gente fez nossa árvore espiritual, eu costurei um saquinho pra cada uma com a lona velha da cama. Eu via o dela saindo pelo decote do vestido, inchado com pedacinhos da árvore. Estiquei a mão e bati no meu. Além dos amuletos da árvore, o meu carregava o botão de prata da srta. Sarah.

Eu perguntei: “Que tipo de colcha você tá fazendo?”.

“É uma colcha de histórias”, ela disse, e foi a primeira vez que ouvi falar disso. Ela disse que a mamã dela fez uma, e a mamã da mamã. Todos os parentes na África, o povo Fon guardava sua história numa colcha.

Larguei o bordado e estudei as figuras que ela costurava — um homem, uma mulher e uma menininha no meio. Elas davam as mãos. “Quem são?”.

“Quando eu terminar, te conto a história todinha, quadrado por quadrado.” Ela sorriu, mostrando a fenda enorme entre seus dentes.

Depois de costurar três pessoas, ela cortou à mão livre uma colcha em miniatura com quatro triângulos pretos e costurou aos pés da menina. Cortou pequenos grilhões e correntes pras pernas, depois, um monte de estrelas que costurou em volta. Algumas tinham rabo de luz, outras estavam no chão. Era a

história da noite que a mamã dela — minha vovozinha — foi vendida e as estrelas caíram.

Mamã trabalhou com pressa, querendo contar a história, mas quanto mais ela cortava e costurava, mais triste seu rosto ficava. Depois de um tempo, seus dedos foram mais devagar, e ela colocou o pano de lado. Ela disse: “Isso vai levá um tempo, acho”. Depois pegou a colcha pela metade com o aplique de flor. Era cor de leite e de rosa, com certeza pra vender. Trabalhou nela sem vontade. O sol escorria pelas folhas acima, e eu observei as sombras sobre ela.

Pra fofocar um pouco, contei: “A srta. Sarah conheceu um rapaz numa das festas e ela só fala nisso”.

“Eu conheci um também”, ela disse.

Olhei pra ela como se sua cabeça tivesse despencado do pescoço. Larguei a argola de bordado e deixei a toalha branca cair na terra. “Bom, quem é ele, onde é que você arrumou?”

“Na próxima ida ao mercado, levo ocê pra vê. Só vô falar que ele é um preto livre, e num tem igual.”

Não gostei do segredo. Fiquei brava. “E você vai casar com esse sr. Preto Livre Sem Igual?”.

“Não, num vô. Ele já é casado.”

Claro.

Mamã esperou meu despeito passar, depois disse: “Ele arrumô um dinheiro e comprô a liberdade. Ele foi uma fortuna, mas o sinhô dele tinha dívida de jogo, então ele só pagô quinhentos dólar por ele mesmo. E ele ainda tem dinheiro pra comprá uma casa na rua Bull, número 20. A casa custa setecentos dólar e fica três quarteirão da casa do governador”.

“Onde ele arrumou todo esse dinheiro?”.

“Ganhô na loteria.”

Gargalhei. “É *isso* que ele te contou? Então esse é o escravo mais sortudo que já existiu.”

“Faz dez anos, todo mundo sabe. Ele comprô um bilhete, e saiu o número dele. Acontece.”

A lotérica ficava descendo a rua do mercado, perto das docas. Já tinha passado por lá quando a mamã me levou pra me ensinar a fazer compras. Sempre tinha uma bagunça de gente comprando bilhete: capitães de navios, guardas, trabalhadores brancos, pretos livres, escravos, mulatos e crioulos. Sempre tinha dois ou três homens de gravata de seda e com carruagem à espera.

Perguntei: “Por que *você* não compra um bilhete?”.

“E perder uma moeda com isso?”

Nos últimos cinco anos, cada pouco de força que sobrava da costura pra sinhá ela empregava na sua coleção de dólares. Vinha se alugando desde que eu tinha onze anos, mas agora não era mais escondido, e eu agradeço ao bom Jesus por isso. O passe falsificado dela e todo aquele segredo que ela tinha feito há quase um ano colocaram cabelo branco na minha cabeça. Eu costumava arrancar e mostrar pra ela. Eu dizia: “O olha o que você tá fazendo comigo”. E ela respondia: “Tô aqui guardando dinheiro pra comprá nossa liberdade e ocê preocupada com cabelo”.

Quando eu fiz treze, a sinhá tinha, finalmente, permitido a mamã alugar o seu serviço. Não sei por quê. Talvez estivesse cansada de dizer não. Talvez quisesse o dinheiro — mamã colocava cem dólares por ano no bolso da mulher —, mas eu sei que mamã costurar pra sinhá uma colcha de retalhos grandes, pro Natal, não fez mal. Tinha um quadrado pra cada filho dela, feito com o resto de alguma coisa deles. Mamã disse: “Sei que não é muito, mas eu costurei uma colcha pra guardar a memória da sua família, pra senhora se embrulhar nele depois que eles forem embora depois da festa”. A sinhá tocou cada quadrado. “Nossa, este é do vestido que Mary usou pra debutar... Este é da mantinha de batismo do Charles... Meu Deus, este é da primeira camisa de equitação do Thomas.”

Mamã não perdeu tempo. Pediu pra sinhá na mesma hora pra alugar ela pra fora. Um mês depois, ela foi alugada do jeito certo pra costurar pruma mulher na rua Tradd. Mamã ficava com vinte centavos de cada dólar. O resto ia pra sinhá, mas eu sabia que mamã vendia às escondidas: touquinhas rufadas, protetor de colcha, edredom bordado, todo tipo de coisa que não precisava da medida das pessoas.

Ela me fazia contar o dinheiro sempre. Chegou a cento e noventa dólares. Eu odiava ter que dizer que a pilha podia bater no teto, que a sinhá não ia vender a gente, muito menos pra nós mesmas.

Pensando nisso tudo, disse: “A gente costura muito bem pra sinhá deixar a gente ir embora”.

“Bão, se ela não quiser, então nossa costura vai ficá bem ruim, bem rápido.”

“Por que você acha que ela não vai vender a gente pra outra pessoa por despeito?”

Mamã parou de trabalhar e a vontade de brigar pareceu deixar seu corpo. Parecia cansada. “É um risco que tem que correr, ou a gente acaba que nem o

Neve.”

Pobre Neve, tinha morrido numa noite do verão anterior. Caiu na latrina. A Tia-Irmã amarrou a boca dele pro espírito não sair, e ele ficou deitado numa mesa fria da cozinha por dois dias antes de ser colocado num caixão. O homem passou a vida toda carregando os Grimké pra lá e pra cá. Sabe-Tudo pegou o lugar dele como cocheiro e trouxeram um rapaz novo da plantação pra ser o lacaio. O nome dele era Bonzinho e tinha um olho vesgo que parecia olhar de lado. Ele me olhava tanto com aquele olho que mamã disse: “Cê tá no coração do menino”.

“Não quero tá no coração dele.”

“Que bom”, ela disse. “Não posso comprá a liberdade de ninguém, só a minha e a sua. Você arruma um marido, e aí como ele se vira?”.

Fiz um nó e mudei a argola de bordado pra cima, falando pra mim mesma que *não queria marido e não queria acabar que nem o Neve, esfriando na cozinha.*

“Quanto custa comprar nós duas?”, perguntei.

Mamã enfiou a agulha no tecido e disse: “Isso cê que vai descobrir”.

## Sarah

Nunca tinha tido vontade de manter um diário até conhecer Burke Williams. Pensei que se colocasse meus sentimentos no papel, teria mais controle sobre eles, talvez até contivesse o que o reverendo Frost chamava de “paroxismos da carnalidade”.

Ao que parece, mapear a paixão em um caderninho guardado escondido em uma caixa de chapéu dentro do armário não arrefece a tal paixão nem um pouco.

*20 de fevereiro de 1811*

*Imaginara o amor romântico como uma condição de doce utopia, não uma aflição. De pensar que, poucas semanas atrás, achei que minha mente faminta seria minha pior dificuldade. Agora meu coração tem seu próprio suplício. Sr. Williams, você me atormenta. É como se eu tivesse contraído febre tropical. Não sei dizer se desejo ser curada.*

Meu diário transbordava com esse tipo de explosão exagerada.

*3 de março*

*Sr. Williams, por que você não aparece? É injusto ter de esperar para que você faça alguma coisa. Por que eu, como mulher, devo ficar à sua disposição? Por que não posso enviar um convite a você? Quem criou essas regras injustas? Homens, claro. Deus criou a mulher para ser a serva. Bem, eu me sinto ofendida!*

9 de março

*Um mês se passou e vejo agora que o que ocorreu entre sr. Williams e minha ingênua pessoa no balcão foi uma farsa. Ele brincou comigo desavergonhadamente. Eu sabia desde aquela hora! Ele é um patifê bandeiro, e eu não quero vê-lo nem pintado de ouro.*

Quando não estava ocupada em ventilar meus sentimentos, ou me preocupar com Nininha ou escapar de mamãe tentando me atrair para as tarefas femininas desinteressantes, eu inspecionava convites deixados sobre a mesa à porta da frente. Quando Nina tirava o cochilo vespertino, eu mandava Encrenca empurrar a banheira de cobre para o meu quarto e encher com baldes de água fervente da lavanderia.

A banheira de cobre era uma maravilha moderna importada da França através da Virgínia e era o assunto de Charleston. Ficava sobre barulhentas rodinhas e viajava de quarto em quarto como um carrinho de sorveteiro. Você se *sentava* nela. Você não ficava de pé sobre uma bacia e se jogava água — não, você ficava bem imerso! Para terminar, um lado dela possuía uma passagem que podia ser aberta para liberar a água usada. Mamãe instruiu os escravos que rodassem a banheira até a sacada, perto do corrimão e despejassem a água do lado de fora. Cachoeiras caindo sobre o jardim alertavam os vizinhos de que os higiênicos Grimké andaram tomando banho outra vez.

Quando uma carta com caligrafia esfarrapada chegou à nossa casa pouco antes do meio-dia, nos idos de março, eu a peguei antes de mamãe.

15 de março

*Burke Williams cumprimenta Sarah Grimké, requisitando o prazer de sua companhia na noite de amanhã. Se ele puder servi-lhe de algum modo nesse interim, ficaria honrado.*

*P.S. Por favor, perdoe o papel emprestado.*

Fiquei parada por um bom tempo, depois coloquei a carta de volta à pilha, pensando *por que alguém se importaria com papel emprestado*, e então a estupefação passou. Pega numa onda repentina de elevação da alma, subi as escadas até meu quarto, onde dancei como um passarinho bêbado. Esqueci que Encrenca e Nina estavam lá. Elas tinham espalhado o conjunto de chá de boneca no chão abaixo da janela, e quando virei, vi as duas me encarando, segurando as pequenas xícaras de chá de mentirinha no ar.

“Você deve ter tido notícias daquele garoto”, disse Encrenca. Ela era a única que sabia da existência dele.

“Que garoto?”, perguntou Nina, e fui obrigada a lhe contar tudo sobre o sr. Williams. A essa altura, mamãe estaria enviando o aceite enquanto cantava “glória, glória, aleluia”. Ficaria tão em júbilo com suas aleluias que não lhe ocorreria conferir suas credenciais.

“Você vai se casar como Thomas?”, perguntou Nina. O casamento dele estava a dois meses e meio de acontecer e era um ponto de referência para tudo.

“Sim, acho que sim”, disse a ela, e a ideia parecia completamente plausível. Eu não seria uma flor esquecida dentro de um livro, afinal.

Esperávamos o sr. Williams para as oito da noite, mas dez minutos depois do combinado, ele ainda não havia chegado. O pescoço de mamãe estava manchado com o vermelho do insulto, e papai, que tinha se juntado a mamãe e eu na sala de visitas, estava com o relógio na mão. Os três estávamos sentados, como se esperando uma procissão funerária passar. Temia que ele não aparecesse, e, caso o fizesse, que nossa visita terminasse mais cedo que o necessário. Pelo costume, o toque de recolher dos escravos — nove no inverno e dez no verão — espantava os cavalheiros visitantes das salas de visitas. Quando a guarda batia o tambor para tirar os escravos das ruas, os pretendentes aproveitavam a deixa para se despedir.

Ele bateu de leve à porta quinze minutos depois do combinado. Quando Tomfry o acompanhou até a sala, ergui o leque — um elegante conjunto de penas de galinha — e meus pais se levantaram com civilidade fria e lhe ofereceram a cadeira Duncan Phyfe que flanqueava o lado direito da lareira. Eu tinha sido relegada à cadeira do lado esquerdo, o que significava que ficaríamos separados pelo fogo, nos obrigando a esticar o pescoço para o vislumbre um do outro. Uma pena — ele estava mais bonito do que me lembrava. O rosto bronzeado e o cabelo mais comprido, cacheando atrás das orelhas. Detectando o cheiro de sabão de limão vindo da direção dele, me agitei por dentro involuntariamente — um completo paroxismo da carnalidade.

Depois das desculpas e trivialidades, papai foi ao ponto. “Conte-nos, sr. Williams, o que é que seu pai faz?”

“Senhor, meu pai é dono de uma loja de prata na rua Queen. Foi fundada pelo meu bisavô e é a maior do Sul.”

Ele falou com orgulho irrestrito, mas o silêncio duro que tinha precedido

sua chegada surgiu outra vez. Uma Grimké casaria com um filho de fazendeiro, que estudaria Direito, Medicina, Religião ou Arquitetura para se ocupar até que se tornasse herdeiro.

“Uma loja?”, perguntou mamãe, tomando tempo para absorver o choque.

“Correto, senhora.”

Ela virou-se para papai. “Um prateiro, John.”

Papai assentiu e eu li seu pensamento: *Comerciante*, que subiu acima de sua testa como uma condensação negra.

“Frequentamos muito sua loja”, eu disse, sorrindo, como se uma dessas ocasiões tivesse sido o auge de minha vida.

Mamãe me ajudou. “De fato, frequentamos. É uma loja adorável, John.”

Sr. Williams foi para a frente na cadeira e se dirigiu a papai: “Senhor, o desejo de meu avô era prover nossa cidade com um prateiro que fizesse jus àquele que seu próprio avô, John Paul Grimké, estabeleceu. Acredito que ficava na esquina da Queen com a Meeting, não? Meu avô o considerava o melhor prateiro do país, maior que o sr. Revere.”

Ah, a sagacidade deste homem! Girei totalmente o corpo na cadeira para vê-lo melhor. Sob o disfarce do elogio, deixou claro que ele não era o único da sala descendente da classe comerciante. A diferença, claro, era que John Paul Grimké tinha direcionado o sucesso da loja para negócios com algodão e posse de terra nas planícies costeiras. Tinha sido ambicioso e prudente, e abriu seu caminho até a aristocracia de Charleston. Mesmo assim, sr. Williams tinha acertado o golpe.

Papai o examinou com segurança e disse apenas uma palavra: “Entendo”.

Acho que ele entendia mesmo. Naquele momento, entendia tudo sobre o sr. Williams.

Tomfry serviu chá verde e biscoito, e a conversa voltou a frivolidades, um interlúdio interrompido pelos tambores. Sr. Williams ficou de pé, e eu me senti subitamente desanimada. Para minha surpresa, mamãe o incentivou a nos visitar outra vez, e eu vi as profundas sobranceiras de papai se erguerem.

“Posso acompanhá-lo até a porta?”, perguntei.

“Claro, querida, mas Tomfry vai acompanhá-los.”

Seguimos Tomfry pela sala, mas depois de passada a porta, sr. Williams parou e colocou a mão sobre meu braço. “Você está encantadora”, ele cochichou, trazendo o rosto para perto do meu. “Aliviaria minha tristeza de partir se me presentearse com um cacho de seu cabelo.”

“Meu cabelo?”

“Como um símbolo de sua afeição.”

Levantei as penas de galinha para cobrir o calor de meu rosto.

Ele pressionou um lenço branco em minha mão. “Dobre o cacho aqui dentro, depois o jogue sobre a cerca da rua George. Estarei lá, esperando.” Com essa instrução excitante, ele sorriu, *que* sorriso, e caminhou na direção da porta, onde Tomfry aguardava, desconfortável.

Voltando à sala para encarar a avaliação de meus pais, parei do lado de fora, notando que conversavam sobre mim.

“John, vamos ser lógicos. Ele pode ser a única chance dela.”

“Você acha que o prospecto de casamento da nossa filha é tão ruim que ela não conseguirá *coisa* melhor?”

“A família dele não é pobre. Eles são razoavelmente bem de vida.”

“Mas, Mary, é uma família de comerciantes.”

“O homem é um pretendente, e ele é provavelmente o melhor que ela conseguirá.”

Corri para o meu quarto, humilhada, mas preocupada demais com minha missão clandestina para ficar injuriada. Tendo acendido os lampiões e feito a cama, Encrenca estava curvada sobre minha mesa, franzindo o cenho e se esforçando para ler o poema “Leônidas”, uma ode a homens e guerras quase ilegível. Como sempre, trazia um saquinho em torno do pescoço com casca de árvore, folhas, sementes e outras coisas colhidas do carvalho no pátio.

“Rápido”, soltei. “Pegue a tesoura da minha penteadeira e corte um cacho de meu cabelo.”

Ela me olhou pelos olhos semicerrados sem mover um músculo. “Por que você quer fazer isso?”

“Faça!” Eu estava em uma crise de impaciência, mas vendo que meu tom a zangara, expliquei o motivo.

Ela cortou uma espiral do tamanho do meu dedo e me observou guardando-a no lenço. Me seguiu escada abaixo até o jardim ornamental, onde eu o vi através da cerca de paliçada, uma figura nas sombras, se apoiando no muro de tijolo de estuque da casa dos Dupré do outro lado da rua.

“É ele?”, perguntou Encrenca.

Eu fiz “xiu”, temendo que ele ouvisse, e depois joguei o pacotinho amoroso por sobre a cerca. Pousou sobre o concheado que cobria a rua.

No dia seguinte, papai anunciou que nós iríamos partir imediatamente para

Belmont. Por conta das núpcias vindouras de Thomas, tinha sido previamente decidido que papai viajaria para a fazenda no interior sozinho nessa primavera e agora, de repente, a família toda tinha sido transformada em uma massa frenética em êxodo. Ele pensou que ninguém saberia que tinha tudo a ver com o impróprio filho de prateiro?

Escrevi uma carta apressada, que deixei para Tomfry postar.

17 de março

*Querido sr. Williams,*

*Sinto informar que minha família vai deixar Charleston pela manhã. Não retornarei até o meio de maio. Partir tão improvisadamente me impede de me despedir em pessoa, o que muito me entristece. Espero que possa receber você outra vez em nossa casa em East Bay assim que retornar à civilização. Acredito que encontrou seu lenço e seu conteúdo, e os mantém por perto.*

*Com cumprimentos afetuosos,*

*Sarah Grimké*

As sete semanas de separação foram uma agonia cruel. Ocupei-me com o estabelecimento de uma enfermaria para escravos na fazenda, instalando-a num canto da casa de tecelagem. Anos antes, já havia feito um pequeno posto de atendimento, mas estava abandonado. Peggy, a escrava tecelã, guardava sua lâ cardada no antigo leito. Nina me ajudou a limpar o lugar e reunir uma farmácia com remédios, unguentos e ervas que consegui pedindo pra alguém ou fazendo eu mesma na cozinha. Não demorou muito para os doentes e aflitos aparecerem, tantos que o feitor reclamou para meu pai que minha iniciativa medicinal interferia na produção. Esperei que meu pai fechasse nossas portas, mas ele me deixou em paz, não sem me instruir nas inúmeras maneiras que os escravos poderiam abusar dos meus esforços.

Foi mãe quem quase acabou com minha operação. Ao descobrir que eu tinha passado a noite na enfermaria para cuidar de uma garota de quinze anos com febre pós-parto, ela fechou a enfermaria por dois dias, mas logo cedeu. “Seu comportamento é lamentavelmente intemperado”, ela disse, e depois, chegando perto demais da verdade, acrescentou: “Suspeito que não se trata de compaixão, mas de necessidade de distrair sua mente da lembrança do sr. Williams”.

Minhas tardes eram desperdiçadas com costura e chás ou pintura de paisagens com Mary, enquanto Nina brincava aos meus pés, tudo no salão

abafado e mal iluminado, cujas cortinas de veludo tinham a cor do vinho do porto de papai. Minha trégua vinha de cavalgar sozinha com o garanhão negro e espirituoso chamado Hiram. Tinha sido presenteada com o cavalo quando tinha catorze anos e, como ele não caía na categoria de escravo, dono de escravo, ou belo admirador, eu podia amá-lo sem complicações. Sempre que eu conseguia escapar do salão, Hiram e eu galopávamos a velocidades esplêndidas em uma paisagem que extravasava a mesma selvageria indomável que eu sentia por dentro. Os céus eram de um azul brilhante, abundante de ventos ferozes, cuspidos patos das nuvens. Por todas as estradas, as cercas estavam iluminadas com jasmim amarelo, que exalava uma fumaça doce e sufocante de almíscar. Eu cavalgava com a mesma sensualidade embriagada com que deitara na banheira de cobre, cavalgando até que a luz se embaçasse, retornando ao cair da noite.

Mamãe permitiu que eu escrevesse ao sr. Williams apenas uma vez. Mais que isso, ela insistia, era *lamentavelmente intemperado*. Não recebi nenhuma resposta. Mary não teve notícias de seu pretendente também, e afirmava que a entrega de correspondência era terrível, por isso, eu não precisava me angustiar, mas, sozinha e diariamente, eu pensava se sr. W. e seu sorriso estariam lá quando eu retornasse. Coloquei minha esperança nas propriedades cativantes de meu cacho vermelho. Não era tão diferente do que Encrenca colocando sua fé em cascas de árvores e sementes que usava no pescoço, mas eu não admitiria.

Pensei pouco em Encrenca durante minha prisão em Belmont, mas um dia antes da partida, a escrava de quinze anos de quem eu tinha cuidado apareceu, curada da febre, mas agora com bolhas no pescoço. Ao vê-la, entendi, de repente, que não eram apenas os quilômetros que separavam Encrenca de mim. Não era nada dessas coisas que dizia a mim mesma, não era meu cuidado com Nina, nem as tarefas de Encrenca, ou o avanço natural da idade. Era um abismo crescente, que estivera lá bem antes que eu partisse.

## Encrenca

Mais tarde, depois de os Grimké partirem para a fazenda e os poucos escravos que ficaram terem ido pros quartos, mamã me mandou para a biblioteca do mestre Grimké para descobrir por quanto a gente seria vendida. Ela ficou de guarda pra ver se o Tomfry não aparecia. Eu disse pra ela, não se preocupe com o Tomfry, você precisa ficar de olho é na Lucy, a dona Vem Aqui Olhar Os Escritos Embaixo da Árvore.

Um homem tinha vindo no inverno passado e escrito tudo que o sr. Grimké possuía e quanto valia. Mamã estava lá quando ele escreveu a mesa de costura laqueada, o tear e todas as coisas de costura dela em um caderno de capa de couro marrom que ele fechava com uma corda. Ela disse: “Se a gente tá naquele livro, então tem nosso preço lá. Aquele livro deve tá em algum lugar da biblioteca”.

A ideia pareceu razoável até eu entrar e fechar a porta, depois, pareceu coisa de maluco. O sr. Grimké tinha livros de tudo quanto é jeito e metade deles tinha capa marrom. Abri gavetas e fucei nas prateleiras até achar um com uma corda. Sentei à escrivadinha e abri.

Depois de eu ter sido pega pelo crime de ler, a srta. Sarah parou de me ensinar, mas ela deixava os livros de poema por aí — ela só podia ler esses agora — e dizia: “Um poema é rápido de ler. Só feche a porta, e se houver alguma palavra que você não entenda, aponte que eu cochicho pra você”. Eu aprendi uma legião de palavras desse jeito, *legião* é uma delas. Algumas palavras que eu aprendia não dava pra usar em conversa: *ó, jovial, formosa, néctar de Júpiter*.

*Mas eu as guardava mesmo assim.*

As palavras dentro do caderno de couro não cabiam em poemas. A letra do homem parecia um garrancho. Eu tinha que decifrar todas as palavras, uma a uma, e apanhar o som do mesmo jeito que a gente abria os caranguejos-azuis e tirava a carne lá de dentro até os dedos sangrarem. As palavras vinham em pedacinhos para mim.

*Cidade de Charleston, para qu... Assinamos abaixo... Para  
nosso melhor julgamento... o inventário pessoal... Bens e escravos...*

*2 mesas de carteadado de mogno. 20,50.*

*Imagem de General Washington. 30.*

*2 tapetes e capa de Bruxelas. 180.*

*Espineta. 29.*

Ouvi passos no corredor. Mamã disse que ela cantaria se eu precisasse me esconder, mas não ouvi nada e voltei a passar o dedo pela lista. Tinha trinta e seis páginas. Isso de seda, aquilo de marfim. Ouro isso, prata aquilo. Mas nada de Hetty e de Charlotte Grimké.

Então eu virei a página e lá estavam nós, os escravos, logo depois do cocho de água, do carrinho de mão, do martelo e do celamim de milho.

*Tomfry, 51 anos. Mordomo, Criado. . . 600.*

*Tia-Irmã, 48 anos. Cozinheira. . . 450.*

*Charlotte, 36 anos. Costureira. . . 550.*

Li duas vezes — Charlotte, minha mamã, a idade dela, o que ela fazia, e quanto valia — e eu senti um orgulho de menina confusa, orgulho que mamã valesse tanto, mais que Tia-Irmã.

*Binah, 41 anos. Criada do Berçário. . . 425.*

*Cindie, 45 anos. Dama de Companhia. . . 400.*

*Sabe-Tudo, 29 anos. Cocheiro, Criado da Casa. . . 600.*

*Eli, 50 anos. Criado da Casa. . . 550.*

*Mariah, 34 anos. Lavadeira, Passadeira, Engomadeira. . . 400.*

*Lucy, 20 anos. Dama de Companhia. . . 400.*

*Hetty, 16 anos. Dama de Companhia. Costureira. . . 500.*

Fiquei sem fôlego. *Quinhentos dólares!* Passei o dedo pelo número, pela

borra da tinta. Fiquei maravilhada de como tinham deixado meu nome sem o *aprendiz*, como aparecia claramente costureira, como eu valia mais que qualquer escrava, exceto a mamã. *Quinhentos dólares*. Eu era boa de número e juntei mamã e eu. A gente valia mil e cinquenta. Eu estava cega como um cavalo e sorri como se isso fizesse da gente alguém e continuei lendo, pra ver quanto o resto valia.

*Phoebe, 17 anos. Criada de Cozinha. . . 400.*

*Prince, 26 anos. Criado de Pátio. . . 500.*

*Bonzinho, 21 anos. Lacaio, Limpador de Esterco, Criado de Pátio. . . 500.*

*Rosetta, 73 anos. Inútil. . . 1.*

Guardei o livro e saí pra contar pra mamã o que tinha descoberto. Mil e cinquenta dólares. Ela afundou no último degrau e se segurou no corrimão. Ela disse: “Como é que eu vô arranjá todo esse dinheiro?”.

Levaria dez anos pra conseguir tudo isso. “Não sei”, disse. “Algumas coisas não dá pra fazer, só isso.”

Ela ficou de pé e foi para o porão, falando de costas para mim. “Não venha me falá *não dá pra fazê*. Isso é conversa de branco, isso é o que é.”

Eu me arrastei escada acima e fui direto pra alcova. Do lado da árvore, lá atrás, era meu cantinho preferido, onde eu podia ver a água. Com a casa vazia, eu era a única lá em cima, e fiquei na janela até a luz esvaziar do céu e a água ficar preta. *Pela água, pelo mar. Deixe os peixes me levar*. Eu ainda lembrava as canções que eu costumava cantar quando fui dada pra srta. Sarah, mas não achava mais que a água podia me levar pra lugar algum.

Disse entre os dentes: *Quinhentos dólares*.

Bens e escravos. As palavras do caderno de couro apareceram na minha cabeça. A gente era como o espelho de moldura dourada e a sela do cavalo. Não pessoas de verdade. Não acreditava nisso, nunca acreditei um dia de minha vida, mas se você escuta os brancos por muito tempo, uma parte triste e derrotada de você começa a acreditar. Todo o orgulho por causa de nosso valor me deixou. Pela primeira vez, senti dor e vergonha por ser quem eu sou.

Depois de um tempo, desci pro porão. Quando mamã viu meus olhos vermelhos, ela disse: “Ninguém pode escrevê num livro quanto ocê vale”.

## Sarah

Nossa caravana de duas carruagens, duas vagonetas e dezessete pessoas retornou a Charleston em maio, no alto da primavera. As chuvas tinham lavado a cidade, que ficou perfumada com a florada do mirtilo, da alfena e pau-de-sebo. A trepadeira tinha se tornado uma massa sobre os portões e o céu estava claro, coberto por algumas nuvens finas e onduladas. Eu estava exultante por estar de volta.

Ao passarmos pelo portão dos fundos e adentrarmos o pátio vazio, Tomfry saiu correndo da cozinha em um trote de velho, falando: “Sinhô, voltou cedo”. Ele tinha um guardanapo enfiado no colarinho e parecia ansioso, como se o tivéssemos flagrado em pleno ato procrastinador de comer.

“Apenas um dia”, disse papai, descendo da carruagem. “Avisar aos outros que chegamos.” Me enfiei entre todos, deixando até Nina para trás, e invadi a casa até a mesa onde peguei os convites. E lá estava — o papel emprestado.

*3 de maio*

*Burke William requisita a companhia de Sarah Grimké em um passeio (acompanhado) a cavalo até a ilha Sullivan, assim que ela retornar a Charleston.*

*Sinceramente seu.*

Suspirei profundamente e subi a escada.

Lembro claramente de parar no patamar do segundo andar e olhar curiosamente para a porta de meu quarto. Era a única fechada, enquanto as

outras estavam abertas. Andei na direção dela, incerta, com uma vaga sensação de mau presságio. Parei com a mão na maçaneta por um segundo e aguicei os ouvidos. Não ouvi nada e virei a maçaneta. Estava trancada.

Fiz uma segunda tentativa determinada, e depois uma terceira e uma quarta, e foi quando ouvi a voz cautelosa lá dentro.

“É você, mamã?”

*Encrenca?* A ideia de ela no meu quarto com a porta trancada era tão incongruente que não fui capaz de responder de imediato.

Ela respondeu: “Tô indo”. A voz dela soava exasperada, relutante, sem fôlego. Houve um som de água, uma chave sendo enfiada na fechadura. *Clique. Clique.*

Ela parou na entrada, pingando, nua, exceto por uma toalha de linho amarrada na cintura. Seus seios eram como duas ameixas pequenas e roxas saindo do peito. Não pude deixar de fitar sua pele molhada e negra, o poder compacto de seu tronco. Ela tinha soltado as tranças e seu cabelo era uma coroa selvagem em volta da cabeça, brilhando com as gotas de água.

Ela deu um passo atrás, boquiaberta. Atrás dela, a maravilhosa banheira de cobre no meio do quarto, cheia de água. Vapor subia da superfície, umedecendo o ar. A audácia do que tinha feito me deixou sem fôlego. Se mamã descobrisse, as consequências seriam rápidas e rasteiras.

Rapidamente, entrei e fechei a porta, mesmo naquele momento um instinto de proteção. Ela não fez menção de se cobrir. Vi o desafio em seus olhos, o modo como ela forçava o queixo para dizer, *Sim, sou eu, tomando banho em sua preciosa banheira.*

O silêncio foi horrível. Se ela pensou que minha reserva era de raiva, tinha razão. Eu queria sacudi-la. Sua petulância parecia mais do que um divertimento na banheira, parecia um ato de rebelião, de usurpação. O que a tinha possuído? Ela tinha violado não apenas a privacidade de meu quarto e a intimidade de nossa banheira, mas tinha quebrado a minha confiança.

Não entendi como a voz de minha mãe discursava dentro de mim.

Encrenca começou a falar, e eu temi o que ela iria dizer, que poderia ser algo com ódio e senso de justiça, no entanto, temia igualmente uma expressão de vergonha e desculpas. Impedi. “Por favor. Não diga nada. Faça ao menos isso por mim: não diga nada.”

Virei as costas enquanto ela se secava e se vestia. Quando olhei de novo, ela amarrava um lenço no cabelo. Era verde-claro, a mesma cor das áreas descoloridas do cobre. Ela se curvou para secar as poças no chão, e eu vi o lenço

escurecendo com a umidade.

Ela disse: “Você quer que eu despeje a água agora ou espere?”.

“Vamos fazer agora. Não podemos arriscar mamãe entrar e descobrir.”

Com dificuldade, ajudei-a a empurrar a banheira transbordante pela porta que dava na sacada, perto do corrimão, rezando para que a família já estivesse dentro e não ouvisse o jorro. Encrenca abriu a tampa e a água desceu como uma bica comprida e prateada. Eu parecia sentir em minha boca o sabor dos minerais.

“Sei que está brava, Sarah, mas eu não vi mal algum em usar a banheira, igual você.”

Não *senhorita*, apenas Sarah. Eu nunca mais a ouviria colocando o senhorita à frente de meu nome.

Ela tinha o olhar de alguém que havia se autoproclamado, e, ao vê-lo, minha indignação colapsou, e o banho rebelde se transformou completamente. Ela tinha imergido em privilégios proibidos, sim, mas com a crença de que merecia. O que ela tinha feito não tinha sido revolta, mas batismo.

Eu vi então o que não tinha visto antes, que eu era muito boa em detestar a escravidão no abstrato, nas massas anônimas e distantes, mas no concreto, na carne íntima da garota a meu lado, eu perdera a habilidade de sentir repulsa. Tinha me acostumado às particularidades do mal. Há uma mudez assustadora que habita o centro de todas as coisas indizíveis, e eu encontrei o caminho até ela.

Quando Encrenca empurrava a banheira através da sacada, eu tentei falar: “... Espere... Eu vou... ajudar”.

Ela se virou e me olhou, e ambas sabíamos. Minha língua mais uma vez tentava o suicídio.

## Encrenca

Sinhá mandou mamã e eu pro mercado pra comprar algodão dos bons pra fazer um vestido pra Nina. Ela estava perdendo todas as suas roupas bem depressa. A patroa disse para pegar alguma coisa cor “paste!” pra essa época do ano e um algodão cru pro Tomfry e os outros poderem ter coletes novos.

O mercado era uma fileira de barracas que ia da East Bay até a Meeting e tinha de tudo. A sinhá dizia que era uma feira vulgar, essas eram suas palavras. Os urubus-de-cabeça-vermelha rodeavam as barracas de carne como se fossem compradores. Tinham que deixar um homem ali com um galho de palmeira pra espantar. Claro que eles voam pros telhados e esperavam ele sair, depois voltavam. Os cheiros ali eram de desmaiar. Rabo e coração de boi, carne de porco crua, galinhas vivas, ostras abertas, caranguejos-azuis, peixes e mais peixes. Os bolos de nozes não tinham chance. Eu costumava andar por ali com o nariz tapado até mamã arranjar umas folhas de eucalipto pra esfregar em cima do meu lábio.

Os vendedores escravos, que chamavam de regateadores, gritavam expondo suas mercadorias, cada um querendo berrar mais alto que o outro. Os homens gritavam “jimmies” (como a gente chamava os caranguejos machos) e as mulheres respondiam “sooks” (as fêmeas). “Jimmieeee . . . Sooooook” “Jimmieeee . . . Sooooook” Você precisa de alguma coisa pro nariz e pros ouvidos.

Era setembro, e eu ainda não tinha visto o homem de que mamã tinha falado, o sortudo preto livre que tinha ganhado dinheiro pra comprar sua

liberdade. Ele tinha uma carpintaria nos fundos de sua casa, e eu sabia que sempre que ela ia se alugar ou ao mercado sem mim, ela se encontrava com ele. Uma, duas vezes por semana, voltava pra casa com cheiro de rebarba de madeira, e as costas do vestido toda cheia de pó de serragem.

Aquele dia, quando a gente chegou na barraca de armarinhos, eu comecei a dizer que ele era inventado. “Tá certo então”, mamã disse. Ela pegou o primeiro tecido pastel que viu e um algodão marrom feio e saímos com nossas cestas cheias. Um quarteirão pra baixo, estavam vendendo escravos bem no meio da rua, então a gente cruzou para o outro lado, na direção da King. Eu passei a mão pelo meu passe no bolso três vezes e conferi se mamã ainda tinha o seu preso no vestido. Na rua, eu sempre tinha a sensação de que alguma coisa ruim estava pra acontecer, alguma maldade nos rondando. Na rua Coming, vimos um guarda, que não devia ter mais que a minha idade, parar um velho que ficou tão nervoso que deixou cair seu passe de viagem. O guarda pisou no passe, se divertindo.

Andamos com pressa, ultrapassando as carruagens. Mamã não usava mais sua bengala, só em ocasiões especiais. Quando ela precisava de uma folga. Ela dizia pra sinhá: “Parece que a cura que rezei pras minhas pernas num deu certo. Só preciso descansá e rezá uns dias”. E lá vinha a bengala.

O preto livre da mamã morava na Bull, número 20. Era uma casa térrea de ripa branca, persiana preta com tinta descascando e arbustos mal cuidados em volta da varanda. Ela tirou o pó de concha da rua que grudara na barra do vestido e disse: “Se eu ficar aqui, ele me vê e sai”.

“Então a gente tem que ficar aqui parada até ele olhar pela janela?”

“Você quer que eu vou lá batê na porta? Se a muié dele vim, quer que eu fale, avisa seu marido que a namorada dele tá aqui?”

“Por que você tá mexendo com alguém casado?”

“Não é casado de verdade, ela é a mulher livre dele. Ele tem mais duas. Todas mulata.”

Quando ela disse *mulata*, ele saiu da casa e ficou parado na varanda, olhando a gente. Parecia um touro. Eu quase disse que ele vivia na rua certa, na Bull. Era truncado e sólido com peito largo e testa grande.

Quando ele veio, mamã disse: “Essa é a minha menina, Encrenca”.

Ele assentiu. Dava pra ver que ele era durão e orgulhoso. Ele disse: “Dinamarca Vesey”.

Mamã foi pro lado dele e me explicou: “Dinamarca é um país do lado da França, e um dos bão mesmo”. Ela sorriu pra ele de um jeito que eu tive que

olhar pro outro lado.

Ele passou a mão pelo braço dela, e eu fui descendo pela rua. Se queriam ir em frente, tudo certo, mas eu não precisava ficar ali parada olhando.

No ano seguinte, a gente fez mais visitas pro número 20 da rua Bull do que me interessaria contar. Os dois pombinhos iam pra oficina dele e eu esperava do lado de fora. Depois que terminavam, ele saía e conversava. E ele conversava, Jesus, como conversava. Dinamarca... o homem, nunca tinha ido pra Dinamarca, o país, somente pras ilhas dinamarquesas. Mas ele contava que ia pra toda parte. Ele tinha viajado o mundo com seu dono, o capitão Vesey, que comandava um navio negreiro. Ele falava francês, dinamarquês, crioulo, gullah e inglês do Rei. Eu ouvia ele falando todas essas línguas. Ele vinha da Terra de Barbados e gostava de falar que Charleston não confiava em escravos de lá, porque eles podiam cortar sua garganta. Dizia que Charleston queria pretos direto da água salgada, vindos da África, que sabiam plantar arroz.

A coisa mais assustadora que ele me contou foi que seu vizinho — um preto livre chamado sr. Robert Smyth — possuía três escravos. E o que se pode fazer com uma história dessa? Sr. Vesey teve que me levar até a casa do homem pra eu conhecer os escravos, só assim acreditei. Não sabia se o sr. Smyth estava imitando gente branca ou se isso só mostrava que todo mundo tem alguma coisa ruim dentro de si.

Dinamarca Vesey lia a Bíblia de cabo a rabo. Dá cinco minutos pra ele e ele te conta toda a história de Moisés libertando os escravos do Egito. Ele abria o mar, sapos caíam do céu, os bebês eram esfaqueados. Ele falou tantas vezes um versículo de Josué, tantas vezes, que até hoje eu lembro. “*Consagraram ao extermínio tudo o que havia na cidade: homens e mulheres, jovens e velhos, vacas, ovelhas e burros.*” O homem era inteligente da cabeça e sem juízo. Ele me assustava até.

Nós dois tivemos um desentendimento no dia que a gente se conheceu. Como eu disse, saí de perto dos dois pra mostrar que eu não queria ver as necessidades deles. A rua estava cheia, todo mundo, desde preto livres até o prefeito e o governador moravam naquela rua, e quando uma mulher branca veio pelo meu caminho, eu fiz o normal: dei um passo pro lado pra ela passar. Era a lei, tem que deixar espaço na rua, mas aí veio o Dinamarca Vesey bufando, e mamã em pânico atrás dele. Ele me puxou pelo braço e gritou: “É esse tipo de pessoa que quer ser? O tipo que dá lugar? O tipo que rasteja na rua?”.

Eu queria dizer, *tira sua mão de mim, cê num sabe nada de mim, eu tomo banho em banheira de cobre e você tá aí fedendo.* O ar em volta da minha

cabeça ficou pesado e minha garganta apertou. Pisquei e lágrimas caíram, mas dei conta de falar: “Me solta”.

Atrás dele, mamã disse, um pouco doce demais pro meu gosto: “Tira a mão dela”.

Ele soltou. “Nunca quero ver você fazendo isso de novo”. Aí ele sorriu. E mamã, ela sorriu também.

Voltamos pra casa sem trocar uma palavra.

Na casa dos Grimké, a porta da biblioteca estava aberta, e o lugar, vazio. Então, entrei e girei o globo. Fez um rangido. Como unha na lousa. Binah disse que esse barulho é da unha do pé do diabo. Olhei todos os países do mundo, em volta da Terra toda. Dinamarca não ficava do lado da França, mas do lado da Prússia, e olhando pra ela, entendi por que mamã escolheu ele. Ele tinha ido a lugares, e ia a lugares, e a deixava animada com a ideia de que ela iria a lugares também.

## Sarah

Nina apareceu com a ideia de que minha enfermidade na fala poderia ser curada amassando minha língua, como se fosse uma massa de pão. A menina era inovadora, no mínimo. Ela escutou minhas sentenças torturantes ao longo de todo o verão e outono adentro e passou a acreditar que a intratável protuberância em minha boca poderia ser moldada de um jeito que fizesse as palavras inchar e crescer sem esforço, como fermento. Ela tinha seis anos e meio.

Quando Nina era seduzida por um problema, ela não desistia até improvisar uma solução e agir, e essas soluções poderiam ser extravagantes, mas também formidavelmente criativas. Sem querer impedir essa fascinante tendência, coloquei a língua para fora e permiti que a pegasse com, o que eu esperava que fosse, uma toalha limpa.

Esse experimento estava sendo levado a cabo na sacada do segundo andar — eu, sentada no balanço, pescoço esticado, boca aberta, olhos arregalados — a imagem de um filhote de passarinho voraz esperando pela minhoca, embora, para qualquer observador, pareceria que a minhoca estava sendo extraída em vez de depositada.

Um sol de outono estava pendurado no céu sobre o porto, se espalhando como gema pelas nuvens. Do canto de meu olho lacrimejante, eu via o brilho dele angulando na direção da ilha Sullivan. Sr. Williams e eu galopamos pela costa da ilha, o que acabou sendo um encontro desanimado. Temerosa que minha gagueira recém-reaparecida fizesse com que ele abandonasse a corte, mal abri a boca. Mesmo assim, ele continuou a me convidar — cinco ocasiões desde meu

retorno de Belmont em junho. Eu temia que cada um pudesse ser o último. A fronteira de sentimentos entre Nina e eu era permeável, e acredito que meu medo tornara-se o de Nina. Ela parecia extraordinariamente determinada a me curar.

Agarrando minha língua, ela apertava e puxava. Em consequência, ela se remexia como o tentáculo de um polvo.

Ela suspirou. “Sua língua está implacável.”

*Implacável!* Onde a pequena gênia aprendia essas palavras? Eu a ensinava a ler, como tinha feito com Encrenca, mas tenho certeza de que nunca introduzi a palavra *implacável*.

“E você está prendendo a respiração. Solte. Tente ficar à vontade.”

Ela era muito mandona também. Já possuía mais autoridade e segurança do que eu. “... Eu vou tentar”, disse, embora o que tivesse de fato acontecido fosse um não tentar acidental. Fechei os olhos e respirei, e, em minha mente, vi a água brilhante do porto e depois a imagem da água do banho de Encrenca escorrendo pelo canto da sacada como uma fita caindo, e senti minha língua destravar e se tranquilizar sob os dedos de Nina.

Não sei por quanto tempo ela persistiu com seus esforços. Eu me perdi nas águas. Por fim, disse: “Repita: três tigres tristes”.

“Três tigres tristes”, eu disse, sem traço de gagueira.

Esse estranho interlúdio na sacada não me trouxe a cura, mas a coisa mais perto de uma que jamais encontraria, e não tinha nada a ver com o bizarro amassamento de língua de Nina. De certa forma, estava relacionado a respirar e repousar e a visão da água.

E assim seria dali em diante — sempre que minhas restrições surgissem, eu fecharia os olhos e respiraria e olharia para a água do banho de Encrenca. Veria escorrendo e escorrendo e, ao abrir os olhos, quase sempre falaria com desenvoltura, às vezes por horas.

Em novembro, meu aniversário de dezenove anos veio e foi embora sem alarde, exceto a lembrança de mamãe durante o café da manhã que eu estava na melhor idade para o casamento. Havia medições semanais de roupas para o inverno, providenciando praticamente o único contato com Encrenca. Ela passava os dias costurando no quarto de Charlotte no porão ou embaixo do carvalho quando o tempo estava bom. O banho proibido todos aqueles meses antes ainda pairava pesadamente entre nós, embora Encrenca não parecesse

nem um pouco envergonhada de minha descoberta. Bem o oposto, ela parecia alguém que tinha alcançado outro patamar. Durante as medições, cantava ao me alfinetar em vestidos semiprontos. De pé no tablado de medidas, virando lentas rotações, eu imaginava se a cantoria servia para evitar a conversa. O que quer que a motivasse, me deixava aliviada.

Então, um dia em janeiro, notei meu pai e meus irmãos mais velhos reunidos na biblioteca com a porta entreaberta. A primeira geada do inverno veio durante a noite e congelou a cidade, e Tomfry tinha acendido as lareiras. De onde eu estava, no corredor, via papai esfregando as mãos diante das chamas, enquanto Thomas, John e Frederick gesticulavam e rodopiavam como mariposas na luz em volta dos ombros dele. Frederick, que tinha voltado havia pouco de Yale e seguiu Thomas na Ordem, bateu o punho na palma da mão. “Como ousam, como *ousam!*”

“Vamos montar uma defesa”, disse Thomas. “Não deve se preocupar, papai, não seremos derrotados, prometo.”

*Alguém cometeu uma injustiça contra papai?* Me aproximei da porta o máximo que tinha coragem, mas não entendia a discussão. Falavam de um ultraje, mas não o nomeavam. Juraram uma defesa, mas contra o quê? Pela fresta, observei-os andando para a mesa, onde atacaram um documento. Apontavam diversas passagens, apertando o dedo sobre elas, debatendo em tons baixos e resolutos. A visão deles incitou minha antiga fome voraz de tomar meu lugar no mundo, ter voz na questão. Quantos anos tinham se passado desde que jogara fora o botão de prata?

Afastei-me da porta, subitamente vermelha de raiva. Sentia por papai. Ele tinha sofrido alguma mafeitoria, mas ali estavam eles, prontos para encarar o céu e o inferno para acertar contas, e suas esposas, sua mãe, suas irmãs não tinham direitos, nem sobre os próprios filhos. Não podíamos votar nem testemunhar na corte ou fazer um testamento — claro que não, não possuíamos nada para deixar para trás! Por que os homens Grimké não se reuniam para *nossa* defesa?

Minha raiva se dissipou, mas minha ignorância permaneceu por mais uma semana. Durante esses dias intermináveis, mamãe ficou no quarto com dor de cabeça, e mesmo Thomas se recusava a responder minhas questões, dizendo que papai decidiria revelar, não ele. No fim, fiquei sabendo numa recepção musical que teve lugar em uma das fazendas a nordeste da cidade.

Mary e eu chegamos à fazenda quando a tarde ficava cinza com o crepúsculo, nossa carruagem foi recepcionada por um bando de pavões que desfilava pelo terreno pelo simples motivo de ornamentação. Provocavam um belo brilho azul na luz pálida, mas achei um espetáculo triste, o modo como eles andavam pra lá e pra cá, sem ir a lugar algum.

O concerto já havia começado quando eu cheguei ao salão. Burke saiu de seu assento e me recebeu com cordialidade incomum. Ele estava lindo em seu colete comprido cor de cereja e um conjunto de seda. “Fiquei preocupado, achei que não viesse”, ele sussurrou e me levou rapidamente para a cadeira vazia ao seu lado. Tirei o boletim esmeralda que Encrenca tinha criado com tanto esmero e ele colocou uma carta sobre meu colo. Levantei as sobranceiras para perguntar se eu deveria lê-la enquanto a srta. Parodi e a espineta entravam no salão. “Mais tarde”, ele apenas mexeu os lábios.

Não era convencional passar um bilhete assim, e minha mente se agitou durante todo o programa sobre seu conteúdo. Quando sra. Drayton, a sogra de Thomas, terminou a última peça na harpa, nós passamos para a sala de jantar, onde uma mesa estava posta com uma sobremesa Charlotte Russa e uma seleção de vinhos franceses, brandy e vinhos Madeira, dos quais não pude aproveitar devido à minha apreensão. Burke deu um gole de brandy e depois me manobrou na direção da porta da frente.

“... Onde estamos indo?”, perguntei, insegura a respeito do decoro.

“Tomar um ar.”

Ficamos na varanda, abaixo da janela sobre a porta, e olhamos para o céu. Estava violeta, quase uma aquarela. A lua subia acima das árvores. Eu não conseguia, no entanto, pensar em mais nada a não ser na carta. Peguei-a de minha bolsa e rasguei o selo.

*Minha mais querida,*

*Imploro o privilégio de me tornar seu noivo mais fiel e devoto. Meu coração é seu.*

*Espero sua resposta.*

*Burke*

Eu li uma vez, depois outra, levemente desorientada, como se a carta que ele me passara mais cedo tivesse sido trocada por esta que não teria nada a ver comigo. Ele parecia se divertir com minha confusão. Ele disse: “Seus pais vão querer que espere e dê sua resposta depois de consultá-los”.

“Eu aceito seu pedido”, eu disse, sorrindo para ele, extasiada com uma

mistura feliz de júbilo e alívio. Eu me casaria! Não acabaria como tia Amelia Jane.

Contudo, ele tinha razão, mamãe ficaria horrorizada se eu respondesse sem sua aprovação, mas eu não duvidaria da resposta de meus pais. Depois de engolir a desaprovação, eles encarariam o milagre da proposta de Burke Williams como a cura para uma doença terrível.

Passeamos pela estrada das carruagens, meu braço enlaçado ao dele. Um leve tremor percorria minhas costelas, uma a uma, dentro de mim. Abruptamente, ele se desviou do caminho, indo para a alameda de camélias. Desaparecemos nas sombras que caíam em trilhas entre os enormes arbustos floridos e, sem preâmbulos, me beijou na boca. Eu me afastei. "... Ora... Ora... você me deu um susto."

"Meu amor, somos noivos agora, tais liberdades são permitidas."

Ele me puxou para si e beijou outra vez. Seus dedos se moveram ao longo do decote, roçando minha pele. Não me rendi completamente, mas permiti a Burke Williams bastante liberdade durante nosso pecadinho na alameda de camélias. Quando me aprimei, por fim, me afastando do abraço, ele disse que esperava que eu não achasse seu ardor algo ruim. Ajeitei o vestido. Enfiei mechas soltas de meu cabelo de volta ao penteado. *Tais liberdades são permitidas agora.*

Ao andarmos de volta para a casa, fixei meus olhos na estrada, como estava cheia de excremento de pavão e cascalho brilhando sob a luz do luar. Esse casamento seria uma jornada, não? Certamente. Burke falava da necessidade de um noivado longo. Um ano, ele disse.

Ao nos aproximarmos da varanda, um cavalo relinçou, e então um homem saiu pela porta da frente e acendeu o cachimbo. Era o sr. Drayton, sogro de Thomas.

"Sarah?", ele chamou. "É você?" Seus olhos passaram por Burke e de volta para mim. Um cacho de meu cabelo culposamente caído sobre meu ombro. "Onde você andou?" Ouvi a reprovação, o sobressalto. "Você está bem?"

"... Eu... nós estamos noivos." Meus pais ainda não tinham sido informados, e eu anunciei a notícia para o sr. Drayton, que mal conhecia, na esperança de ser uma desculpa para o que quer que ele estivesse imaginando que nós fizemos.

"Demos uma voltinha no ar noturno", disse Burke, tentando, ao que parecia, trazer algum tipo de normalidade ao momento.

Sr. Drayton não era bobo. Ele me fitou, a simplória Sarah, retornando de

“uma voltinha na noite” com um homem assombrosamente bonito, enrubescida e um pouco desconjuntada. “Bom, então, meus parabéns. Sua felicidade será uma trégua bem-vinda para sua família devido ao recente problema de seu pai.”

O problema de papai era de conhecimento de todos, então?

“Aconteceu algum infortúnio com o juiz Grimké?”, perguntou Burke.

“Sarah não lhe contou?”

“... Suponho que andei muito nervosa para falar sobre o assunto”, eu disse. “... Mas, por favor, senhor, informe-lhe em meu nome. Será um favor que faz para mim.”

Sr. Drayton deu um trago de seu cachimbo e soprou a fumaça ardida na noite. “Sinto informar que os inimigos do juiz querem removê-lo da corte. Acusações de impedimento legal foram feitas.”

Soltei a respiração. Não poderia imaginar maior humilhação para nosso pai.

“Baseados em quê?”, perguntou Burke, apropriadamente indignado.

“Dizem que ele se tornou parcial e excessivamente moral em seus julgamentos.” Hesitou. “Acusam-no de incompetência. Ah, mas tudo é política.” Abanou a mão para dispensar o assunto, e eu observei o bojo do cachimbo balançar.

Qualquer fagulha de felicidade que pensara que meu noivado providenciaria para minha família, qualquer reprimenda que eu temera por conta de meu aceite sem permissão foram engolidos pelo julgamento de papai. A reação de mamãe ao anúncio foi simplesmente: “Muito bem, Sarah”, como se analisasse um de meus bordados. Papai não teve reação alguma.

Ao longo do inverno, ele ficou isolado na biblioteca dia e noite, apenas com Thomas, Frederick e o sr. Daniel Huger, um advogado amigo de papai, conhecido por destripar legalmente seus oponentes. Minha audição era quase sobrenatural, cultivada por anos de escutas proibidas, e eu pegava pedaços da conversa enquanto ficava à mesa de carteado do corredor, fingindo ler.

*John, você não aceitou dinheiro, nem favores. Não está sendo acusado de nada que seja um verdadeiro crime.*

*Uma acusação de incompetência não é ruim o suficiente? Eles me acusam de ser parcial! As ruas e os jornais estão cheios disso. Estou arruinado de qualquer modo.*

*Papai, você tem amigos na câmara legislativa!*

*Não seja bobo, Thomas, o que tenho são inimigos. Bastardos desonestos do interior, desejando o banco de juiz para eles.*

*Eles não conseguirão dois terços de votos.*

*Moa-os, Daniel, está me ouvindo? Sirva sua carne para os cachorros.*

Durante o julgamento, na primavera, na Câmara dos Representantes, em Columbia, sr. Huger atacou os inimigos de papai com ira, expondo a conivência política deles com tal força que papai foi inocentado no mesmo dia, mas a votação foi abominavelmente apertada, e ele voltou a Charleston vingado, mas manchado.

Aos cinquenta e nove anos, papai se tornou subitamente um homem muito velho. O rosto abatido e as roupas largas, como se definhasse dentro delas. Um tremor surgiu em sua mão direita.

Conforme os meses passavam, Burke fazia visitas semanais na sala de visitas do andar de cima, onde nos era permitido ficar desacompanhados. Ele preenchia esses encontros com o mesmo fervor e excesso da alameda das camélias. E eu impunha limites do melhor jeito que era capaz. Eu considerava um milagre de Deus não sermos descobertos, embora tenha certeza de que nossa invisibilidade não era obra de Deus, mas da distração de minha família. Papai continuava a murchar e a esconder a mão trêmula no bolso. Tornou-se um homem recluso. E eu... eu me tornava Jezebel.

## Encrenca

Mamã não conseguia dormir. Estava de pé, fuçando no porão, como sempre. Ela não respeitava a hora do sono.

Eu estava deitada na cama de palha, onde a gente sempre dormiu, imaginando o que passava por sua mente dessa vez. Eu tinha deixado de dormir no chão ao lado do quarto de Sarah havia muito tempo, eu mesma decidi, e ninguém comentou nada, nem a madame. Durante esses anos, a maldade dela ia e voltava.

Mamã arrastou a cadeira até ficar bem perto da janela no alto, para que ela pudesse esticar o pescoço e ver um pedaço do céu acima do muro. Eu observei como ela se sentou e ficou estudando.

Na maioria de suas noites acordada, ela acendia o lampião e costurava sua colcha de histórias. Ela vinha trabalhando naqueles quadrados, de pouco em pouco, fazia mais de dois anos. “Se tiver um fogo e eu num tiver aqui, isso aqui é o que você pega”, ela dizia. “Salva os quadrados porque eles fazem parte de mim como a carne no osso.”

Eu a perturbava o tempo todo querendo ver os quadrados incompletos, mas ela batia o pé. Mamã adorava uma boa surpresa. Ela queria revelar sua colcha do mesmo jeito que faziam com estátuas de mármore. Ela colocou sua história numa colcha, que nem os Fon, e queria mostrar tudo de uma vez, e não por partes.

Um dia antes, me disse: “Espera. Tô quase baixando o tear e costurando tudo junto”.

Ela trancava os quadrados num baú de madeira que tinha arrastado do depósito. O baú tinha um cheiro de mofo terrível. Dentro também estava todo mofado, cheio de ovos de mariposa mortos e uma pequena chave. Ela limpou o baú com óleo de linhaça, depois trancou os quadrados dentro, embrulhados em musselina. Imaginei que nosso dinheiro da liberdade foi pra lá também, porque depois disso, as notas sumiram do saquinho de juta.

Na última vez que contei, ela tinha guardado quatrocentos dólares certinho.

Deitada na cama, fiz as contas de cabeça: a gente precisava de mais seiscentos e cinquenta dólares pra nós duas.

Quebrei o silêncio. “É assim que vai ser a noite toda... cê vai sentar aí no escuro e olhar pro buraco na parede?”

“É uma coisa pra fazer. Volta a dormir.”

Dormir — isso era bem inútil.

“Onde você guarda a chave do baú?”

“É *assim* que vai ser? Cê deitada aí pensano como espiar minha colcha? A chave tá escondida atrás de lugar nenhum.”

Deixei essa história pra lá e comecei a pensar na Sarah.

Eu não gostava desse sr. Williams. A única coisa que ele falou pra mim foi: “Saia logo”. Eu estava fazendo o fogo na sala de visitas pra que o homem ficasse aquecido, e isso que ele tinha pra me dizer, *saia logo*.

Eu não enxergava Sarah casada com ele do mesmo jeito que não me enxergava casada com Bonzinho. Esse ainda me perseguia, se você quer saber. Mamã disse pra eu mandar ele tomar banho na soda.

Ontem, Sarah havia perguntado: “Quando eu casar, você vem morar comigo?”.

“Deixar a mamã?”

Rapidamente, ela disse: “Ah, não precisa... Eu só pensei... Bem, vou sentir sua falta”.

Apesar de a gente não ter muito mais o que conversar nessa época, eu odiava pensar em nossa separação. “Acho que vou sentir sua falta também”, eu falei.

De volta àquela noite, do outro lado do cômodo, mamã disse: “Quanto cê acha que tenho de idade?” Ela não sabia ao certo a idade, não tinha registro algum. “Parece que tive ocê na mesma idade que tem agora, e cê tem dezenove. Isso me deixa com quanto?”

Contei na cabeça. “Você tem trinta e oito.”

“Não sô tão velha”, disse ela.

A gente ficou assim um tempo, mamã olhando a janela, pensando sobre sua idade, e eu deitada na cama, completamente desperta, quando ela gritou: “Olha, Encrenca! Olha ali!”. Ficou de pé num salto, apontando pra janela, pulando. “Olha ali outro!”

Eu voei da cama.

“As estrelas”, ela disse. “Tão caindo que nem pra sua vovozinha. Vem. Rápido.”

A gente se enfiou nos sapatos e nos casacos de saco, pegamos uma colcha velha e saímos pela porta, mamã atravessando o pátio chorando, e eu dois passos atrás.

Abrimos a colcha no chão, atrás da árvore espiritual, e deitamos em cima. Quando olhei, a noite se abriu e as estrelas caíram.

A cada vez que uma estrela rajava no céu, mamã ria baixinho na garganta.

Quando as estrelas pararam de cair e o céu ficou quieto, vi as mãos dela esfregarem a barriga inchadinha.

E eu soube então pra que ela não era tão velha.

## Sarah

“Sarah, você devia se sentar. Por favor.”

Foi assim que Thomas começou. Ele gesticulou na direção de duas cadeiras ao lado da janela que dava para a sacada, mas só eu me sentei.

Era meio-dia e meia, e ali estava meu irmão, o advogado *au courant* de Charleston, interrompendo a advocacia para conversar comigo na privacidade de meu quarto. Seu rosto estava pálido, o que interpretei como consternação.

Naturalmente, minha mente pensou em papai. Era impossível olhar para ele nessa época sem se preocupar, esse homem magro e esvaziado, com um passo incerto e mão errática. Apesar disso, houvera certa melhora recentemente, o suficiente para que ele retornasse aos seus deveres na tribuna do juiz.

Na semana anterior, encontrara papai se esforçando na passagem principal com sua bengala. Lembrou-me de uma antiga imagem do catecismo: Lázaro claudicando para fora da tumba, a mortalha atrapalhando seus calcanhares. A mão de papai tremia como se abanasse para um conhecido e, antes de me ver, ele pegou-a, tentando acalmá-la. Ao reparar em mim, disse: “Ah, Sarah. Deus é impiedoso com os velhos”. Ajudei-o até a porta de trás, movendo com a lentidão adequada, o que apenas chamava atenção para sua fragilidade.

“Então, diga-me, quando você vai casar?” Era a única questão que me faziam, mas vinda de papai, me paralisou. Eu estava prometida a Burke desde o último fevereiro, e papai nunca havia mencionado o assunto. Não o culpei por perder a festa de noivado, da qual Thomas e Sally foram os graciosos anfitriões

— à época, ele estava de cama —, mas o silêncio durou meses.

“Não sei”, respondi. “Burke está esperando seu pai passar o negócio para ele. Quer estar numa posição adequada.”

“Ele quer, é?” O tom de voz foi sarcástico, e eu não fiz questão de responder.

Era difícil lembrar os tempos em que papai me deixava mergulhar em seus livros e se deliciava com meus discursos. À época, havia uma corda invisível entre nós dois, e eu tentava concluir exatamente quando ela tinha sido rompida. No dia em que ele me proibiu os livros? Na festa de despedida de Thomas, quando urrou aquelas palavras maldosas? *Você está se envergonhando. Envergonhando a todos. De onde tirou a ideia de que poderia estudar direito?*

“Quero lhe lembrar, Sarah, de que não há lei do divórcio em nosso estado”, ele dizia. “Depois de casada, o contrato é indissolúvel. Você tem consciência disso?”

“Sim, papai, eu sei.”

Ele assentiu com o que pareceu aceitação sombria.

Foi para isso que minha mente se direcionou nos momentos antes de Thomas falar, meu pai e meu último encontro com ele, sua fragilidade.

“Você sempre foi minha irmã favorita, você sabe disso. Na verdade, você sempre foi minha favorita entre todos os irmãos.”

Ele fez uma pausa, enrolando, olhando pela janela, pela sacada até o jardim. Observei uma gota de suor deslizar de sua têmpora e se pendurar em uma teia de rugas que já se formavam. Uma estranha resignação tomou conta de mim. *O que quer que seja já aconteceu.*

“... Por favor, não sou tão frágil quanto pensa. Fale abertamente.”

“Você tem razão. Vou falar. Temo que Burke Williams falseou a imagem dele para você. Fiquei sabendo que ele possui outras amigas.”

Sem entender o duplo sentido, disse: “Claro, isso não é crime”.

“Sarah, essas amigas... também são noivas dele.”

Sabia imediatamente que era verdade. Tantas coisas fizeram sentido. A demora em marcarmos uma data. As viagens constantes para visitar sua família ou conduzir negócios. O fato curioso de que alguém tão belo e cheio de charme tivesse se contentado comigo.

Meus olhos se encheram. Thomas pegou o lenço e esperou que eu secasse as lágrimas.

“Como você ficou sabendo?”, perguntei, com compostura, sem dúvida protegida pela repercussão do choque.

“Franny, a prima de Sally, de Beaufort, escreveu para dizer que fora a uma soirée e viu Burke cortejando abertamente uma jovem. Ela não o abordou, claro, mas questionou discretamente a juvenzinha, que disse a ela que Burke tinha lhe pedido a mão recentemente.”

Baixei os olhos para o colo, tentando absorver o que ele acabava de dizer. “Mas por quê? Por que ele faria isso? Não entendo.”

Thomas sentou-se e pegou minhas mãos. “Ele é um desses homens que caçam senhoritas. Escutam falar desse tipo de coisa hoje em dia. Há um grupo de rapazes conseguindo noivas com a intenção de...” uma pausa, “... de atraí-las para relacionamentos sexuais. Eles asseguram a essas mulheres que devido à promessa de enlace, esse tipo de compromisso é o esperado.” Mal conseguia me olhar. “Acredito que ele não tenha se aproveitado...”

“Não”, eu disse. “Ele não o fez.”

Thomas exalou com alívio que me envergonhou pela exuberância.

“... Você disse *noivas*. Além da conhecida em Beaufort, há outra?”

“Sim, acredito que ela mora em Savannah.”

“E como você ficou sabendo *dessa*? Não por outra prima, espero.”

Ele meu sorriu sem forças. “Não, desta fiquei sabendo pelo próprio Burke. Confrontei-o ontem à noite. Ele admitiu as duas juvenzinhas.”

“Você o confrontou? Mas por que não me deixou...”

“Quería lhe poupar a dor e a desgraça. Papai e mamãe concordaram que você deveria ficar fora disso. Não há motivo para vê-lo outra vez. Terminei o noivado em seu nome.”

*Como você pôde?* Eu queria gritar. Ele tinha usurpado de mim qualquer possibilidade de retaliação pessoal. Naquele momento, senti mais raiva da proteção infantil de Thomas do que da crueldade de Burke. Saltei sobre os pés e fiquei de costas para ele, quase engasgando em uma mistura de palavras mordazes.

“Sei como você se sente”, ele disse atrás de mim. “Mas é melhor assim.”

Ele não sabia *nada* a respeito de como eu me sentia. Quería bater nele por pronunciar uma afirmação tão arrogante, mas quando eu me virei, vi que seus olhos estavam cheios de lágrimas e me obriguei a falar com civilidade. “... Gostaria de ficar a sós, por favor.”

Ele permaneceu. “Há mais uma coisa. Você precisa se retirar da sociedade por um curto período de tempo. Mamãe acredita que três semanas serão o suficiente para o falatório arrefecer. Então, poderá retornar.”

Ele me deixou ao lado da janela, tomada pela raiva e desgosto, e sem

ninguém para expurgá-la a não ser em mim mesma. Como pude ser vítima de uma pessoa tão lasciva? Estive tão apaixonada, tão carente, tão cega, que imaginei que ele *me* amasse? Eu me via no reflexo do vidro, o rosto redondo e avermelhado, o nariz comprido de papai, os olhos pálidos, o cabelo de cor estranha. Eu cortei uma mecha de meu cabelo para ele. Ele deve ter gargalhado disso.

Fui até minha mesa e peguei a carta com o pedido de casamento. Não li outra vez, apenas rasguei no máximo de pedaços que consegui. Os pedacinhos caíram sobre o tampo da mesa e no carpete e nas dobras de minha saia.

Era aquela época do ano em que os corvos migrantes voavam pelo céu, revoadas trovejantes que se moviam como um único véu, e eu os ouvi, lá fora, no ar, selvagens e estridentes. Virando-me para a janela, observei os pássaros encherem o céu antes de desaparecerem, e quando o ar ficou parado outra vez, observei o lugar vazio que eles deixaram para trás.

## Encrenca

Sarah estava no quarto com o coração tão quebrado que Binah dizia que dava pra ouvir ele chocalhar quando ela andava. O irmão, Thomas, nem tinha colocado o chapéu pra sair, e a casa toda já sabia o que tinha acontecido. O sr. Williams tinha mais duas noivas. E *agora*, quem tinha que sair logo?

Na hora do chá, a sinhá disse pro Tomfry: “Sarah não receberá convidados pelas próximas três semanas. Explique a qualquer um que ela está indisposta. *Indisposta*, Tomfry. Essa é a palavra que quero que use”.

“Sissinhora.”

A sinhá me viu vagando por ali. “Pare de enrolar, Hetty, e leve a bandeja para o quarto de Sarah.”

Eu preparei uma bandeja, mas sabia que ela nem relaria. Peguei o chá de hissopo de que ela gostava, pensando em quando a gente era pequena e tomamos no telhado, ela me contando sobre o botão de prata e o grande plano. Desde que ela jogou o botão fora, eu carregava ele no saquinho do pescoço quase todos os dias.

Entrei na copa, tirei o saquinho do pescoço e peguei o botão. Estava todo manchado. Parecia uma uva-passa grande. Estudei o objeto por um minuto e depois peguei cera e lustrei com papel de estanho.

Sarah estava sentada à escrivaninha, escrevendo num caderno. Seus olhos estavam tão vermelhos de chorar que eu não sabia como ela conseguia escrever. Coloquei a bandeja à sua frente e disse: “Olha o que eu pus no pires”.

Ela não viu o botão durante todos esses anos, mas de cara lembrou. “Como

“você... Por que, Encrenca, você o salvou?”

Ela não tocou nele. Apenas olhou.

Eu disse: “Tá certo, então. Aí está”, e fui para a porta.

## Sarah

Na manhã seguinte, apesar de meus protestos, mamãe enviou Nina para passar o dia com uma das filhas dos Smith, cuja família vivia a mais ou menos um quarteirão da Casa de Trabalho. Durante a última visita de Nina, enquanto jogava cinco-marias, ela ouvira berros flutuando pela brisa e levava um susto, espalhando as pedrinhas pela sacada. À época, minha irmã não sabia nada a respeito da câmara de tortura de Charleston — eu tentara protegê-la, mas os meninos Smith não possuíam tais escrúpulos. Eles informaram que os gritos vinham de um escravo na sala de açoite, descrevendo com detalhes horripilantes. Aparentemente havia um aparelho com roldanas no qual as mãos dos escravos eram amarradas sobre sua cabeça, enquanto os pés ficavam acorrentados a uma tábua. Os meninos contaram outros horrores também, que ela me relatou entre soluções, histórias sobre ouvidos perfurados e remoção de dentes, sobre colares de espinhos e uma espécie de gaiola onde enfiavam a cabeça do escravo.

Assegurei a Nina que ela não teria de voltar lá. Mas agora, com a carreira de papai em perigo, mamãe não deixaria de usar a filha de sete anos para invadir os politicamente poderosos Smith.

A chuva começou a cair logo depois que Nina partiu, uma tempestade no ápice da maré alta, o que transformou as ruas em canais de lama. Por volta do meio-dia, quando a chuva seguiu para o mar, não aguentei mais. Coloquei o velho chapéu de montaria de Mary, com o véu, e sai pela porta dos fundos, determinada a resgatar minha irmã a todo custo.

Sabe-Tudo não estava no estábulo, apenas Bonzinho, o que para mim, tudo

bem, pois eu tinha a impressão de que poderia confiar nele. “Eu sou só o laçao, num posso dirigi a carruagem”, ele me falou. Demorou um pouco, mas o convenci que era um compromisso de grande urgência e assim saímos no novo cabriolé.

A cidade estava fervilhando aqueles dias com a conversação sobre um evento astronômico — uma chuva de cometas, diziam. Até mesmo pessoas sensatas como papai vinham falando de apocalipse, mas eu sabia que meu escândalo com Burke Williams era discutido nos salões com mais fervor do que o fim do mundo. O cabriolé, no entanto, era novo o suficiente para não ser reconhecido nas ruas e com a capota erguida e o véu do chapéu de Mary, não havia possibilidade de ser reconhecida. Com sorte, mamãe nem ficaria sabendo que deixei minha reclusão.

Ansiosa por Nina, fechei os olhos e imaginei pegando-a nos braços. Então, senti um tranco terrível, e a carruagem parou de repente na rua Coming, com a roda direita afundada em um buraco de lama.

Bonzinho domou o cavalo com o chicote, depois desceu e puxou o freio e a rédea. A égua, conhecida por sua personalidade vingativa, inclinou a cabeça e deu um passo à frente, afundando a carruagem ainda mais. Deu pra ouvir Bonzinho praguejando baixinho.

Ele foi até a parte detrás da carruagem e a empurrou, fazendo com que ela só balançasse para a frente, mais nada. “Fique aí onde está”, ele disse. “Vô chamá ajuda.”

Conforme ele se arrastava, inspecionei a rua. Apesar do lamaçal, havia damas passeando, homens reunidos em conclaves, vendedores negros carregando vasilhas de camarão e cestas de tortinhas francesas de coco. Levantei a mão e toquei o véu da face, e foi nesse momento que vi Charlotte, descendo a rua Bull.

Ela andava como uma equilibrista, ao longo da faixa estreita de grama que seguia o muro de tijolos. Usava uma bandana vermelha enfiada na testa e carregava uma cesta transbordando de tecidos, sem ver a mim e nem as bem-vestidas mulheres de pele branca que se aproximavam dela, pelo mesmo caminho gramado, na direção oposta. Uma delas seria obrigada a dar meia-volta e seguir caminho de volta para onde o muro começava, ou dar licença e pisar na lama. Disputas desse tipo aconteciam com tanta frequência que uma lei municipal foi instituída, obrigando os escravos a dar preferência. Se o escravo fosse qualquer outro que não Charlotte — Binah, Tia-Irmã, Cindie ou mesmo Enrenca — eu não teria me preocupado tanto, mas Charlotte...

As duas mulheres pararam a poucos metros de separação. A mulher branca levantou a sombrinha e bateu de leve com ela no braço de Charlotte. *Anda. Sai.*

Não detectei o menor movimento em Charlotte. Ela parecia estar petrificada. A mulher cutucou com a sombrinha outra vez: *xô, xô.*

Elas trocaram palavras que não entendi, as vozes aumentando, tornando-se chifres pontiagudos sobre suas cabeças. Olhei em volta freneticamente à procura de Bonzinho.

Um homem com uniforme da guarda puxou a rédea do cavalo no meio da rua. “Dê licença, preta”, ele gritou. Desceu do cavalo, entregando a rédea para um menino escravo que passava ao lado puxando uma carreta.

Antes que o guarda pudesse chegar até elas, Charlotte girou a cesta. Ela fez um arco, derrubando o que pareciam toucas, depois atingindo o braço da mulher e a derrubando de lado. A lama da rua era como um pudim, viscosa e marrom-clara, como tapioca, e quando a mulher caiu sentada, formou uma ondinha de cada lado do seu corpo.

Pulei da carruagem e segui na direção deles sem pensar no que poderia fazer. O guarda tinha pegado Charlotte pelo braço, ajudado por outro homem que ele tinha recrutado. Arrastaram-na rua abaixo, enquanto ela cuspi e arranhava.

Segui-os até Beaufain, onde os homens chamaram uma carroça e forçaram-na a entrar, empurrando-a de barriga para baixo ali. O guarda sentou em cima dela. O condutor bateu a rédea, os cavalos reagiram, e eu pude apenas ficar ali parada, suja com o pudim da rua.

Joguei o véu por sobre o chapéu e gritei seu nome. “*Charlotte!*”

Esticando o pescoço para trás, seus olhos me encontraram. Ela não emitiu som algum, mas ficou me olhando enquanto a carroça seguia em frente.

## Encrenca

Mamã desapareceu dois dias depois de a gente ter assistido às estrelas cair.

A gente estava parada no pátio perto do portão dos fundos. Ela com o lenço vermelho na cabeça e o vestido bom, aquele tingido de azul. O avental passado. Tinha passado óleo nos lábios e pegado emprestada uma pulseira de búzios da Binah. Sob a luz do sol, sua pele tinha um acabamento dourado, e os olhos brilhavam que nem pedras do rio. É assim que eu vejo ela nos meus sonhos, com a cara daquele dia. Quase feliz.

Ela pregou o passe no vestido, cheia de pressa. Tinha tido permissão de entregar suas toucas novinhas em folha, mas eu sabia que antes que a última deixasse a cesta, ela estaria mimando aquele homem, o sr. Vesity.

Eu disse: “Prende esse passe direito”.

Mamã odiava minha amolação. “Tá lá, Encrenca. Não vai pra lugar nenhum.”

“E o seu saquinho?” Eu não via a saliência debaixo do vestido, como sempre. Eu sempre enchia os saquinhos com cascas novas, e eu queria que ela usasse, com eu tendo todo esse trabalho e ela precisando do máximo de proteção possível. Ela o pescou do peito. Os dedos tinham manchas de pó de carvão, que ela tinha usado para tracejar o desenho das toucas.

Eu queria dizer mais coisas. *Por que você tá usando o vestido bom com toda essa lama lá fora? Quando você vai me contar do bebê? Agora a gente tem que comprar a liberdade pra nós três?* Mas deixei tudo de lado, pra depois.

Fiquei parada enquanto Tomfry destrancava o portão e deixava ela sair.

Assim que pisou na alameda, ela virou para trás, me olhou e partiu.

Depois que mamã foi embora aquele dia, fiz tudo como sempre. Cortei mangas e colarinhos pras camisas de trabalho dos escravos, me ocupei com os respingadores da sinhá, esses quadrados de tecido que você enfia atrás dos lavatórios, pois Deus me livre um pingo d'água cair na parede. Todos tinham de ser bordados no remate.

No meio da tarde, fui pra latrina. O sol tinha ficado parado, mas o céu estava da cor de “escovinhas”. Tia-Irmã estava na cozinha assando maçãs inteiras cobertas de creme de ovos, que era chamado de pudim ninho de passarinho, e aquele cheiro todo se espalhava no ar. Eu estava indo lá pra dentro, aproveitando aquela fumaça doce depois de ter passado na latrina, quando a carruagem chegou voando pelo portão com Sarah e Nina, as duas apavoradas. E olha só quem conduzia: Bonzinho. Quando parou, desceram correndo. Passaram por mim sem dizerem palavra e se enfiaram na casa. A capinha de passeio cinza que eu tinha costurado pra Nina esvoaçava atrás dela que nem asa de pombo.

Bonzinho me deu um longo olhar de pena, antes de puxar o cavalo pra dentro do estábulo.

Quando as sombras compridas surgiram, sentei nos degraus da varanda da cozinha e observei o portão esperando mamã. Do outro lado do pátio, na porta do estábulo, Bonzinho montava vigília comigo, entalhando um pedaço de madeira. Ele sabia de alguma coisa que eu não sabia.

Os ovos de maçã ainda estavam no ar quando Tia-Irmã e Phoebe limparam tudo e assopraram os lampiões. A escuridão veio, sem lua.

Sarah me encontrou curvada nos degraus. Sentou perto de mim. “... Encrenca”, ela disse. “... Eu queria ser a pessoa a lhe contar.”

“É a mamã, não é?”

“Ela entrou numa briga com uma mulher branca... A mulher queria que ela desse licença na rua. Ela cutucou sua mãe com uma sombrinha, e... você conhece sua mãe, ela não cedeu. Ela... ela bateu na mulher.” Sarah suspirou no escuro e pegou minha mão. “Um guarda estava lá. Levou Charlotte embora.”

Todo esse tempo, eu esperando que ela dissesse que mamã estava morta. Tive esperança de novo. “Onde ela tá?”

Sarah olhou para o lado. “... É isso que estou tentando descobrir... Não sabemos onde ela está... Eles a estavam levando para a delegacia, mas quando Thomas foi pagar a multa, lhe disseram que ela escapou... Aparentemente,

fugiu... Disseram que o guarda foi atrás, mas perderam de vista nas alamedas. Estão lá procurando por ela agora mesmo.”

Tudo que ouvia era respiração — Sarah, Bonzinho do outro lado do pátio, os cavalos no estábulo, as criaturas nos arbustos, os brancos em suas grandes camas, os escravos nos seus catrezinhos finos que nem biscoito, tudo respirando, menos eu.

Sarah foi comigo até o porão. Ela disse: “Você quer um chá quente? Eu posso colocar um pouco de brandy nele”.

Balancei a cabeça. Ela queria me atrair para o seu conforto, eu via isso, mas se segurava. Em vez disso, ela deitou gentilmente a mão sobre meu braço e falou: “Ela vai voltar”.

*Eu repeti essas palavras a noite toda.*

Eu não sabia estar no mundo sem ela.

## Sarah

O desaparecimento de Charlotte trouxe um severo e terrível alívio, pois ao longo das semanas angustiantes que seguiram a traição de Burke eu sempre tive certeza de qual evento era trágico e qual era meramente desafortunado.

*Alguém* — mamãe, papai, talvez Thomas — colocou um anúncio no *Mercury* de Charleston.

### Desaparecida, Escrava

Mulata. Grande espaço entre os dentes superiores da frente. Coxeadura ocasional. Responde pelo nome de Charlotte. Usando lenço vermelho e vestido azul-escuro. Costureira habilidosa e valiosa. Pertence ao Juiz John Grimké. Grande recompensa pela devolução.

O apelo não obteve resposta.

Todos os dias eu observava pela janela traseira de meu quarto Encrenca caminhando por um mesmo percurso no pátio. Às vezes, andava a manhã toda. Nunca variava o caminho, começava nos fundos da casa, movendo-se na direção da cozinha, passando pela lavanderia, até o carvalho, tocava seu tronco, e voltava para casa pelo estábulo e a cocheira. Quando chegava aos degraus da varanda, ela simplesmente começava outra vez. Era uma perambulação de dor tão precisa e ritualística que ninguém interferia. Até mamãe a deixava andar sua rota de angústia no pátio.

Eu não guardei luto por muito tempo após a perda de Burke ou a ruína de nosso casamento. Fiquei um pouco sentida. Isso não era estranho? Chorei baldes

de lágrimas, mas principalmente por vergonha.

Eu não quebrei meu confinamento outra vez. Em vez disso, fiz dele meu refúgio.

Quase diariamente recebia recados de preocupação em caligrafias floreadas. Todas as pessoas imagináveis rezavam por mim. Esperava que minha reputação não fosse muito prejudicada. Eu sabia que Burke tinha deixado a cidade e permanecia indefinidamente com o tio em Columbia? Não era uma tristeza que a mãe dele tivesse tido um derrame? Como minha mãe estava lidando com tudo isso? Sentiam minha falta nos chás, mas minha ausência era elogiada. Eu não deveria me desesperar, pois certamente um jovem que não se abalasse por minha desgraça apareceria.

Eu escrevia discursos e censuras em meu diário, depois os rasgava e os queimava junto com todas aqueles recados arrogantes. Gradualmente, o vulcão em mim esfriou e restou apenas a forma quebrada do meu antigo eu: uma jovem mulher cujo rumo da vida tinha sido demolido. Ao contrário de Encrenca, eu não fazia ideia de que caminho seguir.

Um mês depois do desaparecimento de Charlotte, um vento gelado derrubou quase todas as folhas do carvalho. Encrenca ainda andava obsessivamente a cada manhã, mas só um círculo rápido. Na semana anterior, mamãe tinha posto um fim à marcha persistente e a enviou de volta às suas obrigações. A alta estação da sociedade e sua cota de vestidos a aguardava — toda a costura agora caía nas costas de Encrenca. Charlotte não existia mais. Ninguém acreditava que ela voltaria.

Dei um jeito de esticar minhas três semanas de recolhimento para quatro, mas, nesse dia, minha moratória terminou. Mamãe mandou que eu retomasse minha atividade também: procurar marido. Ela tinha me informado que um barco a remo atravessando o Atlântico poderia ser resgatado por um navio, mas *apenas* se o barquinho fosse bravamente para a água — isso, sua metáfora infeliz de meus prospectos matrimoniais. Minha irmã Mary veio com encorajamento semelhante. “Erga esse queixo, Sarah. Aja como se nada houvesse acontecido. Seja alegre e se comporte com segurança. Você vai achar um marido, se Deus quiser”.

*Se Deus quiser.* Como isso me soa estranho agora.

Na noite do fim de minha reclusão, me joguei em domínio público ao atender o sermão do reverendo Henry Kollack, uma famoso pregador, na

Segunda Igreja Presbiteriana. Essas não eram as águas que mamãe tinha em mente. A Igreja Episcopal poderia ser considerada social, mas certamente não os presbiterianos com seu revivalismo e gritos de penitência — mas ela não se opôs. Ao menos eu remava, não?

Sentada no banco ao lado de uma amiga devota que havia me convidado, mal conseguia prestar atenção, a princípio. Palavras — *pecado, degradação moral, castigo* — entravam e saíam de minha cabeça, mas em algum ponto durante aquela hora, eu fiquei morbidamente envolvida.

Os olhos do reverendo me encontraram — não sei explicar. Ele não os tirou de mim ao falar. “Você não está cansado do ser frívolo que se tornou? Não está atormentado por sua própria tolice, cansado do salão e dos brinquedos dourados? Você não abandonaria as vaidades e pequenas alegrias desta vida pelo bem de sua alma?”

Era como se ele falasse comigo, do modo mais direto e sobrenatural possível. Como ele podia saber o que havia dentro de mim? Como sabia o que naquele momento apenas eu poderia ser capaz de ver?

“Deus o chama”, ele gritou. “Deus, que é todo amor, implora por sua resposta.”

As palavras me dilaceraram. Pareciam quebrar o artifício. Sentada no banco, silenciosamente abalada, o reverendo me olhava agora sem foco ou interesse, e talvez tivesse sido assim desde o começo, mas não importava. Ele tinha sido o mensageiro de Deus. Tinha me levado ao precipício onde a única escolha é entre a paralisia ou o abandono.

Com o reverendo rezando uma longa e sincera prece por nossas almas, me decidi. Jurei não retornar à sociedade. Não me casaria. Nunca. Digam o que quiserem, eu me entregaria a Deus.

Dois semanas mais tarde, no meu aniversário de vinte anos, entrei na sala de visitas, onde minha família tinha se reunido para me dar bons votos, acompanhada por Nina segurando minha mão. Vendo que eu tinha escolhido um de meus vestidos mais simples e nenhuma joia, Mary sorriu tristemente, como se eu usasse um hábito de freira. Supus que mamãe tivesse contado sobre minha conversão religiosa para minhas irmãs, talvez para meu pai e meus irmãos também.

Tia-Irmã tinha feito minha sobremesa favorita: um bolo típico da época de eleição de duas camadas, recheado de uva-passa e açúcar. Esses bolos eram

moldados em uma tábua com fermento, para *eleger* se cresceria ou não. Este tinha sido eleito com majestade. Nina pulava em volta dele com impaciência até mamãe gesticular para Tia-Irmã cortá-lo.

Papai estava sentado com meus irmãos, engajado em algum tipo de debate. Escutando alguns trechos, entendi que Thomas tinha enfurecido os outros ao promover um programa conhecido como colonização. Pelo que pude compreender, o termo tinha pouco a ver com a ocupação britânica do último século e tudo a ver com escravos.

“... Que conceito é esse?”, perguntei, e eles se voltaram para mim como se uma mosca tivesse se enfiado por entre um buraco na persiana e zunisse descontroladamente em volta.

“É uma ideia nova e avançada”, respondeu Thomas. “A despeito do que possam acreditar, em breve irá expandir em um movimento nacional. Guardem minhas palavras.”

“Mas o *que* é?”, insisti.

“Propõe que libertemos nossos escravos e os enviemos de volta à África.”

Nada havia me preparado para um esquema tão radical. “... Ora, isso é um absurdo!”

Minha reação os pegou de surpresa. Até mesmo Henry e Charles, agora com treze e doze, ficaram boquiabertos. “Deus nos ajude”, disse John. “Sarah é contra!”

Ele assumiu que eu tivesse deixado minha rebeldia para trás e me tornado uma deles: guardiã da escravidão. Não o culpava. Quando tinha sido a última vez que qualquer um me ouvira discursando contra a instituição peculiar? Eu andei perambulando pelo encantos de um romance, aflita com a pior maldição feminina sobre a terra, a necessidade de me adequar às expectativas.

John ria. O fogo atçou na lareira e o rosto de papai ficou brilhante e suado. Ele o secou e se juntou à diversão.

“Sim, eu *sou* contra a colonização”, comecei. Não havia falha em minha garganta. Forcei-me a ir em frente. “Sou contra, mas não pela razão que está pensando. Devemos libertar os escravos, mas eles devem permanecer aqui. Como iguais.”

Um estranho *intermezzo* se seguiu no qual ninguém falou. Havia um falatório crescente de certos clérigos e mulheres pias sobre tratar os escravos com compaixão cristã, e de vez em quando alguma rara alma falaria sobre libertar os escravos. Mas igualdade, ridículo!

Por lei, um escravo equivalia a três quintos de uma pessoa. Ocorreu a mim

que o que eu acabava de sugerir se assemelharia a proclamar vegetais iguais a animais, animais iguais a humanos, mulheres iguais a homens, homens iguais a anjos. Eu estava virando a ordem da criação de ponta-cabeça. O mais estranho de tudo: era a primeira vez que pensamentos de igualdade surgiam em minha mente, e eu poderia atribuí-los apenas a Deus, de quem recentemente eu me aproximara e estava me tornando mais insurrecionista do que obediente às leis.

“Minha nossa, você aprende isso com os presbiterianos?”, perguntou papai. “*Eles* estão dizendo que escravos devem viver entre nós como iguais?” A questão era sarcástica, dirigida a meus irmãos e para o momento em si, no entanto, eu o respondi.

“Não, papai, *eu* estou dizendo.”

Conforme eu falava, uma fileira de imagens passou por minha mente, todas de Encrenca. Ela pequena, usando o laço cor de lavanda no pescoço. Ela enchendo a casa de fumaça. Aprendendo a ler. Bebericando chá no telhado. Levando uma chibatada. Enrolando o carvalho com a linha roubada. Tomando banho na banheira de cobre. Andando em círculos por seu luto. Vi tudo, como realmente era.

## Encrenca

A mamã tinha sumido com tanta certeza quanto eu estar aqui sentada, e eu não conseguia fazer mais nada além de andar pelo pátio tentando aliviar a minha dor. A triste verdade é que você pode andar até ficar com bolha no pé, andar até onde o Judas perdeu a bota, e nunca vai andar mais rápido que a dor. Veio dezembro e eu parei com tudo isso. Parei no meio do caminho, perto da lenha onde a gente costumava dar de comer pra corujinha naquele tempo, e disse em voz alta: “Maldita seja por se salvar. Por que você me deixou com mais nada a não ser amar e odiar você? E isso vai me matar, e você sabe”.

Daí eu me virei, voltei pro porão e retomei a costura.

Não pense que ela não estava em cada ponto que eu dei. Ela estava no vento e na chuva e no ranger da cadeira de balanço. Ela sentava no muro com os pássaros e me encarava. Quando veio a noite, ela veio junto.

Um dia, antes de começarem as Festas de fim de ano na casa, olhei pro baú de madeira, enfiado atrás do sacão de juta da mamã.

Eu disse: “E onde é que você colocou a chave?”.

Eu tinha chegado num ponto que falava com ela o tempo todo. Eu falava, mas não ouvia resposta, então não tinha perdido a sanidade. Virei o quarto de ponta-cabeça e a chave não estava em lugar algum. Podia estar no bolso dela quando sumiu. Tinha um machado no galpão do pátio, mas odiava a ideia de ter que cortar o baú no meio. Eu disse: “Se eu fosse você, onde eu ia esconder a chave que tranca as únicas coisas preciosas que eu tinha?”.

Fiquei parada ali um tempo. Então, levantei os olhos para o teto. O tear. As

rodas da roldana estavam novinhas com óleo. Não fizeram um barulhinho quando desci. *Claro*. A chave estava numa fresta de uma das tábuas.

Dentro do baú, uma trouxa gorda de musselina. Abri e deu pra sentir o cheiro da mamã, aquele cheiro salgado. Tive que me dar um minutinho pra chorar. Abracei os quadrados da colcha dela, pensando em como ela disse que eram a carne de seus ossos.

Tinha dez quadrados de bom tamanho. Espalhei todos sobre o tear. As cores que ela usou eram melhores que as de Deus e do arco-íris. Vermelhos, roxos, laranjas, rosas, amarelos, pretos e marrons. Atacaram meus ouvidos mais que meus olhos. Era como se ela risse e chorasse ao mesmo tempo. Era o melhor trabalho que já tinha saído das mãos de mamã.

O primeiro quadrado mostrava mamã pequena, segurando a mão de sua mamã e de seu papá e as estrelas caindo em volta deles — foi a noite em que minha vovozinha foi vendida, a noite em que a história começou.

O resto era uma confusão, alguns quadrados eu entendia, outros não. Tinha uma mulher carpindo no campo — adivinhei que era minha vovozinha —, usando um lenço vermelho na cabeça, e um bebê, minha mamã, deitada nas plantas que cresciam. Gente escrava voava acima delas, desaparecendo atrás do sol.

O seguinte era com uma menininha sentada num banco de três pernas bordando uma colcha vermelha com triângulos pretos, alguns se espalhando pelo chão. Eu disse: “Acho que é você, mas podia ser eu”.

O quarto tinha uma árvore espiritual com linha vermelha no tronco, e os galhos cheios de urubus. Mamã costurou uma mulher e um bebê menino embaixo do chão — dava pra ver que era menino por causa das suas intimidades. Imaginei que fossem minha vovozinha quando ela morreu e o menino que não viveu. Os dois estavam mortos e com sangue. Tive que dar uma volta pra tomar um ar depois desse. Você sai da sua mãe, dorme na mesma cama com ela até os vinte anos e ainda não sabe o que se passa em seus cantos mais profundos.

Voltei e estudei o outro — um homem no campo, com chapéu marrom, e o céu cheio de olhos nas nuvens, grandes olhos amarelos e chuva vermelha caindo das pálpebras. *Esse homem é meu papai, Shanney*, disse a mim mesma.

O seguinte era mamã e uma bebezinha deitadas no tear. Eu sabia que a menina era eu, e nossos corpos estavam em pedaços, tiras brilhantes que precisavam ser costuradas. Fiquei zozona olhando pra esse.

Outro quadrado era mamã costurando um vestido roxo coberto de luas e estrelas, só que ela estava num buraco de rato, as paredes inclinadas sobre ela.

Quadrado atrás de quadrado, eu sentia como se virasse as páginas de um livro que ela tinha deixado para trás, com as suas últimas palavras. Em algum momento, parei de sentir, como quando a gente dorme de mau jeito e acorda com o braço dormindo. Comecei a olhar para os apliques que mamã levou dois anos pra costurar como se eles não tivessem nada a ver comigo, porque só assim eu conseguia olhar. Deixei que flutuassem à minha frente como painéis de luz.

Aqui estava mamã com a perna amarrada atrás dela, de pé no pátio, recebendo a punição pernetá. Aqui estava outra árvore espiritual, como a primeira, mas essa era a nossa, e não tinha urubus, só folhas verdes e uma menina embaixo com um livro e um chicote descendo pra bater nela.

O último quadrado era de um homem, um touro com avental de carpinteiro — o sr. Dinamarca Vesey — e, do lado, ela costurou quatro números do tamanho dele. 1884. Eu não fazia ideia do significado.

Fui direto pra costura. Pro inferno a sinhá e seus vestidos. Aquele dia todo e até tarde da noite, juntei os quadrados de mamã com pequenos pontos quase invisíveis. Costurei o forro e enchi a colcha com o melhor enchimento que a gente tinha guardado e a coleção inteira de nossas penas. Então passei a tesoura no cabelo até tirar tudo, até ficar com só uma careca penugenta. Coloquei todo o cabelo cortado dentro da colcha.

Foi então que me lembrei do dinheiro. Oito anos guardando. Fui e olhei no baú, e estava vazio que nem o ar. Quatrocentos dólares, desaparecidos como mamã. E eu não tinha mais onde procurar. Fiquei sem ar.

No dia seguinte, depois de ter dormido pouco, costurei as camadas da colcha com linha grossa. Depois me enrolei nela como em um manto sagrado. Fui para o pátio assim, onde Tia-Irmã estava cortando cana-de-açúcar, e ela disse: “Menina, o que é isso no cê? E o que cê fez na cabeça?”.

Eu não disse nada. Fui pra árvore fazendo fumaça com a respiração e enrolei linha nova no tronco.

Então veio o barulho do céu. Os corvos voavam e a fumaça das chaminés subia para encontrar com eles.

“Aí está”, eu disse. “Aí está.”

PARTE TRÊS  
OUTUBRO DE 1818 — NOVEMBRO DE 1820

## Encrenca

Certos dias, enquanto eu descia a East Bay, via uma mulher de pele cor de canela dobrando uma esquina, um lenço vermelho na cabeça, e dizia, *Lá vai você de novo*. Eu tinha vinte e cinco anos e ainda conversava com ela.

Todo mês de outubro, no aniversário do desaparecimento de mamã, nós, escravos, sentávamos na copa e nos lembrávamos dela. Odiava ver aquele dia se aproximando.

No aniversário de seis anos de seu desaparecimento, Binah deu um tapinha na minha perna e disse: “Sua mãe se foi, mas nós tamo aqui, o céu ainda não desabô”.

Não, mas a cada ano mais um pedaço caía dele.

Aquela noite, eles desenterraram tantas histórias de mamã que fomos até depois da ceia. Roubando o rolo de tecido verde. Enrolando a sinhá com o coxeio. Arranjando o quarto no porão. Se alugando. Toda aquele teatro que ela fez Tomfry lembrou daquela vez que a sinhá mandou ele procurar mamã por tudo quanto é lado e ela não estava em lugar nenhum, como foi que a gente levou ela da porta da frente pro telhado, e depois ela inventou aquela história de pegar no sono lá em cima. As mesmas velhas histórias. As risadas e tapas na mesa de sempre.

Agora que ela se foi, eles gostavam bem mais dela.

“Cê tem os olhos dela”, disse Bonzinho, me olhando com aquela cara redonda de sempre.

Eu tinha mesmo os olhos dela, mas o resto veio do meu papai. Mamã dizia

que ele era um homem pequeno e mais preto que a parte escura da lua.

Pelo meu bem, deixaram de lado as histórias de dor. Nada sobre o que pode ter acontecido com ela. Todos, até Bonzinho, acreditavam que ela fugiu e aproveitava a vida em liberdade por aí. Pra mim, era mais fácil eu acreditar que ela estava dormindo no telhado esse tempo todo.

Lá fora, o dia sumia. Tomfry disse que era hora de acender as luzes da casa, mas ninguém se mexeu, e eu senti vontade de que eles soubessem quem era a verdadeira mamã, não apenas a mulher sorradeira, mas a feita de ferro, que andava à noite e rezava pra minha vovozinha. Mamã fazia mais num dia que eles num ano todo. Ela trabalhava até não aguentar mais e não tinha medo do perigo, sempre procurando por algo melhor. Eu queria que conhecessem essa mulher. Essa que não me abandonaria.

Eu disse: “Ela não fugiu. Não importa o que cês pensam, mas ela não fugiu”.

Eles ficaram ali sentados me olhando. Dava pra ver as rodinhas girando na cabeça deles: *tadinha da menina iludida, tadinha da menina iludida*.

Tomfry foi o primeiro a falar: “Encrenca, pensa. Se ela não fugiu, ela morreu. Qual cê qué que a gente acredite?”.

Ninguém tinha falado assim tão diretamente comigo. A história de mamã tinha escravos voando pelo céu e escravos mortos no chão, mas no meu jeito de ver as coisas, mamã estava perdida entre os dois. Entre os que voavam e os sepultados.

*Qual cê qué?* O ar ficou duro que nem goma de roupa.

“Nenhum dos dois”, eu disse, fiquei de pé e saí.

No meu quarto, deitei na cama, em cima da colcha de histórias e olhei pro tear ainda grudado no teto. Nunca mais o baixei, mas dormia embaixo das histórias de mamã todas as noites, menos no verão e nos dias quentes do outono, e eu sabia todas de cor e salteado. Mamã tinha costurado de onde ela veio, quem ela era, o que ela amava, o que tinha sofrido e pelo que tinha esperança. Ela encontrou um jeito de contar.

Depois de um tempo, ouvi passos em cima — Tomfry, Cindie, Binah acendendo os lampiões. Eu não precisava mais me preocupar com a luz da Sarah. Só tinha a costura agora. Um tempo atrás, Sarah tinha me dado de volta pra sinhá, oficial, no papel. Disse que não queria ser dona de uma pessoa humana. Ela até veio no meu quarto contar, tão nervosa que mal conseguiu falar. “... Eu teria libertado você, se pudesse... mas tem uma lei... Não permite que donos libertem seus escravos facilmente... De outro modo, eu o teria... você

sabe disso... não sabe?"

Depois disso, ficou claro que nem as sardas no rosto dela: eu só escaparia morta da sinhá, ou vendida, ou se achasse o esconderijo da mamã. Em certos dias eu sonhava com o dinheiro da mamã — nunca apareceu. Se eu encontrasse aquela fortuna, eu poderia tentar comprar minha liberdade da sinhá, como o plano. Pelo menos eu teria uma chance, uma merreca, mas seria o suficiente pra me dar forças.

Seis anos se passaram. Rolei na cama e olhei pra janela. Eu disse: “Mamã, o que aconteceu com você?”.

Quando o novo ano chegou, eu estava no mercado pegando as coisas que a Tia-Irmã precisava quando ouvi o escravo que limpava a barraca do açougueiro falando sobre uma igreja africana. O nome desse escravo era Jesse, um homem bom e gentil. Ele costumava pegar as bexigas dos porcos e encher de água pras crianças brincarem. Eu geralmente não dava bola pra ele — falava mais que a boca, sempre terminando as frases com *Deus seja louvado* —, mas, nesse dia, não sei por que, eu fui ouvir o que ele estava falando.

Tia-Irmã tinha mandado eu ir rápido, parecia que ia gear, mas eu fiquei ali com aquele cheiro podre no ar enquanto ele falava da igreja. Descobri que o nome certo era Igreja Metodista Episcopal Africana, e era só pra gente de cor, escravos e pretos livres juntos, e eles estavam se reunindo na funerária abandonada ao lado do cemitério de preto. Contou que o lugar ficava cheio até as tampas, todas as noites.

Um escravo perto de mim, usando uma libré velha e fora de moda, disse: “Desde quando essa cidade é tão boba de deixar escravos ter uma igreja própria?”.

Todo mundo riu daquilo, como se a gozação fosse com Charleston.

Jesse disse: “Bom, isso não é verdade, Deus seja louvado. Tem um homem na igreja sempre falando de como Moisés tirou os escravos do Egito, Deus seja louvado. Ele diz que Charleston é o Egito. Deus seja louvado”.

Minha cabeça se arrepiou. Eu perguntei: “Qual o nome do homem?”.

Jesse respondeu: “Dinamarca Vesey”.

Por anos, me recusei a pensar no sr. Vesey, como mamã tinha costurado ele no último quadrado da colcha de história. Não gostava do homem nela, não gostava do homem e ponto. Nunca pensei que ele poderia saber o que tinha acontecido com ela, por que saberia, mas parada ali, um sino tocou na minha

cabeça e eu disse a mim mesma que valia tentar. Talvez assim mamã pudesse descansar em paz.

Foi quando eu decidi ter religião.

Na primeira oportunidade, contei pra Sarah que eu estava sentindo o peso da vontade de salvação, e Deus estava me chamando para a Igreja Africana. Sequei os olhos um pouquinho.

Eu era farinha do mesmo saco da minha mamã.

No dia seguinte, a sinhá me chamou em seu quarto. Ela estava sentada perto da janela com a Bíblia aberta. “Fui informada de que você deseja se juntar a uma nova igreja que foi estabelecida na cidade para gente do seu tipo. Sarah me falou que você quer participar das reuniões noturnas. Permito duas vezes por semana e no domingo, contanto que não interfira em seu trabalho ou cause qualquer tipo de problema. Sarah vai preparar seu passe.”

Ela me olhou através de seus pequenos óculos e disse: “Tome cuidado para não desperdiçar o favor que estou lhe concedendo”.

“Sissinhora.” Por precaução, acrescentei: “Deus seja louvado”.

## Sarah

Não fazia ideia de por que Nina e eu tínhamos sido convocadas à sala de visitas do primeiro andar — isso nunca era bom. Ao entrar, encontramos o corpulento reverendo Gadsden sentado no sofá de seda amarela e, ao lado dele, mamãe enfiada no canto, segurando a bengala como se fosse perfurar o chão. Olhando para Nina que, aos catorze anos, era mais alta do que eu, notei seu olhos relampejarem por baixo dos cílios grossos e escuros. Ela subiu levemente o queixo num ato desafiador, e, por um instante, senti um pouco de pena do reverendo.

“Fecha a porta”, disse mamãe. Corredor abaixo, papai estava em seu quarto, doente demais para trabalhar. Dr. Geddings tinha prescrito calma e, por semanas, os escravos andavam na ponta dos pés, falavam em sussurros, cuidadosos para não chacoalhar uma bandeja, por temer pelas próprias vidas. Quando um médico prescreve calma como remédio, junto com xarope de raiz-forte, obviamente já tinha desistido.

Tomei meu lugar no outro sofá, ao lado de Nina, encarando os dois. A acusação contra mim seria ter falhado como madrinha de Nina. Como sempre.

No domingo anterior, minha irmã tinha se recusado a ser crismada na St. Philip's, mas o pior foi como ela agiu. Fez um espetáculo. Quando os outros jovens deixaram seus assentos e foram para o gradil do altar, para que o bispo passasse as mãos sobre suas lindas cabecinhas, Nina permaneceu deliberadamente sentada. Toda a família estava lá, exceto papai, e eu a observei com uma mistura confusa de vergonha e orgulho, enquanto ela ficou ali sentada

de braço cruzado, o cabelo escuro brilhando sobre os ombros e um pequeno círculo vermelho-fogo em cada bochecha.

O bispo foi até seu banco e tentou conversar, mas ela negou com a cabeça. Mamãe ficou dura como ferro forjado no assento ao meu lado, e eu senti o ar da igreja ficar anuviado. Quanto mais o bispo argumentava, mais crescia a teimosia de Nina, até ele desistir e continuar o serviço.

Eu não desconfiara do plano, mas, talvez, eu devesse tê-lo previsto — era Nina, afinal. Ela era cheia de opiniões ferozes e atos rebeldes. No último inverno, escandalizara a sala de aula ao tirar os sapatos, já que o menino escravo que limpava as lousinhas estava descalço. Perdi a conta de quantas cartas de desculpas mamãe lhe ordenara escrever. Em vez de obedecer, ela se sentava à frente do papel em branco por dias, até mamãe ceder. No *seu* aniversário de onze anos, Nina recusara um humano como presente com tanta veemência que Mamãe teve de desistir por puro cansaço.

Mesmo se eu tivesse tentado evitar a encenação de Nina na igreja naquele dia, ela teria apontado que eu, também, tinha desprezado os anglicanos. Bem, eu tinha, mas o fiz para adotar os presbiterianos, enquanto Nina teria desprezado os presbiterianos também, se tivesse a menor oportunidade. Ela os odiava pelo que chamava de “fel e absinto”.

Se havia uma diferença entre minha irmã e eu, era a religião.

Ao longo dos últimos anos, parecia que minha vida tinha sido tomada por oscilações entre asceticismo e indulgência. Eu tinha me afastado da sociedade depois de Burke Williams, sim, mas tinha sido uma infiel crônica, sucumbindo a algumas festas ou bailes, que me deixaram sentindo vazia e doente, o que me levou de volta rastejando para Deus. Nina com frequência me flagrou de joelhos, chorando ao rezar, implorando perdão, empenhada em um dos meus acessos torturantes de autocomiseração. “Por que você tem que ser assim?”, ela gritava.

Por que, aliás?

O sr. Williams tinha sido descartado das rodas de Charleston como um guardanapo sujo. Ele agora era casado com sua prima, cuidando da loja de armarinho do tio, em Columbia. Eu o tinha esquecido havia muito tempo, mas não conseguia aceitar morar aqui, nesta casa, até o fim dos meus dias. Eu tinha Nina, mas não por muito tempo. Carismática e bela que era, seria cortejada por dezenas de homens e me deixaria aqui com mamãe. Era a verdade que estava no centro de tudo que me levava às recaídas. Mas eu não poderia mais ter recaídas — aos vinte e seis, eu estaria velha demais para a próxima temporada.

Estava tudo acabado, e eu me senti perdida e miserável, cheia do amargor fel e do absinto, e não havia nada a ser feito.

Aqui, na sala de visitas, reverendo Gadsden parecia relutante e desconfortável. Não parava de apertar os lábios. Nina sentava-se ereta ao meu lado, como se para dizer, *tudo bem, que comecem os castigos*, mas sob o esconderijo de nossas saias, ela alcançou minha mão.

“Estou aqui hoje, pois sua mãe me convidou para conversar com você. Você nos chocou ontem. É uma coisa muita séria rejeitar a igreja e seus sacramentos e salvação...”

Ele seguiu com a tagarelice enquanto a mão de Nina suava.

Ela via minhas agonias privadas, mas eu via as dela também. Havia um lugar dentro dela onde tudo estava fora do lugar. Os gritos que ouvira da Casa de Trabalho ainda a habitavam, e ela acordava algumas noites gritando no escuro. Encenava um personagem corajoso, mas, sob ele, eu sabia que ela estava ferida e vulnerável. Depois das broncas corrosivas de mamãe, ela sumiria em seus aposentos por horas, emergindo de lá com olhos injetados do choro.

O discurso gentil, porém tedioso do reverendo pairava entrando e saindo de minha consciência. “Eu devo ressaltar”, eu o ouvi dizendo, “que você está colocando sua alma em perigo”.

Nina falou pela primeira vez. “Perdão, senhor reverendo, mas me ameçar com o *inferno* não me comoverá.”

Mamãe fechou os olhos. “Oh, Angelina, pelo amor de Deus.”

Nina tinha usado a palavra *inferno*. Até mesmo eu fiquei um pouco chocada. O reitor sentou-se para trás com resignação. Ele havia desistido.

Naturalmente, mamãe não. “Seu pai está gravemente adoentado. Certamente sabe que é o desejo dele que seja crismada na igreja. Poderia muito bem ser seu último desejo. Vai negar-lhe isso?”

Nina apertou minha mão, lutando para manter a compostura.

“... Ela deve negar sua consciência ou seu pai?”, eu disse.

Mamãe recuou como se eu tivesse lhe dado um tapa. “Você vai sentar aqui e encorajar sua irmã a desobedecer?”

“Estou encorajando-a ser verdadeira com seus próprios princípios.”

“Seus princípios?” O pescoço de mamãe ficou vermelho como beterraba. Ela se virou para o reverendo. “Como pode ver, Angelina está completamente sob o jugo de Sarah. O que Sarah pensa, Angelina pensa. Os princípios de Sarah são os princípios de Angelina. É minha culpa — escolhi Sarah como madrinha e, até hoje, ela desvia a criança.”

“Mamãe!”, Nina exclamou. “Eu penso por conta própria.”

Mamãe dirigiu o olhar calmo e sem piedade do reverendo para Nina e pronunciou a questão que sempre pairou entre nós. “Apenas para evitar minha confusão, quando você disse ‘mamãe’, agora mesmo, estava se referindo a mim ou a Sarah?”

O reitor se remexeu no sofá e pegou o chapéu, mas mamãe continuou: “Como eu dizia, reverendo, não sei o que fazer para reverter o estrago. Enquanto as duas viverem sob o mesmo teto, resta pouca esperança para Angelina”.

Quando ela levou o reverendo até a porta, despencou uma chuva lá fora. Senti Nina se deitar levemente em mim. Coloquei-a de pé e subimos as escadas.

No meu quarto, tirei a coberta da cama e Nina se deitou. O rosto dela parecia duro e estranho apoiado no travesseiro de linho. A chuva escurecia a janela, e Nina olhava para ela com olhos úmidos, suas costas subiam e desciam sob minha mão.

“Você acha que mamãe vai me mandar embora?”, ela perguntou.

“Não permitirei”, disse, embora não tivesse ideia de como impedir se mamãe decidisse banir minha irmã. Uma garota rebelde poderia ser facilmente enviada para um internato ou deportada para a fazenda de nosso tio na Carolina do Norte.

## Encrenca

“O Senhor não livrou Daniel?”, gritou Dinamarca Vesey.

A igreja toda respondeu: “Agora ele vem até mim”.

Devia ter duzentos de nós espremidos ali. Eu estava sentada no fundo, no lugar de sempre. O pessoal começou a deixar livre pra mim, dizendo “esse lugar é da Encrenca”. Fazia quatro meses que eu me sentava ali e não descobri nada sobre mamã, mas sabia mais que a sinhá sobre o povo que Deus tinha livrado.

Abraão, Moisés, Sansão, Pedro, Paulo — sr. Vesey os listava, entoando seus nomes. Todos estavam de pé, batendo palmas, agitando as mãos, gritando “Agora ele vem até mim”, e eu estava entre eles, dançando de pulinhos como eu fazia na alcova quando era uma menina cantando para a água.

Nosso reverendo era um preto livre chamado Morris Brown, e ele dizia que quando ficava animado assim era o Espírito Santo entre nós. Sr. Vesey, um dos quatro ajudantes principais, dizia que não era o Espírito Santo, era esperança. O que quer que fosse, era capaz de queimar um buraco no peito.

O calor na igreja era horrível. Enquanto a gente gritava, o suor molhava nossos rostos e roupas, e alguns dos homens se levantavam para abrir as janelas. O ar fresco entrava e os gritos saíam.

Quando sr. Vesey não tinha mais gente na Bíblia pra Deus livrar, ele ia pelo corredor cantando nomes.

*Deixe meu Senhor livrar Rolla.*

*Deixe meu Senhor livrar Nancy.*

*Deixe meu Senhor livrar Ned.*

Se ele chamava seu nome, você sentia como se pudesse voar direto pro céu e trombar de cara com Deus. Reverendo Brown dizia, cuidado, o céu pode ser o que você imaginar. Ele imaginava a África antes da escravidão — toda a comida e a liberdade que quisesse, sem uma pessoa branca pra ofuscar. Se mamã estava morta, ela teria uma casona e sinhá de empregada.

O sr. Vesey, porém, não gostava dessa conversa de céu. Ele disse que era o caminho do covarde, sonhar com a vida depois da morte, agindo como se essa vida não significasse nada. Eu tinha que concordar com ele nisso.

Mesmo quando eu estava cantando e cheia de esperança, parte de mim continuava quieta e pequena, observando tudo que ele dizia e fazia. Eu era o pássaro observando o gato dar a volta na árvore. Sr. Vesey tinha tufo de cabelo branco que nem lâ agora, mas, tirando isso, continuava o mesmo. A mesma cara fechada, os mesmos olhos afiados. Os braços ainda grossos e o peito que nem um barril.

Eu não tinha ainda tomado coragem pra falar com ele. As pessoas temiam Dinamarca Vesey. Se ele queria alguma coisa feita, berrava: “Se eu disse, é um comando do Senhor!”. E as pessoas tinham medo demais pra não fazer. Eu comecei a achar que o mundo tinha me pregado uma peça — talvez eu tivesse ido pra Igreja Africana por causa do Senhor mesmo, afinal. O que eu pensava que poderia descobrir sobre mamã, afinal?

Ninguém ouviu os cavalos lá fora. O sr. Vesey tinha começado um novo hino — *Josué lutou a batalha de Jericó, e as paredes vieram abaixo*. Gullah Jack, seu braço-direito, tocava um tambor, e a gente batia o pé. *Jericó. Jericó.*

Então as portas se abriram com tudo, e as mãos de Gullah Jack pararam de bater, e a canção morreu. Olhamos em volta, confusos, enquanto a guarda municipal se espalhava ao longo das paredes e pelo corredor, um em cada janela, quatro barrando a porta.

O chefe marchou até a frente com um papel numa mão e um mosquete na outra. Dinamarca Vesey disse com sua voz retumbante: “O que significa isso? Esta é a casa do Senhor, você não tem o que vir fazer aqui”.

O guarda ficou com cara de quem não acreditava na própria sorte. Ele pegou o cabo da arma e o enfiou na cara do sr. Vesey. Um minuto antes, ele gritava Jericó e agora estava no chão com a camisa cheia de sangue.

As pessoas começaram a gritar. Um dos guardas atirou numa das vigas, mandando pedaços de madeira e fumaça rodopiando para baixo. Dentro da minha orelha latejava, e quando o chefe leu o mandado, parecia pra mim que estava falando do fundo de um poço. Ele disse que os vizinhos da igreja

reclamaram de perturbação à ordem. Fomos acusados de perturbação da ordem.

Enfiou o papel no bolso. “Vocês serão levados para a delegacia e sentenciados pela manhã com uma punição adequada.”

Um soluço de uma mulher no canto, e o lugar todo ficou incensado com medo e murmúrio. A gente conhecia a delegacia — era onde prendiam os criminosos, brancos e pretos, até decidir o que fazer com eles. Os brancos ficavam até a audiência, e os pretos até seus donos pagarem a multa. Você tinha que rezar pra Deus pro seu dono não ser muquirana, pois se ele se recusasse a pagar, você ia pra Casa de Trabalho pagar sua dívida.

Do lado de fora, a lua parecia fraca no céu. Juntaram a gente em quatro grupos e nos marcharam pela rua. Um escravo cantava *O Senhor não livrou Daniel?*, e um guarda mandou ele ficar quieto. Tudo em silêncio dali em diante, exceto pelo andar dos cavalos e um bebezinho amarrado nas costas da mãe, que choramingava que nem um gatinho. Estiquei o pescoço atrás do sr. Vesey, mas ele não estava em lugar algum. Então, avistei as gotas escuras espalhadas pelo chão, e soube que ele estava indo na frente.

Passamos a noite no chão de um lugar cheio de celas, homens e mulheres amontoados juntos, todos tendo que mijar no mesmo balde no canto. Uma mulher tossiu quase a noite toda e dois homens começaram a se estranhar, mas a maioria ficou sentada no escuro, olhando com olhos sem expressão e tirando cochilos breves. Uma hora, acordei ao ouvir aquele mesmo bebezinho miando.

No primeiro raio de sol, um guarda com cabelo roçando os ombros trouxe um balde de água com uma caneca, e a gente se revezou para tomar, enquanto nossos estômagos roncavam de fome. Depois disso, ficamos imaginando o que viria a seguir. Um homem na nossa cela já tinha sido pego pela guarda seis vezes e nos contou os fatos e os números. A multa era de cinco dólares, e se o seu mestre não pagasse, doze chibatadas na Casa de Trabalho, ou pior, pegava a esteira. A esteira eu não sabia o que era, e ele não falou, só mandou a gente implorar pelo chicote. Aí ele levantou a camisa, e suas costas estavam entalhadas como pele de crocodilo. A visão quase me fez vomitar. “Meu sinhô nunca paga”, ele disse.

A manhã se alongou e a gente esperou e esperou. Eu não conseguia parar de pensar nas costas do homem, onde tinham colocado o sr. Vesey, e como ia seu rosto machucado. O calor cozinhava o ar e o cheiro ficou azedo e o bebê começou a berrar de novo. Alguém disse: “Por você não dá de comer pra

criança?”.

“Eu não faço leite”, a mamã falou, e outra mulher com manchas na frente do vestido disse: “Aqui, me dá o nenê. O meu tá em casa e tenho todo esse leite sem ninguém pra mamar”. Ela colocou o peito marrom pra fora, o leite claro foi escorrendo do mamilo, e o bebê grudou nele.

Quando o guarda cabeludo voltou, disse: “Prestem atenção no seu nome. Se eu te chamar, está livre pra ir pra casa ou sei lá onde”.

Todos ficamos de pé. Eu disse a mim mesma que *nenhum escravo Grimké jamais foi mandado pra Casa de Trabalho. Jamais.*

“Seth Ball, Ben Pringle, Tinnie Alston, Jane Brewton, Apollo Rutledge...” Ele falou os nomes até só sobrar eu e o homem da cicatriz e a mamã com o bebê e um punhado de outros. “Se você ainda está aqui”, ele continuou, “é que seu dono decidiu que a Casa de Trabalho vai mudar seu modo de pensar”.

Um homem falou: “Eu sou um preto livre, não tenho dono”.

“Se tiver os documentos que provem isso, então você pode pagar a multa”, o guarda disse. “Se não puder pagar na hora, então vai para a Casa de Trabalho com o resto.”

Eu me senti confusa, de verdade. Eu disse: “Senhor! Senhor! Você esqueceu meu nome. É Hetty. Hetty Grimké.”

Ele respondeu batendo a porta.

A esteira mastigava e rangia os dentes — dava pra ouvir antes de entrar. O homem da Casa de Trabalho levou doze de nós pra galeria no alto, nos cutucando com uma vara. Dinamarca Vesey veio atrás de mim com o rosto tão inchado que seu olho estava fechado. Ele era o único com grilhões nas mãos e nos pés. Ele arrastava os pés, e a corrente arrastava junto e chacoalhava.

Quando ele tropeçou nas escadas, eu disse por cima do ombro: “Cuidado aí”. Depois, cochichei: “Por que você não pagou a multa? Cê num tem dinheiro?”.

“O que fazem aos pequeninos, também a mim o fazem”, ele disse.

Pensei comigo mesma, *o sr. Vesey fala que nem Jesus carregando a cruz, mas deve ser porque não tinha cinco dólares na hora pra pagar a multa. Mas conhecendo ele, podia mesmo estar se juntando a nós. O homem era cabeça-dura e orgulhoso, mas tinha coração.*

Quando chegamos à galeria e olhamos por cima do corrimão para o tormento que nos aguardava, apenas nos dobramos e sentamos no chão.

Um dos feitores prendeu a corrente do sr. Vesey a uma argola de ferro e nos mandou observar a roda com cuidado, pra saber o que fazer. A mamã com o bebê nas costas disse pra ele: “Quem vai oiá meu bebê quando eu tiver lá?”.

Ele respondeu: “Você acha que temos pessoas pra cuidar do seu bebê?”.

Tive que desviar os olhos dela, o modo como sua cabeça caiu, o bebê de olhos arregalados sobre seu ombro.

A esteira era um tambor que girava, duas vezes mais alto que um homem, com degraus nele. Doze pessoas amontoadas escalavam, fazendo a roda girar. Seguravam num corrimão no topo, com os punhos amarrados, caso escorregassem. O moinho gemia e o milho quebrava embaixo. Dois feitores de pele preta andavam pra lá e pra cá com chicote de couro — gato de nove caudas, eles chamavam — e quando a roda diminuía a velocidade, batiam nas costas e pernas daqueles coitados até ficar em carne viva.

O olho bom do sr. Vesey me estudou. “Não conheço você de algum lugar?”

“Da igreja.”

“Não, outro lugar.”

Eu podia cuspir a verdade, mas a gente estava na cova dos leões de Daniel, e Deus nos deixou ali. Eu disse: “Cadê todo aquele livramento de Deus?”.

Ele bufou. “Você tem razão, a única salvação é aquela que nós mesmos nos damos. O Senhor não possui outras mãos ou pés senão os nossos.”

“Isso não diz grande coisa do Senhor.”

“Isso não diz grande coisa de nós também.”

Um sino tocou embaixo e a bocarra da roda parou de mastigar. Os feitores saltaram as mãos das pessoas, que desceram as escadas até o chão. Alguns estavam tão acabados que tiveram de ser arrastados.

O feitor soltou sr. Vesey da argola do chão. “De pé. É sua vez.”

## Sarah

O pé destroçado de Encrenca estava levantado sobre um travesseiro, e Tia-Irmã colocava uma folha de banana-da-terra sobre a ferida. Pelo cheiro que pairava no ar, soube que o machucado tinha acabado de ser envolto em potassa e vinagre.

“A srta. Sarah chegou”, disse Tia-Irmã. A cabeça de Encrenca rolou de um lado para o outro no colchão, mas permaneceu de olhos fechados. Tinha sido bastante sedada com láudano, o boticário já tinha passado por lá.

Pisquei para manter as lágrimas afastadas — era o efeito dela ali deitada e mutilada, mas parte da angústia provinha da culpa. Eu não sabia que ela tinha sido presa, que mamãe tinha decidido deixá-la sofrer as consequências na Casa de Trabalho. Nem tinha dado falta dela. Isso nunca teria acontecido se eu não tivesse devolvido a posse de Encrenca para mamãe. Sabia que ela ficaria pior com mamãe, mas a devolvi mesmo assim. Aquela terrível moral minha.

Sabe-Tudo tinha trazido Encrenca de volta na carruagem enquanto eu estava fora, no Estudo Bíblico. *Estudo Bíblico*. Sentia vergonha de pensar em mim estudando o décimo terceiro capítulo dos Coríntios: *Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; Ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu nada seria.*

Forcei-me a olhar para Tia-Irmã. “Está muito ruim?”

Ela me respondeu levantando a folha verde para que eu pudesse ver com meus próprios olhos. O pé de Encrenca estava dobrado para dentro, em um

ângulo estranho, e havia um corte que ia do tornozelo até o dedão, expondo a carne. Um risco de sangue vivo embebia a compressa. Tia-Irmã limpou com uma toalha antes de recolocar a folha.

“Como isso aconteceu?”, perguntei.

“Colocaram ela na esteira, e ela caiu e o pé ficou embaixo da roda.”

Um desenho da monstruosidade recém-instalada tinha sido publicado no *Mercury* com a legenda: *Uma Reprimenda Mais Engenhosa*. O artigo especulava que ela daria quinhentos dólares de lucro para a cidade no primeiro ano.

“O boticário disse que o pé não tá quebrado”, disse Tia-Irmã. “As cordas que seguram os ossos tão rasgadas, e ela vai ficá aleijada, isso da pra falar só de olhá.”

Encrenca gemeu algo que saiu enrolado e indistinguível. Peguei sua mão, chocada por como era fina, imaginando como o pé não tinha virado pó. Ela parecia pequena ali, mas não mais infantil. O cabelo estava malcortado, rente. Bolsinhas penduradas debaixo dos olhos. A testa vincada de linhas. Ela tinha virado uma velhota.

Seus lábios estremeceram, mas não abriram, tentando falar outra vez. Me aproximei deles.

“Vai embora”, ela guinchou. “*Vai. Embora.*”

Mais tarde, disse a mim mesma que a mente dela estava aturdida com os opiáceos. Ela não sabia o que estava dizendo. Ou, talvez, ela se referia ao seu próprio desejo de ir.

Encrenca não deixou o quarto por dez dias. Tia-Irmã e Phoebe levavam suas refeições e cuidavam de seu pé, e Bonzinho parecia estar sempre por perto, esperando notícias, mas eu não fui mais, temendo que, afinal, suas palavras fossem mesmo para mim.

O banimento do escritório de papai nunca foi retirado e eu raramente entrava lá, mas enquanto Encrenca se recuperava, eu entrei sorrateiramente e peguei dois livros — *O peregrino*, de John Bunyan, e *A tempestade*, de Shakespeare, uma aventura no mar que pensei que ela poderia gostar — e deixei os dois à sua porta, bati e saí correndo.

Na manhã em que Encrenca apareceu, nós, os Grimké, estávamos tomando café na sala de jantar. Apenas quatro dos filhos não tinham ainda casado ou ido estudar fora: Charles, Henry, Nina, e, claro, eu, a tia donzela ruiva da família. Mamãe estava sentada na cabeceira da mesa, com uma tela de seda

logo atrás, o jasmim pintado à mão sobre sua cabeça, mas nada que poderia parecer um halo. Ela virou para a janela e vi sua boca se abrir de surpresa. Lá estava Encrenca. Cruzava o pátio na direção do carvalho, com uma bengala de madeira grande demais para seu tamanho. Ela se movia com dificuldade, forçando o corpo para a frente e arrastando o pé direito.

“Ela está andando!”, gritou Nina.

Empurrei a cadeira para trás e deixei a mesa com Nina logo atrás de mim.

“Vocês não têm minha licença!”, mamãe berrou.

Nós nem viramos a cabeça em sua direção.

Encrenca permaneceu atrás da árvore fluorescente, em um pedaço de musgo cor de esmeralda. Havia marcas de arrasto de seu pé na terra, e eu me vi pisando sobre elas como se fossem sacrossantas. Ao nos aproximarmos, ela começou a enrolar linha vermelha nova em torno do tronco. Eu não conseguia nem imaginar o que essa estranha prática significava. Ela fazia isso havia anos.

Nina e eu esperamos enquanto ela pegou uma tesoura do bolso e cortou a velha linha desbotada. Vários fiapos cor-de-rosa ficaram pendurados na casa, e enquanto ela os arrancava, sua bengala escorregou e ela agarrou a árvore para não cair.

Nina recolheu a bengala e a devolveu. “Dói?”

Encrenca olhou para mim. “Nem tanto agora.”

Nina agachou-se inconscientemente para inspecionar o modo como o pé dela virava para dentro, um estranho calombo sobre ele, como ela tinha que cortar a parte de cima de um sapato e deixar sem cadarço para servir.

“Sinto muito pelo que aconteceu”, eu disse. “Sinto muito mesmo.”

“Li o que pude dos livros que você levou. Me deram alguma coisa pra fazer, além de ficar deitada.”

“Posso tocar seu pé?”, Nina perguntou.

“Nina”, eu disse, mas de repente entendi — ali estava o pesadelo que ela sonhava desde criança, ali estava o horror secreto da Casa de Trabalho.

Talvez Encrenca também entendesse sua necessidade de encarar isso. “Não ligo.”

Nina passou o dedo pela casca da cicatriz que inflamava a pele de Encrenca. O silêncio se instaurou à nossa volta, e eu olhei para as folhas enfeitando os galhos como pequenas copas. Eu podia sentir Encrenca me olhando.

“Você precisa de alguma coisa?”, perguntei.

Ela riu. “*Se preciso de alguma coisa?* Bom, vamos ver.” Os olhos dela

estavam duros como vidro, amarelo-fogo.

Ela tinha enfrentado uma crueldade que eu não era capaz de imaginar, e tinha saído ferida, com uma cicatriz muito mais profunda que seu pé desfigurado. O que eu tinha ouvido em sua risada endurecida era um tipo de radicalização. De repente, ela parecia perigosa, do mesmo modo que sua mãe fora. Mas Encrenca era mais razoável e metódica do que sua mãe jamais fora, e cautelosa também, o que tornava tudo mais preocupante. Uma onda de presciência me arrebatou, uma nota de escuridão, e depois foi embora. Eu disse a ela: “Eu quis dizer...”.

“Eu sei o que quis dizer”, ela interrompeu, e seu tom de voz era mais tranquilo. A raiva no rosto tinha sumido, e pensei por um momento que ela poderia chorar, uma visão que eu nunca tinha testemunhado, nem quando sua mãe desaparecera.

Em vez disso, ela se virou e seguiu na direção da cozinha, o corpo bastante torto para a esquerda. A sua determinação me doeu quase tanto quanto vê-la nessa situação, e só quando Nina me abraçou pela cintura e se agarrou a mim que notei o tanto que estava ligada a ela.

Alguns dias depois, Cindie bateu à minha porta com um recado, ordenando que eu fosse para a sacada do primeiro andar, onde mamãe passava a maior parte de suas tardes para aproveitar a brisa. Era incomum que ela escrevesse seus recados, mas Cindie tinha se tornado muito esquecida, entrando em cômodos sem ser capaz de se lembrar o porquê, levando pra mamãe a escova de cabelo em vez do travesseiro, uma lista de pequenos erros que eu sabia que logo convenceriam mamãe a trocá-la por alguém mais nova.

Ao descer as escadas, ocorreu-me pela primeira vez que ela poderia querer substituir Encrenca também, cuja capacidade de andar até o mercado atrás de tecidos e suprimentos tinha se tornado questionável. Parei no patamar da escada, o retrato das Moiras me olhando maliciosamente, como sempre, e meu estômago deu um nó de temor. Seria por isso que mamãe tinha me chamado?

Embora fosse começo de maio, o calor já tinha chegado com sua umidade encharcante. Mamãe estava sentada no balanço e tentava se refrescar com o leque de marfim. Não esperou que eu sentasse. “Não vemos progresso na condição de seu pai há mais de um ano. Seus tremores estão piorando a cada dia e não há mais nada que possa ser feito por ele.”

“O que está me dizendo? Ele está...”

“Não, apenas escute. Conversei com dr. Geddings e chegamos a um

acordo: a única medida que nos resta é levá-lo para a Filadélfia. Há um médico de renome lá, um tal dr. Philip Physick. Escrevi-lhe recentemente e ele concordou em ver seu pai.”

Abaixei-me em uma cadeira de madeira.

“Ele irá de navio”, ela disse. “Será uma viagem exaustiva para ele, e provavelmente terá de permanecer no Norte durante todo o verão ou o tempo que for necessário para encontrar uma cura, mas o plano lhe deu esperança.”

Concordei. “Bem, sim, claro. Ele deve fazer todo o possível.”

“Fico feliz que se sinta assim. Você será sua acompanhante.”

Fiquei de pé num salto. “Eu? Você não quer dizer que vou levar papai para Filadélfia sozinha. E o John? E Thomas?”

“Seja sensata, Sarah. Eles não conseguem abandonar suas profissões e suas famílias com facilidade.”

“E eu consigo?”

“Preciso ressaltar que você não possui profissão ou família para cuidar? Você mora debaixo do teto de seu pai. Seu dever é para com ele.”

Cuidar de papai semana atrás de semana, possivelmente por meses, sozinha, em um lugar longínquo — senti a vida se esvaindo em mim.

“Mas eu não posso partir...” Eu estava prestes a dizer: *não posso deixar a Nina*; mas pensei duas vezes.

“Eu cuidarei de Nina, se é com isso que se preocupa.”

Ela sorriu, coisa rara. A lembrança da visita do reverendo surgiu: o olhar frio de mamãe enquanto eu defendia o direito de Nina de seguir sua consciência. Não tinha levado seu aviso a sério. *Enquanto as duas viverem sob o mesmo teto, resta pouca esperança para Angelina*. A intenção de mamãe não era afastar Nina, mas sim, a mim.

“Você parte em três dias”, ela disse.

## Encrenca

Mamã fingiu coxear, eu nem precisei fingir. Eu usava sua velha bengala de madeira, mas me batia no peito, era mais uma muleta que uma bengala.

Um dia, quando a chuva caía e Bonzinho não podia trabalhar na horta, ele me disse: “Me dá essa bengala”.

“Pra quê?”

“Só me dá aqui”, ele disse, então eu dei.

Pelo resto do dia, ficou sentado à mesa e talhou. Quando voltou, trazia a bengala escondida atrás de suas costas. Ele disse: “Espero que goste de coelhos”.

Não só o homem tinha cortado um pedaço pra deixar do tamanho certo, mas tinha talhado o cabo na forma de uma cabeça de coelho. Tinha o nariz redondo e sardento, olhos grandes e duas longas orelhas que iam para trás. Ele até tinha feito riscos na madeira pra parecer com o pelo.

Eu disse: “*Agora* eu gosto de coelhos”.

Foi uma das coisas mais gentis que já me fizeram. Certa vez, eu perguntei por que ele tinha esse nome, e me disse que a mamã dele deu pra ele quando tinha dez anos, porque ele era o mais *bom* dos filhos.

Eu andava com aquela bengala, me exibindo. Cindie me viu indo para a copa na hora do jantar e disse que eu saltitava pelo pátio que nem um coelho. Eu dei risada.

No dia seguinte ao elogio de Cindie, levaram ela pra algum lugar e ninguém nunca mais a viu. Tia-Irmã disse que a mente dela não estava boa e que a sinhá tinha enviado ela pra fazenda com Thomas, pra terminar seus dias por lá.

Thomas cuidava da fazenda agora, e, claro, voltou com uma nova criada pra sinhá, chamada Minta.

Deus ajude a garota.

A Cíndie ser mandada embora de repente deixou todo mundo com medo. Voltei pros meus afazeres com a costura mais rápido que um coelho. Mostrei a sinhá que conseguia subir a escada. Eu subi com segurança e firmeza, e quando cheguei no alto, ela disse: “Muito bem, Hetty, sei que você sabe o quanto eu senti em mandar você para a Casa de Trabalho”.

Concordei para mostrar quão pesado o fardo deve ter sido para ela.

Então, ela disse: “Infelizmente, esse tipo de coisa é necessário às vezes, e você parece ter tirado proveito. Quanto ao seu pé... bem, sinto muito pelo acidente, mas olha só pra você. Está se virando bem”.

“Sissinhora.” Fiz um floreio do último degrau, pensando no que o sr. Vesey disse certa vez na igreja: *Tenho uma mente para o mestre ver. Tenho outra mente que sei ser eu.*

Escutei um toque-toque na minha porta certa tarde, e Sarah estava lá com seu rosto sardento, branco que nem casca de ovo. Eu estava trabalhando numa calça do sinhô Grimké — a sinhá tinha mandado um montão delas, dizendo que estavam ficando grandes demais. Quando Sarah entrou, eu estava mancando em volta da mesa, abrindo uma bombacha para ver o que podia fazer. Coloquei a tesoura sobre a mesa.

“... Eu só quero te avisar... Bem, eu vou embora... Para o norte. Eu... eu não sei quando vou voltar.”

Ela estava falando com as pausas de novo na voz, me contando sobre o médico na Filadélfia, ter que cuidar do papai, se separar de Nina, todo o trabalho de fazer as malas que aguardava. Eu ouvi e pensei, *Os brancos pensam que a gente se importa com tudo no mundo que acontece com eles, cada topada no pé que dão.*

“Que má notícia”, disse a ela. “Sinto muito”, e assim que isso saiu da minha boca, soube que vinha da verdadeira mente que era eu, não a mente pro meu mestre ver. Eu *sentia* muito por ela. Sarah tinha se enfiado em meu coração, mas, ao mesmo tempo, eu odiava aquela cor de casca de ovo do seu rosto, o jeito desamparado com que me olhava o tempo todo. Ela era boa pra mim e fazia parte de tudo que tinha roubado minha vida de mim.

“... Você se cuide enquanto eu estiver fora”, ela disse.

Observando ela sair pela porta, tomei a decisão. “Lembra que você me perguntou um tempo atrás se eu precisava de alguma coisa? Bom, eu preciso de uma coisa.”

Ela se virou e seu rosto estava alegre. “Claro... o que eu puder fazer.”

“Preciso de um papel assinado.”

“... Que tipo de papel?”

“Um que me dê permissão pra ficar na rua. No caso de alguém me parar.”

“Ah.” Ela só disse isso por um minuto. Então: “... Mamãe não quer que você saia, não por enquanto... Ela designou Phoebe para fazer as compras. Além disso, eles fecharam a Igreja Africana... não vai ter pra onde você ir.”

Eu sabia que a igreja estava condenada, mas mesmo assim foi um golpe ouvir aquilo. “Eu preciso de um passe mesmo assim.”

“... Por quê? Aonde você precisa ir?... É perigoso, Encrenca.”

“Eu passei a maior parte da minha vida fazendo coisas pra você e nunca pedi nada em troca. Eu preciso ir nuns lugares, é assunto meu.”

Ela levantou a voz para mim. Pela primeira vez “... E como você pretende sair da propriedade?”

Olhando para nós estava a janelinha por onde mamãe passava. Lá no alto, permitindo a pouca luz entrar. Eu disse a mim mesma, *Se mamãe consegue, eu consigo. Eu faço isso manca, cega e de trás pra frente, se precisar.*

Não contei. Apontei com a cabeça para um pedaço de papel na prateleira ao lado de uma pena e um tinteiro. Eu disse: “Se você não se achar na condição de escrever esse passe pra mim, eu mesma vou escrever e assinar seu nome”.

Ela respirou profundamente e me encarou um momento, depois foi e mergulhou a pena na tinta.

Na primeira vez que me espremi pela janela e passei por cima do muro, Sarah tinha ido embora fazia uma semana. A pior parte foi quando tive que me jogar por cima do muro com nada além do oleandro branco para me esconder. Eu tinha a bengala de coelho e um pacote grosso de anagem amarrado nas costas, o que me deixava desajeitada. E quando caí no chão, foi em cima do pé ruim. Fiquei sentada até parar de latejar, e então saí das árvores para a rua, apenas mais uma escrava obedecendo alguma ordem de um branco.

Escolhi esse dia porque a sinhá estava com dor de cabeça. A gente vivia para essas dores de cabeça. Quando vinham, ela ia pra cama e nos deixava em

paz. Eu tentei não pensar em como entraria de volta. Mamã esperava a escuridão e se jogava por cima do portão dos fundos e esse era o melhor jeito, mas era verão e o escuro demorava pra chegar, dando tempo de sobra pro pessoal pensar onde é que eu estava.

Um quarteirão East Bay abaixo, eu vi um guarda. Ele me olhou nos olhos e estudou meu coxear. *Ande firme. Não muito rápido. Não muito devagar.* Apertando as orelhas do coelho, não respirei até dobrar a esquina.

Demorei o dobro pra chegar no número 20 da Bull. Fiquei parada do outro lado da rua e encarei a casa, que ainda precisava de pintura. Não sabia se Dinamarca Vesey tinha saído da Casa de Trabalho ou o que tinha acontecido com ele. A última lembrança que tinha daquele inferno era a voz dele gritando: “Ajudem a garota, ajudem a garota”.

Não tinha me permitido pensar naquilo, mas, parada ali na rua, a memória veio que nem uma imagem numa pintura. *Eu na esteira, segurando o corrimão com toda força. Subindo na roda, subindo na roda. Nunca vai parar. Sr. Vesey está quieto, nem um gemido dele, mas o resto gemia e gritava “Jesus” e o chicote estalava no ar. Minhas mãos estão suando, escorregando no corrimão. O nó que amarra meu punho se solta. Eu falo pra mim mesma pra não olhar pro lado, manter a cabeça reta, ir em frente, mas a mulher com o bebê nas costas está aos berros. O chicote corta suas pernas. E então a criança grita. Eu olho. Olho pro lado da sua cabecinha e está sangrando. Vermelha e molhada. E aí que tudo fica preto. Eu não consigo segurar, minhas mãos se soltam da corda. Eu caio, e nenhuma asa brota das minhas costas.*

Na janela da frente da casa dele, uma mulher passa roupa. Está de costas para mim, mas eu consigo ver o formato dela, o brilho em sua pele, o vermelho vivo do lenço na cabeça, o braço deslizando sobre o tecido, e sinto um aperto no peito.

Quando chego na varanda, escuto seu canto. *Bem lá longe no meio do campo, me veja trabalhando na roda da carruagem. Agora me deixe voar, me deixe voar, me deixe voar bem alto.* Espiando pela janela aberta, vejo seu quadril balançando. *Agora me deixe voar, me deixe voar, me deixe voar bem alto.*

Eu bati e a canção foi interrompida. Ela abriu a porta ainda segurando o ferro, e senti o cheiro do carvão vindo atrás. Mamã sempre dizia que ele tinha esposas mulatas espalhadas pela cidade, mas a principal morava na casa. Ela enfiou o queixo pra fora, franzindo a sobrancelha, e imaginei se ela pensava que eu fosse uma nova noiva.

“Quem é você?”

“Sou Encrenca. Vim ver Dinamarca Vesey.”

Ela me fulminou, depois olhou meu pé torcido. “Bom, eu sou a Susan, esposa dele. O que cê quer com ele?”

Eu sentia o calor saindo do ferro. A mulher tinha sofrido e eu não culpava que não abrisse a porta pra qualquer mulher. “Só quero falar com ele. Ele tá ou não?”

“Tô aqui”, uma voz falou. Ele apareceu no batente atrás dela com os braços cruzados no peito como se fosse Deus observando o mundo. Ele mandou a esposa arrumar o que fazer, e os olhos dela viraram duas fendinhas. “Leva esse ferro com você, tá enchendo a sala de fumaça.”

Ela saiu enquanto ele me observava. Ele tinha perdido um pouco de gordura da cara. Dava para ver o osso das bochechas agora. Ele disse: “Você teve sorte que seu pé não apodreceu e caiu”.

“Eu sobrevivi. E parece que você também.”

“Você não veio aqui saber da minha saúde.”

Ele não queria enrolação. Tudo bem. Meu pé doía de andar até ali. Peguei o saco das minhas costas e coloquei numa cadeira. Não tinha um enfeite na sala, só cadeiras de vime e uma mesa com a Bíblia em cima.

Eu falei: “Eu costumava vir aqui com minha mamã. O nome dela era Charlotte”.

A cara feia que sempre trazia no rosto desapareceu. “Eu sabia que conhecia você de algum lugar. Você tem os olhos dela.”

“É o que dizem.”

“Tem a coragem dela também.”

Apertei a anagem contra meu peito. “Eu quero saber o que aconteceu com ela.”

“Faz muito tempo.”

“Vai fazer sete anos.”

Quando ele ficou em silêncio, eu desfiz o pacote e espalhei a colcha de história da mamã sobre a mesa. Os quadrados quase caíam ao chão, vistosos o suficiente pra colocar fogo num quarto escuro.

As pessoas dizem que ele nunca sorri, mas quando viu os escravos voando para além do sol, sorriu. Observou minha vozinha e as estrelas cadentes, a mamã deixando meu papá no campo, ela e eu cortadas em pedaços no tear. Estudou as árvores espirituais e a punição perneta. Não perguntou o significado de nada. Sabia que era a história dela.

Olhei de relance para o último quadrado, onde mamã tinha costurado o

homem com avental de carpinteiro e os números 1884. Observei cuidadosamente para ver se ele se reconhecia.

“Você acha que esse sou eu, né?”, ele disse.

“Eu sei que é você, mas não sei desses números.”

Ele riu abertamente. “Um, oito, oito, quatro. Esse era o número da minha loteria. Os números que compraram minha liberdade.”

A sala estava sufocando de quente. O suor escorria na minha testa. *Então, essa é a última palavra dela. No fim, era isso: uma chance de liberdade. Uma chance difícil.*

Dobrei a colcha, guardei de volta na anagem e amarrei nas minhas costas. Peguei minha bengala. Eu disse: “Ela estava grávida, sabia? Quando ela sumiu, seu bebê sumiu com ela”.

Ele não se moveu, mas eu percebi que não sabia disso até então.

Eu disse: “Ela nunca teve a sorte desses números, né?”.

## Sarah

A viagem de barco foi angustiante. Nós navegamos pela costa por quase duas semanas, nauseados com as ondas da Virgínia subindo e descendo, antes de finalmente seguirmos nosso caminho ao longo de Delaware até Penn Landing. Ao chegarmos lá, eu tive um impulso de me curvar e beijar a terra firme. Com papai doente demais até para falar, coube a mim descobrir como recuperarmos nossa bagagem, contratar uma carruagem e achar nosso caminho até o dr. Physick.

Ao nos aproximarmos de Society Hill, onde residia o médico, a cidade foi ficando adorável, com suas árvores e campanários, fileiras de casas de tijolos e mansões. O que mais me impressionou foi como as ruas não tinham escravos. O entendimento súbito fez um aperto dentro de mim se soltar, algo que eu não sabia existir até então. Ficamos acomodados em uma pensão quaker perto da rua Fourth, onde papai se entregou aos meus cuidados — o que ele comia, o que ele vestia, todas as decisões sobre seu tratamento. Ele até me entregou as bolsinhas de dinheiro e os livros-caixa. De tantos em tantos dias, íamos para a casa do médico em uma carruagem alugada, mas depois de três semanas de visitas aparentemente fúteis, papai ainda não conseguia andar mais que poucos passos sem exaustão e dor. Ele tinha perdido mais peso. Parecia absolutamente dessecado.

Sentada na recepção do médico certa manhã, encarei o cabelo branco e o nariz aquilino do dr. Physick, um nariz muito parecido com o de papai. Ele disse: “Infelizmente, não encontro a causa para os tremores do juiz Grimké nem para a

sua deterioração”.

Papai não era o único frustrado. Eu também estava cansada de entrar otimista e sair desanimada. “... Certamente deve haver algo que possa prescrever.”

“Sim, claro. Acredito que a brisa do mar lhe fará bem.”

“Brisa do mar?”

Ele sorriu. “Você está cética, mas é um tratamento bem reconhecido, conhecido como talassoterapia. Sei que já devolveu a saúde até a doentes graves.”

Eu só podia imaginar o que papai diria quanto a isso. *Brisa do mar*.

“Minha prescrição é que o leve para Long Branch no verão. É um lugar pequeno, bastante isolado, na costa de Nova Jersey, famoso pela cura marítima. Enviarei láudano e paregórico. Ele deve ficar ao ar livre o máximo possível. Encoraje-o a colocar os pés na água, se for capaz. No outono, talvez ele tenha se recuperado o suficiente para voltar para casa.”

Talvez eu estivesse em casa com Nina antes de setembro.

O médico tinha dito que Long Branch era pequena, mas tinha exagerado. Não era pequena, nem mesmo minúscula; era quase inexistente. Havia quatro casas de fazenda, uma pequenina igreja metodista feita com ripas e uma loja de armarinhos. Nem era um lugar “bastante isolado”, era terrivelmente isolado. Viajamos de carruagem da Filadélfia por quatro dias. No último, chacoalhando por uma trilha. Depois de parar para comprar artigos de higiene no armarinho, continuamos para a taverna Fish, a única hospedaria. Ficava pendurada em uma ribanceira com vista para o mar. Era uma construção grande, desgastada pela maresia. Quando o atendente nos informou que devoções aconteciam no salão comum depois do jantar, tomei como um sinal de que Deus havia nos guiado.

Papai tinha ido com boa vontade, muita boa vontade, ao que parecia. Tinha certeza de que ele insistiria em voltar a Carolina do Sul. Esperei que ele gracejasse: “Não temos brisa do mar em Charleston?”, mas quando dei a notícia ali na sala de exames do dr. Physick, tomando cuidado para usar a palavra *talassoterapia*, ele apenas me olhou por um longo e estranho momento. Uma sombra passou sobre seu rosto, o que interpretei como decepção. E disse: “Vamos para Nova Jersey então. É isso que faremos”.

Na primeira tarde antes do crepúsculo, levei sopa de bacalhau para papai em seu quarto. Quando ele tentou tomar, sua mão tremeu com tanta violência

que a colherada se espalhou nos lençóis. Ele apoiou as costas na cabeceira e me deixou alimentá-lo. Falei sobre as rajadas de vento do oceano, sobre os muitos degraus que levavam do hotel para a praia, quase sem parar, para desviar nossa atenção do que estava acontecendo. Sua boca abria e fechava como a de um filhote de pássaro. Lambuzado pelo ensopado sem cor, papai parecia desamparado.

Enquanto o alimentava, o som das ondas quebrando enchia o quarto. Pela janela, eu via uma parte da água da cor de peltre, açoitada pelo vento até se encher de espuma. Por fim, ele levantou a mão para mostrar que já tinha tido o suficiente da sopa e da conversação.

Coloquei o penico no chão, ao lado da cama. “Boa noite, papai.”

Seus olhos já estavam fechados, mas sua mão segurou meu braço. “Está tudo bem, Sarah. Vamos deixar acontecer o que deve acontecer.”

17 de julho de 1819

*Querida Nina,*

*Estamos hospedados na taverna Fish. Mamãe chamaria o local de desprezível, mas já foi elegante e tem personalidade. Os quartos estão quase todos ocupados, mas conheci apenas dois hóspedes. São duas senhoras viúvas de Nova York, que vêm para as devoções todas as noites na sala de jantar. Gosto muito da mais jovem.*

*Papai ocupa todo o meu tempo. Vimos atrás da brisa do mar, mas ele não se aventurou para fora do quarto. Eu abro a janela, mas as gavotas barulhentas o incomodam, e ele ordena que a feche ao meio-dia. Eu sou muito teimosa — deixo uma fresta aberta e digo que está fechada. Outro motivo para eu ir à sala de jantar e rezar com as irmãs.*

*Aos quinze anos, você já tem idade o suficiente para que eu possa falar de irmã para irmã. A dor de papai só piora. Ele dorme longas e intermitentes horas por conta do láudano, e quando insisto que ele faça exercício no quarto, ele se apoia pesadamente sobre mim. Eu lhe dou quase todas as refeições na boca. Ainda assim, Nina, sei que há esperança! Se a fê move montanhas, Deus vai revigorar papai em breve. Todos os dias, sento à cabeceira de sua cama e rezo e leio a Bíblia em voz alta por horas a fio. Não se irrite com minha piedade. Sou presbiteriana, afinal. Como você sabe, somos apegados ao nosso fel e absinto.*

*Espero que não esteja provocando mamãe demais. Se possível, contenha-se até meu retorno. Rezo para que Encrenca esteja bem. Fique de olho nela. Se ela precisar de proteção por qualquer motivo, faça seu melhor.*

*Sinto falta de sua companhia, Nina. Talvez eu esteja um pouco solitária, mas tenho a Deus. Diga à mamãe que está tudo bem.*

*Sua Devotada Irmã,  
Sarah*

Todos os dias, em horas específicas, o atendente do hotel subia e descia bandeiras vermelhas e brancas no alto dos degraus que levavam à praia. Às nove em ponto, a bandeira vermelha era erguida, sinalizando aos cavalheiros que se apoderassem da praia. Observava-os furando as ondas, correndo para além da quebra e mergulhando. Emergindo, eles ficavam com a água na altura da cintura e olhavam o horizonte. Na praia, brincavam de lutar ou se agrupavam para fumar alguns charutos. Às onze, a bandeira branca subia e os homens pegavam a escada de volta ao hotel, com suas toalhas de lã sobre os ombros.

Então apareciam as senhoras. Mesmo se eu estivesse no meio da prece, murmurava um amém apressado e voava para a janela para observá-las descendo a escada em seus longos vestidos de natação e toucas impermeáveis. Eu nunca tinha visto senhoras se banhando no mar. Em Charleston, as mulheres não vão à praia com essas vestimentas extravagantes. Houve uma casa de banho flutuante no porto, depois da East Battery, com uma área privativa para o sexo feminino, mas mamãe achou que era melhor não irmos. Certa vez, para meu espanto, avistei as duas irmãs, sobre as quais eu havia escrito para Nina, descendo cautelosamente os degraus junto com as outras. A mais jovem, Althea, sempre tomava cuidado para perguntar não apenas sobre papai, mas também sobre mim. “Como você está, querida? Parece pálida. Está saindo do quarto o suficiente?” Quando a vi no meio das outras banhistas aquele dia, ela olhou para trás e, ao me avistar na janela, fez um gesto para que me juntasse a elas. Neguei com a cabeça, mas nada teria me agradado mais do que ir até lá.

As mulheres sempre entravam na água de um modo diferente dos homens, segurando em cordas pesadas presas à areia. Às vezes havia uma dúzia delas no mar, se agarrando a uma única corda, gritando e dando as costas para as ondas. Se papai estivesse dormindo, eu ficaria na janela e as observaria com um aperto no peito até a bandeira branca baixar.

Na manhã do dia oito de agosto, eu estava à janela, negligenciando minhas preces, quando papai acordou gritando meu nome. “*Sarah!*” Ao chegar ao seu lado, notei que ele ainda dormia. “*Sarah!*”, gritou mais uma vez, mexendo a cabeça em agitação. Coloquei minha mão sobre seu peito para firmá-lo, e ele acordou com a respiração forte e rápida.

Olhou-me com o olhar febril de alguém que acabava de ter um pesadelo. Entristecia-me pensar que eu fizera parte dele. Durante essas semanas em Long Branch, papai tinha sido bondoso comigo. *Como você está passando, Sarah? Está comendo o suficiente? Parece exausta. Largue a Bíblia um pouco, vá passear.* Sua ternura me chocou. No entanto, ele permanecia arredio, sem conversar sobre assuntos profundos.

Pressionei um pano sobre sua testa. “... Papai, sei que vir para cá foi um desafio para o senhor, e seu progresso tem sido... tem sido lento.”

Ele sorriu sem abrir os olhos. “É hora de falarmos a verdade: não houve progresso algum.”

“... Não devemos perder as esperanças.”

“Não devemos?” A pele de suas bochechas estava fina e transparente como um véu. “Eu vim aqui para morrer, você deve saber isso.”

“Não! Eu certamente não sei nada disso.” Fiquei chocada, até mesmo brava. Era como se o sonho ruim tivesse rachado sua fachada, e eu subitamente a quis de volta. “... Se acha que está morrendo, então por que não quis ir para casa?”

“Vai ser difícil para você entender, mas os últimos anos em casa foram difíceis. Seria um alívio ficar distante, ficar aqui com você, quietinho. Senti que aqui poderia me desapegar com mais facilidade das coisas que conheci e amei por toda a vida.”

Minha mão subiu até minha boca. Senti meus olhos molhados de lágrimas.

“Sarah. Minha querida menina. Não vamos ceder a esperanças vãs. Não espero me recuperar, nem quero.”

Seu rosto brilhou intensamente. Peguei sua mão e gradualmente sua expressão suavizou, e ele caiu no sono.

Ele acordou às três da tarde. A bandeira branca tinha acabado de ser levantada — eu a via emoldurada pela janela, balançando no céu translúcido. Segurei o copo d’água perto de seus lábios e o ajudei a beber. Ele disse: “Nós tivemos boas brigas, não tivemos?”.

Eu sabia o que viria a seguir e queria lhe poupar. Me poupar. “Não importa agora.”

“Você sempre teve uma mente obstinada e distinta, talvez até radical, e eu fui duro com você algumas vezes. Você precisa me perdoar.”

Não sabia o quanto lhe custava dizer essas palavras. “Eu te perdoo”, disse. “E o senhor precisa me perdoar.”

“Perdoar-lhe por que, Sarah? Por obedecer sua consciência? Acha que eu

não abomino a escravidão como você? Acha que eu não sei que foi a ambição que me impediu de seguir minha consciência como você fez? A fazenda, a casa... nosso estilo de vida depende dos escravos.” Seu rosto se contorceu e ele segurou o lado do corpo antes de continuar: “Ou eu deveria lhe perdoar por querer exprimir seu intelecto? Você é mais inteligente que Thomas ou John, mas é mulher, outra crueldade que eu não podia fazer nada para mudar.”

“Papai, por favor. Não tenho ressentimentos de você.” Não era completamente verdade, mas falei assim mesmo.

Risadinhas flutuaram da praia, envoltas pelo vento. “Você deveria ir lá fora refrescar seu espírito.”

Protestei, mas ele não cedeu. “Como vai cuidar de mim se não cuida de si mesma? Faça isso por mim, vou ficar bem.”

Eu queria apenas molhar os pés. Tirei os sapatos e os coloquei ao lado do vestiário portátil que tinha sido arrastado até a areia. Naquele momento, a irmã simpática, Althea, abria a cortina de lona e saía usando um vestido de natação listrado de preto e vermelho com uma sobressaia cheia de babados e mangas balonê. Queria que Encrenca estivesse lá para vê-lo.

“Que maravilha. Vai finalmente nadar conosco?”

“... Oh, não, eu não tenho roupa pra isso.”

Ela olhou para o meu rosto, que deve ter irradiado tristeza por todos os lados, pois ela mudou de ideia de repente, disse que tinha perdido a vontade de nadar e ficaria muito feliz em me emprestar o vestido dela para eu mergulhar. Depois daquela conversa com papai, eu me sentia esfolada, inchada e vermelha. Queria desaparecer em algum lugar a sós, mas depois olhei para a fila de mulheres segurando a corda dentro do mar, e para as montanhas verdes de água no fundo, tão ilimitadas e indomáveis, que resolvi aceitar a oferta.

Ela sorriu quando eu saí do vestiário. Não tinha touca, e eu tinha soltado o cabelo, que flamejava ao vento. Althea disse que eu parecia uma sereia.

Segurei uma das cordas e segui rumo às ondas, rapidamente, até alcançar as outras mulheres. A água batia em nossas coxas, para a frente e para trás, era como brincar de cabo de guerra, e depois, sem saber exatamente o que estava fazendo, me afastei delas. Segui em frente na água turbulenta e, quando tomei distância, me joguei de costas e flutuei. Foi um choque sentir como a água me segurava. Deitar no mar enquanto, lá em cima, meu pai morria.

9 de agosto de 1819

*Querida Mãe,*

*A Bíblia assegura que Deus vai secar todas as lágrimas de nossos olhos...*

Baixei a pena. Não sabia como contar. Era estranho eu ser a informante de tais notícias. Imaginava mamãe nos reunindo, suas crianças, na sala de visitas e dizendo: “Seu pai foi para o céu”. Como é possível que isso tinha sobrado para mim?

Em vez do distinto funeral que ele teria em Charleston — a pompa da igreja de St. Philip’s, a procissão grandiosa ao longo da rua Meeting, o caixão montado em uma carruagem florida e metade da cidade caminhando atrás — em vez disso tudo, ele foi enterrado anonimamente no cemitério sem jardinagem atrás da minúscula igreja batista pela qual passamos no caminho. Uma carroça levou seu caixão. Eu segui atrás, sozinha.

Mas eu não contaria nada disso para mamãe. Nem diria que na hora da sua morte, eu flutuava livremente no oceano, em uma solidão da qual me lembraria pelo resto da vida, as gaivotas grasnando sobre minha cabeça e uma bandeira branca flamulando no alto de um poste.

## Encrenca

Os olhos da sinhá estavam inchados e quase fechados de tanto chorar. Já estávamos no meio da manhã, e ela continuava na cama com sua roupa de dormir. O mosquitoeiro estava aberto e as cortinas fechadas, mas eu vi suas pálpebras inchadas. Minta, a menina nova, estava em um canto do quarto, tentando desaparecer.

Quando a sinhá tentou falar comigo, desatou a chorar. Senti por ela. Sabia como era perder alguém. O que eu não sabia era por que ela tinha me chamado em seu quarto. Tudo que eu podia fazer era ficar ali parada e esperar ela se recuperar.

Depois de uns minutos, ela gritou com Minta: “Você vai ou não vai me trazer um lenço?”.

Minta foi remexer numa gaveta no armário de roupa branca, e a patroa olhou para mim. “Você precisa começar imediatamente a fazer meu vestido. Quero veludo negro. Com algum tipo de enfeite. A sra. Russel tinha enfeites de azeviche no dela. Preciso de uma touca alta com um longo véu na parte de trás. E luvas negras, mas faça sem dedinhos por causa do calor. Vai se lembrar de tudo isso?”

“Sissinhora.”

“Precisa ficar pronto em dois dias. E precisa ser impecável. Você está entendendo, Hetty? Impecável. Trabalhe a noite toda se for necessário.”

Parecia que ela tinha se recuperado bem.

Ela me escreveu um passe para o mercado e me mandou na carruagem

com Tomfry, que ia comprar os cartões de luto. Disse que demoraria muito para eu mancar até lá e voltar. Foi assim que andei pela primeira vez de carruagem na vida. No caminho, Tomfry disse: “Tira esse sorriso do rosto, a gente tem que ficar de luto”.

No mercado, fui para as barracas sofisticadas procurando os enfeites que a sinhá queria, quando me deparei com a esposa do sr. Vesey, Susan. Eu não via ela desde o começo do verão, quando tinha ido na Bull, número 20.

“Olha o que trouxe a enxurrada”, ela disse. Acho que ainda estava irritada comigo.

Imaginei o tanto que ela deveria saber. Talvez tivesse ouvido aquele dia que conversei com o sr. Vesey. Ela poderia saber algo da mamã, do bebê, de tudo.

Não fazia sentido continuar a rixa. “Eu não tenho nada contra você. Não vou mais te importunar.”

Isso aí afastou a urtiga. Seus ombros caíram e seu rosto ficou suave. Foi quando eu notei o lenço. Vermelho. Bordas costuradas com ponto perfeito. Manchinhas de óleo. Eu falei: “Esse lenço é da minha mãe”.

Seus lábios se abriram como se a tampa da garrafa tivesse estourado. Eu esperei, mas ela ficou ali parada, com a boca vazia.

“Eu conheço esse lenço”, falei.

Ela colocou a cesta de algodão no chão e o tirou da cabeça. “Toma, pega.”

Passei o dedo pela barra costurada, pelos vincos onde o cabelo tinha ficado. Tirei o meu lenço e amarrei o da mamã. Bem baixo na testa, como ela usava.

“Onde você arrumou ele?”, perguntei.

Ela balançou a cabeça. “Acho que você precisa saber. Na noite que sua mamã sumiu, ela apareceu na nossa porta. O Dinamarca disse que a guarda ia ficar de olho numa mulher com lenço vermelho, então eu peguei o dela e dei o meu. Um marrom comum que ninguém ia reparar.”

“Você ajudou ela? Ajudou ela a fugir?”

Ela não respondeu minhas perguntas, apenas disse: “Eu faço o que o Dinamarca manda”. Depois saiu rebolando, com a cabeça nua.

Costurei durante aquele dia e noite e o dia e a noite seguintes, o tempo todo com o lenço da mamã. O tempo todo pensei nela aparecendo na porta do sr. Vesey naquela noite, e como ele sabia mais do que estava me contando.

Todas as vezes que levei o vestido lá pra cima para experimentar, a casa

estava uma confusão, se preparando para o luto. Sinhá disse que metade da cidade viria. Tia-Irmã e Phoebe assavam biscoitos de funeral e verificavam os conjuntos de chá. Binah envolveu os quadros e os espelhos com guirlandas pretas, e Eli fez a faxina. Minta tinha o pior serviço: pegar lencinhos e aguentar a sinhá.

Tomfry colocou o retrato do mestre Grimké na sala de visitas e arrumou uma mesa com lembrancinhas. O chapéu alto de castor e os alfinetes de lapela e os livros de direito que ele escreveu. Thomas trouxe um estandarte de tecido que dizia Para Sempre Lembrado, e Tomfry o colocou na mesa também, com um relógio parado na hora de sua morte. Sinhá não sabia a hora exata. Sarah tinha escrito que foi no fim da tarde, então, ela disse, coloque quatro e meia.

Quando não estava chorando, estava bufando que Sarah não tinha tido o bom senso de cortar um cacho do cabelo do sr. Grimké e enviado com a carta. Assim, ela não tinha nada para colocar no seu broche dourado de luto. A outra coisa que não gostou foi a notícia publicada no *Mercury*. Dizia que ele tinha sido enterrado no Norte, sem família ou amigos, e isso certamente seria um suplício para um grande filho da Carolina do Sul.

Não sei como consegui terminar o vestido a tempo. Era o melhor vestido que eu já tinha feito. Alinhavei centenas de enfeites de vidro negro, depois costurei as linhas no colarinho, como uma teia de aranha. Era preso em volta do pescoço e solto sobre o busto. Quando sinhá viu, ela me disse a primeira e única coisa gentil, que eu nunca me esqueço: “Ora, Hetty, sua mãe ficaria orgulhosa”.

Saí pela janela e sobre o muro no domingo, depois que os enlutados tinham parado de aparecer para dar as condolências. Era nosso dia de folga, e os escravos estavam sem fazer nada e a sinhá no quarto trancada. Dei uma volta rápida na frente da casa até me sentir em segurança, ao passar pelo lado da propriedade, vi Tomfry nos degraus da frente, pechinchando com o menino escravo que vendia peixe. Eles estavam debruçados sobre uma cesta com o que parecia vinte quilos de linguado. Baixei a cabeça e fui em frente.

“Encrenca! É você?”

Quando olhei, Tomfry me encarava do alto da escada. Estava velho, com os olhos leitosos, e passou pela minha cabeça falar, *não, sou outra pessoa*, mas daí, ele poderia ter visto minha bengala. Isso não dava pra confundir. Eu disse: “Sim, sou eu. Vou no mercado”.

“Quem disse que você pode ir?”

Eu trazia o passe de Sarah no bolso, mas ele questionaria isso, já que ela

ainda estava no Norte, esperando o navio pra casa. Fiquei na calçada, grudada no chão.

Ele disse: “O que você tá fazendo aqui fora? Anda, responde”.

Dentro da minha cabeça, ouvia a esteira gemendo.

Alguém apareceu na janela da frente. *Nina*. Então a porta se abriu e ela disse: “O que é, Tomfry?”.

“A Encrenca aqui fora. Tô veno o que ela tá fazeno.”

“Ah. Ela está cumprindo um pedido meu, só isso. Por favor, não diga nada a mamãe. Não quero que ela seja incomodada.” Depois falou para mim: “Pode ir”.

Tomfry voltou para o feirante de peixe. Minhas pernas não se mexiam rápido o suficiente. Na rua George, parei e olhei para trás. *Nina* ainda estava lá, me observando. Levantou a mão e abanou.

Perto da Bull, 20, tinha uma bandinha improvisada: três meninos assoprando em jarros grandes e *Gullah Jack*, o braço-direito do sr. Vesey, tocando seu tambor. Uma plateia de gente de cor se reuniu, e duas das mulheres começaram a fazer o que a gente chamava de *stepping*. Parei para ver por que elas estavam dançando *Strutting Miss Lucy*. Mas mantinha meus olhos principalmente em *Gullah Jack*. Ele tinha costeletas grossas e compridas e gingava sobre suas pernas curtas. Quando ele terminou a canção, enfiou o tambor embaixo do braço e seguiu para a casa do sr. Vesey. E eu fui atrás.

Eu via fumaça na cozinha, fui até lá e bati na porta. Susan me deixou entrar, dizendo: “Nossa, você até que demorou pra aparecer de novo”. Ela disse que eu podia ajudar com algumas coisas, os homens estavam reunidos na frente da casa.

“Que tipo de reunião?”

Ela deu de ombros. “Não sei, não quero saber.”

Ajudei picando alface e cenoura para o jantar, e quando ela levou uma garrafa de vinho Madeira para eles, fui atrás. Esperei atrás da porta, enquanto ela servia os copos, mas dava pra ver a mesa: sr. Vesey, *Gullah Jack*, Peter Poyas, Monday Gell, mais dois que pertenciam ao governador, Rolla Bennett e Ned Bennett. Conhecia todos da igreja. Todos escravos, exceto o sr. Vesey. No futuro, ele os chamaria de seus lugares-tenentes.

Eu passei pelo corredor quietinha e deixei Susan voltar para a cozinha sem mim. Depois me aproximei mais da porta, o mais perto que podia sem ser vista.

Parecia que o sr. Vesey estava repartindo os escravos do estado: “Eu fico com os negros da França em Santee, e Jack, você pega os escravos das ilhas. Os

mais difíceis de recrutar serão os das fazendas. Peter, você e Monday conhecem esses melhor. Rolla, você fica com os escravos da cidade, e Ned, os do Neck”

Baixou a voz, e eu me aproximei ainda mais. “Façam uma lista de todas as pessoas que vocês conseguiriam recrutar. E guardem essa lista que nem a própria vida. Digam a todos que tenham paciência, o dia está chegando.”

Não sei de onde ele surgiu, mas Gullah Jack estava em cima de mim antes que eu pudesse virar a cabeça. Ele me agarrou por trás e me jogou dentro da sala, minha bengala de coelho saiu voando. Trombei na parede e caí no chão.

Ele colocou o pé sobre o meu peito, me apertando no chão. “Quem é você?”

“Tira esse pé nojento de mim!” Cuspi, mas o cuspe caiu no meu próprio rosto.

Ele levantou a mão como se estivesse pronto pra me bater e, de canto de olho, vi Dinamarca Vesey pegar seu colarinho e o jogar pro outro lado da sala. Depois me levantou. “Cê tá bem?”

Meus braços tremiam tanto que não ficavam quietos.

“Tudo que você ouviu aqui, você guarda segredo”, ele me falou.

Concordei outra vez, e ele colocou seu braço ao meu redor, pra parar minha tremedeira.

Virando para Gullah e os outros, ele disse: “Essa é filha da minha esposa e irmã da minha filha. Ela é da família, e isso significa que vocês não devem colocar a mão nela”.

Ele disse aos homens para irem pra sua oficina. Ele esperou enquanto eles arrastavam cadeiras e saíram de mansinho.

Então ele falava da mamã como sua esposa. *Sou da família.*

Ele puxou uma cadeira para mim. “Aqui, senta. O que tá fazendo aqui?”

“Vim saber a verdade sobre o que aconteceu com mamã. Sei que você sabe.”

Ele agachou ao lado da cadeira. “Algumas coisas é melhor não saber.”

“Bom, isso não é o que diz a Bíblia. Ela diz que se você sabe a verdade, ela te libertará.”

Ele circulou a mesa. “Tá certo então.” Fechou a janela para que a verdade ficasse dentro da sala e não saísse voando para o mundo ouvir.

“No dia que a Charlotte arrumou problema com a Guarda, ela veio pra cá. Eu estava na oficina e quando olhei, lá estava ela. Caçaram ela até o lado do moinho de arroz, onde ela se escondeu. Ela tinha casca de arroz por todo o vestido. Escondi ela aqui até a noite, depois levei pra Neck, onde tem pouca

polícia. Levei ela pra se esconder lá.”

Neck ficava ao norte da cidade e tinha um monte de cortiços pra pretos livres e escravos que os donos deixavam “morar fora”. Cabana de preto, eles chamavam. Tentei imaginar uma, imaginar mamã nela.

“Eu conhecia um preto livre lá, que tinha um quarto e acolheu ela. Ela disse que quando a Guarda parasse de procurar, ela voltaria pros Grimké e imploraria piedade.” Ele estava andando pra lá e pra cá, mas aí sentou ao meu lado e falou a verdade o mais rápido que pôde. “Uma noite ela foi na latrina na alameda Radcliff e tinha um homem branco lá, um capitão do mato chamado Robert Martin. Estava esperando por ela.”

Um barulho encheu minha cabeça, um grito tão alto que eu não conseguia ouvir mais nada. “Um capitão do mato? O que é um capitão do mato?”

“Um homem que captura escravos. São a pior ralé. Todo mundo conhece esse homem: ele é mascate. Primeiro, vendia só mercadoria comum, depois começou a comprar e revender escravos, depois começou a roubar. Ele caça no Neck. Ele fica de orelha em pé e vai atrás dos fugidos. Mais de uma pessoa viu ele levando Charlotte.”

“Ele levou ela? Ele vendeu ela em algum lugar?” Fiquei de pé, gritando mais alto do que o barulho no meu crânio. “Por que você não foi atrás dela?”

Ele me pegou pelos ombros e me chacoalhou. Os olhos faiscavam que nem carvão aceso. Ele disse: “Gullah Jack e eu procuramos por dois dias. A gente procurou em tudo, mas ela sumiu”.

## Sarah

Fiz uma viagem trabalhosa de volta à Filadélfia, onde fiquei na mesma hospedaria onde papai e eu ficamos antes, na Society Hill, esperando ficar por ali só até o navio zarpar, mas na manhã marcada — já com meu baú arrumado e a carruagem esperando — algo estranho e desconhecido dentro de mim hesitou.

A sra. Todd, que me alugou o quarto, bateu à porta. “Srta. Grimké, a carruagem... está esperando. Posso mandar o cocheiro buscar o baú?”

Não respondi de imediato, mas fiquei parada à janela e olhei para a parreira folhosa na cerca de ripa, a rua pavimentada cheia de árvores, a luz atravessando entre os galhos irregular e sutilmente, e baixinho murmurei “não”.

Virei-me para ela, desfazendo a touca. Era preta com um leve babado, adequada para o luto. Tinha comprado na rua High um dia antes, passeando sozinha pelas lojas com ninguém para agradar a não ser a mim mesma, depois voltei para o quarto simples, onde não havia servos nem escravos, nem mobília excessiva, ou ornamentos, os folhados a ouro, ninguém me convocando para o chá com visitas de quem não gostava, nenhum tipo de expectativa, só um quartinho onde eu cuidava de tudo sozinha, até mesmo fazer minha própria cama e lavar minha roupa suja. “... Eu gostaria de ficar um pouco mais no quarto, se puder.”

Ela pareceu confusa. “Você não vai embora como planejado?”

“Não, gostaria de ficar mais um tempo. Só mais um pouco.”

Disse a mim mesma que era por que queria chorar a perda sozinha. Seria mesmo tão implausível?

Sra. Todd era a esposa de um assistente de advogado em dificuldades e ela apertou minha mão. “É bem-vinda a ficar o tempo que desejar.”

Escrevi uma carta atenciosa à mamãe, explicando o inexplicável: papai tinha morrido e eu não iria direto para casa. *Preciso me enlutar sozinha.*

A carta de resposta de mamãe chegou em setembro. Seu garrancho pequeno e apertado estava cheio de fúria e tinta. Meu comportamento era vergonhoso, egoísta, cruel. “Como pode me abandonar na hora mais escura?”, ela escreveu.

Queimei sua carta na lareira, mas suas palavras fizeram machucados de culpa. Havia verdade no que ela escrevera. Eu era egoísta. Tinha abandonado minha mãe. Nina também. Fiquei angustiada, mas não fiz as malas.

Passei os dias como uma desocupada. Dormia sempre que me sentia cansada, com frequência no meio do dia. A sra. Todd desistiu de minha presença nas refeições e guardava minha comida na cozinha. Eu mesma as levava para o quarto, em horários estranhos, e depois lavava minha própria louça. Havia uns poucos livros para ler, mas eu escrevi no diário que tinha trazido, principalmente sobre os últimos dias de papai, e pratiquei meus versos das Escrituras com um conjunto de cartões de memória bíblicos. Andava para cima e para baixo nas ruas, sob as árvores, que ficaram loiras, depois bronze, me aventurando cada dia mais longe — Washington Square, Philosophical Hall, Old St. Mary’s, e, certa vez, por acidente, até em frente a taverna The Man Full of Trouble, onde ouvi berros e louças quebrando.

Certo domingo, quando o ar estava frio e cortado pela luz, andei entre as folhas caídas até a rua Arch, onde deparei com a Casa de Reuniões Quaker, era tão grande que tive de parar para olhar. Em Charleston, tínhamos uma pequenina Casa dos Amigos, um pouco caindo aos pedaços, a qual, diziam, apenas dois velhos rabugentos frequentavam. Parada ali, vi pessoas passarem pela porta central, as mulheres e meninas com vestidos sombrios e escoriados, que faziam nós, os presbiterianos, parecermos quase ostensivos. Mesmo as crianças vestiam casacos sem graça e seriedade nos rostinhos. Observei-os em frente ao muro de tijolos vermelhos, o telhado sem campanário, as janelas com persianas simples, e me senti rejeitada. Ouvi-os se sentarem em silêncio, esperando alguém pronunciar suas maiores intimidades com Deus para todos ouvirem. Tudo soou um pouco assustador para mim.

Apesar dos quakers, aqueles dias eram muito parecidos com os momentos em que flutuei no oceano de Long Branch sob a bandeira branca. A vitalidade habitou aquelas semanas, quase como um segundo batimento cardíaco no peito.

Descobri que me virava muito bem sozinha. Se não fosse pela morte de papai, eu poderia estar feliz.

Quando novembro chegou, no entanto, não poderia ficar mais. O inverno estava chegando. O mar ficaria traiçoeiro. Fiz as malas.

O barco era um cúter, o que me deu esperança de chegar a Charleston em dez dias. Tinha comprado passagem de primeira classe, mas meu quarto era escuro e apertado, com um pequeno armário e um leito de sessenta centímetros de largura. Sempre que possível, ia para o deque sentir o abraço gelado do vento, me aproximando dos outros passageiros no sotavento.

Na terceira manhã, acordei perto do amanhecer e me vesti rapidamente, sem me preocupar em trançar o cabelo. O ar rançoso e sufocante da cabine parecia o de um sepulcro, e eu subi ao deque com meu cabelo cenoura esvoaçando, esperando ficar sozinha, mas já havia alguém no gradil. Levantando o capuz de minha capa, procurei um lugar longe dele.

Uma pequena lua em formato de bola ainda estava no céu, agarrada ao restinho de noite. Abaixo dela, uma linha fina de luz azul percorria a extensão do horizonte. Observei-a crescer.

“Como ides?”, a voz de um homem disse, usando o cumprimento formal quaker que ouvi com frequência na Filadélfia.

Ao me virar para ele, mechas de meu cabelo escaparam do capuz e chicotearam selvagememente meu rosto. “... Estou bem, senhor.”

Ele possuía uma covinha dramática no queixo e olhos castanhos perfurantes sobre os quais as sobrancelhas se inclinavam para cima, como as ladeiras de um pequeno morro. Ele usava bombachas modestas com fivelas de prata simples nos joelhos, um casaco sem adornos e um chapéu de três pontas. Um cacho de cabelo, escuro como carvão, caído sobre a testa. Supus que fosse alguns anos mais velho do que eu, dez ou talvez mais. Já o tinha visto no deque antes, e na primeira noite, no refeitório do navio, com a esposa e oito filhos, seis meninos e duas meninas. Me lembrei de como ela parecia cansada.

“Meu nome é Israel Morris”, ele disse.

Mais tarde, imaginei se as Moiras tinham me colocado ali, se tinham sido elas que me deixaram à espera na Filadélfia por três meses até esse barco em particular zarpar, embora, claro, nós, os presbiterianos, acreditamos que Deus é quem arranja encontros propícios como esses, não mulheres mitológicas que medem, cortam e fiam.

A vela principal batia e arquejava, fazendo um belo estardalhaço. Disse a ele meu nome, depois ficamos apenas observando o brilho crescente, as aves marinhas de repente planando em arcos no céu. Ele me contou que sua mulher, Rebecca, estava de quarentena na cabine cuidando dos dois mais novos que tinham contraído disenteria. Ele era corretor, um mercador comissionado, e, embora fosse modesto, vi que prosperava.

Da minha parte, contei da estada com meu pai e sua morte inesperada. As palavras fluíam de minha língua, a gagueira era apenas ocasional. Isso só poderia ser pelo vaivém da água à nossa volta.

“Por favor, aceite minhas condolências”, ele disse. “Deve ter sido difícil cuidar de seu pai sozinho. Seu marido não pôde acompanhá-la?”

“Meu marido? Oh, sr. Morris, não sou casada.”

Ele enrubesceu.

Querendo aliviar o momento, eu disse: “Asseguro que não se trata de um assunto que me incomode muito”.

Ele riu e perguntou sobre minha família, sobre a vida em Charleston. Quando contei sobre a casa na East Bay e a fazenda no interior, sua expressão vivaz morreu. “Vocês possuem escravos então?”

“... Minha família, sim. Mas eu não aprovo.”

“No entanto, você se alinha com esses que aprovam?”

Eu me arrepiei. “... São da minha família, senhor. O que queria que eu fizesse?”

Ele me olhou com bondade e pena. “Permanecer em silêncio frente ao mal é, em si, uma das formas do mal.”

Dei as costas para ele e me virei para a água transparente. Que tipo de homem fala assim? Um cavalheiro sulista preferiria engolir a própria língua.

“Desculpe minha franqueza. Sou quaker. Acreditamos que a escravidão é uma abominação. É uma parte importante de nossa fé.”

“... Acontece que sou presbiteriana, e, embora não tenhamos uma doutrina antiescravagista como vocês, é uma parte importante de minha fé também.”

“Claro. Minhas desculpas. Infelizmente tenho um zelote dentro de mim que não consigo controlar.” Ele puxou a aba do chapéu e sorriu. “Preciso encontrar minha família para o café da manhã. Espero conversarmos outra vez, srta. Grimké. Bom dia.”

Não parei de pensar nele nos dois dias seguintes. Ele perturbava quase todos os meus minutos, até mesmo dormindo. Eu me sentia atraída por ele de

uma maneira mais profunda do que tinha sido por Burke, e isso me apavorou. Eu estava atraída por sua consciência brutal, seu quakerismo repulsivo, a força de suas ideias, a força *dele*. Era casado, e a isso eu fiquei agradecida. Por isso eu estava segura.

Ele me abordou na sala de jantar no sexto dia de viagem. O navio estava se apressando para fugir de um vendaval e estávamos proibidos de ir ao deque. “Posso lhe fazer companhia?”, ele perguntou.

“... Como queira.” O calor se acendeu em meu peito. Senti-o viajando para minhas bochechas, tornando-as duas maçãs. “... Seus filhos se recuperaram? E sua mulher? Ela ficou bem?”

“A doença atingiu todas as crianças agora, mas estão se recuperando graças a Rebecca. Não sobreviveríamos um dia sem ela. Ela é...” Ele não completou por um momento, mas quando eu o olhei com expectativa, terminou a frase: “A mãe perfeita”.

Sem seu chapéu, parecia mais jovem. Revoltados fiapos de cabelo negro ondulavam nas mais diversas direções. Possuía marcas de cansaço embaixo dos olhos, e eu imaginei que fossem por ajudar a esposa a cuidar das crianças, mas ele tirou um livro de couro surrado do colete, dizendo que tinha passado a noite lendo. “É o diário de John Woolman. Um grande defensor de nossa fé.”

Quando a conversa se dirigiu para o quakerismo outra vez, ele abriu o livro e leu fragmentos para mim, tentando me educar em suas crenças. “Todos são de igual valor. Aceitamos tanto homens quanto mulheres em nosso ministério.”

“Mulheres?” Fiz tantas perguntas sobre essa esquisitice que ele se divertiu.

“Devo assumir que o valor feminino, como a abolição, também é parte de sua crença pessoal?”, ele disse.

“... Há muito desejo uma vocação pessoal.”

“Você é uma mulher rara.”

“Alguns diriam que não sou rara, mas, sim, radical.”

Ele sorriu e levantou as sobrancelhas, o declive aprofundando. “É possível que uma quaker se esconda debaixo dessa sua pele presbiteriana?”

“De jeito nenhum”, disse. Mas, mais tarde, sozinha, não tive certeza. Condenar a escravidão é uma coisa — isso eu podia fazer dentro de meu coração —, mas mulheres no ministério!

Ao longo dos dias restantes no navio, continuamos nossas conversas naquele mundo castigado pelo vento sobre o deque, e também no refeitório, que cheirava à arroz cozido e charuto. Debates não apenas os quakers, mas também teologia, filosofias e as políticas de emancipação. Ele acreditava que a

abolição deveria ser gradual. Eu argumentava que deveria ser imediata. Ele tinha encontrado uma companhia intelectual em mim, mas eu não entendia totalmente por que ele tinha feito essa amizade.

Na última noite a bordo, Israel perguntou se eu queria conhecer sua família no refeitório. Sua esposa, Rebecca, segurava o mais novo no colo, um menino chorão com menos de três anos, cujo rosto vermelho balançava como um pica-pau em seu ombro. Seu cabelo era claro como palha, puxado para trás e dividido ao meio, com fios soltos ao redor da face.

Ela dava tapinhas nas costas da criança. “Israel fala muito bem de você. Diz que é gentil o suficiente para ouvir enquanto ele explica sobre nossa fé. Espero que ele não tenha lhe cansado. Ele pode ser implacável.” Ela me sorriu de modo conspiratório.

Não queria que ela fosse tão bonita e charmosa. “... Bem, ele é bastante exaustivo”, eu disse, e ela gargalhou. Olhei para Israel. Ele olhava, encantado, para ela.

“Se voltar ao Norte, deve vir ficar conosco”, disse Rebecca, e então arrebanhou as crianças para a cabine.

Israel ficou um pouco mais e pegou o diário de John Woolman. “Por favor, aceite.”

“Mas é seu próprio exemplar. Não posso aceitar.”

“Ficaria imensamente feliz. Arranje outro quando retornar para a Filadélfia. Apenas peça que depois de ler, escreva-me suas impressões.” Ele abriu o livro e me mostrou um pedaço de papel no qual tinha escrito seu endereço.

Naquela noite, depois de apagar o pavier, continuei acordada, pensando no livro enfiado em meu baú e o endereço guardado dentro dele. *Depois de ler, escreva-me.* A água se movia sob mim, correndo para Charleston, chacoalhando na escuridão.

## Encrenca

Quando eles querem te vender, a primeira coisa que falam é pra você escovar os dentes. É isso que a Tia-Irmã contou pra gente. Ela disse que quando vendem os escravos na rua, os homens brancos olham os dentes antes de qualquer coisa. Nenhum de nós estava pensando em dente depois que o mestre Grimké morreu. A gente achou que a labuta continuaria a mesma.

O advogado apareceu para ler o testamento dois dias depois de Sarah voltar do Norte. A gente se reuniu na sala de jantar, todos os filhos Grimké e todos os escravos. Era estranho a sinhá querer os escravos lá. A gente ficou numa fila reta no fundo da sala, meio que imaginando que fazia parte da família.

Sarah estava de um lado da mesa e Nina do outro. Sarah olhava para a irmã com um sorriso triste e Nina virara a cabeça. As duas estavam brigadas.

Sinhá estava com aquele vestido bom de luto. Eu queria falar que ela precisava tirar o vestido e dar pra Mariah lavar, porque já tinha até mancha cinza nos sovacos. Parecia que ela usava a mesma coisa todos os dias desde agosto, mas eu não podia falar nada. A mulher estava ficando pior a cada dia.

O advogado, o nome dele era sr. Huger, ficou de pé com um punhado de papéis na mão e disse que era o testamento final de John Faucheraud Grimké, escrito em maio passado. Ele leu as razões, os juízos e as consequências. Era pior que a Bíblia.

A sinhá não ficou com a casa. Isso foi para o Henry, que não tinha passado dos dezoito, mas assim pelo menos ela podia ficar ali até morrer. “Deixo para ela a mobília da casa, prataria e faqueiros, a carruagem e dois de meus cavalos, o

estoque de bebidas e provisões disponíveis à época de minha morte.” Ele foi em frente. Todas as posses e haveres.

Depois ele leu uma coisa que fez os pelos dos meus braços se arrepiarem. “Ela deve receber seis de meus negros, à sua escolha, e o restante irá vender, ou distribuir entre meus filhos, conforme sua determinação.”

Binah estava ao meu lado. Ouvi ela sussurrando: Senhor, não.

Olhei a fileira de escravos, onze de nós. Rosetta havia partido enquanto dormia, no ano anterior.

*Ela deve receber seis... e o restante irá vender, ou distribuir.* Cinco de nós iriam embora.

Minta começou a fungar. Tia-Irmã falou: “Quieta”, mas mesmo seus velhos olhos ficaram meio perdidos, assustados. Ela tinha treinado Phoebe muito bem. Tomfry estava ficando velho também, e os dedos de Eli estavam encurvados que nem galho de árvore. Bonzinho e Sabe-Tudo ainda eram jovens, mas você não precisa de dois escravos no estábulo para dois cavalos. Príncipe era forte e trabalhava no pátio, mas ultimamente andava cabisbaixo, sentando e olhando e assoando o nariz na camisa. Mariah era trabalhadeira, e imaginei que ela fosse ficar, mas Binah, ela gemia baixinho porque era a mamã do berçário e não tinha mais criança pra criar.

Eu disse a mim mesma, *a sinhá precisaria de costureira*, mas então reparei o vestido preto de novo. Dali em diante, ela só ia precisar de uns poucos, e ela podia contratar alguém pra isso.

De repente, Sarah disse: “... Papai não quis dizer isso!”.

Sinhá lhe deu um olhar venenoso. “Seu pai mesmo escreveu estas palavras, e nós honraremos seus desejos. Não temos escolha. Por favor, permita que o sr. Huger continue.”

Quando ele voltou a ler, Sarah olhou para mim com aqueles mesmos olhos azuis cheios de dor com que me olhara no dia de seus onze anos, e eu diante dela com o laço lavanda no pescoço. O mundo era um lugar defeituoso e ela não era capaz de consertar.

Em dezembro, todo mundo estava com os nervos à flor da pele esperando a sinhá dizer quem ia e quem ficava. Se eu fosse vendida, como mamã ia me achar se voltasse?

Todas as noites, eu colocava um tijolo aquecido na cama para meus pés ficarem quentinhos e deitava lá, pensando que mamã estava viva. Em algum

lugar por aí. Pensava se o homem que a comprou era bonzinho. Imaginava se ele a tinha colocado pra trabalhar nos campos. Ela estava costurando? Ela levou meu irmãozinho ou irmãzinha junto? Ainda usava o saquinho no pescoço? Sabia que ela voltaria se pudesse. Ali era onde estava seu espírito. Ali era onde eu estava.

*Não deixe eu ir embora.*

A sinhá não fez Natal naquele ano, mas ela deixou a gente fazer o Jonkonnu. Era um costume que tinha começado uns anos atrás, com uns escravos da Jamaica. Tomfry vestia camisa e calça maltrapilhas, cheia de faixas de tecido vivo costurada nelas, e um chapéu alto na cabeça — a gente chamava ele de Trapeiro. A gente se arrastava atrás dele, cantando e batendo em panelas, até a porta dos fundos. Ele batia, e a sinhá e todo mundo vinham ver ele dançando. Então a sinhá dava presentinhos pra nós. Podia ser uma moeda ou uma vela nova. Às vezes um lenço ou um cachimbo de sabugo. Isso era pra fazer a gente ficar feliz.

Achamos que não ia ter muito ânimo esse ano, mas no dia de Jonkonnu, lá veio Tomfry pelo pátio, usando sua roupa esfarrapada, e a gente fez um barulhão e esquecemos dos problemas, mesmo que por um minuto.

Sinhá apareceu na porta dos fundos de vestido preto e uma cesta de presentes, Sarah, Nina, Henry e Charles atrás dela. Tentavam sorrir para nós. Mesmo Henry, que puxou a mamã dele, parecia um anjo sorridente.

Tomfry fez sua giga. Girou. Balançou. Chacoalhou os braços. As fitas giraram e, quando ele acabou, eles bateram palmas e ele tirou o chapéu e esfregou a crosta cinza da sua cabeça. Pegando a cesta, sinhá deu para as mulheres uns leques bonitos de tecido pintado. Os homens receberam duas moedas, e não uma.

O céu tinha ficado nublado o dia todo, mas naquela hora o sol apareceu. Sinhá apoiou na bengala e olhou pra gente. Ela chamou o nome de Tomfry. E Binah. Eli. Príncipe. Mariah. Ela disse: “Tenho algo mais para vocês”, e entregou a cada um jarro de óleo de gargarejo.

“Vocês me serviram bem”, ela disse a eles. “Tomfry, você vai para a casa de John. Binah, você vai para Thomas. Eli, enviarei você para Mary.” Depois se virou para Príncipe e Mariah. “Sinto dizer que vocês serão vendidos. Não é meu desejo, mas é necessário.”

Ninguém falou nada. O silêncio era como uma pedra impossível de ser levantada.

Mariah se ajoelhou sobre a grama morta e implorou à sinhá que mudasse de ideia.

Sinhá secou as lágrimas dela. Depois se virou e entrou na casa seguida pelos filhos, mas Sarah e Nina ficaram para trás, com o rosto cheio de piedade.

O machado não caiu sobre mim. *O Senhor não livrou Encrenca?* O machado não caiu sobre Bonzinho também, e eu fiquei surpresa com o alívio que isso me causou. Mas não havia Deus em nada disso. Nada, mas os quatro ali parados, e Mariah, ainda de joelhos. Eu não conseguira olhar pro Tomfry com o chapéu esmagado embaixo do braço. Príncipe e Eli de cara para o chão. Binah segurando o leque de papel e encarando Phoebe. Uma filha que ela nunca mais voltaria a ver.

Sinhá distribuiu as tarefas para quem ficou. Sabe-Tudo ficou no lugar de Tomfry como mordomo. Bonzinho tinha o trabalho do pátio, o estábulo e a carruagem para guiar. Phoebe ficou com a lavanderia, e Minta e eu com as tarefas de limpeza de Eli.

Quando o primeiro dia do ano chegou, a patroa me colocou pra trabalhar no candelabro inglês da sala de visita. Ela disse que Eli não o tinha polido direito nos últimos dez anos. Tinha vinte e oito braços com peças de cristal e gotas de vidro penduradas. Usando a escada e com luvas de algodão, eu desmontei e coloquei as peças sobre a mesa e lustrei com amônia. Depois, não sabia como montar ele de novo.

Encontrei Sarah em seu quarto, lendo um livro de couro. “Resolveremos”, ela disse. A gente não tinha se falado muito desde a sua volta, ela parecia melancólica o tempo todo agora, sempre agarrada naquele livro.

Depois que conseguimos colocar o candelabro inteiro de volta no teto, lágrimas surgiram em seus olhos. Eu perguntei: “Triste por causa do seu papai?”.

Ela respondeu do jeito mais esquisito, e eu entendi que o que ela disse era sua verdadeira dor. “... Tenho vinte e sete anos, Encrenca, e essa é a minha vida agora.” Ela olhou em volta da sala, para o candelabro no alto e depois para mim. “... *Esta* é a minha vida. Bem aqui, pelo resto dos meus dias.” Sua voz falhou e ela cobriu a boca com a mão.

Ela estava presa como eu, mas presa por sua mente, pela mente das pessoas em volta dela, não por lei. Na Igreja Africana, sr. Vesey dizia: “Cuidado, você pode ser escravizado duas vezes, uma vez pelo corpo e uma vez pela mente”.

Tentei dizer isso a ela. Falei: “Meu corpo pode ser escravo, mas não minha mente. Pra você, é o contrário”.

Ela piscou pra mim e as lágrimas voltaram, brilhantes como o vidro do candelabro.

No dia que Binah foi embora, ouvi Phoebe chorando lá da cozinha.

Sarah

*1 de fevereiro de 1820*

*Caro Israel,*

*Quanto pensei em nossas conversas a bordo do navio! Eu li o livro com que me presenteou e meu espírito foi profundamente afetado. Há tantas coisas que gostaria de lhe perguntar! Como gostaria de sua companhia outra vez...*

*3 de fevereiro de 1820*

*Caro sr. Morris,*

*Distante por seis meses da maldade da escravidão, minha mente queima com horror renovado ao revê-la em meu retorno a Charleston, o que piorou ao ler o livro que me deu. Não tenho a quem recorrer; a não ser você...*

*10 de fevereiro de 1820*

*Caro sr. Morris,*

*Espero que esteja bem. Como está sua querida esposa, Rebecca...*

*11 de fevereiro de 1820*

*Obrigada, senhor, pelo livro. Encontrei uma beleza surpreendente nas suas crenças quakers — a noção de que há uma semente de luz dentro de nós, uma misteriosa Voz Interior. Você poderia me aconselhar, gentilmente, sobre como essa Voz...*

Escrevi para ele cartas e cartas, que nunca conseguia terminar. Sempre parava no meio de uma frase. Soltava a pena, dobrava o papel e o escondia com as outras no fundo da gaveta de minha escrivaninha.

No meio da uma tarde, a melancolia do inverno pairava enquanto eu pegava a pilha, desfazia o laço de cetim negro e acrescentava a carta de onze de fevereiro ao monte. Enviar as cartas apenas traria angústia. Eu estava muito atraída por ele. Cada carta que ele respondesse apenas incitaria meus sentimentos ainda mais. E não seria nada bom tê-lo me encorajando ao reino do quakerismo. Os quakers eram uma seita desprezada aqui, encarados como anômalos, malvestidos e estranhos, um grupo minúsculo de pessoas excêntricas que atraíam olhares na rua. Certamente, eu não precisaria desse tipo de ridicularização e afastamento. E mamãe... nunca permitiria.

Ao ouvir a bengala de pinho bater do lado de fora do quarto, recolhi as cartas, abri a gaveta com tudo, minhas mãos tremiam de pânico. Os papéis caíram como uma cascata sobre meu colo e no tapete. Assim que fiquei de pé para as recolher, a porta se abriu sem sobreaviso, e ela ficou parada no batente, com os olhos se movendo sobre meu segredo.

Olhei-a com o laço negro enrolado nos dedos.

“Precisam de você na biblioteca”, ela disse. Não consegui detectar a mínima curiosidade sobre o conteúdo derrubado. “Sabe-Tudo está empacotando os livros do papai. Preciso que você verifique se ele está fazendo adequadamente.”

“Empacotando?”

“Eles serão divididos entre Thomas e John”, ela disse, e, virando-se, saiu.

Reuni as cartas, amarrei com o laço e as guardei de volta na gaveta. Por que as guardava, não sabia... era uma bobagem.

Quando cheguei à biblioteca, Sabe-Tudo não estava lá. Ele tinha esvaziado quase todas as prateleiras, empilhando os livros em baús grandes, que estavam abertos no chão, o mesmo chão onde eu ajoelhara tantos anos atrás, quando papai me proibiu os livros. Não queria pensar nisso, naquele tempo terrível, naquele cômodo agora vazio, os livros perdidos para mim, tudo perdido.

Afundi na cadeira de papai. O relógio do corredor principal fazia tique-taque, amplificando aquela sensação, e eu senti as sombras se reunindo dentro de mim outra vez, ainda piores. Desde que voltara, minha melancolia havia piorado. Era o mesmo vale da escuridão em que afundara quando tinha doze anos, e minha vida tinha perdido todo o sentido. Mamãe convocara dr. Geddings à época, e temi que pudesse fazer o mesmo agora. Todos os dias, eu me forçava a descer

para o chá. Enfrentava as visitas de suas amigas. Mantinha minhas idas à igreja, os estudos bíblicos, as reuniões de caridade. Eu me sentava com mamãe pela manhã, com o bordado no colo, guiando a agulha pelo tecido. Ela tinha me passado a tarefa de manter os registros da casa, e a cada semana eu verificava os suprimentos, escrevendo inventários e listas de aquisições. A casa, os escravos, Charleston, mamãe, os presbiterianos — *eles eram a trama e a urdidura de tudo*.

Nina tinha se afastado. Estava brava comigo por ter permanecido na Filadélfia depois da morte de papai. “Você não sabe como foi ficar sozinha aqui”, ela gritara. “Mamãe me instruiu constantemente sobre os erros de meus modos, de tudo, desde a igreja até minha natureza rebelde, passando pela escravidão. Foi terrível!”

Eu tinha sido o tampão entre ela e mamãe, e ao ficar fora por tanto tempo, deixei-a exposta. “Sinto muito”, falei.

“Você me escreveu apenas uma vez!” Seu belo rosto estava contraído de dor e ressentimento. “*Uma vez.*”

Era verdade. Eu estava tão apaixonada pela minha liberdade que nem me dei ao trabalho. “Sinto muito”, repeti.

Sabia que com o tempo ela me perdoaria pelos meses egoístas em que a abandonei, mas senti que o afastamento tinha outras origens também. Aos quinze anos, ela precisava se soltar, sair da minha sombra, entender quem ela era separada de mim. Meu refúgio na Filadélfia era apenas a desculpa de que ela precisava para declarar sua independência.

Ao sair voando para o seu quarto no dia de nosso confronto, ela gritara: “Mamãe tinha razão, eu não tenho mente própria. Só a sua!”.

Agora éramos como estranhas. Eu a deixava em paz, mas isso piorava minha desesperança.

Fitei os baús de livros no chão da biblioteca, lembrando o desejo que um dia tivera por uma profissão, por algum propósito. O mundo já tinha sido um lugar tão convidativo.

Sabe-Tudo ainda não voltara. Levantei-me da cadeira e vasculhei os livros com nostalgia, deparando-me com *A sagrada biografia de Joana D’Arc da França*. Não saberia dizer quantas vezes tinha lido aquele maravilhoso pequeno volume sobre a bravura de santa Joana antes de papai me banir de sua biblioteca. Ao abri-lo naquele momento, observei o desenho de sua armadura — duas *flores-de-lis*. Esqueci que estava ali, e de repente fez sentido por que eu me apeguei ao botão com *flor-de-lis* quando tinha onze anos. Escondi o livro sob meu xale.

Aquela noite, sem conseguir dormir, ouvi o relógio lá embaixo bater duas,

depois três horas. A chuva começou logo em seguida, castigando a sacada e as janelas sem piedade. Saí debaixo das cobertas e acendi o lampião. Eu escreveria a Israel. Contaria como a melancolia me engolia por vezes, como eu quase chegava a sentir o túmulo como um refúgio. Eu escreveria mais uma carta que não seria enviada. Talvez isso me aliviasse.

Abri a gaveta e observei a luz se esparramar lá dentro. Ali, onde eu tinha deixado, estavam minha Bíblia, meu *Comentários de Blackstone*, meus papéis de carta, tinta, pena, régua e cera para selar, porém, não vi o maço de cartas. Aproximei o lampião e enfiei a mão nos cantos vazios. O laço negro estava lá, enrolado como um apêndice malicioso. Minhas cartas para Israel tinham sumido.

Queria gritar com ela. A necessidade tomou conta de mim, cegando-me com violência, abri a porta e voei pelas escadas, segurando o corrimão, pois meus pés pareciam ir à minha frente.

Espanquei sua porta com o punho fechado, balancei a maçaneta. Estava trancada. "... Como você ousou pegá-las!?", berrei. "Como ousa. Abra a porta. Abra!"

Não conseguia imaginar o que ela tinha pensado ao ler minhas súplicas íntimas a um estranho do Norte. Um quaker. Um homem com esposa. Pensou que eu tinha ficado na Filadélfia por ele?

Atrás da porta, escutei-a chamando Minta, que dormia no chão ao lado de sua cama. Bati outra vez. "... Abra! Você não tinha esse direito!"

Ela não respondeu, mas a voz assustada de Nina surgiu no patamar da escada. "Irmã?"

Levantando os olhos, vi sua camisola branca brilhando no escuro, Henry e Charles ao seu lado, três assombrações.

"... Voltem para a cama", eu disse.

Seus pés nus estapearam o chão e eu ouvi as portas de seus quartos batendo uma a uma. Levantei o punho outra vez, mas minha raiva começava a retroceder, flutuando de volta para o lugar terrível de onde tinha saído. Abatida e exausta, encostei a cabeça no batente, odiando a mim mesma.

Na manhã seguinte, eu não conseguia sair da cama. Tentei muito, mas algo em mim tinha se ancorado ali. Rolei o rosto no travesseiro. Não me importava mais.

Nos dias que se seguiram, Encrenca trazia bandejas com comida, nas quais eu mal tocava. Não tinha fome de nada, exceto de sono, e isso eu não

conseguiu obter. Algumas noites eu caminhava até a sacada e olhava por cima da balaustrada no jardim, imaginando-me caindo.

Encrenca colocou um saquinho de juta ao meu lado na cama, certo dia. “Abre”, ela disse. Quando o fiz, o cheiro de carvão bafejou. Dentro, encontrei minhas cartas, chamuscadas e escurecidas. Ela pegara Minta jogando-as no fogo da cozinha, por ordem de mamãe. Encrenca as recuperou com um atizador.

Quando a primavera chegou, e meu estado mental não melhorou, veio o dr. Geddings. Mamãe parecia genuinamente temerosa por mim. Ela visitava-me no quarto com punhados de ervas e falava suavemente, dizendo que eu deveria passear com ela no Gadsden Green, ou pediria a Tia-Irmã que me fizesse arroz-doce. Trazia recados de preocupação de membros da minha igreja, que pareciam pensar que eu tinha pleurite. Olhava para ela sem expressão, depois olhava para a janela.

Nina aparecia também. “Foi minha culpa? Eu fiz você se sentir assim?”

“Oh, Nina... Nunca deve pensar isso... Eu não sei explicar o que há de errado comigo, mas não é culpa sua.”

Então, um dia, em maio, Thomas apareceu. Insistiu que sentássemos na varanda onde o ar estava cálido e pesado com o odor das violetas. Ouvi enquanto ele falava acaloradamente sobre um recente acordo no Congresso que desfizera a proibição da escravidão no Missouri. “Aquele maldito Henry Clay!”, ele disse. “O Grande Pacificador. Ele está espalhando o câncer novamente.”

Eu não tinha ideia do que ele estava falando. Para minha surpresa, no entanto, fiquei curiosa. Mais tarde, entendi a intenção de Thomas: me pescar com aquele molinete.

“Ele é um idiota. Acredita que permitir a escravidão no Missouri vai acalmar os críticos de lá, mas isso apenas divide o país ainda mais.” Ele pegou o jornal que tinha trazido e abriu para mim. “Olhe.”

Uma carta tinha sido impressa na primeira página do *Mercury*, que chamava o acordo de Clay de um “alarme de incêndio na noite”.

“*Ele me acordou e me aterrorizou. Considero-o a sentença de morte da União...*” A carta era assinada por *Thomas Jefferson*.

Fazia muito que eu não me importava pelo que acontecia lá fora. Uma antiga fúria se acendeu em mim. Hostilidade para com a escravidão se encontrava num novo e ousado patamar! Oras, parecia que meu próprio irmão era hostil a ela.

“... Você está ao lado do Norte?”, perguntei.

“Apenas sei que não podemos permanecer de olhos fechados para o

pecado que é acorrentar pessoas. Isso precisa acabar.”

“... Você vai libertar seus escravos, então, Thomas?”, perguntar isso era uma vingança. Eu sabia que ele não tinha tal intenção.

“Enquanto você esteve fora, fundei uma assembleia da Colonização Americana aqui em Charleston. Estamos angariando fundos.”

“... Por favor, não me diga que ainda deseja comprar todos os escravos e enviá-los de volta para a África?” Eu não sentia tanto fervor desde meus debates com Israel durante a viagem. Minhas bochechas queimavam. “... *Essa é sua resposta para o câncer que se alastra?*”

“Pode ser uma resposta fraca, Sarah, mas não consigo pensar em outra.”

“... Nossas imaginações precisam ser tão débeis, Thomas? Se a União morrer, como nosso velho presidente diz, será por falta de imaginação... Será culpa do orgulho sulista, e nosso amor pela riqueza, e a brutalidade de nossos corações!”

Ele ficou de pé e me encarou. Sorriu. “Aí está ela”, ele disse. “Aí está minha irmã.”

Não posso dizer que voltei a ser o meu antigo eu depois disso, mas a melancolia aos poucos foi embora, substituída por um sentimento emocionante de emersão, como uma criatura que troca de pele ou concha. Comecei a comer o arroz-doce. Bebericava o chá de erva-de-são-joão, sentava sob o sol, e relia o livro quaker. Pensava com frequência no alarme de incêndio na noite.

No meio do verão, sem rodeios, peguei uma folha de papel de carta.

*19 de julho de 1820*

*Caro sr. Morris,*

*Perdoe a demora em lhe escrever. O livro que me dera novembro passado, a bordo do navio, tem sido meu companheiro fiel durante todo esse tempo. As crenças quakers acenam para mim, mas não sei se tenho coragem de segui-las. Haveria um custo alto e temeroso, disso tenho certeza. Não peço nada, apenas seu conselho.*

*Sinceramente,*

*Sarah Grimké*

Entreguei a carta para Encrenca. “Guarde com cuidado”, falei. “Envie pessoalmente pelo correio da tarde.”

Quando a resposta de Israel chegou, eu estava na copa, conferindo as

despesas e escrevendo uma lista de alimentos a serem comprados no mercado. Encrenca tinha escondido a carta de Sabe-Tudo quando chegou à porta. Ela me entregou e esperou.

Peguei a faca de manteiga da gaveta e rasguei o selo. Li duas vezes, uma vez em silêncio, e depois em voz alta para ela.

*10 de setembro de 1820*

*Cara Senhorita Grimké,*

*Fiquei contente ao receber sua carta e especialmente ao ler que está sendo influenciada pelos quakers. O caminho de Deus é estreito e o custo é alto. Lembro-lhe a escritura: “Quem acha a sua vida a perderá, e quem perde a sua vida por minha causa a encontrará”. Não tema aquilo que precisa ser perdido.*

*Sinto dizer que tenho graves e tristes notícias para lhe dar. Minha querida Rebecca faleceu em março. Morreu por conta de uma maligna influenza logo após nosso retorno para a Filadélfia. Minha irmã, Catherine, veio cuidar das crianças. Elas sentem falta da mãe, como eu sinto, mas estamos confortados que nossa amada esposa e mãe esteja com Deus.*

*Escreva-me. Estou aqui para encorajá-la em seu caminho.*

*Seu Amigo,*

*Israel Morris*

No meio do dia, fiquei sentada no meu quarto com os olhos fechados e os dedos entrelaçados sobre o colo, tentando ouvir a voz que os quakers afirmam existir dentro de nós. Eu vinha cedendo a essa duvidosa atividade desde a chegada da carta de Israel, embora duvide que os quakers a chamariam de *atividade*. Para eles, ouvi-la era a *inatividade* última. Uma espécie de capitulação à quietude do coração. Eu queria acreditar que Deus uma hora apareceria, murmurando pequenos mandamentos e iluminações. Como sempre, não ouvia nada.

Respondera imediatamente à carta de Israel, minha mão tremendo tanto que as linhas ficaram tortas. Despejei minha compaixão, minhas preces, todo o tipo de garantias piedosas. Todas as palavras pareciam banais, como o vanilóquio dos estudos bíblicos. Senti-me protegida por detrás delas.

Ele respondera com outra carta e nossa correspondência por fim começou, consistindo em sua maior parte de perguntas sinceras de minha parte e orientações da parte dele. Perguntei diretamente como a Voz Interior soava. Como vou reconhecê-la? “Não posso lhe dizer”, ele escreveu. “Mas quando ouvi-

la, saberá.”

Nesse dia, o silêncio pareceu anormalmente maçante e pesado, como o peso da água. Enchia minhas orelhas e latejava contra meus tímpanos. Pensamentos irrequietos atravessavam minha mente, assemelhando-se a esquilos livres em suas árvores. Talvez eu fosse anglicana demais, presbiteriana demais, Grimké demais para isso. Abri os olhos para a lareira e vi que o carvão tinha sido consumido.

Apenas mais alguns minutos, disse a mim mesma, e quando as pálpebras afundaram outra vez, não tinha expectativas, esperança, empenho — tinha desistido da Voz — e foi então que minha mente desacelerou, e comecei a flutuar em um riacho silencioso.

*Vá para o Norte.*

A voz quebrou meu esquecimento, caindo como uma linda pedra negra.

Parei de respirar. Não era um pensamento comum — era distinto, brilhando e denso de Deus.

*Vá para o Norte.*

Abri meus olhos. Meu coração bateu tão selvagememente que coloquei a mão sobre o peito e o pressionei.

Era inimaginável. Filhas solteiras não iam morar sozinhas sem proteção num lugar estranho. Elas moravam em casa com suas mães, e quando não havia mãe, com as irmãs, e quando não havia irmãs, com os irmãos. Elas não se afastavam de tudo e todos que conheciam e amavam. Não jogavam para o alto suas vidas e suas reputações e o nome de suas famílias. Não provocavam escândalos.

Fiquei de pé e andei até a janela, dizendo a mim mesma que isso não era possível. Mamãe iniciaria o Armagedom. Com ou sem Voz, ela colocaria um fim rasteiro nisso.

Papai tinha deixado todas as suas propriedades e a vasta maioria de sua fortuna para os filhos, mas não tinha se esquecido das filhas. Tinha deixado a cada uma de nós \$ 10.000, e se eu fosse frugal, se vivesse dos lucros, duraria pelo resto de minha vida.

Além da janela, o céu era vasto, repleto de luz, e eu me lembrei subitamente daquele último dia de inverno, na sala de visitas, quando Encrenca, limpando o candelabro, me disse: *Meu corpo pode ser escravo, mas não minha mente. Pra você, é o contrário.* Eu não tinha dado bola para essas palavras. Como ela poderia saber? Mas entendi, então, como eram perfeitas. Minha mente tinha sido acorrentada.

Marchei até meu armário e abri a gaveta de meu Hepplewhite, a que eu nunca abria, a que continha a caixa de pedra vulcânica. Dentro dela, achei o botão de prata que Encrenca tinha me devolvido havia alguns anos. Estava preto e há muito esquecido. Coloquei-o em minha mão.

Como alguém sabe que a voz é de Deus? Eu acreditei que a voz me incitando a ir para o norte pertencia a ele, mas talvez o que eu realmente tinha ouvido era meu próprio impulso para a liberdade. Talvez fosse minha própria voz. Isso realmente importa?

PARTE QUATRO  
SETEMBRO DE 1821 — JULHO DE 1822

## Sarah

A casa se chamava Green Hill. Quando Israel escreveu, convidando-me para ficar com sua família no interior da Filadélfia, eu imaginei um casa de ripa branca arejada, com uma grande varanda e persianas da cor de pinheiros. Foi um choque chegar no fim da primavera e encontrar um pequeno castelo feito inteiramente de pedra. Green Hill era uma construção megalítica de pedras cinzas, janelas arcadas, balcões e torres. Olhando-a pela primeira vez, eu me senti em um verdadeiro exílio.

A falecida esposa de Israel, Rebecca, tinha deixado ao menos o interior da casa mais suave. Tinha-o preenchido com tapetes feitos à mão e almofadas florais, com mobília Shaker modesta e relógios de parede com passarinhos que saíam de dentro o dia todo e faziam o cucurico das horas. Era um lugar muito estranho, mas passei a gostar de morar dentro de uma pedreira. Gostava de como a fachada de pedra reluzia sob a chuva e prateava sob a lua cheia. Gostava de como as vozes das crianças ecoavam em espirais, vagarosas, através dos cômodos e como o ar permanecia fresco e suave no calor do dia. Acima de tudo, gostava de como parecia impenetrável.

Acomodei-me em um quarto no sótão, no terceiro andar, após meses de correspondência com Israel e infundáveis brigas com mamãe. Minha tática tinha sido convencê-la que a coisa toda era ideia de Deus. Ela era devota. Se alguma coisa era capaz de vencer suas obsessões sociais era a piedade, mas quando lhe contei sobre a Voz Interior, ficou horrorizada. Em sua mente, eu seguia o caminho das santas lunáticas que se deixaram queimar no óleo fervente ou na

fogueira. Quando finalmente confessei que queria morar sob o teto do homem para quem escrevera aquelas cartas escandalosas, ela começou a ter todos os problemas: de aftas a dores no peito. As dores no peito pareciam reais, com seu rosto transpirando, e eu temi que minhas intenções pudessem de fato matá-la.

“Se há um fiapo de decência em você, não fugirá para morar na casa de um viúvo quaker”, ela gritara durante nosso último embate.

Estávamos em seu quarto, e eu fiquei de costas para a janela, olhando seu rosto tomado pela raiva.

“... A irmã solteira de Israel mora lá também”, eu disse a ela pela décima vez. “... Estou simplesmente alugando um quarto. Ajudarei com as crianças, ficarei responsável pelas aulas das meninas... Tudo muito respeitável. Pense em mim como uma tutora.”

“Uma *tutora*.” Ela pressionou as costas da mão na testa, como se desviasse de escumbros do céu. “Isso mataria seu pai, se ele já não estivesse morto.”

“... Não envolva papai nisso. Ele queria que eu fosse feliz.”

“Não posso... não vou abençoar isto!”

“... Então, irei sem sua bênção.” Estava zonga de coragem.

Ela afastou-se na cadeira, e eu sabia que isso tinha lhe ferido. Ela me fulminou com olhos duros e borbulhantes. “Então, vá! Mas mantenha esse assunto sórdido de ouvir vozes em segredo. Você vai para o norte devido à sua saúde, entendeu?”

“... E qual exatamente é minha aflição?”

Ela olhou para a janela e pareceu observar o pedaço de céu cor de açafraão. Seu silêncio se arrastou longamente, e pensei que eu poderia ter sido dispensada. “Tosse”, ela disse. “Tememos que você tenha consumpção.”

Esse foi o pacto que fizemos. Mamãe toleraria minha estadia e não me expulsaria da família, e eu fingiria que meus pulmões estavam ameaçados pela consumpção.

Durante os três meses que passei em Green Hill, com frequência me senti deslocada e com saudades de casa. Sentia falta de Nina, e Encrenca estava sempre rondando minha mente. Para minha surpresa, sentia falta de Charleston, certamente não da escravidão e de suas castas sociais, mas do porto sendo invadido pela luz, a salmoura no ar, as estrelíztias nos jardins, com suas cabeças cor de laranja levantadas, os ventos de verão batendo nas proteções contra furacão nas sacadas. Quando fechava os olhos, ouvia os sinos de St. Philip's e sentia a doçura sufocante da alfena espalhada por toda a cidade.

Felizmente, os dias eram cheios com oito crianças desamparadas, entre

quatro e dezesseis anos, e as tarefas domésticas de que eu me encarregava no lugar de Catherine, a irmã de Israel. Mesmo em meus momentos presbiterianos mais severos, eu não era páreo para ela, uma mulher bem-intencionada e de um puritanismo incurável. Apesar dos óculos, ela possuía olhos fracos e lacrimejantes que não conseguiam enxergar o suficiente para costurar ou medir farinha. Não sabia como se viraram antes de mim. As barras dos vestidos das meninas estavam desiguais e não me espantaria se o bolo fosse feito com sal em vez de açúcar.

Havia passeios longos e semanais até a Casa de Reuniões na rua Arch, na cidade, onde eu era uma aprendiz quaker, tendo que enfrentar o interrogatório do Conselho de Anciãos sobre minhas convicções. Precisei esperar a decisão deles e demonstrar meu melhor comportamento.

Todas as noites, para o desprazer imenso de Catherine, Israel e eu caminhávamos morro abaixo até o lago para alimentar os patos. Em trajes de penas verdes iridescentes e toucas negras chiques, eles eram os patos mais não quakers possíveis. Catherine, certa vez, comparou a plumagem dos patos com meus vestidos. “Todas as damas sulistas se adornam de maneira tão ostensiva?”, ela perguntara. *Se essa mulher soubesse*. Eu tinha deixado meu guarda-roupa grandioso para trás. Dera para Nina um sem-número de vestidos de seda adornados com tudo, de penas a pele; um prodigioso adereço de cabelo de renda; um chapéu importado; um xale de tule babado; um broche de lápis-lazúli; colares de pérolas; e um leque entremeado com pequenos espelinhos.

A certa altura, tive de tirar o babadinho de minha touca. Teria de passar pelo desapego formal, me livrar de todas as minhas coisas adoráveis e me contentar com vestidos cinza e toucas sem ornamentos, o que me deixaria ainda mais sem graça do que já era. Catherine já tinha me mostrado alguns modelos do tipo como “encorajamento”, como se a visão deles encorajasse qualquer coisa a não ser aversão. Felizmente, o ritual de desapego não era requisitado até o fim do meu período de testes, e eu não tinha pressa.

Quando Israel e eu visitávamos o lago, jogávamos cascas de pão na água e observávamos os patos correrem atrás delas. Havia um velho barco a remo virado de ponta-cabeça nas plantas do outro lado, mas nunca nos aventuramos até lá. Em vez disso, sentávamos num banco que ele havia construído com as próprias mãos e conversávamos sobre política, as crianças, Deus, e, inevitavelmente, a fé quaker. Ele falava muito sobre a esposa, que se fora havia um ano e meio. Sua Rebecca poderia ter sido canonizada. Certa vez, após falar sobre ela, engasgou na própria voz e segurou minha mão enquanto

permanecemos em silêncio na luz violeta que escurecia.

Em setembro, antes de o verão nos deixar, eu estava afundada no colchão em meu quarto, quando o som de choro perfurou meu repouso e acordei bruscamente de meu sono profundo. A janela estava semiaberta e, por um instante, ouvi apenas os grilos e sua percussão. Então, outra vez, uma espécie de choramingo.

Abri a porta e encontrei Becky, a filha de seis anos de Israel, engolida por uma camiseta maior que ela, choramingando e esfregando os olhos. Ela não só tinha o nome da mãe, como também o cabelo cor de trigo, e, de certo modo, a criança também lembrava a mim mesma. Tinha sobrancelhas e cílios tão claros que mal eram visíveis, o que lhe dava a mesma aparência caiada que a minha. Mais do que isso, ela mastigava e balbuciava suas palavras, pelo que seus irmãos lhe provocavam sem piedade. Ao ouvir um dos irmãos chamá-la de Boca Mole, eu lhe dei um sermão. Ele me evitava depois disso, mas Becky começou a me seguir como um filhote de urso.

Ela correu para mim, se jogando em meus braços.

“... Minha nossa, o que foi?”

“Sonhei com a mama. Ela estava num caixão na terra.”

“... Oh, docinho, não. Sua mãe está com Deus e os anjos.”

“Mas eu a vi no caixão. Eu vi.” Seus gritos se transformaram em explosões molhadas em minha camiseta.

Eu segurei sua nuca e quando suas lágrimas pararam, disse: “Vem... Vou levar você de volta ao seu quarto”.

Ela me empurrou e passou ao meu lado, foi direto para minha cama e puxou o edredom até o queixo. “Eu quero dormir com *você*.”

Entre embaixo do edredom ao lado dela, um conforto inexplicável tomando conta de mim quando ela se aproximou, se aconchegando em meu ombro. Sua cabeça cheirava às folhas de manjerona doce que Catherine costurava dentro dos travesseiros. Ela colocou a mão sobre meu peito e foi quando notei a corrente pendurada em seu punho fechado.

“... O que é isso na sua mão?”

“Eu durmo com ele. Mas quando durmo, sonho com ela.”

Ela desdobrou os dedos, como pétalas se abrindo, e revelou um medalhão redondo, folheado a ouro. A frente possuía um buquê de flores gravado, flores de narciso amarradas com um laço e, abaixo, um nome. *Rebecca*.

“É o meu nome”, ela disse.

“... E o medalhão é seu também?”

“Sim.” Os dedos dobraram outra vez, e fecharam o punho.

Nunca tinha visto qualquer sinal de joias em Catherine ou na irmã mais velha de Becky, mas em Charleston, medalhões em meninhas eram mais comuns que prendedores de cabelo.

“Eu não quero mais. Quero que você use.”

“... Eu? Oh, Becky, eu não posso usar seu medalhão.”

“Por quê?” Ela se levantou, os olhos lacrimejando outra vez.

“Porque... é seu. Tem seu nome nele, não o meu.”

“Mas você pode usar um pouquinho. *Só um pouquinho.*”

Ela me deu um olhar tão suplicante que o peguei dela. “... Vou guardá-lo para você.”

“Vai usar?”

“... Vou usar só uma vez, se isso for deixar você feliz. Mas só uma vez.”

Aos poucos, sua respiração foi ficando mais longa e baixa, o som de laços tremulantes, e eu a ouvi murmurar: “Mama”.

\*

Ao longo da semana, Becky me cumprimentava com um olhar inquisitivo, olhando para o colarinho de minha roupa. Torcia para que ela esquecesse logo o episódio, mas meu uso do medalhão pareceu construir algo inacreditavelmente importante em sua mente. Vendo que eu estava sem ele, ela caía no desapontamento.

Era bobagem minha ficar cautelosa? Dentro do medalhão provavelmente havia um cacho do cabelo de Becky, mas a cor vaporosa dele devia conjurar memórias de sua mãe. Se ver o colar em mim proporcionasse um breve consolo, certamente não faria mal.

Usei o medalhão para a aula das meninas na quinta. Os meninos se reuniam na sala todas as manhãs com um professor da cidade, enquanto eu instruía as duas meninas às tardes. Israel tinha construído uma mesa comprida presa à parede e um banco longo. Tinha instalado uma lousa, prateleiras para os livros e uma mesa de professor que cheirava a cedro. Naquela manhã, eu usava meu vestido esmeralda, que parecia uma vestimenta preciosa por sua semelhança às penas dos patos. O colarinho delineava minhas escápulas, onde o medalhão se aninhou no vale entre elas.

Quando Becky o viu, ficou de pé, o corpo repleto de júbilo, a expressão no

rostinho levitando por um instante. Pela hora seguinte, ela me recompensou levantando a mão para qualquer pergunta que eu fizesse, sabendo a resposta ou não.

Eu tinha completo controle sobre o currículo, e estava determinada que minha antiga adversária, a madame Ruffin e sua “educação para a mente feminina”, não chegaria perto dele. Eu queria ensinar às meninas geografia, história mundial, filosofia e matemática. Leria humanidades, e quando eu terminasse, saberiam latim melhor que seus irmãos.

Não era, de maneira alguma, contra que elas aprendessem história natural e, depois de uma lição particularmente extenuante de longitudes e latitudes, abri o livro sobre pássaros da América de John James Audubon, um tomo maciço de capa de couro, que pesava no mínimo o mesmo que Becky. Abrindo no tetraz, comum nas redondezas, perguntei: “Quem sabe imitar seu canto?”.

Ali estávamos nós, uma revoada de tetrazes, com a janela aberta, trinando e assoviando, quando Catherine entrou na sala e quis saber que tipo de aula eu estava conduzindo. Ela ouvira o gorjeio, enquanto colhia pepinos na horta. “Foi bastante incômodo”, ela disse, a cesta de legumes balançando em seu braço, aspergindo terra em seu vestido cor de cinza. Becky, alerta ao transtorno da tia, falou antes que eu conseguisse empurrar minhas palavras para fora. “Estávamos imitando o tetraz.”

“É mesmo? Entendo.” Olhou para mim. “Foi desnecessariamente alto. Talvez mais baixo na próxima.”

Eu sorri, ela inclinou a cabeça e se aproximou, tão perto que as barras de nossos vestidos se tocaram. Seus olhos se ampliaram por trás das grossas lentes quando se concentrou sobre o medalhão em minha garganta.

“O que significa isso?”, ela perguntou.

“... Isso o quê?”

“Tire!”

Becky se enfiou entre nós. “Titia. Titia.”

Catherine a ignorou. “Suas intenções vêm sendo mais do que claras para mim, Sarah, mas não pensei que fosse tão atrevida a ponto de usar o medalhão de Rebecca!”

“... Rebecca? . . . Você quer dizer que pertencia à...” Minha voz me abandonou, as palavras ficaram presas no fundo da garganta.

“À *esposa* de Israel”, ela disse, completando minha frase.

“Titia?” O rosto virado de Becky, se afogando nas ondas de nossas saias verdes-cinzas, fazia com que ela parecesse um náufrago. “Eu lhe dei.”

“Você fez o quê? Bem, não me importo com *quem* deu a ela, não deveria ter aceitado.” Ela abriu a mão, enfiando-a a poucos centímetros de meu queixo. Eu ouvia o ar entrando e saindo de suas narinas.

“... Mas eu não... sabia.”

“Dê-me o medalhão, por favor.”

“Não”, gritou Becky, afundando nos vestidos.

Dei um passo atrás, desenganchando o colar, e o coloquei na mão de Catherine. Ao me inclinar para recolher Becky do chão, a tia a puxou com delicadeza pelo braço e guiou ambas as meninas para fora da sala.

Andei calma e lentamente pela porta e descí na direção do lago. Antes de entrar no bosque, olhei para a casa. A luz ainda estava crítica e brilhante, mas Israel chegaria logo, e Catherine o esperava com o medalhão.

Camuflada em meio aos cedros, pressionei uma mão sobre a barriga e a outra sobre a boca e fiquei ali parada por vários segundos, como se me apurmando. Em seguida, endireitei-me e segui o caminho até a água.

Ouvi o lago antes de vê-lo — os sapos cantando, o violino dos insetos. Por impulso, andei pela margem até chegar ao barco. Afundado na lama, tive de usar toda a minha força para virá-lo. Levantei o remo e inspecionei o fundo à procura de buracos ou madeira podre. Não vendo nada, levantei a saia, subi e remei até o meio do lago, um lugar intocável, longe de tudo. Tentei pensar no que dizer para ele, temendo que minha voz se afastasse e me abandonasse.

Fiquei ali um bom tempo, balançando na superfície. O vapor se enrodilhava na água, libélulas alfinetavam o ar, e achei tudo bonito. Esperava que Israel não me mandasse embora. Esperava que a Voz Interior não aparecesse de novo, dizendo *Vá para o Sul*.

“Sarah!”

Levei um susto, que balançou o barco, e apertei seus lados para equilibrá-lo.

“O que está fazendo?”, Israel gritou. Ele estava na margem com as bombachas afiveladas, sem chapéu. Ele fez sombra nos olhos com uma mão e me chamou com um gesto da outra.

Atravessei a água com o remo, batendo no casco, e fiz um caminho ziguezagueante e desajeitado até a margem.

Sentamos no banco enquanto tentei explicar da melhor maneira possível que tinha pensado que o medalhão pertencia à sua filha, Rebecca, não à sua

esposa, Rebecca. Contei sobre a noite em que Becky o trouxera para mim e, embora minha voz falhasse, não me abandonou.

“... Eu jamais tentaria tomar o lugar de sua esposa.”

“Não. Ninguém conseguiria.”

“... Duvido que Catherine acredite em mim... Ela está muito brava.”

“Ela é protetora, apenas isso. Nossa mãe morreu jovem e Catherine cuidou de mim. Ela nunca casou, e Rebecca, as crianças e eu somos sua única família. Sua presença, temo, a perturbou. Não sei se ela realmente entende por que a convidei.”

“... Não acho que eu entenda também, Israel... Por que estou aqui?”

“Você mesma me disse: Deus lhe falou para vir para o Norte.”

“... Mas Ele não disse: ‘Vá para a Filadélfia, vá para a casa de Israel.’”

Ele colocou a mão sobre a minha, apertando-a de leve. “Você se lembra das últimas palavras de minha Rebecca para você, no navio? Ela disse: ‘Se voltar ao Norte, deve ficar conosco’. Acho que ela trouxe você até aqui. Para mim, para as crianças. Acho que Deus a trouxe aqui.”

Olhei na direção do lago manchado de pólen e lodo, a água colorida pela luz que ia se esvaindo. Quando olhei novamente para ele, Israel me puxou para si e me segurou contra seu peito, e eu senti que era a mim que ele abraçava, não a sua Rebecca.

## Encrenca

Senti o cheiro de bolinho de milho a meio quarteirão da casa do Dinamarca Vesey, aquele óleo de fritura no ar, o cheiro de milho-doce descendo a rua. Fazia dois anos que eu ia escondido na Bull, 20, sempre que conseguia uma brecha. Sabe-Tudo era um mordomo preguiçoso e não ficava de olho na gente que nem o Tomfry. Eu tinha que agradecer à sinhá por essa.

Eu dizia pra ele que tinha acabado a linha, a cera de abelha, o botão, a musselina ou o cocô de rato, e ele me mandava pro mercado. O resto do tempo não se importava onde eu estava. O único pensamento em sua cabeça era beber os brandys e uísques do sr. Grimké no porão e se assanhar com a Minta. Eles estavam sempre no quarto vazio em cima da cocheira fazendo bem isso que você está pensando. Eu, Tia-Irmã, Phoebe e Bonzinho ouvíamos lá da varanda da cozinha, e Bonzinho levantava a sobranceira pra mim. Todo mundo sabia que ele tinha uma queda por mim desde o primeiro dia. Tinha feito aquela bengala especial de coelho pra mim, e sempre me dava a última mandioca do seu prato. Um dia, quando Sabe-Tudo gritou comigo por ter sumido, ele enfiou a mão na cara dele, e Sabe-Tudo recuou na hora. Eu nunca tinha deixado um homem me tocar, nem tinha vontade, mas quando ouvia Sabe-Tudo e Minta lá em cima da cocheira, Bonzinho não me parecia tão mal assim.

Sem a Sarah, o lugar tinha virado um inferno. Com o último dos meninos na faculdade, não havia mais ninguém na casa a não ser a sinhá, a Nina e nós seis escravos. A sinhá reclamava de dinheiro o tempo todo. Ela tinha a soma gorda que mestre Grimké tinha deixado, mas ela dizia que nem chegava aos pés

do que precisava. A tinta descascava das paredes e ela já tinha vendido um dos cavalos. Ela não comia mais o pudim ninho de pássaro, e na mesa dos escravos, cada vez mais e mais arroz.

O dia que senti o cheiro dos bolinhos, faltavam dois dias para o Natal — lembro que o ar estava gelado e as folhas de palmeira estavam presas nas portas das sacadas, trançadas que nem cabelo. Dessa vez, Sabe-Tudo tinha me mandado levar um recado da sinhá para o escritório do advogado. Não pense que não li antes de entregar.

*Caro Sr. Huger,*

*Acredito que minha pensão é inadequada para as minhas necessidades de bem-estar. Requisito que alerte meus filhos sobre minhas demandas. Como sabe, eles possuem propriedades que poderiam ser vendidas para aumentar meu cuidado. Tal proposta é mais adequada vinda de um homem de sua influência, que foi um amigo leal do pai deles.*

*Atenciosamente,*

*Mary Grimké*

Eu levava um frasco de sorgo no bolso, que tinha pegado da despensa. Eu gostava de levar alguma coisinha pro Dinamarca, e isso combinaria com os bolinhos. Ele tinha o hábito de contar pra quem quer que estivesse em sua casa que eu era sua filha. Ele não dizia que eu era *como* uma filha, mas falava abertamente que eu era dele. Susan reclamava, mas era boa pra mim também.

Encontrei com Susan na cozinha, pescando os bolinhos da frigideira para o prato. Ela disse: “Por onde andou? A gente não se vê faz mais de uma semana”.

“Você não me aguenta, mas não vive sem mim.”

Ela deu risada. “Eu te aguento, sim. Quem eu não aguento, mas não vivo sem tá lá na oficina.”

“Dinamarca? O que ele aprontou dessa vez?”

Ela resmungou. “Você quer dizer além de ter uma mulher em cada canto dessa cidade?”

Achei melhor desviar desse assunto, já que mamã tinha sido uma delas. “É, além disso.”

Seus lábios curvaram num sorriso. Ela me entregou o prato. “Aqui, leva isso pra ele. Ele tá com a macaca, só isso. Tudo por causa daquele Monday Gell. Ele perdeu alguma coisa que irritou o Dinamarca. Algum tipo de lista. Achei que fosse matar o homem.”

Fui na direção da oficina sabendo que Monday tinha perdido a lista de convocados que ele tinha conseguido para o Dinamarca na fazenda Bulkey.

Já fazia um bom tempo que Dinamarca e seus tenentes vinham recrutando escravos, escrevendo seus nomes no que ele chamava de Livro. A última que tinha ouvido é que mais de dois mil tinham prometido pegar em armas quando chegasse a hora. Dinamarca me deixava sentar lá e ouvir quando ele falava de convocar um exército e nos libertar, e os homens se acostumaram com a minha presença. Eles sabiam que eu ficaria quieta.

Dinamarca não gostava do sopro do vento, a não ser que ele comandasse a direção. Ele tinha bolado as palavras exatas que queria que Gullah Jack e os outros dissessem quando tentassem convencer os recrutas. Um dia, ele me fez fingir que era um escravo que ele cortejava.

“Quais as novas?”, ele disse para mim.

“Nada”, respondi. Como ele ordenara.

“Você não sabe que estamos livres?”

“Livres? Quem disse que estamos livres?”

“Vem comigo e vou lhe mostrar.”

Era assim que queria que falassem. Então, se um escravo na cidade ficasse curioso, o tenente tinha que levá-lo para a rua Bull, número 20, para conhecer Dinamarca. Se os escravos estavam nas fazendas ou em Santee, Dinamarca iria até eles e faria uma reunião secreta.

Eu estava na casa dele quando um desses escravos curiosos apareceu, e foi uma coisa que levarei comigo ao túmulo. Dinamarca pulou da cadeira como Elias atravessando o céu. “O Senhor falou comigo”, ele gritou. “Ele disse: liberte meu povo. Quando seu nome está escrito no Livro, você é um de nós, e é um de Deus, e nós vamos levar sua liberdade quando Deus falar. Acalme seu coração. Não permita que ele tenha medo. Se acredita em Deus, também acredita em mim.”

Quando ele disse essas palavras, um raio me atravessou, a mesma sensação de quando eu entrava na alcova, quando pequena, e pensava na água me levando para algum lugar, ou na igreja, quando a gente cantava sobre os muros de Jericó desmoronando e minhas pernas batiam no chão. Meu nome não estava no Livro, só os dos homens, mas eu o colocaria lá se pudesse. Eu escreveria com sangue.

Hoje, Dinamarca estava pregando as pernas de uma mesa de pinheiro-da-escócia. Quando eu entrei com os bolinhos, ele largou o martelo e sorriu, e quando eu tirei o sorgo do bolso, ele disse: “Mas se você não é a Charlotte

escrita”.

Apoiando na mesa pra tirar o peso da perna, observei Dinamarca comendo por um tempo, depois falei: “Susan disse que o Monday perdeu a lista dele”.

A porta dos fundos que dava pra ao beco estava aberta para deixar o pó de serragem sair, e ele foi até ali, olhou para os dois lados, e fechou. “Monday é um maldito de um idiota. Ele guardava a lista num barril vazio na oficina de montaria na fazenda Bulkley, e ontem, levaram o barril ninguém sabe pra onde.”

“O que vai acontecer se alguém achar?”

Ele recostou na banquetta e levantou o garfo. “Bom, depende. Se a lista levantar suspeita e for entregue pra Guarda, eles vão passar o chicote nos nomes até descobrir do que se trata.”

Isso arrepiou meus pelos do braço. “Onde você guarda os seus nomes?”

Ele parou de mastigar. “Por que você quer saber?”

Eu estava cutucando a onça com vara curta, mas nem ligava. “Bom, tão bem escondido ou não?”

Ele virou os olhos pra bolsa de couro em cima da mesa.

“Ali na bolsa? Bem ali pra alguém levar?”

Eu falei como se ele fosse um maldito dum idiota também, mas em vez de ficar bravo, ele riu. “Essa bolsa não sai da minha vista.”

“Mas se a Guarda pegar os nomes de Monday e vier atrás de você, vão achar sua lista facinho.”

Ele ficou quieto e limpou o açúcar da boca. Ele sabia que eu tinha razão, mas não queria admitir.

O sol entrava pela janela, criando quatro quadrados de colcha no chão. Encarei os quatro no silêncio, pensando em como ele tinha dito que eu era a Charlotte escrita, e surgiu em minha mente que ela tinha colocado mechas dos nossos cabelos e amuletinhas dentro das colchas, e lembrei como ela foi pega em flagrante com a seda verde da sinhá. Ela me disse na época: “Eu devia ter costurado aquela seda verde dentro da colcha e ela nunca ia descobrir”.

“Eu sei o que você precisa fazer com a lista.”

“Cê sabe, é?”

“Você precisa esconder dentro de uma colcha. Eu costuro um bolso secreto dentro dela. E aí você só coloca a colcha na cama, à vista de todos, e ninguém sabe a diferença.”

Ele andou para lá e para cá na oficina, três, quatro vezes. Por fim, falou: “E se eu precisar pegar a lista?”.

“Isso é fácil. Eu deixo um buraco na costura que dá pra você enfiar a mão e tirar.”

Ela fez que sim com a cabeça. “Vou ver se a Susan tem alguma colcha por aí. Mãos à obra.”

Quando o Ano Novo chegou, Nina arrumou cinco meninas e começou a Sociedade Feminina de Oração. Elas se reuniam na sala de visitas às quartas de manhã. Eu servia chá e bolachas, cuidava da lareira e guardava a porta, e pelo que pude notar, a última coisa que faziam era rezar. Nina estava lá se esforçando para mostrar a elas as maldades da escravidão.

*Essa menina.* Ela era como a Sarah. Tinha os mesmos princípios, a mesma vontade de ser útil, mas eram diferentes também. Com dezessete agora, Nina virava cabeças e convencia o sal a sair do mar. Mas seus namoricos não duravam. A patroa dizia que ela os afastava com suas opiniões fortes.

Eu não sabia por que ela não afastava as meninas também.

Durante os encontros, fazia discursos inflamados que iam até que uma das meninas perdesse o fio da meada e mudasse o rumo da conversa: quem dançou com quem ou quem usou o que no último evento. Nina desistia então, mas parecia feliz por dizer o que pensava, e a sinhá ficava feliz também, pensando que a filha finalmente tinha encontrado a religião.

Foi durante uma reunião dessas, em março, que a menina Smith ficou ofendida. Nina estava decidida a lhe mostrar como seu bairro era ruim.

“Você pode vir aqui, Encrenca?”, Nina chamou e depois falou para as meninas: “Estão vendo a perna dela? Estão vendo como se arrasta atrás dela? Isso é por causa da esteira na Casa de Trabalho. É uma abominação, e bem debaixo do seu nariz, Henrietta!”

A menina Smith se eriçou. “Bem, o que ela estava fazendo na Casa de Trabalho em primeiro lugar? Deve haver disciplina, não deve? O que ela fez?”

“O que ela fez? Você não ouviu nada do que eu falei? Deus nos ajude. Como você pode ser tão cega? Se quer saber como a Encrenca foi parar na Casa de Trabalho, ela está bem ali. Ela é uma pessoa, pergunte a *ela*.”

“Prefiro não fazê-lo”, a menina disse e enfiou as saias em volta das pernas.

Nina se levantou da cadeira e veio ao meu lado. “Por que não tira seu sapato e mostra o tipo de brutalidade que acontece na mesma rua em que ela vive?”

Eu devia ter me importado, mas sempre me lembrava do dia em que Tomfry me pegou em frente da casa, saindo escondida para a casa do Dinamarca, e como Nina veio me salvar. Ela nunca perguntou onde eu fui, e a verdade era que eu queria que as meninas vissem o que a Casa de Trabalho tinha feito comigo. Tirei o sapato e mostrei o pé desfigurado e as cicatrizes rosadas em zigue-zague na minha perna, que nem minhoca. As meninas colocaram os dedos debaixo do nariz e embranqueceram que nem farinha, mas Henrietta Smith fez melhor. Ela desmaiou na cadeira.

Peguei os sais e reavivei a menina, mas a sinhá ouviu o estardalhaço antes.

Mais tarde, no meu quarto, ouvi um toque na porta e abri para encontrar Nina com os olhos inchados.

“Mamãe lhe puniu?”, ela perguntou. “Eu preciso saber.”

Desde a morte do sinhô Grimké, a patroa batia tantas vezes em Minta com a bengala de ponta dourada que ela sempre estava cheia de roxos em seu braços marrons. Não era de se estranhar que ela fosse pra cocheira com Sabe-Tudo se aliviar. Ela batia em mim e na Phoebe também, e passou a bater até na Tia-Irmã, coisa que eu nunca pensei que fosse ver na vida. Tia-Irmã não apanhava de boca fechada. Eu ouvia ela dizendo pra sinhá: “Binah e os que você vendeu são os sortudo”.

Nina disse: “Eu tentei explicar que *eu pedi* que tirasse o sapato, que não fez por conta própria...”.

Estiquei o braço e mostrei o vergalhão.

“A bengala?”

“Um golpe só, mas bem dado. O que ela fez com você?”

“Deu uma longa bronca. As meninas não virão mais para reuniões.”

“Não, acho que não.” Ela estava tão chateada que acrescentei: “Bom, você tentou”.

Seus olhos se encheram de lágrimas e eu entreguei meu lenço limpo. Ela pegou e se afundou na cadeira de balanço, e enfiou o rosto no lenço. Não sabia se os olhos dela aguentariam mais, nem se ela chorava por causa do fracasso da Sociedade Feminina de Oração, ou pela partida de Sarah, ou pelos defeitos das pessoas.

Quando ela terminou e voltou para o seu quarto, eu acendi uma vela e sentei na luz ondulante, imaginando a colcha na cama do Dinamarca, o bolso escondido dentro dela, com o rolo de papel que ele tinha colocado lá, com todos os nomes. Pessoas prontas a dar a vida pela liberdade. O dia em que pensei em como esconder a lista, Susan não tinha uma colcha sequer na casa — ela usava

lençol simples de lã. Fiz uma colcha novinha em folha: quadrados vermelhos e triângulos pretos, o favorito de mamã e eu, os pássaros negros voando longe.

Dinamarca acreditava que nada mudaria sem derramamento de sangue. Estatelada na cadeira de balanço, pensei em Nina, em suas lições para as cinco garotas mimadas, e Sarah, tão chateada com a situação do mundo que teve de partir, embora sentisse a bondade do que faziam, parecia que discursos e partidas não adiantavam muito, com tanta crueldade para vencer.

A vingança estava chegando, pelas nossas próprias mãos. Sangue era a saída. A única saída, não? Fiquei feliz por Sarah estar longe do perigo, e eu teria de cuidar de Nina. Eu disse a mim mesma: *Acalme seu coração. Não permita que ele tenha medo.*

## Sarah

Estendi a toalha de mesa branca, jogando para cima e observando-a se transformar em uma nuvem até afundar sobre as folhas de pinheiro.

“Esta não é a toalha que usamos para piqueniques”, disse Catherine, cruzando os braços.

Suas críticas se assemelhavam a orações: sagradas, diárias e sérias. Eu tomava cuidado. Ensinava às crianças, mas tentava não soar maternal. Eu me submetia a Catherine em todas as questões da casa — se ela punha sal no bolo, ela punha sal no bolo. E quanto a Israel... eu sequer olhava para ele quando estávamos no mesmo cômodo.

“... Desculpe”, disse a ela. “... Pensei que tinha dito para pegar a toalha branca.”

“Terá de ser alvejada e engomada. Vamos rezar para que não haja seiva no chão.”

*Deus, sem seiva. Por favor.*

Era o primeiro dia de abril, por acaso o aniversário de sete anos de Becky, e o primeiro dia do ano que poderia ser considerado quente. Depois de meu primeiro inverno no Norte, eu tinha uma nova apreciação pelo calor. Eu nunca tinha visto neve antes, e quando ela desceu, o céu da Pensilvânia se abriu como um vasto edredom de penas de ganso e o mundo todo se encheu de plumas. Na primeira vez, eu saí da casa e passei pegando flocos na mão e na língua, deixei-os se engancharem em meus cabelos, soltos pelas costas. Ao retornar para a casa, vi Israel e as crianças me observando da janela, surpresos. Meu encantamento

derreteu junto com a neve. Parecíamos presos em um eterno crepúsculo. O frio sangrava no mundo, transformando as paisagens em gradações de preto e branco, e não importava quão furiosas estavam as lareiras, o frio grudava em meus ossos charlestonianos como o geada.

O piquenique tinha sido minha ideia. Quakers não celebravam — todos os dias eram tratados da mesma forma, vivido na mesma simplicidade —, mas Israel era conhecido por ceder um pouco nos aniversários das crianças. Ele estava trabalhando em casa nesse dia, fechado em seu escritório com cobranças e livros-caixa e contas. Sendo sensata de não tratar do meu capricho com Catherine, interrompi-o no meio da manhã.

“... A primavera chegou”, eu dissera. “Não vamos desperdiçá-la... Um piquenique fará bem a todos nós, e você tinha de ver Becky, está tão animada em fazer sete anos... Uma pequena celebração não faz mal, faz?”

Ele largou o livro-caixa e me olhou com um sorriso vagaroso e indefeso. Ele não me tocava havia meses. No outono, tinha segurado minha mão com frequência, ou passado o braço ao redor de minha cintura, ao subirmos o muro de volta do lago, mas o inverno chegou, as caminhadas cessaram, e ele se retirara, indo para algum lugar dentro de si para hibernar. Não sabia o que tinha acontecido até que certa manhã, em janeiro, Catherine anunciou que era o segundo aniversário da morte de Rebecca. Ela parecia obter uma alegria soturna ao explicar quão profundo era o luto de seu irmão, pior do que no inverno anterior.

“Tudo bem, façam o piquenique, mas sem bolo de aniversário”, ele concordou.

“... Eu nem sonharia com algo tão decadente quanto um bolo”, respondi, sorrindo, fazendo um pouco de graça, e ele gargalhou. “Você devia vir também”, acrescentei.

Seus olhos desviaram para o medalhão sobre sua mesa, aquele gravado com narcisos e o nome de sua esposa.

“Talvez”, ele disse. “Tenho muito trabalho a fazer.”

“... Bem, tente se juntar a nós. As crianças vão gostar.” Saí, desejando não ficar tão desanimada com ele às vezes, como ele podia ser volúvel, um dia me abraçando, e no outro, distante.

Agora, ao olhar para a toalha espalhada no gramado, eu nem mesmo estava desapontada, estava brava. Ele não tinha vindo.

Catherine e eu tiramos o conteúdo da cesta: uma dúzia de ovos cozidos, cenouras, dois pães, manteiga de maçã e um tipo de queijo cremoso que

Catherine tinha feito fervendo a nata e secando-a em um guardanapo. As crianças tinham encontrado uma muda de hortelã à beira do bosque e esmagavam as folhas entre os dedos. O ar se encheu com aquele odor.

“Oh”, ouvi Catherine exclamar. Ela olhava na direção da casa, para Israel vindo pela grama marrom.

Comemos sentados ao chão, com nossas faces viradas para o imenso céu brilhante. Ao terminarmos, Catherine pegou biscoitos de gengibre da cesta e os empilhou em forma de pirâmide. “O de cima é para você, Becky”, ela disse.

Era evidente como Catherine amava a criança e aos outros, e senti um súbito remorso por todos os meus pensamentos ruins a seu respeito. As crianças pegaram os biscoitos e se dispersaram, os meninos na direção das árvores e as duas meninas recolhendo flores selvagens que começavam a brotar entre as graminhas, e foi nesse momento, enquanto Catherine se ocupava limpando as coisas, que cometi um grave erro.

Repousei com os cotovelos apoiados no chão, a menos de um metro de Israel, sentindo que ele tinha retornado de sua longa hibernação e querendo aproveitar esse pensamento. Catherine estava de costas para nós, e quando olhei para Israel, ele possuía aquela expressão de desejo outra vez, o sorriso triste e ardente, e ousou deslizar seu dedinho sobre a toalha e enganchá-lo ao meu. Era uma coisinha de nada, nossos dedos entrelaçados como videiras, mas a intimidade me arrebatou, e eu fiquei ofegante.

O som fez Catherine virar a cabeça e nos fitar por sobre o ombro. Israel arrancou o dedo do meu. Ou eu arranquei?

Ela subiu os olhos para ele. “Então, é como suspeitei.”

“Isso não é da sua conta”, ele disse a ela. Ficando de pé, sorriu pesarosamente para mim e subiu o morro.

Ela não falou nada de imediato, mas quando tentei ajudá-la, ela disse: “Você precisa se mudar e encontrar pouso em outro lugar. Sua presença aqui é inadequada. Conversarei com Israel sobre sua partida, seria melhor que partisse por conta própria, sem precisar da interferência dele”.

“... Ele não me pediria para ir embora!”

“Nós precisamos fazer o que o pudor exige”, ela disse, e depois me surpreendeu ao colocar sua mão sobre a minha. “Sinto muito, mas é melhor assim.”

Os onze de nós sentávamos em um único banco na Casa de Reuniões da

rua Arch — as oito crianças Morris, Israel em uma ponta, Catherine e eu na outra. Considerei desnecessária a presença de todos para uma “reunião de adoração concernente a negócios”. Era uma simples reunião de negócios, pelo amor de Deus. Elas ocorriam mensalmente, e geralmente eu permanecia em casa com as crianças, enquanto Israel e Catherine compareciam. Dessa vez, ela insistira para que todos fôssemos.

Catherine não perdeu tempo em abordar Israel depois do piquenique, e ele manteve pé firme: eu permaneceria em Green Hill. Se o incidente do medalhão tinha esfriado as coisas entre Catherine e eu, minha recusa em partir e a recusa de Israel em defendê-la azedaram tudo. Esperava que, com o tempo, ela mudasse de opinião.

Na sala de reuniões, uma mulher ficou de pé para iniciar a assembleia lendo um versículo da Bíblia. Ela era a única ministra entre nós. Não parecia ter mais que minha idade, vinte e nove anos, jovem para tal realização. A primeira vez em que a ouvira falar na Reunião, senti um tipo novo de reverência. Agora, sentia uma pontada de inveja. Eu tinha feito minha a essência da fé quaker, mas até então não abrira a boca nas Reuniões.

Quando os negócios começaram, os membros trouxeram uma série de assuntos entediantes. Dois dos filhos de Israel se empurravam em silêncio, e o mais novo dormia. *Que insensato de Catherine ter nos arrastado até aqui*, pensei.

Ela ficou de pé, arrumando o xale sobre os ombros miúdos e frágeis. “Sou compelida pelo Espírito a trazer um assunto de interesse.”

Levantei a cabeça, observando a rigidez de seu queixo, depois para Israel do outro lado da fileira, que parecia tão surpreso quanto eu.

“Peço que nos unamos na necessidade de encontrar um novo lar para nossa querida aprendiz, Sarah Grimké”, disse Catherine. “A senhorita Grimké é uma professora excepcional para os filhos de Israel, me ajuda com as tarefas domésticas e é, claro, uma cristã da mais alta patente. É importante que ninguém de dentro ou fora de nossa comunidade questione o decoro de uma mulher solteira viver na casa de um viúvo. É com dor que nós em Green Hill a vemos partir, mas é um sacrifício que estamos dispostos a fazer pelo bem maior. Pedimos que nos assistam em sua realocação.”

Encarei o chão sem verniz e a barra de seu vestido, incapaz de respirar.

Lembro-me de pouco do que os membros disseram após seu discurso insidioso. Lembro ser exaltada por meus escrúpulos e meu sacrifício. Recordo palavras como *honorável, caridosa, digna, imperativa*.

Quando o redemoinho de vozes finalmente esvaneceu, um homem mais

velho falou: “Estamos em acordo na questão? Se alguém se opõe, por favor, identifique-se”.

*Eu me oponho. Eu, Sarah Grimké.* As palavras empurraram minhas costelas e desapareceram. Queria refutar o que Catherine dissera, mas não sabia por onde começar. Ela tinha engenhosamente me transformado em um exemplo de bondade e abdição. Qualquer refutação que eu fizesse contradiria aquilo e talvez acabasse com minhas chances de ser aceita no mundo quaker. Esse pensamento me consumia. Apesar de sua austeridade, da maneira como dividiam o cabelo, eles fizeram o primeiro documento abolicionista da história. Tinham me mostrado um Deus de amor e luz, e uma fé centrada na consciência individual. Não queria perdê-los, não queria perder Israel, o que certamente aconteceria, se meu período de teste falhasse.

Eu não conseguia me mexer, nem mesmo o menor músculo em minha língua.

Israel deslizou no banco, como se fosse ficar de pé e falar em meu lugar, mas permaneceu ali, empurrando a palma da mão com o punho fechado. Catherine tinha lhe colocado na mesma posição insustentável que a mim. Não queria dar a ninguém razão para questionar o que se passava em sua casa, especialmente a boa gente da rua Arch, centrais em sua vida, que conheceram e amaram Rebecca. Eu entendia. No entanto, ao vê-lo hesitar na beirada do assento, tive a sensação de que sua relutância em falar publicamente a meu respeito se originava de algo ainda mais profundo, uma necessidade submersa e soberana de proteger seu amor pela esposa. Entendi subitamente que era a mesma razão de não ter declarado seus sentimentos por mim na intimidade. Ele me deu um olhar tortuoso e se recostou no banco.

À frente da sala, a ministra, sentada no banco junto com outros ministros e anciãos, me analisava, notando os sinais de nervosismo que não era capaz de esconder. Olhando-a de volta, imaginei que ela enxergava as coisas em meu coração, coisas que eu mesma estava descobrindo. *Talvez ele nunca me reivindicasse.*

Ela olhou para mim e, de repente, ficou de pé. “Eu me oponho. Não vejo razão para que a srta. Grimké se mude. Seria um grande incômodo para ela e uma dificuldade para todos envolvidos. A conduta dela não está em questão. Não devemos nos preocupar tanto com aparências.”

Sentando-se, sorriu para mim, e eu pensei que choraria diante dessa visão.

Ela foi a única a discordar de Catherine. Os quakers decidiram que eu deixaria Green Hill dentro de um mês e registraram devidamente a decisão no

Livro da Minuta.

Depois da reunião, Israel saiu rapidamente para trazer a carruagem, mas eu permaneci sentada, tentando me recompor. Não sabia para onde iria. Ainda daria aulas para as crianças? Enquanto Catherine os levava para a porta, Becky olhou para trás, contorcendo-se nas mãos de Catherine, que a prendiam como um arreio.

“Sarah? Posso lhe chamar de Sarah?” Era a minha defensora.

Concordei. “... Obrigada por falar o que falou... Fico grata.”

Ela colocou um papel dobrado à minha frente. “Aqui está meu endereço. Você é bem-vinda para ficar comigo e meu marido.” Ela se virou, mas depois voltou. “Desculpe, não me apresentei. Meu nome é Lucretia Mott.”

## Encrenca

Na oficina na casa de Dinamarca, os tenentes estavam em círculo em volta da mesa. Sempre ao lado de Dinamarca. Ele disse que tinha marcado a data, dali dois meses, disse que tinha seis mil nomes no Livro.

Eu estava no canto, ouvindo, agachada num tamborete, meu lugar de sempre. Ninguém dava bola pra mim, a não ser quando queriam alguma coisa pra beber. *Encrenca, traz a birita, Encrenca, traz a cerveja de gengibre.*

Era abril, e o calor do inferno já tinha subido até Charleston. Os homens pingavam. “Nessas últimas semanas, vocês precisam fazer o papel de bom escravo melhor do que nunca”, disse Dinamarca. “Digam a todos para cerrar os dentes e obedecer. Se alguém contar pros brancos que vem vindo uma revolta escrava, eles precisam dizer, *Não os nossos escravos, eles são da família. Eles são os mais felizes do mundo.*”

Enquanto eles falavam, mamã surgia em minha mente, e a imagem que eu tinha dela era desbotada que nem o vermelho numa colcha fervida muitas vezes. Algumas vezes eu nem conseguia me lembrar mais do rosto dela, onde ela tinha calo nos dedos por causa da costura, ou como era o cheiro dela no fim do dia. Sempre que isso acontecia, eu ia pra árvore espiritual. Lá era onde eu sentia a mamã com força, nas folhas e na casca e nas bolotas caídas.

Sentada ali, fechava os olhos e tentava trazer mamã de volta, com medo de ela ir embora de vez. Tia-Irmã dizia: “Deixa ela ir embora, já passou da hora”, mas eu queria a dor do rosto e das mãos de mamã mais do que a paz de viver sem eles.

Pensei por um minuto em sair de mansinho e voltar pra árvore espiritual — arriscar pular o portão antes do escuro, mas sinhá já tinha me pego pulando no mês passado e feito um talho na minha cabeça que ainda estava com casca. Ela dissera pro Sabe-Tudo: “Se a Encrenca sair outra vez sem permissão, você vai ser açoitado junto com ela”. Agora ele ficava zoiudo para cima de mim.

Tentei me concentrar no que os homens diziam.

“O que a gente precisa é de um molde pra bala”, disse Dinamarca. “A gente tem mosquete, mas não tem balas.”

Eles conferiram a lista de armas. Eu sabia que haveria sangue, mas não sabia que ia escorrer pelas ruas. Eles tinham tacos, machados e facas. Tinham espadas roubadas. Eles tinham barris de pólvora e estopins escondidos embaixo das docas, eles pretendiam montar o cerco em volta da cidade e queimar tudo.

Disseram que um ferreiro escravo chamado Tom estava fazendo quinhentas lanças. Imaginei que tinha que ser o mesmo Tom, o Ferreiro que tinha feito o distintivo falso pra mamã, lá quando ela começou a se alugar. Lembro o dia em que ela me mostrou. Aquele quadradinho de cobre, com um furo pra alfinete em cima, dizia: *Empregada Doméstica, Número 133, Ano 1805*. Eu conseguia ver isso tudo, mas não chegava no rosto de mamã com clareza.

Eu tinha uma peninha de corvo no bolso, que tinha recolhido no caminho, e eu peguei e girei no dedo, só uma coisa pra eu fazer, e logo estava pensando na vez que mamã viu um funeral de passarinho. Quando ela era menina, ela e minha vovozinha encontraram um corvo morto embaixo da árvore espiritual delas. Foram pegar uma pá pra recolher e, quando voltaram, sete corvos estavam em volta do morto, falando não *cá cá*, mas *zipzip*, grito agudo, que nem canto de luto. Minha vovozinha disse pra ela: “Tá vendo, é isso que os passarinhos fazem, param de voar e caçar comida e descem pra cuidar do seu morto. Ficam em volta e choram. Fazem isso pra todo mundo saber: um dia esse pássaro viveu e agora se foi”.

Aquela história trouxe a mamã de volta pra mim. A imagem dela surgiu perfeita em minha mente. Vi o amarelo queimado de sua pele, os calos nas suas juntas, o dourado nos olhos, e o buraco nos dentes da frente, a largura certinha dele.

“Tem um molde de bala no Arsenal da Cidade, na rua Meeting”, disse Gullah Jack. “Mas entrar lá... bom, não sei.”

“Quantos guardas eles têm?”, perguntou Rolla.

Gullah Jack enrolou as suíças. “Dois, talvez três. O lugar tem todo o estoque de arma da guarda, mas não vão deixar nenhum de nós passear por lá.”

“Entrar é briga”, disse Dinamarca, “e com isso não posso arcar. Como eu falei, o principal agora é não levantar suspeita”.

“E eu?”, perguntei.

Eles se viraram e olharam pra mim como se tivessem esquecido que eu estava na sala.

“Que que tem?”, disse Dinamarca.

“Eu entro lá. Ninguém olha duas vezes pruma escrava aleijada.”

Sarah

Enquanto o anoitecer chegava, sentei-me à minha escrivaninha no quarto e abri uma carta de Nina. Eu estava em Green Hill havia quase um ano e lhe escrevera todos os meses sem falta, pequenos comunicados sobre minha vida e perguntas sobre a dela, mas ela não respondera, nem uma sequer, e agora ali estava um envelope com uma caligrafia larga, e eu só pude imaginar o pior.

14 de março de 1822

*Querida irmã,*

*Eu fui uma má correspondente e uma irmã ainda pior. Não concordei com sua decisão de ir para o norte, e não mudei de ideia a esse respeito, mas eu me comportei mal, e espero que me perdoe.*

*Minha paciência com nossa mãe está no fim. Ela está a cada dia mais difícil e violenta. Ela fala todos os dias que fomos deixadas com poucos meios e culpa Thomas, John e Fredrick por não cuidarem dela. Nem preciso dizer que eles vêm muito pouco, e Mary e Eliza não vêm nunca, apenas Anna. Desde sua partida, mamãe passa a maior parte do dia trancada em seu quarto e, quando sai, é apenas para brigar com os escravos. Ela levanta a bengala pelo menor dos motivos. Recentemente, bateu em Tia-Irmã por conta de um pão queimado. Na noite passada, bateu em Encrenca quando a viu pulando o portão. Devo acrescentar que Encrenca pulava para dentro, não para fora, e quando mamãe pediu uma explicação, ela disse que viu um filhote de cachorro ferido na alameda e tinha ido até lá ajudar a criatura. Insistiu que voltava de uma missão momentânea de caridade, mas mamãe não acreditou. Eu certamente não. A*

*bengalada de mamãe cortou a pele sobre a sobrançelha dela. Eu fiz um curativo o melhor que pude.*

*Estou alarmada com o temperamento intenso de mamãe, mas também temo que Encrenca esteja envolvida em algo perigoso que esteja relacionado aos frequentes pulos sobre o portão. Já a vi escapulindo em outra ocasião. Ela se recusa a me contar a respeito. Duvido que conseguirei protegê-la se for pega outra vez.*

*Estou sozinha e desamparada aqui. Por favor, venha me ajudar. Imploro: volte para casa.*

*Sua necessitada e amorosa irmã,  
Nina*

Coloquei a carta sobre a escrivaninha. Empurrando a cadeira para trás, fui até a janela e olhei o bosque de cedros escurecendo. Um pequeno enxame de vaga-lumes subia como brasa. *Estou sozinha e desamparada aqui* — palavras de Nina, mas senti como se fossem minhas.

Mais cedo, Catherine tinha enviado meu baú para cima, e eu me ocupei pegando meus pertences do armário e da escrivaninha, espalhando-os sobre a mesa e o tapete: toucas, xales, vestidos, camisolas, luvas, diários, cartas, a pequena biografia de Joana D’Arc que roubara da biblioteca de papai, um colar de pérolas de uma única volta, escovas de marfim, garrafas de vidro francês repletas de loções e pós, e, a mais querida de todas, minha caixinha de pedra vulcânica com o botão de prata.

“Você não desceu para o jantar.” Israel estava parado à porta, espiando para dentro, temeroso, aparentemente, de cruzar meu pequeno e bagunçado santuário.

Minhas posses não eram nada pelos padrões Grimké, mas, no entanto, fiquei envergonhada pelo excesso, em particular pela roupa de baixo de lã que eu segurava. Os olhos dele estavam fixos no baú aberto, depois virou o olhar para a calha, como se a visão de minha mala o tivesse ferido.

“... Não estou com apetite.”

Ele entrou, por fim, na bagunça. “Eu vim dizer que sinto muito. Eu devia ter falado na reunião. Foi meu erro. O que Catherine fez é imperdoável, eu já lhe disse. Eu falarei com os Anciãos esta semana e deixarei claro que não quero que vá.” Os olhos dele estavam úmidos do que eu supus ser angústia.

“... É tarde demais, Israel.”

“Mas não é. Eu posso fazê-los entender...”

“Não!” Saiu com mais força do que era a minha intenção.

Ele afundou no pé de minha cama estreita e passou as mãos em seu cabelo incrivelmente negro. Senti uma dor aguda, quase agradável, ao vê-lo em minha cama, ali, entre meus vestidos e pérolas e a caixinha. Pensei em como sentiria falta dele.

Ele ficou de pé e pegou minha mão. “Você ainda virá dar aula para as meninas, não? Muitas pessoas se ofereceram para acolher você.”

Eu puxei a mão. “... Eu vou para casa.”

Seus olhos viraram de volta para o baú, e observei seus ombros curvarem-se para a frente, suas costelas caírem umas sobre as outras. “Por minha causa?”

Fiquei parada, sem saber o que responder. A carta de Nina chegara bem quando as coisas degradingolaram, e era verdade, recebi de braços abertos a desculpa para partir. Eu estava fugindo dele? “... Não”, respondi. Estava certa de que teria ido embora de qualquer maneira, por que dissecar o motivo?

Quando expliquei o conteúdo da carta, ele disse: “É uma situação terrível com sua mãe, mas deve haver outros irmãos que podem cuidar da situação”.

“... Nina precisa de *mim*. Não de outra pessoa.”

“Mas é muito repentino. Você deveria pensar a respeito. Orar. Deus trouxe você aqui, não pode negar isso.”

Eu não podia negar. Algo bom e certo havia me levado até o Norte, até esse exato lugar: Green Hill, Israel e as crianças. O mandado para deixar Charleston ainda irradiava como no primeiro dia, mas havia a carta de Nina sobre a mesa. E também havia a outra questão, a questão de Rebecca.

“Sarah, precisamos de você aqui. Você se tornou indispensável para... para todos nós.”

“... Está decidido, Israel. Sinto muito. Vou para casa, para Charleston.”

Ele suspirou. “Ao menos me diga que voltará depois de acertar as coisas por lá.”

A janela brilhava com a claridade do quarto. Eu me aproximei e inclinei a cabeça. Dava pra ver a espiral de luz dos vaga-lumes ainda lá fora. “... Não sei. Não sei mais.”

## Encrenca

Na noite antes de eu ir até o Arsenal da Guarda roubar um molde de bala, Bonzinho e eu subimos no quartinho vazio em cima da cocheira — o mesmo onde mamã e eu dormimos há muito tempo — e eu deixei ele fazer o que queria fazer comigo há anos, e acho que eu também vinha querendo fazer. Eu já tinha vinte e nove anos, disse para mim mesma, e se eu for pega amanhã, a Guarda vai me matar, e se ela não matar, a Casa de Trabalho vai, então antes que eu deixe esse mundo, melhor saber o que tem de tão bom nisso.

O quarto não tinha nada a não ser um colchão de palha que Sabe-Tudo tinha colocado lá pra ele e pra Minta, mas ainda guardava o mesmo perfume de merda de cavalo. Olhei para o colchão esfarrapado enquanto Bonzinho estendia um edredom limpo em cima, alisando cada ruguinha. Vendo o cuidado que ele tomava, senti uma ternura. Bonzinho não era velho, mas quase não tinha mais cabelo. A pálpebra do olho vesgo tinha caído, enquanto a outra ficava de pé, então sempre parecia meio dormindo, mas tinha um sorriso largo e tranquilo e continuou sorrindo ao me ajudar a tirar o vestido.

Quando eu me estiquei em cima do edredom, ele olhou para o saquinho no meu pescoço, gordo com cascas da árvore espiritual.

“Isso eu não tiro”, falei.

Ele beliscou e senti a dureza das cascas e das sementes. “Essas são suas joias?”

“É. São minhas pedras preciosas.”

Empurrado o saquinho para o lado, ele segurou meus peitos e disse: “Não

são nem do tamanho de duas nozes, mas é assim que eu gosto, pequenos e marrons, assim”. Ele beijou minha boca e meus ombros e esfregou o rosto nas minhas nozes. Então ele beijou meu pé ruim, o lábio seguindo a trilha torta de cicatrizes. Eu não era de chorar, mas lágrimas vazaram dos cantos dos olhos e escorreram atrás das orelhas.

Eu não falei uma só palavra o tempo todo, mesmo quando ele entrou dentro de mim. Me senti como um almofariz, e ele era o pilão. Era como socar arroz, mas suave e gentil, forçando as cascas duras. Uma hora, ele riu e falou: “É assim que cê pensou que seria?”, e eu não soube responder. Sorri com as lágrimas escorrendo.

Na manhã seguinte, eu estava dolorida do amor. No café, Bonzinho falou: “Que dia bonito. Que cê acha, Encrenca?”.

“Sim, tá bonito.”

“Amanhã vai sê bonito também.”

“Pode ser.”

Depois da refeição, encontrei Nina e perguntei se ela podia me dar um passe pro mercado — Sabe-Tudo não estava num humor muito flexível. Eu disse: “Tia-Irmã falou que melaço com um pouquinho de uísque vai fazer um bem danado pra sua mãe, vai acalmar ela, mas acabou”.

Ela me escreveu o passe e me entregou, e disse: “Sempre que precisar... melaço ou qualquer coisa do tipo, você vem me pedir. Tudo bem?”.

Foi assim que eu soube que a gente tinha um acordo. Claro, se ela soubesse o que eu estava prestes a fazer, ela nunca teria assinado o nome naquele papel.

Fui até o Arsenal com a minha bengala de coelho, carregando uma cesta com trapos, álcool de limpeza e um espanador de pó, e uma vassoura comprida sobre o ombro. Gullah Jack vinha observando o lugar fazia um tempo. Ele disse que na primeira segunda-feira do mês, eles abriam pra manutenção e inspeção, contagem das armas, limpeza dos mosquetes e coisa e tal. Uma garota preta livre chamada Hilde ia nesses dias varrer, tirar pó, lustrar as estantes e limpar a latrina nos fundos. Gullah Jack lhe deu uma moeda pra não aparecer aquele dia.

Dinamarca tinha me desenhado um molde de bala. Parecia um alicate, mas a ponta ficava junta e formava uma tigelinha, onde o chumbo era colocado pra fazer a bola que servia de munição pro mosquete. Ele disse que um molde não era muito maior que sua mão, então, pra eu pegar dois, se desse. O principal, ele disse, era não ser pega.

Isso era o principal pra mim também.

O Arsenal era um edifício redondo feito com cal de conchas e paredes de sessenta centímetros de grossura. Tinha três janelas fininhas, no alto, com barras de ferro. Hoje, as persianas estavam abertas pra deixar a luz entrar. O guarda da porta quis saber quem eu era e onde estava a Hilde. Conteí a história que ela ficou doente e me mandou como substituta. Ele disse: “Você não parece que consegue levantar uma vassoura”.

*Bom, como é que cê acha que essa vassoura subiu no meu ombro? Sozinha?* Isso é o que eu queria falar, mas olhei para o chão. “Sissinhô, mas eu sô trabalhadeira, vai ver.”

Ele destrancou a porta. “Eles estão limpando os mosquetes hoje. Não atrapalhe. Quando acabar, bata na porta que deixo você sair.”

Entrei. A porta bateu. O tranco fez clique.

Parada ali, tentando tomar rumo no escuro, senti cheiro de mofo e óleo de linhaça e o cheiro azedo de lugar fechado. Dois guardas estavam do outro lado, de costas para mim, desmontando um mosquete embaixo de uma das janelas — todas as peças espalhadas sobre uma mesa. Um deles se virou e falou: “É a Hilde”.

Não corriji eles. Comecei a varrer.

O Arsenal era um cômodo único cheio de armas. Meus olhos passaram por tudo. Barris de pólvora empilhados até o teto. Arrumadinhas ao longo das paredes, as prateleiras cheias de mosquetes e pólvoras, montes de balas de canhão, e, nos fundos, dezenas de baús.

Mantive a vassoura se mexendo, passando pelo chão todo, torcendo para que o *vush-vush* cobrisse a respiração alta e falha que eu soltava. As vozes dos guardas iam e vinham em ecos.

*Essa atira semiengatilhada. Tá vendo a mola-mestra? Tá estragada.*

*Certifique que a cabeça da vareta está firme e sem ferrugem.*

Quando fiquei atrás dos barris, fora do alcance de visão deles, minha respiração se acalmou. Peguei o espanador. Um a um, espanei o topo dos armários, parando a cada um para olhar sobre o ombro antes de levantar a tampa e espiar. Vi berrantes com tiras de couro. Um emaranhado de algemas. Barras de ferro. Cordas fininhas que supus que fossem fusíveis. Mas nenhum molde de bala.

Então notei um antigo tambor apoiado na parede e atrás dele outro baú. Indo até lá, meu pé ruim bateu no tambor, e *rataplam*, caiu no chão.

Aí vieram as botas marchando. Peguei o espanador, e as penas

balançavam na minha mão como se estivessem vivas.

O guarda gritou comigo: “Que barulheira foi essa?”.

“O tambor caiu aqui.”

Ele estreitou os olhos. “Você não é a Hilde.”

“Não, ela ficou doente. Sou a substituta.”

Ele tinha um metal comprido na mão, do mosquete. Apontou com ele para o tambor. “Não precisamos desse tipo de descuido aqui!”

“Sissinhor, vou tomar cuidado.”

Ele voltou ao trabalho, mas meu coração parecia que ia estourar.

Abri o baú onde o tambor estivera apoiado e devia haver dez moldes ali. Peguei dois, devagar para não tilintarem, e enfeiei na minha cesta, embaixo dos trapos.

Depois limpei as teias de aranhas e lustrei as prateleiras. Quando deixei o lugar tão bom quanto a Hilde, juntei as minhas coisas e bati na porta.

“Não esqueça a latrina”, o guarda na porta disse, apontando para os fundos.

Fui para lá, mas passei reto e não parei.

\*

Aquela noite, no meu quarto, encontrei um pedacinho de teia de aranha no cabelo. Peguei uma toalha e me esfreguei, depois deitei em cima da colcha de histórias, lembrando o sorriso do Dinamarca quando tirei um dos moldes de dentro da cesta. Quando peguei o segundo, ele bateu na própria perna e falou: “Você deve ser minha melhor tenente”.

Tentei dormir, mas o sono não veio. Depois de um tempo, fui sentar na escada da varanda dos fundos. O pátio estava vazio. Olhei para a cocheira e pensei se Bonzinho tinha me procurado depois da janta. Ele devia estar dormindo. Dinamarca também. Eu era a única acordada. Preocupada com a tigelinha na ponta do molde, onde eles despejavam o chumbo. Quantas pessoas aquelas balas matariam? Eu podia ter passado por uma delas na rua hoje. Posso passar por outra amanhã. Posso passar por cem pessoas que vão morrer por minha causa.

A lua estava redonda e branca, sentada no topo do céu. Parecia do tamanho certinho pra sentar na tigela do molde. Foi isso que desejei. Desejei a lua em vez do chumbo.

## Sarah

Cheguei em Charleston usando meu melhor vestido quaker, um simples, cor de cinza, com um colarinho reto branco e touca combinando, a imagem da humildade. Antes de deixar a Philadelphia, tinha sido oficialmente aceita. Meu teste havia terminado. Eu era um deles.

Ao me ver pela primeira vez depois de mais de um ano, mamãe recebeu meu beijo no rosto e falou: “Vejo que retornou como quaker. Realmente, Sarah, como você aparece em Charleston vestida assim?”.

Eu não gostava do traje também, mas ao menos era feito de lã livre da mão de obra escrava. Nós, quakers, boicotávamos o algodão do sul. *Nós, quakers* — como isso soava bizarro para mim.

Tentei sorrir e amenizar esse comentário, ainda não entendendo o real motivo disso. “... É assim que me dá boas-vindas então? Certamente senti minha falta.”

Ela estava sentada no mesmo lugar em que eu a vira pela última vez, na poltrona de brocado dourado desbotado perto da janela, e usando o mesmo vestido preto, segurando a infernal bengala de ponta dourada sobre o colo. Era como se ela tivesse ficado sentada ali desde minha partida. Tudo a seu respeito parecia igual, exceto que parecia mais velha nos detalhes. A pele de seu pescoço se dobrava como a de uma tartaruga no colarinho e o cabelo sobre a testa estava esfiapado como a barra de um tecido.

“Senti sua falta, querida, claro. A casa toda sofreu com sua deserção, mas você não pode andar por aí vestida assim... Você seria tomada como quaker, e as

visões abolicionistas deles são bem conhecidas por aqui.”

Não tinha pensado sobre isso. Passei as mãos pelos lados da saia, subitamente gostando de minhas vestes sem graça.

Uma voz veio da porta. “Se *isso* é o que esse vestido horroroso significa, preciso arranjar um para mim.”

*Nina*. Parecia outra criatura. Ela estava alguns centímetros mais alta do que eu, com seu cabelo de zibelina preso para trás, as bochechas grandes, as sobrancelhas grossas e os olhos negros. Minha irmã tinha se tornado uma mulher de uma beleza ameaçadora.

Ela me abraçou. “Você nunca mais irá embora.”

Enquanto estávamos abraçadas, mamãe murmurou consigo mesma: “Pela primeira vez a criança e eu concordamos em alguma coisa”.

Nina e eu rimos, e, surpreendentemente, mamãe riu, e o som de nós três juntas provocou uma alegria boba em mim.

“... Olhe para você”, falei, segurando o rosto de Nina entre minhas mãos.

Os olhos de mamãe passaram de meu colarinho para a barra do vestido e subiram de novo. “Estou falando muito sério sobre o vestido, Sarah. Atiraram ovos na casa de uma das famílias quakers daqui. Saiu no *Mercury*. Conte-lhe, Nina. Explique para sua irmã que os charlestonianos não estão no humor para desfiles assim.”

Nina suspirou. “Há rumores na cidade de uma revolta de escravos.”

“... Uma revolta?”

“Não passa de tolice”, disse mamãe, “mas as pessoas estão apavoradas”.

“Se os boatos estiverem certos”, acrescentou Nina, “os escravos irão tomar as ruas, matar toda a população branca e queimar a cidade”.

Os pelos de meu braço se eriçaram.

“Depois da matança e do incêndio, supostamente irão saquear o banco e pegar os cavalos do estábulo municipal ou embarcar nos navios do porto e navegar até o Haiti.”

Um som de zombaria escapou da garganta de mamãe. “Você consegue imaginá-los elaborando um plano desses?”

Senti um aperto no peito. Eu conseguia, na verdade, imaginar. Não a parte sobre a chacina — isso, minha mente não conseguia compreender. Mas havia mais escravos que brancos vivendo em Charleston, por que não poderiam criar um plano para se libertar? Teria de ser elaborado e ousado para ter sucesso. E não poderia ser outra coisa além de violento.

Pensativamente, pressionei as palmas das mãos embaixo do queixo, como

se rezasse. “... Santo Deus.”

“Mas você não pode levar a sério”, disse Nina. “Houve situação semelhante em Edgefield, lembra? As famílias brancas estavam certas que seriam assassinadas enquanto dormiam. Era pura histeria.”

“... O que há por trás disso? Como o rumor começou?”

“Começou com o escravo caseiro do coronel John Prioleau. Aparentemente, ele ouviu a respeito de uma revolta no cais e reportou ao coronel, que foi até as autoridades. A Guarda rastreou a fonte, um escravo chamado William Paul, que é bem conhecido, aparentemente, por ser mentiroso. O pobre homem foi preso e ainda está na Casa de Trabalho. Nina parou, estremeando. “Não posso nem imaginar o que fizeram com ele.”

Mamãe raspou o chão com a bengala. “O major-intendente dispensou o assunto. O governador Bennett dispensou o assunto. Não quero mais conversa a respeito. Apenas tome cuidado, Sarah, o clima está explosivo.”

Eu desejei também dispensar a possibilidade de uma revolta, mas senti como se estivesse no meio de uma correnteza.

Procurando Encrenca na manhã seguinte, a encontrei sentada nos degraus da cozinha, ao lado de Bonzinho, com uma agulha em sua mão e um dedal no dedo, fazendo a barra do que parecia ser um avental. Os dois estavam rindo quando eu me aproximei e dando soquinhos afetuosos um no outro. Ao me ver, pararam.

Bonzinho ficou de pé num salto e parte de seu sobretudo caiu para o lado. Tomada por um súbito nervosismo a respeito de como Encrenca me receberia, apontei onde faltava um botão. “... Vai ter que pedir para Encrenca consertar”, disse e instantaneamente me arrependi. Soei mandona e condescendente. Não era como eu queria me reaproximar dela.

“Sissinhora”, ele disse, e com um olhar para Encrenca, nos deixou.

Abaixei-me e a abracei, enlaçando seus ombros miúdos. Depois de um momento, ela levantou os braços e deu tapinhas nas minhas costelas.

“Nina disse que você estava voltando. Vai ficar quietinha agora?”

“... Talvez.” Sentei-me ao lado dela. “... Vamos ver.”

“Bem, se eu fosse você, pegava aquele barco de volta.”

Sorri para ela. Uma faixa de sombra azul-escura provocada pela calha nos envolveu, escurecendo nosso silêncio. Peguei-me encarando o modo distorcido como o pé dela se virava para dentro, o ritmo contínuo de suas mãos, suas costas

curvadas sobre o serviço, e senti uma culpa estranha.

Atormentei-a com perguntas: como ela tinha se virado desde minha partida, como mamãe lhe tinha tratado, como os outros escravos estavam. Perguntei se, talvez, ela tivesse uma amizade especial com Bonzinho. Ela me mostrou a cicatriz na testa, chamando-a de “obra” de mamãe. Disse que a vista da Tia-Irmã falhava e Phoebe cozinhava quase tudo agora, que Sabe-Tudo não chegava aos pés de Tomfry, e que Minta era uma boa alma que aguentava o tranco da “maldade da sinhá”. No assunto Bonzinho, ela apenas sorriu, o que a denunciou.

“... O que você sabe sobre rumores de uma revolta escrava?”, perguntei por fim.

Sua mão parou por um instante. “Por que você não me conta o que *você* sabe sobre isso?”

Repeti o que Nina tinha dito sobre o escravo, o William Paul, e suas alegações de uma rebelião. “... As autoridades estão dizendo que não são verdade”, acrescentei.

Ela soltou o avental. “Estão é? Eles não acreditam que é verdade?” Seu rosto estava tão aliviado que tive a sensação de que não só a revolta era real, mas que ela sabia bastante a respeito.

“... Mesmo que eles acreditem que tal plano exista, vão negar”, eu falei, querendo que entendesse o perigo. “Duvido que reconheçam publicamente. Não vão querer provocar pânico. Ou não vão querer revelar os *seus* próprios planos. Se descobrirem a menor evidência de um plano, acredite, vão reagir.”

Ela retomou a agulha e a linha e o silêncio voltou, mais pesado dessa vez. Observei sua mão subir e descer, picos e vales, e o reluzir do dedal, e me lembrei de nós: meninhas no telhado, ela me contando sobre o dedal de latão de verdade. Esse mesmo dedal, imaginei. Podia ver Encrenca encostada nas telhas, apertando os olhos contra o borrão de céu e nuvens, a xícara de chá equilibrada sobre sua barriga, o bolso do vestido cheio de penas, suas pontas mirando para fora. Contamos todos os nossos segredos. Era a coisa mais próxima à paridade que nós encontraríamos na vida. Tentei manter aquela imagem na minha mente, reavivá-la, mas dissolveu.

Não esperava que confiasse em mim. Ela manteria seus segredos agora.

Nina e eu fomos a pé para a minúscula Casa de Reuniões Quaker, no domingo, uma caminhada excepcionalmente longa, que nos levou ao outro lado

da cidade. Andamos de braços dados enquanto ela me contava das cartas que tinham chegado em casa nas semanas após minha partida, perguntando sobre minha saúde. Tinha esquecido a história de consumpção que mamãe tinha criado para explicar minha ausência, e nós rimos sobre tudo isso ao descermos até a rua Society.

Uma forte chuva de verão tinha caído durante a noite e o ar estava fresco, preenchido pelo odor adstringente do jasmim-do-imperador. Restos de buganvília rosa flutuavam nas poças e, ao vê-las, com Nina ao meu lado em um dia tão glorioso, pensei que poderia reencontrar meu senso de pertencimento.

Os últimos dez dias tinham passado em quietude. Ocupei meu tempo tentando colocar ordem na casa e tendo longas conversas com Nina, que não parava de perguntar sobre o Norte, os quakers, Israel. Esperava evitar qualquer menção ao homem, mas ele se enfiava pelas pequenas frestas de qualquer jeito. Encrenca me evitava. Felizmente, nada de extraordinário aconteceu na cidade, e os relatos de insurreição escrava definharam conforme o pessoal retomava os assuntos corriqueiros. Comecei a pensar que poderia ter tido uma reação exagerada.

Nessa manhã, usava minhas “roupas abolicionistas”, como mamãe insistia em chamá-las. Como quaker, eu só tinha permissão de usar isso, e só Deus sabe, eu não era outra coisa senão correta. Cedo, durante o café da manhã, ao ficar sabendo de minha intenção em frequentar a Reunião Quaker e levar Nina comigo, mamãe teve um ataque histérico tão previsível que praticamente bocejamos. Era melhor ela não saber que iríamos caminhando.

Perto do mercado, começamos a ouvir o contínuo pisotear à distância, depois, gritos. Ao virarmos a esquina, duas escravas passam correndo, levantando suas saias. Marchando na nossa direção ao menos cem milicianos da Carolina do Sul com seus sabres e pistolas a postos. Flanqueados pela Guarda Municipal que trazia mosquetes em vez dos típicos cassetetes.

Era domingo de mercado, um dia que os escravos se reuniam maciçamente nas ruas. Paralisadas, Nina e eu observamos os escravos fugindo em pânico quando homens a cavalo galopavam contra eles, gritando para que se dispersassem.

“O que está acontecendo?”, disse Nina.

Observei o pandemônio, chocada. Paramos em frente ao Café Carolina, e pensei que poderíamos nos esconder lá dentro, mas estava trancado. “Temos que ir embora”, falei.

Ao nos virarmos para partir, no entanto, uma vendedora de rua, uma

escrava com não mais que doze anos, correu na nossa direção, e com medo e em pânico, tropeçou, derrubando sua cesta com vegetais no nosso caminho. Instintivamente, Nina e eu nos abaixamos para ajudá-la a recuperar os rabanetes e os pés de alface e as batatas rolando.

“Afaste-se!”, um homem berrou. “Você!”

Erguendo a cabeça, vi um policial trotando na nossa direção sobre seu cavalo. Ele falava comigo e com Nina. Ficamos de pé, enquanto a menina engatinhava na terra atrás de suas mercadorias sujas.

“... Não estamos fazendo nada de mal em ajudá-la”, eu disse quando ele puxou a rédea para parar. Sua atenção, no entanto, não estava no nabo em minha mão, mas em meu vestido.

“Você é quaker?”

Ele tinha um rosto largo e ossudo, com olhos levemente proeminentes, o que o deixava mais aterrorizante do que realmente era, mas tal lógica me escapou no momento. Medo e terror subiram à minha garganta, e minha língua, criatura frágil, ficou parada em minha boca como a lesma em sua concha.

“Você me ouviu?”, ele perguntou calmamente. “Eu perguntei se você é um daqueles párias religiosos que se agitam contra a escravidão.”

Movi os lábios, mas nada saiu, apenas o terrível silêncio. Nina se aproximou e entrelaçou os dedos no meu. Eu sabia que ela queria falar por mim, mas se segurou, esperando. Fechando meus olhos, ouvi as gaivotas no porto chamando uma a outra. Imaginei-as flutuando nas correntes de ar e pousando nas ondas de água.

“Sou quaker”, disse, as palavras chegando sem a hesitação que precedia a maior parte de minhas sentenças. Ouvi Nina soltar o fôlego.

Pressentindo uma alteração, dois homens brancos pararam para olhar. Atrás deles, vi a menina escrava fugir com sua cesta.

“Qual é seu nome?”, o policial perguntou.

“Sou Sarah Grimké. E o senhor, quem é?”

Ele não se deu ao trabalho de responder. “Você certamente não é a filha do juiz Grimké...”

“Ele era meu pai, sim. Morreu há quase três anos.”

“Bem, que bom que ele não viveu para ver você assim.”

“... Como é? Não acredito que minhas crenças sejam da sua conta.” Tive a sensação de flutuar, livre de meu ancoradouro. O que veio a mim foi a lembrança de flutuar à deriva no mar, como naquele dia em Long Branch, enquanto meu pai estava acamado. Flutuando para longe da corda.

As colunas da milícia finalmente tinham nos alcançado e estavam passando atrás do policial em uma onda de barulho e elegância. O cavalo dele começou a balançar a cabeça nervosamente enquanto ele levantava a voz para sobrepor a barulheira da milícia. “Por respeito ao juiz, não irei detê-la.”

Nina se intrometeu: “Que direito você tem de...”

Eu cortei sua palavra, querendo evitar que ela mergulhasse em águas cada vez mais traiçoeiras. Estranhamente, não senti essa compulsão para mim. “... Deter-me?”, disse. “Sob qual acusação?”

Seus olhos se esbugalharam ainda mais. A essa altura, uma horda tinha se juntado aos dois observadores. Um homem que usava um casaco de ir à igreja cuspiu na minha direção. Nina apertou minha mão.

“Suas crenças, e mesmo sua aparência, solapam a ordem que estou tentando manter aqui”, disse o policial. “Perturbam a paz dos bons cidadãos e dão ideias indesejadas aos escravos. Você alimenta a insurgência que ocorre nesse momento em nossa cidade.”

“... Que insurgência?”

“Você vai fingir que não ouviu os rumores? Há um plano entre os escravos de massacrar seus donos e fugir. Isso incluiria, creio eu, você e sua irmã aqui. Supostamente era para acontecer nesta noite, mas asseguro que foi totalmente frustrada.”

Levantando as rédeas, ele olhou para a milícia que passava, depois voltou-se para mim. “Vá para casa, srta. Grimké. Sua presença na rua é indesejada e inflamatória.”

“*Vá para casa!*”, alguém no grupo gritou, depois todos se juntaram ao coro.

Eu me endireitei, fulminando suas caras raivosas. “... O que vocês queriam que os escravos fizessem?”, gritei. “... Se não os libertamos, eles se libertarão por qualquer meio possível. Não posso culpá-los.”

“Sarah!”, gritou Nina, surpresa.

Quando o grupo começou a urrar palavras maldosas para mim, peguei-a pelo braço e corremos de volta pelo mesmo caminho. “Não olhe para trás”, disse a ela.

“Sarah”, ela disse, sem fôlego, a voz transbordando reverência. “Você se tornou uma amotinadora pública.”

A revolta escrava não aconteceu naquela noite, nem em nenhuma outra

noite. Os protetores da cidade tinham de fato arrancado o plano com persuasões cruéis na Casa de Trabalho. Durante os dias seguintes, notícias das intenções de revolta devastaram Charleston como uma epidemia, deixando-a atordoada e petrificada. Prisões foram feitas, e avisaram que muitas mais ainda o seriam. Sabia que era o início do que poderia ser um tremendo retrocesso. Os moradores já estavam fortificando suas cercas com cacos de vidro até que lanças permanentes fossem instaladas. O cavalo de frisa iria em breve embelezar as mais elegantes casas como uma armadura ornamental.

Nos meses seguintes, uma dura nova ordem seria estabelecida. Regulamentações seriam instituídas para controlar e restringir ainda mais os escravos, e punições mais severas seriam aplicadas. Uma fortaleza seria construída para proteger a população branca. Mas naquela primeira semana, estávamos todos ainda tomados pelo choque.

Meu desafio na rua tornou-se de conhecimento de todos. Mamãe mal podia me olhar sem empalidecer, e mesmo Thomas apareceu para me avisar que a clientela de sua firma seria prejudicada se eu persistisse nessa loucura. Apenas Nina ficou ao meu lado.

E Encrenca.

Ela estava limpando a escada de mogno, certa tarde depois do evento, quando uma pedra atravessou a janela da frente da sala de visitas, quebrando-a. Ao ouvir a explosão de vidro no segundo andar, descí e a encontrei com as costas contra a parede, ao lado da janela quebrada, tentando espiar sem ser vista. Ela fez um gesto para eu ficar para trás. “Cuidado, eles podem jogar outra.”

Uma pedra do tamanho de um ovo de galinha estava no tapete junto com um ninho de cacos. Gritos vinham da rua, semelhantes àqueles que ouvira no dia em que desafiei o guarda. *Amante de escravos. Amante de pretos. Abolicionista. Puta do Norte.*

Encaramos uma a outra, enquanto os sons iam embora. A sala ficou quieta, serena. A luz entrava, atingindo os cacos espalhados, transformando-os em chamas no tapete carmim. Aquela visão me entristeceu. Não porque eu era desprezada, mas porque era impotente, porque parecia que eu não poderia fazer nada. Eu estava prestes a fazer trinta anos e não tinha feito nada.

Dizem que em momentos extremos o tempo corre devagar, retornando ao seu centro imóvel, e ali, naquele momento, senti como se tudo estivesse parado. Dentro da quietude, senti a antiga e irreprimível vontade de saber qual era meu sentido no mundo. Sentia esse desejo mais solenemente do que qualquer coisa que já tivesse sentido, mais do que a minha velha e inata solidão. O que veio a

mim foi o botão com a flor-de-lis na caixa e a menina perdida que o colocara lá, como eu o levava de Charleston para a Filadélfia e de volta, carregado como uma esperança triste e decadente.

Do outro lado da sala, Encrenca caminhou até os brilhantes escombros e recolheu a pedra. Eu a observei virando a pedra nas mãos, sabendo que eu deixaria aquele lugar outra vez. Voltaria para o norte e teria a vida que me fosse possível.

## Encrenca

O dia da revolta passou sem uma bala de mosquete ser atirada, sem um fusível ser aceso, sem nenhum de nós ser liberto, mas nenhuma pessoa branca jamais olharia para nós de novo e pensaria que éramos inofensivos.

Não sabia quem tinha sido preso e quem não. Não sabia se Dinamarca estava seguro ou se lamentando, ou os dois. Sarah disse que era melhor não ir pras ruas, mas na quarta, não conseguia esperar mais. Encontrei Nina e disse que precisava de um passe pra comprar melaço. Ela escreveu e disse: “Tome cuidado”.

Dinamarca estava no quarto da casa dele, enfiando roupas e dinheiro em uma mochila. Susan me levou até lá, os olhos vermelhos de chorar. Fiquei na porta e respirei o ar pesado, e pensei, *Não deu em nada, mas ele ainda tá aqui.*

Havia uma cama de ferro perto da parede, coberta com a colcha que eu fiz pra ele esconder a lista de nomes. Os triângulos pretos perfeitamente espalhados sobre os quadrados vermelhos, mas pareciam tristes agora. Como um funeral de passarinho.

Eu disse a ele: “Então, pra onde cê vai?”.

Susan começou a chorar e ele disse: “Mulher, se vai fazer todo esse barulho, vai fazer em outro lugar”.

Ela me empurrou para sair pela porta, chorando e dizendo: “Vai pras suas outras mulheres então”.

Eu disse: “Vai ficar com outra esposa?”.

A cortina da janela tinha sido fechada, sobrando só uma frestinha por onde

entrava luz. Apontava para ele como um relógio de sol. “É uma questão de tempo pra eles virem me procurar aqui. Ontem pegaram Ned, Rolla e Peter. Os três estão na Casa de Trabalho, e eu não duvido da coragem deles, mas vão ser torturados até darem nome aos bois. Se nossos planos ainda vão ver a luz do dia, preciso ir.”

O pavor escorregou pelas minhas costas. “E o meu nome? Eles vão falar meu nome por roubar o molde?”

Ele se sentou na cama, em cima das asas mortas de pássaro preto, com os braços pendurados em cima dos joelhos. Quando os recrutas vinham na casa, ele gritava, *O Senhor falou comigo*, e parecia forte e poderoso como o Senhor em pessoa, mas agora ele parecia derrotado. “Não se preocupe”, ele disse. “Eles estão atrás do líder... que sou eu. Ninguém vai falar seu nome.”

Eu odiava ter que perguntar, mas precisava saber. “O que aconteceu com os planos?”

Ele balançou a cabeça. “O que me preocupava eram os escravos de casa, que não sabem dizer onde eles terminam e seus donos começam. Fomos traídos, é isso que aconteceu. Um deles nos traiu, e a Guarda colocou espíões por aí.”

Sua mandíbula ficou tensa, e ele levantou. “No dia combinado do ataque, as tropas estavam armadas tão pesado que os mensageiros não podiam sair da cidade pra espalhar o chamado. Não conseguimos acender os fusíveis nem recuperar as armas.” Ele pegou um prato de estanho com um vela presa em cima e jogou na parede. “Malditos sejam. Esses malditos vão pro inferno. *Deus...*” Seu rosto se contraiu de raiva.

Eu não me mexi até que seus ombros caíssem e eu sentisse o tormento deixá-lo. “Você fez o possível. Ninguém vai esquecer isso.”

“Sim, vão. Vão esquecer.” Ele tirou a colcha da cama e a dobrou em meus braços. “Aqui, leva isso com você e queima a lista. Queima já. Não tenho tempo.”

“Onde você vai estar?”

“Sou um homem preto livre. Vou estar onde vou estar”, ele disse, tomando cuidado caso Rolla e os outros acabassem dizendo meu nome e os brancos viessem me torturar.

Ele pegou a mochila e seguiu para a porta. Não foi a última vez que o vi. Mas essas palavras, *vou estar onde vou estar*, foram as últimas que disse para mim.

Queimei a lista de nomes no forno da cozinha. Depois esperei pelo que viria a seguir.

Dinamarca foi pego quatro dias depois numa casa de uma mulata livre. Ele foi julgado por sete juizes brancos, e antes que o julgamento tivesse acabado, todas as pessoas da cidade, pretos e brancos, sabiam seu nome. O *diz que diz* do julgamento inundou as ruas e becos e encheu as salas de visitas e os pátios. Os escravos diziam que Dinamarca Vesey era o Jesus preto, e mesmo se o matassem, ele ressuscitaria no terceiro dia. Os brancos diziam que era uma Serpente Branca que atacou o colo que a abrigava. Diziam que foi um general que enganou seu próprio exército, que nunca teve o tanto de armas que os escravos acreditavam ter. A Guarda encontrou lanças e pistolas e dois moldes de mosquete, mas só isso. Talvez Gullah Jack, que conseguiu se livrar até agosto, poderia ter desaparecido com o resto, mas fiquei pensando se Dinamarca tinha esticado a verdade que nem puxa-puxa, como diziam. Quando abri a colcha para queimar a lista, contei duzentos e oitenta e três nomes, não seis mil como ele tinha falado. Hoje em dia, acredito que tenha tentado acender uma chama, pensando que se o fizesse, todos se juntariam para a luta.

No dia do veredicto, Sabe-Tudo me colocou de quatro para enrolar os carpetes e esfregar o chão do corredor principal. O calor era tanto que eu podia ter lavado o chão com o suor que pingava do meu rosto. Disse a ele que esfregar o chão era trabalho de inverno, e ele disse, que bom, você faz no inverno de novo. Juro, não entendia o que Minta via nele.

Tinha escapado para a sacada para pegar uma brisa quando Sarah apareceu ali e falou: "... Pensei que poderia querer saber: o julgamento de Dinamarca Vesey acabou".

Claro que não tinha chance de o homem escapar livre, mas, mesmo assim, segurei o corrimão, zonga de esperança. Ela se aproximou e colocou a mão sobre meu vestido ensopado. "... Ele foi considerado culpado."

"E o que acontece agora?"

"... Infelizmente, ele foi condenado à morte. Sinto muito."

Não mostrei nada do que se passava dentro de mim, o modo como a dor já cantava outra vez dentro do buraco dos meus ossos.

Não passou pela minha mente questionar por que Sarah me procurou para contar a notícia. Ela e Nina sabiam que fugia da casa por motivos pessoais, mas não sabiam que ia à casa *dele*. Não sabiam que ele me chamava de filha. Não sabiam que ele era especial para mim.

"... Quando deram o veredicto, também emitiram um decreto", ela

continuou. "... Uma espécie de ordem dos juízes."

Estudei o rosto dela, as sardas vermelhas brilhando sob o sol e a preocupação apertada em seus olhos, e eu soube por que ela estava ali na sacada comigo: era por causa do decreto.

"... Qualquer pessoa negra, homem ou mulher, que se enlutar por Dinamarca Vesey em público, será preso e açoitado."

Tirei os olhos dela e olhei para o jardim ornamental, onde Bonzinho tinha largado o rastelo, a enxada e o regador. Todas as coisas verdes estavam curvadas de sede. Tudo murchando.

". . . Encrenca, por favor, me ouça agora. De acordo com o decreto, você não pode usar negro nas ruas, ou chorar, ou falar o nome dele, ou fazer qualquer coisa para lembrá-lo. Você entendeu?"

"Não, não entendi. Nunca vou entender", falei e entrei, de volta ao esfregão.

\*

Dois de julho, antes de o sol nascer, eu me enfiei pela janela do meu quarto, apoiei as costas na parede da casa e minha perna boa no muro, e rebolei para cima e por cima da cerca como eu costumava fazer. Para o inferno implorar por um passe. Gente branca assinando nome pra eu poder andar na rua. Pro inferno.

Eu corri pela cidade quando ainda tinha a escuridão como esconderijo. Quando cheguei na rua Magazine, a luz invadiu o dia. De olho na Casa de Trabalho, freei meus passos, e por um minuto meu corpo sentiu como se estivesse lá dentro. Eu ouvia a esteira rangendo, sentia o cheiro do medo. Na minha cabeça, vi o couro bater na cabeça do nenê, nas costas de sua mamã, e me senti caindo. A única coisa que me impediu de voltar pra trás foi pensar em Dinamarca, em como a qualquer minuto iam trazer ele e seus tenentes pelo portão.

Os juízes tinham escolhido o dia dois de julho para a execução, um segredo que todo mundo sabia. Disseram que Dinamarca e os outros cinco seriam mortos logo cedo, em Blake's Land, um lugar pantanoso com carvalhos onde enforcavam piratas e criminosos. Todos os escravos que conseguissem bolar um jeito de chegar até lá, iriam com certeza, e os brancos também, suponho, mas algo me disse para ir para a Casa de Trabalho primeiro e seguir Dinamarca Vesey até Blake's Land. Talvez ele me visse e soubesse que não andou o último quilômetro de sua vida sozinho.

Agachei ao lado dos estábulos perto do portão, e logo quatro carroças passaram com os condenados acorrentados atrás, sentados em cima de seus próprios caixões. Eles estavam todos inchados e arrebetados — Rolla e Ned na primeira carroça, Peter na segunda, e dois homens que nunca tinha visto na terceira. A quarta trazia Dinamarca. Ele estava reto, com o rosto soturno. Ele não me viu ficar de pé e manquitolar atrás deles na beira da estrada. A guarda era pesada, então eu tive que ficar bem atrás.

Os cavalos marchavam devagar, e eu os segui um tempão com meu pé doendo dentro do sapato, me esforçando para manter o ritmo, torcendo para que ele olhasse para mim, e aí algo estranho aconteceu. As primeiras três carroças viraram a estrada na direção da Blake's Land, mas a quarta, com Dinamarca, virou na direção oposta. Dinamarca ficou confuso e tentou ficar de pé, mas um guarda o empurrou para baixo.

Ele observou seus tenentes se afastarem e gritou: “Morram como homens!” Ele continuou gritando enquanto a distância entre eles aumentava e o pó das rodas rodopiava, e Rolla e Peter gritavam de volta. *Morram como homens. Morram como homens.*

Eu não sabia para onde a carroça do Dinamarca ia, mas me apressei, com os gritos deles preenchendo o ar. Então os olhos dele caíram sobre mim e ele se calou. Pelo resto do caminho, me observou indo atrás, ficando lá pra trás.

Ele foi enforcado num carvalho em um pequeno beco vazio da estrada Ashley. Ninguém estava lá, só os quatro guardas, o cavalo e eu. Tudo que podia fazer era me agachar bem longe no mato e observar. Dinamarca pisou em silêncio no estrado e não se moveu quando eles passaram a corda em seu pescoço. Ele se foi como tinha gritado para os outros, como um homem. Até chutarem o estrado debaixo de suas pernas, ele me encarou nas folhas onde eu me escondi.

Virei o rosto quando ele caiu. Fixei os olhos no chão, ouvindo os engasgados que vinham da árvore. Por todos os lados, caranguejos-ermitão andavam rapidamente, olhando para mim com seus olhinhos tontos, se enfiando e saindo de buracos no chão preto.

Quando olhei de novo, Dinamarca estava balançando no galho junto com as trepadeiras.

Desceram seu corpo, colocaram no caixão de madeira e pregaram a tampa. Depois que a carroça desapareceu pela estrada, saí de mansinho do meu esconderijo e fui até árvore. Estava quase tudo sereno ali na sombra. Como se nada tivesse acontecido. Apenas as marcas na terra onde o estrado tinha caído.

Tinha uma vala comum ali perto. Sabia que enterrariam ele ali e ninguém saberia onde ele estava. O decreto dos juizes disse que a gente não podia chorar, ou dizer seu nome, ou fazer nada para se lembrar dele, mas eu peguei um pedacinho de linha vermelha do saquinho do meu pescoço e enrolei em volta de um raminho de um galho baixo e curvado para marcar o lugar. Depois chorei minhas lágrimas e disse o nome dele.

PARTE CINCO  
NOVEMBRO DE 1826 — NOVEMBRO DE 1829

## Encrenca

Já nos idos de novembro, Bonzinho pegou uma tosse e eu fui para o estábulo com marroio e açúcar mascavo para a garganta, pensando que seria mais um dia tedioso no mundo. Mais um ponto no tecido.

Na casa, a sinhá e a Nina brigavam. Uma hora é como a patroa trata os escravos; na outra, Nina se recusa a frequentar a sociedade. Sem Sarah para separá-las, brigavam o dia todo. Phoebe estava na cozinha fazendo carne ensopada, recebendo mais sugestões de Tia-Irmã do que precisava. Minta estava escondida em algum lugar, provavelmente na lavanderia, e Sabe-Tudo, se eu tivesse de apostar, estava no porão, fumando o cachimbo do mestre Grimké. Agora que a bebida tinha acabado, eu sentia cheiro da fumaça do cachimbo o tempo todo.

Passei pela horta pra ver se Bonzinho tinha plantado alguma coisa para o inverno. Só torrões de terra. O jardim estava uma bagunça também: as roseiras sufocando o oleandro e a murta crescendo em vinte direções. A sinhá disse que chamar Bonzinho de indolente era insultar a indolência, mas o homem não era preguiçoso, estava é cansado até os ossos de se obrigar a se importar com as suas abóboras e flores.

Enquanto eu estudava a terra e me preocupava com ele, tive a sensação de alguém me observando. Primeiro olhei para a janela da sinhá, mas estava vazia. A porta do estábulo estava aberta, mas Bonzinho estava de costas para mim, escovando o cavalo. Então, de canto de olho, vi duas figuras no portão de trás. Elas não se mexeram quando olhei na direção delas, só ficaram ali no sol forte

— uma velha negra e uma menina escrava. O que elas queriam? Sempre tinha um escravo querendo vender alguma coisa por aí, mas ninguém chegava perto do portão. Odiava ter que enxotar as duas. A velha era encurvada e parecia frágil. A menina segurava a mulher pelo braço.

Andei até lá, com minha bengala, os dedos em volta da cabeça de coelho, sentindo como estava alisada pelos anos de uso. A mulher e a menina não tiravam os olhos de mim. Chegando mais perto, notei que os lenços de cabeça das duas eram do mesmo vermelho desbotado. A mulher tinha a pele marrom e amarelada. De repente, os olhos dela se esbugalharam e seu queixo começou a tremer. Ela disse: “*Encrenca*”.

Parei, permitindo que o som flutuasse pelo ar e pousasse sobre mim. Depois larguei a bengala e saí correndo, ou o mais próximo de uma corrida que eu era capaz. Ao me ver se aproximar, a velha caiu ao chão. Eu não tinha a chave do portão, então voei por cima, como se cruzasse o céu. Ajoelhando, a peguei em meus braços.

Eu devia estar gritando, porque Bonzinho veio correndo, depois Minta, Phoebe, Tia-Irmã e Sabe-Tudo. Me lembro deles espiando pelo portão. Me lembro da menina desconhecida falando: “É ocê a Encrenca?”. E eu no chão, embalando a mulher como se fosse um recém-nascido.

“Meu Deus do Céu”, disse Tia-Irmã. “É a Charlotte.”

Bonzinho carregou mamã até o porão e deitou ela na cama. Todo mundo se reuniu em volta e olhou pra ela como se fosse um fantasma. A gente estava que nem veados na floresta, congelados, com medo de se mexer. Eu estava acalorada e sem fôlego. Mamã abriu as pálpebras e vi que o branco dos seus olhos tinha amarelado, como o resto dela. Ela parecia fina que nem linha. O rosto virou rugas e o cabelo branco que nem sal. Ela tinha sumido fazia catorze anos, mas tinha envelhecido trinta.

A menina ficou de cócoras ao lado dela, com olhos indo de um rosto para o outro, a pele escura que nem carvão. Ela tinha ossos largos, mãos grandes, pés grandes, com uma testa do tamanho da lua cheia. Igualzinha o papai dela. *A menina do Dinamarca*.

Eu disse pra Minta pegar um trapo molhado. Enquanto esfregava o rosto de mamã, ela começou a gemer e mexer o pescoço. Sabe-Tudo subiu pra buscar a patroa e Nina, e quando elas apareceram, os olhos de mamã começaram a abrir direito.

O cheiro de corpos sem banho que saía da cama fez a sinhá recuar e cobrir o nariz. “Charlotte”, ela disse, de longe. “É você? Pensei que nunca a veria novamente. Onde é que se meteu?”

Mamã abriu a boca tentando falar, mas suas palavras arranhavam o ar sem fazer sentido.

“Estamos felizes que voltou, Charlotte”, disse Nina. Mamã piscou como se não tivesse a mínima ideia de quem estava falando. Nina devia ter seis ou sete anos quando mamã desapareceu.

“Ela está sã?”, perguntou a sinhá.

Tia-Irmã colocou as mãos na cintura. “Ela tá é cansada. O que precisa é de comida e um bom descanso.” Depois mandou Phoebe buscar o ensopado.

Sinhá olhou pra menina. “Quem é essa?”

Claro, era o que todo mundo queria saber. A menina se endireitou e deu um olhar pra sinhá que poderia cortar até papel.

“Ela é minha irmã”, respondi.

O quarto ficou em silêncio.

“Sua irmã?”, disse a sinhá. “Era só o que me faltava. E o que eu vou fazer com ela? Eu mal consigo alimentar o resto de vocês.”

Nina empurrou sua mãe para a porta. “A Charlotte precisa de descanso. Deixemos que cuidem dela.”

Quando a porta se fechou, mamã me olhou com seu sorriso de sempre. Tinha um buracão feio onde costumavam ficar seus dois dentes da frente. Ela disse: “Encrenca, olha pra você. Olha só você. Minha menina, toda crescida.”

“Tenho trinta e três agora, mamã.”

“Todo esse tempo...” Seus olhos ficaram molhados, as primeiras lágrimas que vi caírem em seu rosto. Fiquei ao seu lado na cama e aproximei meu rosto do dela.

Ela disse baixinho perto do meu ouvido: “O que aconteceu com a sua perna?”

“Eu caí feio”, cochichei.

Sabe-Tudo mandou todo mundo de volta ao trabalho enquanto eu dava colheradas do ensopado pra mamã, e a menina enfiava o dela goela abaixo, direto da tigela. Elas dormiram lado a lado a tarde toda. De vez em quando, Tia-Irmã enfiava a cabeça na porta e perguntava: “Cês tão bem?”. Ela trouxe biscoitos, óleo de castor fervido no leite e lençol para um catre no chão que supus que seria minha cama aquela noite. Ela me ajudou a tirar os sapatos delas sem acordá-las, e quando viu os pés infestados de feridas, deixou sabonete e um balde

de água perto da porta.

A menina acordou uma vez e pediu uma comadre. Eu a levei até a latrina e esperei, observando as folhas do carvalho caírem, o jeito suave que flutuavam. *Mamã está aqui.* A maravilha disso ainda não tinha me penetrado, a necessidade de ficar de joelhos. Não tinha superado o choque de como ela aparentava, e me preocupava com o que a sinhá faria. Ela olhou para as duas como sanguessugas que queriam grudar na sua pele.

Quando a menina saiu da latrina, descalça, falei: “Precisamos lavar seus pés”.

Ela olhou para eles com a boca meio aberta e a ponta da língua para fora. Ela não tinha mais de treze anos. *Minha irmã.*

Mandei sentar na banquetta de três pernas no pátio no último lugar com sol. Levei o balde e o sabão lá fora e enfiei os pés dela na água, pra ficar de molho. Perguntei: “Quantos dias você e a mamã andaram pra chegar até aqui?”.

Ela não falou desde cedo, no portão, e agora a esteira de palavras saía por seus lábios e não parava mais. “Num sei. Três semanas. Ou mais. A gente veio lá de Beaufort. Do sinhô Wilcox. A gente viajô à noite. Usando os caminhos dos caixeiros e perto dos riachos. De dia, a gente se escondia nos campo e nas vala. Essa é a quinta vez que a gente foge, então sabemo pra onde ir. A mamã esfregava pimenta e casca de cebola no sapato e na perna pra confundir os cachorros. Disse que dessa vez a gente não ia voltar, ia morrer tentando.”

“Espera. Você e a mamã fugiram *quatro vezes* antes e sempre foram pegas?”

Ela fez que sim e olhou para as nuvens. “Certa vez, a gente chegou no rio Combahee. Noutra, no Edisto.”

Tirei os pés dela do balde, um de cada vez, e esfreguei com sabão, enquanto ela falava, e isso era uma coisa que ela gostava de fazer: conversar.

“A gente trouxe milho e mandioca seca. Mas acabou, então a gente comeu folha e frutinhas. O que desse pra arranjar. Quando a mamã não aguentava mais, eu punha ela nas costas e carregava. Eu ia um tanto, descansava e carregava mais um pouco. Ela sempre falava, se alguma coisa acontecer comigo, continua até achar a Encrenca.”

As coisas que ela me contou. Como bebiam água de poça e lambiam gotas da folha de sassafrás, como trepavam em árvores no pântano e se amarravam nos galhos pra dormir, como se perderam sob a lua e as estrelas. Ela disse que, uma vez, um *buckruh* apareceu numa carroça e não viu as duas deitadas numa vala bem ao lado. Descobri que ela falava gullah, a língua dos escravos das ilhas,

que aprendeu com as mulheres na fazenda. Se via um pássaro, falava *bidi*. Uma tartaruga era *cooter*. Um homem branco, *buckruh*.

Sequei bem seus pés no meu colo. “Você não me falou seu nome.”

“O homem da plantação de arroz me deu Jenny. Mamã disse que isso não é nome. Disse que nosso povo voava que nem pássaro negro. O dia que eu nasci ela olhou pro céu e é assim que ela me chama. Céu.”

A menina não parecia com seu nome. Ela parecia um tronco de árvore, uma rocha no campo daquelas que você tem que plantar em volta, mas eu fiquei feliz que mamã escolheu esse. Ouvei Bonzinho tossir no estábulo e o cavalo relinchar. Quando fiquei de pé, ela disse: “Quando a gente tava perdida, ela me contava a história dos pássaros negros, não sei quantas vezes”.

Sorri. “Ela me contava essa história também.”

Minha irmã não era muito bonita, e ouvindo ela falar, dava pra ver que era muito simplória pra aprender, mas senti a força de mamã dentro dela desde o começo.

Acordei aquela noite no catre no chão com mamã parada no meio do quarto, de costas para mim, sem se mexer, olhando a janela no alto da parede. A escuridão em volta dela, mas seu lenço tinha caído e seu cabelo brilhava que nem prata recém-polida. No colchão, Céu roncava alto e em paz. Ouvindo minha movimentação, mamã se virou e abriu os braços para mim. Sem fazer barulho, me levantei e fui até ela. Direto para os seus braços. Foi nesse momento que ela voltou para casa, voltou para mim.

Quando acordei outra vez, a luz já tinha se firmado e mamã estava sentada na cama, olhando sua colcha. Ela dormiu nela a noite toda e nem sabia.

Fui até ela e dei um tapinha em seu braço. “Costurei tudo junto.”

Quando ela viu a colcha a última vez, ainda era uma pilha de quadrados. Um pouco da cor forte tinha se apagado, mas a história estava toda lá, reunida.

“Cê acertou a ordem dos quadrados”, ela disse. “Não sei como.”

“Só fui pela ordem do que aconteceu.”

Quando Phoebe e Tia-Irmã trouxeram o café, mamã ainda estava curvada sobre a colcha, estudando cada detalhe. Tocou a figura no último quadrado, que eu sabia que era Dinamarca. Me doeu pensar que eu teria que contar o que aconteceu.

O ar no quarto tinha ficado gelado durante a noite, então eu peguei a água escaldante da lavanderia. Céu foi até lá e lavou seu corpo pesado, enquanto eu desabotoava os botões do vestido de mamã. “Vamos queimar esse vestido”, falei, e mamã riu fazendo o melhor dos barulhos.

O saquinho que eu tinha feito pra ela estava enrugado em seu pescoço, com uma corda nova feita de um pedaço de couro. Ela tirou e estendeu para mim. “Não sobrou muito.”

Quando abri, um cheiro mofado saiu. Enfiando o dedo dentro, senti as velhas folhas virarem pó.

Mamã estava sentada num banquinho quando eu tirei o vestido pelas mangas e deixei a parte de cima cair na cintura, exibindo os buracos entre suas costelas e peitos enrugados que nem o saquinho. Enfiei um trapo na bacia e quando dei a volta para lavar suas costas, ela endureceu. Tinha cicatrizes de chicote enroladas que nem raiz de árvore do topo das costas até a cintura. No ombro direito, tinha sido marcada com a letra W. Levei um minuto antes de tocar toda aquela tristeza dolorida.

Quando finalmente coloquei seus pés na bacia, perguntei: “O que aconteceu com seus dentes?”.

“Caiu”, ela disse.

Céu fez um som como *hmmmf*. Ela disse: “Tá mais pra arrancado.”

“Chega de falá, cê fala demais”, mamã disse.

A verdade era que Céu falava mais do que mamã imaginava. Antes de a semana acabar, já tinha contado tudo que mamã aprontava na fazenda sempre que podia. Quanto mais chicoteavam mamã, mais buracos ela fazia nos sacos de arroz. Quebrava coisas, roubava coisas, escondia coisas. Enterrava ferramentas no bosque, cortava cercas... Uma vez, botou fogo na latrina do capataz.

Ali do canto, Céu não deixou a história sobre os dentes da mamã pra lá. “Foi na segunda vez que a gente fugiu. O capataz disse que se a gente fizesse de novo, ia ser fácil enxergá ela pelo buraco no dente. Ele pegou um martelo...”

“Quieta!”, mamã gritou.

Eu me agachei e olhei dentro dos seus olhos. “Não se preocupe. Já vi de tudo. Sei como o mundo é.”

## Sarah

Israel veio me visitar usando uma recém-cortada barba curta de quaker. Estávamos sentados lado a lado, em um divã na sala de estar dos Mott, e ele alisava as suíças constantemente ao falar sobre o custo da lã no atacado e as maravilhas do clima. A barba era grossa como uma franja de veludo e salpicada de cinza. Ele parecia mais belo, mais sábio, como uma nova encarnação de si mesmo.

Quando voltara à Filadélfia depois de minha tentativa desastrosa de retomar a vida em Charleston, aluguei um quarto na casa de Lucretia Mott, determinada a fazer algum tipo de vida para mim, e suponho que consegui. Duas vezes por semana, eu viajava até Green Hill para lecionar para Becky, embora minha arqui-inimiga, Catherine, tivesse recentemente me informado que minha pequena protegida iria para a escola no ano seguinte e minhas aulas terminariam no verão. Se quisesse continuar útil, teria de procurar outra família quaker necessitada de professor, mas, até então, eu não tinha me esforçado para tal. Catherine estava mais gentil comigo, embora ainda se incomodasse quando via Israel sorrir para mim na Reunião, coisa que ele nunca deixava de fazer. Nem deixava de me visitar, vindo duas vezes por mês até a sala de estar dos Mott.

Olhei para ele e pensei sobre como tínhamos ido parar nesse terreno da amizade. Ouvia-se todo tipo de rumor a respeito. Que os dois filhos mais velhos de Israel se opunham ao casamento, não em geral, mas especificamente a *mim*. Que ele tinha prometido, no leito de morte de Rebecca, que jamais amaria outra mulher. Que alguns dos Anciãos tinham lhe aconselhado a não arrumar outra

esposa, por razões que variavam de sua falta de preparo ou a minha. Eu não era, afinal, um quaker de berço. Em Charleston, nascer na classe dos fazendeiros era o que importava, aqui, na dos quaker. Algumas coisas são iguais em todos os lugares. “Você é a mais paciente de todas as mulheres”, Israel me dissera certa vez. Não me pareceu uma virtude.

Hoje, com exceção da novidade da barba, a visita de Israel pareceu ser como as outras. Eu torcia meu guardanapo enquanto ele falava sobre ovelhas merino e tintas para lã. Havia o tilintar das xícaras de chá no silêncio, as vozes das crianças misturadas aos pés correndo no chão rangente, e então, abruptamente, sem prefácio, ele anunciou: “Meu filho, Israel, vai casar”.

O modo como ele disse, baixo e se desculpando, me envergonhou.

“... Israel?... O pequeno Israel?”

“Ele não é mais tão pequeno. Tem vinte e dois.” Suspirou, como se algo tivesse lhe escapado, e pensei absurdamente que poderia haver uma lei quaker proibindo pais de casar após os filhos. Imaginei que a barba não era muito uma nova encarnação, mas uma concessão.

Quando chegou a hora do adeus, ele pegou minha mão e pressionou contra os cachos de pelo negro em sua bochecha. Fechou os olhos e quando os reabriu, senti que estava prestes a dizer algo. Levantei as sobrancelhas, esperando. Mas então, soltando minha mão, ficou de pé e qualquer pensamento errante que tivesse escapado de seu coração retornou, arrependido e não declarado.

Ele andou, títubeante, até a porta, e saiu, enquanto eu permaneci sentada, vendo as coisas com terrível claridade: a passividade, a hesitação quanto ao futuro — não eram de Israel. *Eram minhas.*

Sentada com Lucretia em uma salinha que ela chamava de escritório, a chuva fria de inverno batia contra a janela, virando gelo. Puxamos nossas cadeiras para perto da lareira, onde o fogo estalava e pulava, zumbindo como cordas de harpa. Lucretia abria um pequeno pacote que chegara pelo correio da tarde. Eu lia um romance de Sir Walter Scott, banido pelos quakers, o que, de algum modo, o tornava ainda mais interessante, mas, um pouco zozna com o calor, baixei o livro e olhei para as chamas.

Era meu momento preferido do dia: depois que as crianças tinham sido colocadas na cama e o marido de Lucretia, James, tinha se retirado para o seu escritório, e apenas nós duas nos reuníamos naquele cantinho diferente. Seu *escritório*. Não tinha nada ali, exceto duas poltronas, uma mesa grande, a lareira,

prateleiras e uma janela larga que dava vista para o bosque de amoreiras e carvalhos atrás da casa. O cômodo não era para cozinhar ou costurar ou cuidar das crianças ou receber visitas. Cheio de papéis e panfletos, livros e correspondências, paletas de tinta e quadrados de veludo negro onde ela pregava mariposas verdes que encontrava já sem vida no jardim, aquele espaço era só para ela.

Não sei dizer quantas noites passamos ali conversando, ou, como hoje, sentadas em silêncio, duas solitárias. Lucretia e eu criamos uma ligação que ia além da amizade. E, no entanto, eu sentia a diferença entre nós. Notava isso durante as Reuniões, quando a via em seu banco à frente, a única ministra entre todos aqueles homens, o modo como ela se levantava e falava com corajosa beleza, e todas as manhãs, quando descia e lá estavam suas crianças grudentas de mingau. Eu sentia um leve vácuo no estômago, não por inveja porque ela tinha uma profissão, ou daqueles pequenos, ou mesmo de James, que não era como os outros homens, mas de uma espécie desconhecida, um marido que se maravilhava com a profissão dela e fazia o mingau sozinho. Não, não era isso. Era o pertencimento o que eu invejava. Ela tinha encontrado pertencimento.

“Ora, essa carta é para você”, disse Lucretia, esticando-a para mim. Era o papel de carta de Nina, mas não a letra dela. A caligrafia na frente era infantil e rude. Senhorita *Sarah Grimké*.

### *Querida Sarah*

*Mamã voltou. Nina disse que eu podia escrever a novidade. Ela fugiu da plantação onde ficou presa esse tempo todo. Você tinha que ver. Ela tem cicatriz e a cabeça cheia de cabelo branco e parece tão velha quanto o Matusalém, mas por dentro ela é a mesma. Eu cuido dela dia e noite. Ela trouxe minha irmã que chama Céu. Que nome. É coisa da mamã e seus desejos. Ela sempre disse que um dia quer voar que nem os pássaro negro.*

*A sinhá fica brava com a Nina quase o tempo todo. A Nina começou umas encrencas na igreja presbiterana que ela vai. Um homem veio semana passada punir ela por causa de algo que disse. Mamã e Céu são minha esperansa.*

*Demorei muito pra escrever isso. Perdoa meus erro. Não leio mais nem treino a escrita. Um dia eu vou.*

### *Encrenca*

“Espero que não sejam más notícias”, disse Lucretia, estudando meu rosto, que devia mostrar uma confusão de extrema alegria e aperto no coração.

Li a carta em voz alta. Nunca falei muito a respeito dos escravos da minha

família, mas tinha contado sobre Encrenca. Ela tocou minha mão.

Ficamos em silêncio enquanto o gelo voltava a ser chuva, parecendo uma enxurrada escura na janela. Fechei os olhos e tentei imaginar o encontro de Encrenca com sua mãe. A irmã chamada Céu. As cicatrizes de Charlotte e o cabelo branco.

“... Por que Deus coloca desejos tão profundos em nós... se não dão em nada?” Era mais um suspiro que uma pergunta. Pensava em Charlotte e seu desejo de ser livre, mas quando as palavras saíram da minha boca, sabia que pensava em mim também.

Eu não esperava uma resposta de Lucretia, mas depois de um momento, ela falou: “Deus nos enche de todos os tipos de desejo que vão contra a normalidade do mundo. Mas o fato de que esses desejos com frequência não deem em nada, bem, duvido que seja obra de Deus.” Ela me penetrou com seus olhos e sorriu. “Acho que sabemos que isso é obra dos homens.”

Ela se inclinou em minha direção. “A vida é organizada contra nós, Sarah. E é brutalmente pior para Encrenca, sua mãe e sua irmã. Todos desejamos um pedaço do céu, não? Suspeito que Deus planta esses desejos em nós para ao menos tentarmos mudar o rumo das coisas. Temos de tentar, só isso.”

Senti suas palavras esburacarem a vida que eu tinha feito. Um buraco irreparável.

Comecei a contar-lhe que, quando criança, eu desejava o firmamento inteiro. Uma profissão completamente desprovida de mulheres. Não queria que ela pensasse que sempre me contentei em ser tutora mesmo tendo pouca paixão por isso, mas deixei a confissão de lado. Nem mesmo Nina sabia de minha aspiração de ser advogada, e como isso terminara em humilhação.

“... Mas você fez mais do que tentar ser ministra... Você conseguiu... Sempre penso como alguém deve sentir um chamado especial de Deus para fazer isso.”

Ministros quakers não eram nada como o clero anglicano ou presbiteriano ao qual eu estava acostumada. Não ficavam atrás do púlpito e pregavam sermões: falavam durante o silêncio como se inspirados por Deus. Qualquer um podia falar, claro, mas os ministros eram os mais verbais, os que ofereciam mensagens de adoração, aqueles cujas vozes pareciam se destacar.

Ela apertou o coque bagunçado em seu pescoço. “Não posso dizer que o chamado que senti foi especial. Queria ter voz sobre as coisas, no final, foi isso. Queria dar minha opinião e que ela importasse. Certamente Deus chama a todos para isso.”

“... Você acha... que eu poderia me tornar uma ministra quaker?” As palavras estavam escondidas dentro de mim havia muito tempo, talvez desde quando conhecera Israel no navio e ele me contara que as ministras existiam de verdade.

“Sarah Grimké, você é a pessoa mais inteligente que conheço. Claro que poderia.”

Ajeitada na cama, usando minha camisola de algodão mais quente e com o cabelo solto, me inclinei sobre a mesa portátil e o conjunto de tinteiro de peltre, que recentemente me permitira comprar, e tentei responder a carta de Encrenca.

*19 de janeiro de 1827*

*Querida Encrenca,*

*Que notícias felizes! Charlotte voltou! Você tem uma irmã!*

Baixei a caneta e olhei a procissão de exclamações que eu tinha escrito. Soava como um passarinho cantando. Era minha quinta tentativa.

Jogadas ao redor na cama, bolinhas de papel amassado. *Como você deve estar feliz agora*, escrevi primeiro, depois me preocupei que ela pudesse achar que eu pensava que todas as suas dificuldades estivessem terminadas. Em seguida: *Fiquei eufórica de receber suas notícias*, mas e se ela não soubesse essa palavra, “eufórica”? Eu não era capaz de escrever uma única linha sem parecer insensível ou condescendente, distante demais, próxima demais. Recordei-me de nós, como sempre fazia, tomando chá no teto, mas isso era passado, tudo bolinhas de papel amassado.

Peguei o papel com as exclamações e amassei. A tinta manchou minha palma. Mantendo a mão longe do edredom branco de Lucretia, levantei a mesinha portátil e fui até a bacia. Como o sabão não removeu a mancha, fuzei na gaveta do armário procurando o creme de tártaro, e lá estava, ao lado da garrafinha, a caixinha de pedra vulcânica negra guardando meu botão de flor-de-lis. Abri e olhei para ele. Estava manchado, como algo emergindo da água.

O botão tinha sido o objeto mais constante de minha vida. Já o jogara fora, mas ele retornara. Poderia agradecer Encrenca por isso.

Voltei para o calor da cama e coloquei o botão sobre a mesa portátil, observando a luz do lampião reluzir sobre ele. Recostei-me ao travesseiro, recordando a festa do meu aniversário de onze anos, na qual Encrenca me fora

presenteada, como eu acordara no dia seguinte com a poderosa sensação que eu estava destinada a fazer algo no mundo, algo grande, maior do que eu. Acaricie o botão. Ele sempre tivera esse significado para mim.

No quarto, tudo se ampliou: cinzas na lareira, um arranhão no rodapé, o cheiro de tinta, a *flor-de-lis* gravada no botão.

Peguei um papel de carta limpo.

19 de janeiro de 1827

*Querida Encrenca,*

*Meu coração está transbordando. Tento imaginar você com Charlotte e sua nova irmã, e não consigo sequer sonhar como deve ser. Estou feliz por você. Ao mesmo tempo, estou triste em saber das cicatrizes que sua mãe traz, todos os horrores que ela viveu. Mas não vou focar-me nisso agora, apenas no reencontro de vocês.*

*Você sabia que, certa vez, quando éramos meninas, Charlotte me fez jurar que um dia faria todo o possível para ajudar a libertar você? Nós estávamos perto da lenha, onde aquela pequena coruja órfã vivia. Lembrou-me como se fosse ontem. Confesso agora que foi por isso que lhe ensinei a ler. Disse a mim mesma que ler era uma espécie de liberdade, a única que eu podia lhe dar. Sinto muito, Encrenca. Sinto não cumprir a promessa de um modo melhor.*

*Ainda tenho o botão de prata que você resgatou depois que o joguei fora. Enquanto escrevo, ele está ao lado do tinteiro, lembrando o destino que sempre pensei estar dentro de mim, esperando. Como posso explicar algo assim? Simplesmente sei do mesmo modo que sei que há um carvalho dentro da semente. Sempre tive fome de fazer crescer essa semente. Sempre pensei que meu destino fosse ser advogada, talvez por ser o que papai e Thomas faziam, mas nunca foi isso. Hoje em dia, sinto-me inspirada a ser uma ministra quaker. A igreja não me atrai como antes, mas ao menos sei que vai me ajudar a fazer o que tentei fazer no dia do meu décimo primeiro aniversário, o dia em que você me foi cruelmente presenteada. Permitirá que eu diga a quem quer que ouça que não posso aceitar, que não podemos aceitar a escravidão, que ela deve acabar. É para isso que nasci: não para o ministério, não para o direito, mas para a abolição. Entendi isso apenas esta noite, mas sempre foi essa a árvore na semente.*

*Diga à sua mãe que estou feliz por ela ter encontrado você. Cumprimente sua irmã por mim. Falhei em muitas coisas, mesmo em meu amor por você, mas penso em você como uma amiga.*

*Sarah*

## Encrenca

Naquele inverno, mamã ficava sentada sem fazer nada ao lado do fogo na cozinha. Ganhou um pouquinho de peso, mas passava por uns surtos em que não conseguia segurar nada no estômago e a gente voltava pra estaca zero. Mamã dizia que sempre que me via, eu estava chegando com um biscoito.

A gente tinha muitos quartos de escravo vazios, mas nós três ficávamos juntas no quarto do porão. Bonzinho trouxe uma caminha do berçário, a gente colocou ao lado da cama grande e se aconchegava as três lá debaixo do tear. Céu me perguntou uma vez o que era aquela coisa de madeira pregada no teto, e eu disse: “Você nunca viu um tear?”, e mamã disse, “Bom, cê nunca viu uma plantação de arroz, então, as duas tão na mesma”.

Mamã ainda não falava sobre o que tinha acontecido com ela. Dizia: “O que passou, passou”. Na maioria das noites, porém, ela acordava e andava pelo quarto, e nada parecia passado. Percebi que a melhor cura para ela seria agulha, linha e tecido. Um dia, falei pra ela que precisava de ajuda e entreguei uma cesta de costura. Quando voltei, a agulha parecia um beija-flor em seus dedos.

A parte mais difícil foi encontrar serviço pra Céu. Ela não conseguia lavar roupa nem pra salvar a própria vida. Pedi pro Sabe-Tudo testar ela na limpeza da casa, servindo chá com Minta e eu, mas a sinhá disse que ela não tinha boa aparência e incomodava os convidados. Depois, foi trabalhar na cozinha, mas enlouqueceu Tia-Irmã com sua tagarelice e histórias de coelhos enganando raposas e ursos. Ela acabava na varanda cantando em gullah. *Ef oona ent kno weh oona da gwuine, oona should kno weh oona dum from.* A mesma música de

novo e de novo. *Se você não sabe pra onde está indo, deve procurar saber de onde veio.*

Certa manhã, no finzinho do inverno, alguém bateu na porta da frente e por ela entrou o sr. Huger, o advogado, batendo o frio dos pés. Ele me entregou seu chapéu, enquanto Sabe-Tudo chamava a sinhá.

Encontrei Nina em seu quarto, estudando para a aula que ela dava na igreja. “Rápido, você precisa descobrir o que sua mamã tá aprontando. O sr. Huger tá aí embaixo...”

Ela saiu voando do quarto antes que eu terminasse a frase.

Eu fiquei passando ao lado da porta fechada da sala de visitas, mas não conseguia entender o que eles diziam, só palavras soltas. *Pensão... Banco... Queda do algodão... Sacrifício.* O relógio bateu dez vezes. O som encheu a casa, deixando tudo meio pesado, e quando parou, ouvi a sinhá dizer a palavra *céu*. Talvez ela estivesse falando do teto azul pendurado em cima do mundo, mas eu sabia que era da minha irmã.

Encostei a orelha na porta. Que Sabe-Tudo me visse e me enxotasse, não ligava.

“Ela tem treze anos, sem nenhum dote doméstico que saibamos, mas ela é forte.” Era a sinhá falando.

Sr. Huger murmurou sobre preços, algo sobre vender na primavera, quando a plantação começava nas fazendas.

“Você não pode separar a Céu de sua mãe”, gritou Nina. “É desumano!”

“Também não gosto”, disse a sinhá. “Mas temos de enfrentar a realidade.”

Minha respiração agarrou minhas costelas como mãos. Fechei os olhos, cansada desse mundo.

Quando encontrei mamã na copa, ela estava sozinha com a cesta de costura. Sentei ao lado dela. “A sinhá quer vender a Céu na primavera. A gente tem que arrumar um jeito de ela valer a pena.”

“Vender?” Ela me olhou em choque, depois apertou os olhos. “A gente não veio até aqui pra ela vender minha menina. Pode ter certeza disso.”

“Tem que ter *alguma coisa* que a Céu sabe fazer direito.” O modo como eu falei, como se minha irmã fosse lerdá da cabeça, fez mamã me fuzilar com o olhar.

“Não fala assim! Sua irmã tem a inteligência do Dinamarca nela.” Ela balançou a cabeça. “Ele é o pai dela, mas acho que cê já tinha percebido isso.”

“É, tinha.” Pareceu a hora certa de contar. “O Dinamarca... ele...”

“Num tem um escravo vivo que não sabe o que aconteceu com ele. A história chegou até em Beaufort.”

Não contei que o vi balançando na árvore, mas contei todo o resto. Comecei pela igreja onde a gente cantava *Jericó*. Contei sobre a Casa de Trabalho, cair da esteira e aleijar o pé. Contei sobre como Dinamarca me acolheu e me chamava de filha. “Eu roubei um molde de bala praquêle homem.”

Ela colocou os dedos na pálpebra pra não transbordar. Quando abriu, havia um mapa de linhas vermelhas em seus olhos.

“A Céu me perguntou quem era o papai dela. Eu disse que era um preto livre de Charleston, que já morreu. Isso é tudo que ela sabe.”

“Por que você não conta?”

“A Céu parece criança que fala fora de hora. Assim que eu contar sobre o Dinamarca, ela vai contá pra meio mundo. Isso não vai ajudá o caso dela.”

“Ela precisa saber sobre ele.”

“O que ela precisa é não ser vendida. O que ela mais entende é de plantação de arroz. Coloca ela pra trabalhar no pátio.”

Céu pegou o jardim ornamental e o trouxe de volta à sua glória. Era natural para ela — quão fundo enterrar os bulbos de junquilha, quando podar as rosas, como aparar os arbustos de acordo com o desenho de um livro que Nina mostrou. Quando ela plantava vegetais, pegava merda de cavalo com a pá lá no estábulo e misturava na terra. Cavava vales retos para as sementes e cobria com seus pés descalços, como tinha feito com o arroz. Cantava em gullah para as plantas enquanto carpia, como na plantação. Quando as pragas apareciam, pegava com os dedos.

Você nem acreditava, a abóbora crescia do tamanho de cabaças. As cabeças das peônias eram grandes tigelas rosas de sopa. Até a sinhá saía só pra ver a horta. Assim que os junquinhos brotaram e deixaram o ar sufocante de doce, ela fez um chá no jardim para as amigas que deixou as mulheres morrendo de inveja.

Veio o verão, e Céu continuou com a gente.

“Onde cê guarda os restos de tecido?”, perguntou mamã. Ela mexia na

mesa de costura laqueada no canto do quarto no porão. Havia uma cesta no chão, ao lado dos pés dela, cheia de carretéis de linha, bolsinhas de agulha, alfinetes, tesouras e fita métrica.

“Resto de tecido? No mesmo lugar de sempre. Na bolsa de remendo.”

Ela pegou. “Cê tem um pouco de algodão vermelho e marrom aqui?”

“Sempre tem algodão vermelho e marrom.”

Segui mamã até a árvore espiritual, onde os corvos se escondiam nos galhos. Ela se sentou no velho banco de escamar peixe da Tia-Irmã, com as costas contra o tronco, e começou a trabalhar. Cortou um quadrado vermelho, depois usou a tesoura no tecido marrom e cortou o formato de uma carroça.

“É a carroça que levou você no dia que desapareceu?”

Ela sorriu.

Estava retomando o resto da sua história. Ela não falaria o que tinha acontecido com ela por palavras. Ela contaria pelo tecido.

## Sarah

Quando o outono chegou, Lucretia e eu fomos à reunião de mulheres na rua Arch, onde ficamos em um salão lotado, ao lado de Jane Bettleman, que encarou propositalmente o botão de *flor-de-lis* que eu tinha costurado no meu vestido cinza. Sim, o botão era adornado e caro, e grande, do tamanho de um broche. Eu tinha polido a prata, então, naquele átrio bem iluminado, brilhava como um pequeno sol.

Levantei e toquei a flor no botão, depois me virei para Lucretia e sussurrei: “Meu botão ofendeu a sra. Bettleman”.

Ela sussurrou de volta: “Já que você incomoda o sr. Bettleman a maior parte do tempo, parece justo que faça o mesmo com sua esposa”.

Reprimi meu sorriso.

Certamente a figura mais poderosa na rua Arch, Samuel Bettleman, criticava Lucretia e eu semanalmente. Durante os últimos meses, nós duas falamos com frequência nas Reuniões sobre a causa antiescravidão, e depois ele nos criticaria, chamando nossas mensagens de divisoras. Nenhum dos membros aceitava a escravidão, claro, mas muitos eram indiferentes à causa e divergiam também sobre quão rápida deveria ser a emancipação completa. Até mesmo Israel era um gradualista e acreditava que a escravidão deveria ser desmontada lentamente ao longo dos anos. Mas o que mais irritava o sr. Bettleman e os outros na Reunião era que *mulheres* falassem a respeito. “Enquanto falamos sobre sermos boas ajudantes para os maridos, está tudo muito bom, muito bem”, Lucretia me dissera certa vez, “mas assim que nos direcionamos para questões

sociais, ou Deus que me perdoe, políticas, eles vão querer nos silenciar como crianças”.

Lucretia me dava coragem.

“Srta. Grimké, sra. Mott, como ides?”, uma voz falou. E a Sra. Battleman ao meu lado, sem tirar os olhos do meu botão extravagante.

Antes que pudéssemos retribuir o cumprimento, ela disse: “Que item decorativo diferente”.

“... Parece que você gostou?”

Acho que ela esperava que eu me desculpasse. Virou os lábios pálidos, assemelhando-se a um copo-de-leite. “Bem, certamente combina com sua nova personalidade. Você anda bem falante nas últimas reuniões.”

“... Tento apenas falar o que Deus me inspira”, disse, o que era mais beato do que verdadeiro.

“É curioso, no entanto, que Deus inspire você a falar tanto contra a escravidão. Espero que receba o que estou prestes a dizer para sua própria edificação: para muitos de nós, parece que você se tornou exageradamente absorvida pela causa.”

Sem temer nem Lucretia, que se aproximou de mim, a sra. Battleman continuou: “Há alguns de nós que acreditam que a hora da ação ainda não chegou”.

Fui tomada pela fúria. “... Você, que não sabe nada sobre escravidão... absolutamente nada, *você* acha que pode dizer que a hora ainda não chegou?”

Minha voz navegou pelo salão, fazendo com que as mulheres parassem de conversar e se virassem na nossa direção. A sra. Battleman tomou fôlego, mas eu não tinha terminado. “Se você fosse um escravo trabalhando nos campos da Carolina... Suspeito que pensaria que já *passou* da hora.”

Ela se virou e foi embora, deixando a mim e Lucretia como o alvo de olhares silenciosos e chocados.

“Preciso de ar”, eu disse calmamente, e nós saímos para a rua. Continuamos andando pelas casas simples de tijolos, os vendedores de carvão, de sabão, até o Camden Ferry Slip. Passamos pela balsa no cais, lotada de passageiros chegando de Nova Jersey. Do outro lado da doca, um bando de gaiotas estava sentado em tábuas estragadas pelo tempo, enfrentando o vento. Paramos perto delas e encaramos o rio Delaware, segurando nossas toucas.

Olhei para baixo e vi que minhas mãos tremiam. Lucretia viu também. Ela disse: “Você não vai olhar para trás, vai?” Ela se referia à altercação, à terrível inclinação que nós, mulheres, temos de nos esconder de volta em algum lugar

seguro.

“Não”, falei. “Não vou olhar para trás.”

*16 de fevereiro de 1828*

*Querida irmã amada,*

*Você é a primeira e única a saber: me apaixonei pelo reverendo William McDowell da Terceira Igreja Presbiteriana. Ele é conhecido em Charleston como o jovem e belo ministro de Nova Jersey. Ele mal passou dos trinta, e seu rosto é como o de Apolo naquele quadrinho que costumava ficar pendurado em seu quarto. Ele veio de Morristown quando sua saúde o obrigou a procurar um clima ameno. Oh, irmã, ele tem as mais fortes reservas em relação à escravidão!*

*No verão passado, ele me alistou para ensinar as crianças na Escola Sabática, uma tarefa que cumpro alegremente todas as semanas. Certa vez, fiz um comentário sobre o mal da escravidão durante a aula e recebi uma visita de advertência do dr. McIntire, o Superintendente, e você devia ter visto o modo como William me defendeu. Depois, ele me aconselhou que quanto ao assunto escravidão, eu devo rezar e esperar. Mas não sou boa em nenhuma das duas coisas.*

*Ele me visita semanalmente, durante os encontros nós discutimos teologia e a igreja e o estado do mundo. Ele nunca se vai sem pegar minha mão e rezar. Eu abro os olhos e observo sua testa franzida e suas súplicas eloquentes. Se Deus tem a mínima ideia de como é estar apaixonado, vai me perdoar.*

*Ainda não sei as intenções de William a meu respeito, mas acredito que corroboram as minhas. Fique feliz por mim.*

*Sua Nina*

Quando a carta de Nina chegou, carreguei-a para o banco debaixo do olmo vermelho no pequeno jardim nos fundos da casa dos Mott. Era um dia quente para março. Pequenas flores amarelas rompiam a crosta de terra deixada pelo inverno, e os grilos e passarinhos faziam um barulho comovente.

Após colocar uma colchinha sobre os joelhos, coloquei os óculos novos na ponta do nariz. Ultimamente, as palavras se transformavam em rabiscos embaçados. Pensei que tinha estragado a vista pelo excesso de leitura — andava incansável nos estudos para o ministério no último ano —, mas o médico que consultara dissera que o problema era da meia-idade. Abri a carta, pensando, *Nina, se você me visse com essa mantinha de senhora e meus óculos, pensaria que eu tinha setenta em vez de metade.*

Li sobre o seu reverendo McDowell, com o que parecia uma satisfação e preocupação maternas. Imaginei se ele as merecia. Imaginei o que mamãe pensava dele, e se eu retornaria a Charleston para o casamento. Imaginei que tipo de esposa de clérigo Nina seria, e se o reverendo tinha ideia da caixa de Pandora que ele estava prestes a abrir.

Sempre será uma excentricidade do destino ver Israel chegar justo nesse momento. Eu dobrava a carta e a colocava no meu bolso, quando levantei os olhos e o vi se aproximando sem casaco ou chapéu. Era o meio da tarde.

Ele nunca tinha mencionado o episódio com Jane Bettleman. Certamente ficou sabendo. Todos na rua Arch sabiam. Dividiu os membros entre aqueles que pensavam que eu era arrogante e insolente e aqueles que me achavam meramente fervorosa e precipitada. Assumi que ele estivesse entre os últimos.

Ao se sentar ao meu lado, seu joelho tocou minha perna e um calor subiu até meu peito. Ele ainda estava de barba. Bem aparada, mas mais comprida e grisalha. Eu não o via havia semanas, exceto nas Reuniões. Não houve explicação de sua ausência. Eu dissera a mim mesma que era o rumo inevitável das coisas.

Tirei os óculos. "... Israel... que surpresa."

Havia uma urgência nele. Senti uma turbulência no ar.

"Há um tempo quero conversar com você, mas venho resistindo. Temo como pode receber o que tenho a dizer."

Certamente não era a respeito da confusão com a sra. Bettleman. Isso havia sido há meses.

"... Notícias ruins?", perguntei.

"Imagino que isso parecerá abrupto, Sarah, mas vim determinado a falar e deixar as coisas acontecerem. Por cinco anos agora, venho lutando com meus sentimentos por você."

Senti meu fôlego subitamente me abandonar. Ele olhou para as árvores sem folhas no quintal. "Eu chorei por Rebecca, talvez por tempo demais. Se tornou um hábito, chorar por ela. Fiquei preso à sua memória a ponto de excluir coisas demais."

Baixou a cabeça. Queria assegurá-lo que estava tudo bem, mas nunca esteve bem, e fiquei quieta.

"Vim dizer que sinto muito. Parecia injusto lhe pedir para ser minha esposa, quando ainda estava tão ligado a ela."

Eram desculpas então, não um pedido. "... Você não precisa se desculpar."

Ele continuou, como se eu não tivesse dito nada: "Algumas semanas atrás,

sonhei com ela. Veio até mim, segurando um medalhão, o mesmo que Becky insistira para que você usasse. Ela o colocou em minha mão. Quando acordei, era como se ela tivesse me libertado”.

Eu olhava para minhas mãos com tristeza, mas nesse instante olhei para ele, consciente de quão palpável a palavra *libertado* soou em sua voz, como o momento se rearranjava.

“Você deve saber que gosto muito de você”, ele disse. “Um homem não deve ficar só. As crianças estão crescendo, mas as menores ainda precisam de uma mãe, e Green Hill precisa de uma senhora. Catherine expressou o desejo de voltar para sua casa na cidade. Estou falando tudo errado. Estou pedindo... estou desejando que seja minha esposa.”

Eu imaginara esse momento: eu sentiria uma alegria transbordante. Fecharia meus olhos e saberia que minha vida tinha começado de fato. Diria, querido Israel, *sim*. Tudo no mundo seria *sim*.

Não foi assim. Tudo que senti foi quietude e estranhamento. Era a alegria manchada pelo medo. Por um minuto imperecível, não consegui falar.

Meu silêncio o inquietou. “Sarah?”

“... Eu quero dizer *sim*... mas, como você sabe, comecei o caminho de minha vocação. O ministério... O que quero dizer é... eu poderia ser sua esposa e ministra?”

Ele arregalou os olhos. “Não imaginei que você iria querer continuar com sua ambição depois de nos casarmos. Você quer mesmo isso?”

“Quero. De todo coração.”

Seu rosto ficou distorcido. “Perdoe-me, pensei que a havia escolhido por ter desistido de mim.”

Ele pensou que minha vocação era um prêmio de consolação? Em reação, fiquei de pé e dei alguns passos.

Pensei no conhecimento que tinha recebido sobre minha missão na noite em que escrevi para Encrenca. Foi puro como a voz que me trouxe ao norte. Quando costurei o botão em meu vestido, sabia que o ponto não poderia ser desfeito.

Virei-me para ele e o vi de pé, esperando. “Não posso ser a Rebecca, Israel. A vida toda dela era para você e as crianças, e eu não o amaria menos, mas não sou como ela. Há coisas que preciso fazer. Por favor, Israel, não me faça escolher.”

Ele pegou minhas mãos e as beijou, primeiro uma, depois a outra, e percebi que eu tinha falado de amor, mas ele não. Ele falara de carinho, de

necessidade — dele, das crianças, de Green Hill.

“Eu não... nós não seríamos suficientes para você? Você seria uma esposa maravilhosa e a melhor das mães. Nós não deixaríamos que perdesse sua ambição.”

Era seu jeito de falar. Eu não poderia ter a ele e a mim também.

## Encrenca

Coloquei um catre debaixo da árvore e minha cesta de costura em cima dele. Sinhá tinha decidido que precisava de cortinas e mantas novas para a sala de visitas, que eram a última coisa de que ela precisava, mas me deu uma desculpa pra ir lá fora e costurar com a mamã.

Ela sentava debaixo da árvore todos os dias, trabalhando em sua história na colcha. Mesmo com garoa, eu não conseguia tirar mamã dali — ela era como Deus emendando o mundo. Quando ela vinha pra cama à noite, trazia a árvore com ela. O cheiro da casca e dos cogumelos brancos. Migalhas da terra se espalhavam em cima do colchão.

O inverno tinha feito as malas e ido embora. As folhas tinham se chacoalhado para fora dos galhos e as borlas douradas caíam como se estivessem trocando de pelo. Me ajeitando no catre ao lado de mamã, pensei em Sarah lá no norte, se o rosto pálido dela nunca via o sol. Ela tinha me escrito fazia um tempo, a primeira carta que recebi. Eu a carregava no bolso a maior parte do tempo.

A esposa de Thomas tinha dado para a sinhá um pássaro de latão que segurava tecido no bico, que eles chamavam de passarinho de costura. Eu enfiei um lado da cortina na boca dele e depois medi e cortei. Mamã recortava o aplique de um homem segurando um ferro de marcar no fogo.

“Quem é esse homem?”, perguntei.

“Esse é o sinhô Wilcox”, ela disse. “Ele me marcô na primeira vez que a gente fugiu. A Céu tinha uns sete anos. Eu tive que esperar ela ter idade pra

vai já.”

“A Céu falou que cês fugiram quatro vezes.”

“Fugimo um ano depois, quando ela fez oito, e depois com nove, e dessa vez chicotearam ela também, aí eu parei.”

“Então por que tentaram essa última vez?”

“Quando eu cheguei lá, antes da Céu nascê, o sinhô Wilcox veio me ver. Todo mundo sabia o que ele queria. Quando ele colocô a mão em mim, peguei um punhado de brasa quente do fogo e joguei nele. Queimô o braço dele atravessando a camisa. Levei minha primeira chibatada, mas foi a última vez que ele tentô aquilo comigo. Quando a Céu fez treze, ano passado, lá vem ele de novo, farejando ela. Eu falei, vamo embora e dessa vez vamo morrê tentando.”

Eu não tinha o que falar. Então disse: “Bom, vocês conseguiram. Estão aqui”.

Nossas agulhas recomeçaram. Na hora, Céu cantava. “*Ef oona ent kno weh oona da guine, oona should kno weh oona dum from.*”

Céu não tinha posto o pé pra fora dos muros Grimké desde que chegou. A sinhá não tinha documento de propriedade dela e Nina disse que estava perigoso lá fora. Desde o acontecido do Dinamarca, os códigos de conduta estavam mais rígidos, e os *buckrahs*, mais malvados, mas no dia de mercado seguinte, disse pra Nina: “Escreve um passe pra Céu, faz isso por mim. Eu tomo conta dela”.

Amarrei um lenço limpo na cabeça da Céu e um avental passado em volta da sua cintura. Falei: “Olha, não fica falando demais lá fora, hein?”

Na rua, mostrei os becos pra ela se esconder. Apontei para os guardas, como passar ao lado e baixar os olhos, como desviar dos brancos, como sobreviver em Charleston.

O mercado estava cheio: os homens carregando sarrafos cheios de peixe e as mulheres andando com cestas de legumes sobre as cabeças, do tamanho de cubas de lavanderia. Menininhas escravas também, vendendo tortinhas de amendoim em seus chapéus de palha. Ao passar pelas mesas de açougueiro com as cabeças de bezerro sangrentas enfileiradas, os olhos de Céu estavam do tamanho de casco de cavalo. “De onde vem tudo isso?”

“Você tá na cidade agora”, avisei.

Mostrei como escolher o que a Tia-Irmã precisava — café, chá, farinha, fubá, alcatra, banha. Ensinei a pechinchar, contar o troco. Ela contava de cabeça mais rápido que eu.

Quando as compras acabaram, falei: “Agora a gente vai num lugar, e não quero que você conte pra mamã, pro Bonzinho nem pra ninguém”.

Quando chegamos na casa do Dinamarca, ficamos paradas na rua e olhamos a velha parede caiada. Eu tinha ido ali poucos meses depois do linchamento de Dinamarca, e uma preta livre que eu nunca tinha visto antes apareceu na porta. Disse que o marido comprou a casa da prefeitura, disse que não sabia o que tinha virado da Susan Vesey.

Disse pra Céu: “Você sempre tá cantando que a gente deve saber de onde vem”. Apontei para a casa. “Seu pai vivia ali. O nome dele era Dinamarca Vesey.”

Ela manteve os olhos grudados na varanda enquanto eu contava as histórias dele. Ele era carpinteiro, um homem grande e corajoso, mais esperto que qualquer homem branco. Disse a ela que o povo escravo de Charleston chamava ele de Moisés e que ele viveu pra libertar a gente. Conteí do sangue que ele queria derramar. Sangue com o qual eu tinha feito as pazes havia muito tempo.

Ela disse: “Eu sei dele. Enforcaram ele”.

E eu disse: “Ele teria chamado você de Filha se tivesse tido a chance”.

Não fazia nem cinco minutos que a gente tinha apagado a vela quando a voz de mamã cochichou na cama. “O que aconteceu com o dinheiro?”

Meus olhos se abriram com tudo. “Quê?”

“O dinheiro que eu guardei pra comprar nossa liberdade. O que aconteceu com ele?”

Céu já dormia pesado, roncando de leve. Ela se remexeu com o barulho de nossas vozes, murmurando coisas sem sentido. Me apoiei no cotovelo e olhei pra mamã deitada no meio de nós duas. “Pensei que tinha levado com você.”

“Eu passei o dia entregando toucas. Por que levaria todo aquele dinheiro no bolso?”

“Não sei”, sussurrei. “Mas num tá aqui. Olhei em tudo.”

“Bom, tava debaixo do seu nariz o tempo todo. Se fosse uma cobra, teria te picado. Cadê aquela primeira colcha que você fez, com quadrado vermelho e triângulo preto?”

*Eu devia saber.*

“Deixei no tear junto com as outras. Cê colocou ali?”

Ela arrancou a manta da cama e se levantou, comigo atrás já acendendo uma vela. Céu ficou de pé no calor escuro e explosivo.

“Vem, levanta”, mamã falou pra ela. “A gente vai ter que baixar o tear em cima da cama.”

Céu andou pesadamente até nós, confusa, enquanto eu agarrava a corda e puxava para baixo, as roldanas implorando por óleo.

Mamã cavou a pilha em cima do tear e achou a colcha bem no fundo da pilha. Quando a puxou, o cheiro de colcha velha encheu o quarto. Ela rasgou a parte de trás e enfiou a mão. Sorrindo, tirou um pacote fino, depois mais cinco, todos embrulhados em musselina e amarrados com um barbante que de tão podre se desfez nas mãos dela. “Ora, olha só”, ela disse.

“O que cê achou?”, Céu quis saber.

Contamos pra ela do dinheiro e de quando mamã se alugava, depois a gente dançou e jogou as riquezas para cima, colocamos o dinheiro sobre o tear, e depois puxei para o teto.

Céu voltou a dormir, mas mamã e eu ficamos de olhos bem abertos. A lua espalhava sua luz pela janela e a sombra do tear caía sobre nós.

Ela disse: “Amanhã, a primeira coisa do dia, cê amarra o dinheiro e costura de novo dentro da colcha”.

“Não dá pra comprar nós três.”

“Eu sei, a gente só guarda ele por enquanto.”

A noite foi em frente, e eu comecei a pegar no sono, flutuando, quase dormindo. Logo antes de passar para o outro lado, ouvi mamã falar: “Eu não quero ficar livre. O único jeito de eu ficar livre é com você ficando livre”.

Sarah

13 de abril de 1828

*Querida Nina,*

*Mês passado, Israel me pediu em casamento, se declarando, enfim. Você ficará surpresa em saber que eu recusei. Ele não queria que eu fosse em frente com meus planos para o ministério, se aceitasse ser sua esposa. Como eu poderia escolher alguém que me forçaria a desistir de meu pequeno acesso ao esclarecimento? Escolhi a mim mesma, e sem frustração.*

*Você devia tê-lo visto. Ele não era capaz de aceitar que uma mulher sem graça, na meia-idade, escolheria a solidão em vez dele. O respeitável e belo Israel. Quando dei minha resposta, ele perguntou se eu não me sentia bem, se minha cabeça estava no lugar. Ele explicou a gravidade de meu erro. Disse que eu deveria reconsiderar. Insistiu que eu conversasse com os Anciãos. Como se aqueles homens pudessem conhecer meu coração.*

*As pessoas na rua Arch não são capazes de aceitar a minha recusa, não mais que Israel. Eles pensam que sou egoísta e que estou enganada. Será que estou, Nina? Sou louca? Quando as semanas passam sem as visitas dele, e eu me sinto inconsolável, temo ter feito o pior erro de minha vida.*

*Quero lhe falar que sou forte e resoluto, mas, na verdade, sinto medo e estou só e insegura. Sinto como se ele tivesse morrido, e suponho que de certo modo isso seja verdade. Não me restou nada, a não ser essa estranha batida de meu coração que me diz que eu estou designada a fazer algo neste mundo. Não posso me desculpar por isso, ou por amar essa batida tanto quanto o amo.*

*Penso em você e em seu reverendo McDowell com esperança e*

*bênção.*

*Reze por sua irmã que a ama,  
Sarah*

Baixei a pena e selei a carta. Era tarde, a casa Mott dormia, a vela, um toquinho, a noite impermeável na janela. Por semanas, resisti a escrever para Nina, mas agora estava feito, e parecia um ponto de mudança na minha trajetória, uma abdicação do que eu sempre tinha sido para ela: mãe, salvadora, exemplo. Não queria mais ser essas coisas. Queria ser quem eu era, sua irmã falível.

Quando Lucretia me entregou a carta de Nina, eu estava na cozinha fazendo a receita de Tia-Irmã para biscoitos, com farinha de trigo, manteiga, água fria e uma colherada de açúcar. Cozinhar não era minha inclinação natural, mas eu tentava ajudar de vez em quando. Abri a carta sobre a tigela com farinha.

*Primeiro de junho de 1828*

*Querida irmã,*

*Acredite: o casamento é sobrevalorizado.*

*Minhas próprias novidades, embora não tão calamitosas quanto as suas, são similares. Algumas semanas atrás, fui a uma reunião na igreja e requisitei que os anciãos libertassem seus escravos e denunciassem publicamente a escravidão. Não fui bem-recebida. Todos, incluindo mamãe, nosso irmão, Thomas, e até mesmo o reverendo McDowell agiram como se eu tivesse cometido um crime. Pedi que deixassem de pecar, que não abandonassem Cristo e a Bíblia!*

*Reverendo McDowell concorda comigo em espírito, mas quando o pressionei para pregar publicamente o que ele diz no particular, recusou-se. “Reze e espere”, ele me falou. “Reze e aja”, eu respondi. “Reze e fale!”*

*Como poderia me casar com alguém tão covarde?*

*Não tenho escolha agora a não ser abandonar a igreja. Decidi seguir seus passos e me tornar quaker. Tremo só de pensar nos terríveis vestidos e a casa de reuniões sem graça, mas meu caminho está trilhado.*

*Israel já foi tarde! Console-se em saber que o mundo depende da pequena batida em seu coração.*

*Sua,  
Nina*

Quando terminei de ler, puxei uma cadeira da mesa de pinho e sentei. Partículas de pó da farinha flutuavam no ar. Era uma estranha coincidência que Nina e eu havíamos experimentado essa dor com poucas semanas de diferença. Israel já foi tarde, ela escrevera, mas não era bem assim. Temia amá-lo para o resto de meus dias, sempre imaginando como teria sido passar o resto da vida com ele em Green Hill. Eu o desejava do mesmo modo aflitivo que as pessoas romantizam a vida que não escolheram. Mas sentada ali, naquele momento, eu sabia que se tivesse aceitado a proposta de Israel, eu teria me arrependido também. Escolhi o arrependimento com o qual poderia viver melhor, só isso. Escolhi a vida à qual pertencia.

Lutara por quase dois anos para ser reconhecida como ministra, sem sucesso, e eu me esforçava ainda mais, fazendo trabalho voluntário no hospital infantil para conquistar as mulheres quakers e passava tantas noites lendo textos sobre o pensamento e a adoração quaker que eu exalaria querose ne perpetuamente. O fator crucial, no entanto, eram minhas declarações nas Reuniões, totalmente péssimas. Meu nervosismo na hora de falar sempre provocava gagueira, e o sr. Bettelman reclamava em voz alta de meus “balbucios incoerentes”. Diziam que refinamento teórico não era necessário para o ministério, mas a verdade era que todos os ministros do banco da frente eram incrivelmente eloquentes.

Procurei o médico que tinha me receitado os óculos, na esperança de, finalmente, encontrar uma cura, mas ele me assustou com conversas sobre cirurgias em que a raiz da língua é cortada e o excesso de tecido, removido. Fui embora, jurando nunca mais voltar. Naquela noite, sem conseguir dormir, sentei-me na cozinha com leite morno e noz-moscada, repetindo três tigres tristes sem parar, o exercício com a língua que Nina, quando criança, insistira para que eu fizesse.

8 de outubro de 1828

*Minha querida Sarah,*

*Serei publicamente expulsa da Terceira Igreja Presbiteriana. Parece que não aceitaram bem meu comparecimento aos encontros quakers nos últimos meses. Mamãe está chocada. Ela insiste que minha queda começou quando recusei a crisma em St. Philip's. De acordo com ela, eu era uma marionete de doze anos cujas cordas você puxava, e agora sou uma*

*marionete de vinte e quatro cujas cordas você manipula de longe, da Filadélfia. Como você é habilidosa! Mamãe também se sentiu impelida a acrescentar que sou uma marionete solteira, graças ao meu orgulho e minha língua opinativa.*

*Ontem, o reverendo McDowell me visitou, informando que devo voltar à “congregação dos eleitos de Deus” ou ser convocada diante da igreja para me submeter a um julgamento de quebra de votos e negligência da adoração. Pode imaginar? Falei o mais calma que fui capaz: “Entregue seu documento me convocando para comparecer ao seu tribunal, e irei e me defenderei”. Depois, ofereci chá. Como mamãe diz, sou orgulhosa, orgulhosa até de meu orgulho. Mas quando ele foi embora, corri para o quarto e me entreguei às lágrimas. Serei julgada!*

*Mamãe diz que devo desistir da bobagem quaker e voltar aos presbiterianos ou causarei um escândalo para os Grimké. Bem, já os enfrentamos antes, não? O impedimento de papai, o desprezível Burke Williams, e sua respeitosa “deserção” para o norte. É minha vez agora.*

*Permaneço firme. Sua irmã,*

*Nina*

Ao longo do ano seguinte, minhas cartas para Nina eram o mais próximo de um diário que eu tinha escrito desde a morte de papai. Contei a ela como eu treinava falando *três tigres tristes*, do medo de minha voz me impedir de realizar meus maiores sonhos. Escrevi sobre a angústia em ver Israel toda semana nas Reuniões, o modo como ele me evitava, enquanto sua irmã, Catherine, se aproximava de mim consideravelmente, uma *reviravolta* que eu não poderia ter imaginado quando retornei para cá.

Enviei desenhos que fiz do escritório e contei as conversas que Lucretia e eu tínhamos por lá. Mantinha Nina a par das petições vivazes que circulavam na Filadélfia: para impedir que negros livres fossem expulsos de bairros brancos, para proibir os “bancos para os de cor” nas assembleias.

“Foi uma grande revelação para mim”, lhe escrevi, “que a abolição seja diferente do desejo por igualdade racial. O preconceito de cor é a base de tudo. Se não for consertado, as dificuldades dos negros continuarão muito além da abolição”.

Em resposta, Nina escreveu: “Gostaria de poder pregar sua carta num poste público na Meeting!”.

O pensamento não era nem um pouco desagradável para mim.

Ela escreveu sobre suas batalhas com mamãe, a secura de sentar na casa de reuniões quaker e o ostracismo irrestrito que enfrentava em Charleston por

fazê-lo. “Por quanto tempo mais devo permanecer nessa terra de escravidão?”, ela escreveu.

Então, em um lânguido dia de verão, Lucretia colocou uma carta em minhas mãos.

*12 de agosto de 1829*

*Querida Sarah,*

*Há vários dias, no caminho para visitar um doente de nossa Reunião, eu estava na esquina da Magazine com Archdale quando encontrei dois garotos — eram apenas garotos! — levando uma assustada escrava para a Casa de Trabalho. Ela implorava que mudassem de ideia, e, ao me ver, pediu com ainda mais lágrimas, “Por favor, sinhazinha, me ajuda”. Eu não pude fazer nada.*

*Vejo então que não posso fazer nada aqui. Estou indo até você, Irmã. Deixarei Charleston e viajarei até a Filadélfia no fim de outubro, depois do período de tempestades. Ficaremos juntas, e juntas, nada nos deterá.*

*Com amor eterno,*

*Nina*

Havia uma semana que eu esperava Nina, mantendo vigília na janela de meu novo quarto na casa de Catherine. O clima de novembro tinha sido rigoroso, atrasando o navio, mas no dia anterior as nuvens tinham se aberto.

*Hoje. Certamente hoje.*

No meu colo, um compêndio fino de adoração quaker, mas eu não conseguia me concentrar. Ao fechá-lo, andei de um lado para o outro no cômodo estreito, uma pequena cela sem adornos, parecido com o que esperava por Nina do outro lado do corredor. Pensei sobre o que ela acharia a respeito.

Foi difícil deixar a casa de Lucretia, mas não havia quarto de hóspede para Nina. A cunhada de Israel tinha ido para Green Hill, permitindo que Catherine voltasse para sua casinha na cidade, e quando ela se ofereceu para acolher nós duas, aceitei com alívio.

Fui novamente para a janela e espiei as flores azuis acima, depois o rio de folhas de olmo na rua, transbordando amarelo, e me surpreendi, de repente, com a minha vida. Como tinha se tornado, tão diferente do que imaginara. A filha do juiz John Grimké — patriota sulista, dono de escravos, aristocrata — vivendo em uma austera casa no Norte, solteira, quaker, abolicionista.

Uma carruagem virou no fim da rua. Congelei por um instante, petrificada

pelo *clomp clomp* dos cavalos marrons, o modo como sua marcha forte levantava as folhas, e depois galopavam.

Quando Nina abriu a porta da carruagem e me viu correndo na direção dela sem xale, madeixas de cabelo caindo dos grampos, ela começou a rir. Ela usava uma capa negra e comprida, com capuz, e ao jogá-la para trás, estava morena e radiante.

“Irmã!”, ela gritou e saiu da carruagem já em meus braços.

PARTE SEIS  
JULHO DE 1835 — JUNHO DE 1838

## Encrenca

Fiquei ao lado da cama naquela manhã, olhando mamã ainda dormindo, o modo como ela apoiava o punho embaixo do queixo como uma criança. Odiava ter que acordar mamã, mas cutuquei seu pé e ela virou as pálpebras para cima. Perguntei: “Está disposta pra acordar? A sinhazinha mandou eu te buscar”.

Sinhazinha era como a gente chamava Mary, a filha mais velha dos Grimké. Ela tinha ficado viúva no começo do verão, e antes que o corpo do marido tivesse esfriado, ela entregou a plantação de chá para os filhos e disse que aquele lugar já tinha lhe afastado do mundo por tempo demais. Logo depois, ela apareceu aqui com nove escravos e mais roupas e móveis do que dava pra colocar na casa. Ouvi a sinhá falar pra ela: “Não precisava ter trazido a fazenda toda com você”. E Mary respondeu: “Preferiria que eu deixasse meu dinheiro para trás também?”.

Bem quando a sinhá tinha chegado num ponto que levantava a bengala com a força de uma criança de três anos, lá vem a sinhazinha, pronta pra tomar seu lugar. Ela tinha rugas em volta dos olhos que nem alinhavo e estava cheia de linha prateada no cabelo, mas continuava a mesma. O que a gente mais se lembrava de quando ela era criança era como tratava mal sua criada, a Lucy — a outra filha de Binah. Quando Mary chegou com sua procissão, Phoebe saiu correndo da cozinha, gritando, “Lucy? Lucy?”. Quando ninguém respondeu, ela correu até a sinhazinha e perguntou: “Cadê minha irmã Lucy?”.

A sinhazinha pareceu não entender e depois falou: “Ah, ela. Ela morreu há muito tempo”. Ela nem reparou na cara de decepção de Phoebe, só em seu

amental de cozinha. “Não sei a que horas você serve a refeição do meio do dia”, ela disse, “mas de agora em diante será às duas”.

Os quartos dos escravos estavam rebentando pelas costuras. Todos os cômodos tomados, alguns dormindo no chão. Tia-Irmã e Phoebe reclamaram de tantas bocas pra alimentar, e a sinhazinha mandou mamã e eu costurarmos novas librés e vestidos para todo mundo. Bem-vindo aos Grimké. Ela não tinha trazido costureira com ela, mas tinha trazido todo o resto e mais os parentes de segundo grau. Novo mordomo, nova lavadeira, a camareira da sinhazinha, cocheiro, lacaio, ajudante-geral, ajudante pra cozinha, pra casa, pro pátio. Sabe-Tudo foi rebaixado de volta à horta com Céu, e Bonzinho, pobre Bonzinho, ficava sentado no estábulo o dia todo, esculpindo gravetos. Ele e eu até perdemos o quartinho onde a gente ainda ia às vezes se amar.

Agora, ali no porão, mamã não levantava a cabeça do travesseiro. Não tinha utilidade pra sinhazinha. Ela quis saber: “Que ela qué comigo?”.

“A gente tem aquele chá festivo enorme pra arrumar hoje e ela quer os lacinhos costurados nos guardanapos. Ela diz que só você sabe fazer. Ela me colocou pra arrumar as mesas.”

“Cadê a Céu?”

“A Céu tá lavando a escadaria da frente.”

Mamã parecia tão cansada. Eu sabia que suas dores de estômago tinham piorado, porque ela mal tinha comido a semana toda. Ela ficou de pé devagar, apertando a barriga, tão magra que seu corpo parecia um talo brotando do colchão.

“Mamã, deita de novo. Eu dou um jeito de fazer esses laços.”

“Cê é uma boa menina, Encrenca, sempre foi.”

A colcha de histórias estava dobrada no pé da cama, onde ela gostava de deixar, por perto. Ela abriu em cima das suas pernas. Era julho, um dia quente e abafado, e por um segundo, pensei se ela poderia estar tendo aquele frio que se sente perto do fim. Mas então ela virou a colcha até achar o primeiro quadrado. “Essa é minha vovozinha, quando as estrelas caíro e ela foi vendida.”

Sentei ao lado dela. Ela não estava com frio, só queria me contar a história da colcha de novo. Ela amava contar aquela história.

Ela já tinha esquecido os laços, e eu poderia me encrencar ficando por lá, mas essa era mamã, e essa era a história. Passou pela colcha toda, cada quadrado, demorando naqueles que ela tinha costurado desde que voltara. Seu trabalho no campo de arroz com o bebê nas costas. O homem marcando seu ombro. O homem martelando seus dentes. Fugindo sob a lua. Por fim, chegou ao

último, o décimo quinto — eu, mamã e Céu com os braços entrelaçados que nem ponto de laço.

Fiquei de pé. “Dorme agora.”

“Não, eu vô. Subo daqui a pouco.”

Seus olhos brilharam que nem lanternas de papel que a gente fazia pras festas no jardim.

Na sala de jantar, de frente pra janela, enchendo tubas de cristal enormes com frutas, tudo na despensa que não estivesse podre, vi mamã arrastando os pés na direção da árvore espiritual no fundo do pátio. Ela tinha colocado a colcha de histórias em volta do ombro.

Minhas mãos paralisaram — o modo como ela arrastava um pé, descansava, depois arrastava o outro. Quando chegou na árvore, se apoiou no tronco e se abaixou até o chão. Meu coração bateu de um jeito estranho.

Não olhei pra ver se a sinhá estava por perto, corri pra porta dos fundos. O mais rápido que consegui, o mais rápido que a terra poderia passar por debaixo de mim.

“Mamã?”

Ela levantou o rosto. A luz tinha sumido do seus olhos. Havia apenas o pavio preto agora.

Desci ao lado dela. “Mamã?”

“Tá tudo bem. Vim pegar meu espírito pra levá comigo.” A voz dela parecia distante dentro dela. “Tô cansada, Encrenca.”

Tentei não ter medo. “Vou cuidar de você. Não se preocupe, cê vai descansar.”

Ela sorriu o mais triste dos sorrisos, me mostrando que ela iria descansar, mas não do jeito que eu imaginava. Peguei suas mãos. Estavam frias que nem gelo. Ossinhos de passarinho.

Ela disse outra vez: “Tô cansada”.

Ela queria que eu dissesse que estava tudo bem, pra pegar seu espírito e partir, mas eu não fui capaz. Falei: “Claro que tá cansada. Trabalhou duro a vida toda. Tudo que cê fez foi trabalhar”.

“Não lembre de mim assim. Não lembre de mim escrava e trabalhano duro. Quando pensar em mim, fala, ela nunca foi dessas pessoas. Ela nunca foi de ninguém a num ser dela.”

Ela fechou os olhos. “Lembra disso.”

“Vou lembrar, mamã.”

Eu puxei a colcha em volta dos seus ombros. Nos galhos altos, corvos grasnavam. As pombas gemiam. O vento baixou para em seguida levá-la para o céu.

## Sarah

Chegamos à casa de reuniões no calorão de uma manhã de agosto com a intenção de entrar e sentar no banco para negros.

“... Temos certeza disso?”, perguntei para Nina.

Ela parou na grama amarronzada, uma luz âmbar forte caindo do céu sem nuvens direto em seu rosto. “Mas você disse que o assento para negros é uma barreira que deve ser quebrada!”

Eu *tinha* dito isso, na noite anterior. Pareceu uma ideia excitante, mas agora, à luz do dia, parecia menos a quebra de uma barreira e mais uma piada perigosa. Até então, os membros da rua Arch tinham suportado minhas declarações antiescravagistas do mesmo modo que você tolera enxames de insetos ao ar livre — você os esmaga e ignora o quanto pode —, mas isso era outra coisa. Era um ato de rebelião e provavelmente não ajudaria em minha longa luta para me tornar ministra quaker. A ideia de me sentar no banco para negros tinha me ocorrido depois de ler *The Liberator*, um jornal abolicionista que Nina e eu começamos a contrabandear para dentro de casa em nossas sacolas, e certa vez, dobrado dentro da touca de Nina. Era publicado pelo sr. William Lloyd Garrison, talvez o mais radical abolicionista do país. Tinha certeza de que se Catherine encontrasse um único exemplar em nossos quartos, seríamos prontamente despejadas. Mantínhamos nossas cópias bem escondidas nos colchões, e naquele momento pensei que deveríamos voltar e queimá-las.

A verdade era que nada disso era seguro. Hordas pró-escravidão tinham provocado o terror durante todo o verão, e não no Sul, mas *aqui* no Norte.

Jogavam prensas de jornais abolicionistas nos rios e queimavam casas de negros livres e abolicionistas, quase cinquenta delas aqui na Filadélfia. A violência foi um choque para Nina e para mim — afinal, a geografia acabou não sendo uma defesa. Ser abolicionista poderia provocar um ataque em plena rua — vaias, açoites, pedras, morte. Alguns abolicionistas tinham suas cabeças postas à recompensa, e quase todos estavam escondidos.

Parada ali, vendo a decepção no rosto de Nina, desejei a presença de Lucretia. Desejei que ela aparecesse ao meu lado com sua toca de organza branca e olhos corajosos, mas ela e James transferiram-se para outra Casa de Reunião, considerando a da rua Arch muito conservadora. Pensei em segui-la, até Catherine afirmar que Nina e eu precisaríamos encontrar outro pouso, e havia poucos, se houvesse algum, locais adequados para duas irmãs solteironas morarem juntas. Às vezes eu pensava naquele dia, perto de Delaware, quando disse à Lucretia que eu não olharia para trás, e eu fiz meu melhor, mas sempre havia concessões a fazer, tantas pequenas concessões.

“Você não vai amarelar, vai?”, Nina perguntava. “Diga que não.”

Ouvi a voz de Israel atravessar a multidão, chamando Becky, e, ao olhar, vi ele desaparecer para dentro da casa de reuniões. Fiquei um momento cheirando o calor das selas dos cavalos, o fedor de urina no pavimento.

“... Eu sempre amarelo... mas, vamos, isso não vai me impedir.”

Ela encaixou o braço no meu, e eu mal conseguia acompanhá-la enquanto me arrastava para a porta, o queixo levantado do modo desafiador que trazia da infância, e, por um segundo, eu a vi com catorze anos, sentada no divã amarelo diante do reverendo Gadsden, com o queixo levantado do mesmo jeitinho, recusando a crisma.

Pouco depois de Nina chegar à Filadélfia, os quakers a obrigaram a trabalhar na Escola Infantil, um emprego que ela detestava. Nossos pedidos por outra tarefa foram ignorados — acredito que pensavam que havia algum tipo de orgulho a ser arrancado dela por meio da troca de fralda dos bebês. Os pretendentes, incluindo o filho de Jane Bettleman, Edward, pulavam um por cima do outro para ajudá-la a descer da carruagem, depois ficavam por perto, caso ela derrubasse algo que pudessem recolher, mas ela considerava todos tediosos. Quando completou trinta, no inverno passado, comecei a me preocupar, não que estivesse se tornando uma tia Amelia Jane, como eu — aliás, até lhe falei que se ela arrumasse Jane Bettleman de sogra, nós duas teríamos que nos afogar no rio. Não, minha preocupação é que ela pudesse chegar aos quarenta e três como eu e ainda fazendo bebês quakers arrotarem.

O assento para negros ficava num rebaixamento embaixo da escada que levava ao balcão superior. Como sempre, ficava guardado por um dos homens, para assegurar que nenhuma pessoa branca se sentasse lá por engano e nenhuma de cor fosse além. Notando Edward Bettleman de guarda, suspirei. Estávamos fadadas a criar inimigos nessa família, repetidamente.

Sarah Mapps Douglass e sua mãe, Grace, sentavam nesse banco em seus vestidos e toucas quakers. Tipicamente, as únicas negras entre nós, Sarah Mapps, com idade próxima à de Nina, era professora na escola para crianças negras que fundara, e sua mãe era chapeleira. Ambas eram conhecidas por suas tendências abolicionistas, mas ao darmos um passo à frente, conjecturei pela primeira vez se elas se importariam com o que Nina e eu estávamos prestes a fazer, e se elas seriam implicadas nisso de algum modo.

Quando o pensamento cruzou minha mente, hesitei, e, vendo minha pausa, sem dúvida preocupada com que eu voltasse atrás outra vez, Nina correu rapidamente para o banco dos negros e se jogou ao lado da mulher mais velha.

Lembro-me de um borrão de coisas acontecendo ao mesmo tempo — o suspiro de surpresa da sra. Douglass, Sarah Mapps se virando para me olhar, compreendendo nossa atitude, Edward Bettleman se abaixando para Nina e dizendo, um pouco alto demais, “Não aqui, não pode sentar aqui”.

Ignorando-o, Nina encarou bravamente à frente, enquanto eu deslizei para o lado de Sarah Mapps. Edward voltou-se para mim: “Sra. Grimké, este é o banco dos negros, você precisa sair”.

“... Estamos confortáveis aqui”, disse, notando que fileiras inteiras de pessoas próximas se contorciam para ver a confusão.

Edward partiu, e no silêncio que se seguiu, ouvi mulheres abrirem leques e homens pigarrearem, e torci para que o distúrbio morresse ali, mas do outro lado da sala, no banco dos Anciãos, os sussurros aumentavam, e então vi Edward retornando com seu pai.

Nós quatro instintivamente deslizamos ao mesmo tempo no banco.

“Peço que respeitem a santidade e a tradição da Reunião e se retirem desse banco”, disse o sr. Bettleman.

A sra. Douglass começou a respirar rapidamente, e eu fui apunhalada pelo medo de que tivéssemos colocado as duas em perigo. Tardamente, recordei-me de uma mulher negra livre que se sentara em um assento branco durante um casamento e fora obrigada a varrer as ruas da cidade. Gesticulei para as duas. “... Elas não fazem parte d...” Quase falei *parte de nossa dissidência*, mas me interrompi. “... Elas não fazem parte disso.”

“Isso não é verdade”, disse Sarah Mapps, olhando para a mãe e depois para o sr. Bettleman, “Fazemos inteiramente parte disso. Estamos sentadas aqui juntas, ou não?”

Ela colocou as mãos nas dobras da saia para esconder como tremiam, e eu me enchi de amor e dor diante da visão.

Ele esperou, mas nós não nos mexemos. “Pedirei uma última vez”, ele disse. Parecia incrédulo, enfurecido, certo de sua retidão, mas não poderia nos tirar à força. Ou?

Nina ficou de pé, com olhos em chamas. “Não seremos retiradas, senhor!”

O rosto dele ficou vermelho. Virando-se para mim, ele falou num sussurro tenso: “Ouça-me, srta. Grimbé, controle sua irmã, e você também”.

Quando ele saiu, olhei para Sarah Mapps e sua mãe, o modo como elas agarravam suas mãos e apertavam de alívio, e depois para Nina, com uma leve exultação em seu rosto. Ela tinha sido mais corajosa do que eu sempre fora. Eu me preocupava demais com a opinião dos outros, ela não se preocupava nem um pouco. Eu era cautelosa, ela era intrépida. Eu pensava, ela agia. Eu acendia o fogo, ela o espalhava. E bem ali e para sempre, eu vi como as Moiras tinham sido espertas. Nina era uma asa, eu era a outra.

Nina e eu fomos convocadas pela sineta de chá de Catherine numa tarde de setembro que pensávamos ser de descanso. Ela sempre tocava o sino quando uma carta chegava para uma de nós, a refeição era servida ou precisava de ajuda em alguma tarefa doméstica. Descemos as escadas sem preocupação, e lá estavam eles, os Anciãos sentados como varetas nas cadeiras da sala de estar de Catherine, alguns de pé ao longo da parede. Israel entre eles. Catherine, a única mulher, estava grandiosamente instalada na poltrona de veludo deselegante. Tínhamos ido parar na Inquisição.

Nenhuma de nós duas tinha se dado ao trabalho de prender o cabelo. O meu caía em madeixas vermelhas sem vida até a cintura, enquanto o de Nina fluava sobre seus ombros, inteiramente cacheado. Era impróprio para companhia mista, mas Catherine não nos enviou de volta. Apertou os lábios de forma azeda para fingir um sorriso e nos gesticulou para entrar no cômodo.

Havia três semanas que nos sentamos no banco dos negros e nos recusamos a nos levantar, e exceto pelo sr. Bettleman, ninguém nos disse uma palavra de repreensão. Na semana seguinte, voltamos a sentar com Sarah Mapps

e Grace, e na outra também, e nenhum esforço foi feito para nos impedir. Cheguei a pensar que os Anciãos tinham concordado com nossa ação. Aparentemente, estava errada.

Ficamos lado a lado à espera de que alguém falasse. Os vidros das janelas brilhavam com força sob a luz do sol, transformando a sala em uma fornalha, e eu senti um fio de suor gelado escorrer entre meus seios. Tentei olhar nos olhos de Israel, mas ele estava encostado sob a sombra da cornija. Virando-me para Catherine, vi o jornal sobre seu colo. *The Liberator*:

Senti um nó no estômago.

Segurando uma ponta da página entre o dedão e o indicador, ela levantou o jornal como se fosse um rato morto que ela encontrou na rateeira e segurava pelo rabo. “Um carta na primeira página do mais notório jornal antiescavidão no país nos chamou a atenção.” Ela ajustou os óculos — lentes grossas como fundo de garrafa. “Permita-me ler em voz alta. 30 de agosto, 1835. *Respeitável Amigo...*”

Nina arfou. “Oh, Sarah, eu não sabia que seria publicada.”

Olhei para os seus olhos frenéticos, tentando entender o que ela dizia. Quando compreendi, tentei falar, mas nada veio a não ser um jorro de ar. Tive de arrancar as palavras como se fosse papel de parede. “... Você... escreveu para... o sr. Garrison?”

Uma cadeira raspou o chão e vi o sr. Bettelman marchar até nós. “Você quer que acreditemos que você, filha de uma família escravagista, escreveu uma carta para um agitador como William Lloyd Garrison pensando que ele não publicaria? É exatamente o tipo de material inflamatório de que ele precisa.”

Ela não estava arrependida, estava desafiadora. “Sim, talvez tenha pensado que ele a publicaria!”, ela falou. Então, para mim: “As pessoas estão arriscando a vida pela causa dos escravos, e nós não fazemos nada além de sentar no banco de negros! Eu fiz o que precisava fazer”.

Pareceu, de repente, que o que ela tinha feito era inevitável. Nossas vidas nunca mais seriam as mesmas, ela provocou isso, e eu queria ao mesmo tempo abraçá-la e agradecê-la, e chacoalhá-la.

Os rostos estavam todos iguais, sombrios e acusadores, franzindo a testa em meio aos rastros de luz, todos exceto Israel. Ele encarava o chão como se desejasse estar em qualquer lugar menos ali.

Quando Catherine retomou a leitura, Nina fixou os olhos na parede mais distante, em algum lugar altivo e distante, sobre suas cabeças. A carta era longa e eloquente, e, sim, altamente inflamável.

“Se perseguição é o meio pelo qual vamos alcançar emancipação, então eu digo, que venha, pois é minha profunda, solene e deliberada convicção que esta é uma causa pela qual vale morrer. Angelina Grimké.” Catherine dobrou o papel e o deixou sobre o chão.

Notícias de sua carta alcançariam Charleston, certamente. Mãe, Thomas, a família toda leria com ultraje e desgraça. Ela nunca iria para casa outra vez — imaginei se tinha pensado nisso, em como suas palavras fechariam portas.

Nesse instante, Israel falou do fundo da sala, e eu fechei os olhos ouvindo a gentileza de sua voz, a súbita bondade. “Vocês duas são nossas irmãs. Nós amamos vocês como Cristo ama. Viemos aqui hoje apenas para trazer vocês de volta ao bom conceito da irmandade quaker. Vocês podem retornar com arrependimento, como o filho pródigo à casa torna...”

“Vocês precisam se retratar da carta ou serão expulsas”, disse sr. Bettleman, curto e grosso.

*Expulsas.* A palavra ficou pendurada sobre nós como uma pequena lâmina, quase visível na claridade. Isso não poderia acontecer. Passei treze anos com os quakers, seis deles almejando o ministério, a única profissão que me restava. Tinha desistido de tudo para isso: casamento, Israel, filhos.

Apressei-me para falar antes de Nina. Eu sabia o que ela faria e a lâmina cairia. “... Por favor, eu sei que são piedosos.”

“Tente entender, Sarah, fingimos não ver quando sentaram no assento para negros”, disse Catherine. “Mas isso foi longe demais.” Ela entrelaçou os dedos embaixo do queixo e suas articulações ficaram brancas. “E você tem que considerar também para onde irá se não se retratar. Eu gosto das duas, mas, naturalmente, não poderão permanecer aqui.”

O pânico subiu à minha garganta. “... É tão errado assim escrever uma carta?... É tão errado colocar em prática as nossas preces?”

“Questões como essa... não servem para a vida de uma mulher”, disse Israel, saindo das sombras. “Certamente não é cega para isso.” A voz atolada em dor e frustração, o mesmo tom de quando recusei seu pedido, e eu sabia que ele falava sobre mais coisas do que a carta. “Não temos escolha. O que vocês fizeram ao se declarar dessa maneira está além das fronteiras do quakerismo.”

Peguei a mão de Nina. Estava úmida e quente. Olhei para Israel, apenas para Israel. “... Não podemos nos retratar. Apenas desejo que a tivesse assinado também.”

A mão de Nina apertou a minha, a ponto de doer.

## Encrenca

4 de agosto

*Querida Sarah*

*Mamã morreu mês passado. Ela dormiu embaixo do carvalho e nunca acordou. Ela ficou dormindo seis dias antes de morrer, na cama, com a Cêu e eu do lado. Sua mamã pagou pra ela ter um caixão de pinho.*

*Colocaram ela no cemitério de escravos na rua Pitt. A sinhá deixou o Bonzinho levar eu e a Cêu até lá de carruagem, pra gente ver seu lugar de descanso e dizer adeus. A Cêu fez 22 anos e é alta que nem um homem. Do meu lado na cova, eu não cheguei no seu ombro. Ela cantou a música que as mulheres da plantação cantam quando trituram o arroz pra deixar nos túmulos. Ela disse que elas colocam arroz pra ajudar o morto a encontrar seu caminho de volta pra África. Ela trouxe o bolso cheio da cozinha e espalhou sobre a mamã enquanto cantava.*

*O que eu lembrei foi a música que fiz quando era criança. Pela água, pelo mar. Deixe os peixes me levar. Eu cantei isso, depois peguei o dedal de latão, o que eu amo desde pequena, e deixei em cima do túmulo, pra ela ter uma parte de mim.*

*Bom, queria que você soubesse. Acho que ela está em paz agora.*

*Espero que essa carta encontre você. Se me escrever, cuidado, porque sua irmã Mary fica de olho em tudo. O cocheiro preto da plantação, chamado Hector, é o mordomo agora, e ele espia tudo pra ela.*

*Sua amiga*

*Encrenca*

Escrevi o nome e o endereço de Sarah na frente, sob a luz de uma vela, imitando a caligrafia da sinhá o mais perto que consegui. A caligrafia dela tinha piorado tanto que eu poderia escrever de qualquer jeito que passaria. Fechei a carta com uma gota de cera e pressionei o selo da sinhá. Eu tinha roubado o selo do seu quarto — quer dizer, peguei emprestado. Eu ia devolver antes que ela sentisse falta. O papel de carta e o envelope foram roubados mesmo.

Do outro lado do quarto, Céu dormia, se remexendo no calor. Observei seus braços procurarem o lugar onde mamã costumava ficar, então assoprei a chama e observei a fumaça fugir no escuro. No dia seguinte eu enfiaria a carta no meio das outras e torceria pra ninguém prestar atenção.

Céu cantou durante o sono, parecia em gullah, e eu pensei no arroz que ela tinha jogado no túmulo da mamã, tentando enviar seu espírito para a África.

*África. Onde a Céu e eu estivermos, este é o único lugar onde mamã estará.*

## Sarah

Eu acordava todos os dias me sentindo doente, vazia. Catherine tinha nos dado até primeiro de outubro para fazermos as malas e irmos embora, mas não encontrávamos ninguém que acolhesse duas irmãs expulsas pelos quakers, e a casa de Lucretia estava lotada de crianças. As ruas foram inundadas por folhetos — grudados em postes de luz e edifícios e espalhados pelo chão — cuja chamada gritava do modo imoral que esses jornalecos fazem: *ULTRAJE: Uma Abolicionista da Pior Espécie está entre Vocês*. Abaixo, a carta de Nina para o *The Liberator* impressa na íntegra. Mesmo as piores pensões não abririam as portas para nós.

Eu estava à beira do desespero quando uma carta sem remetente ou endereço de resposta chegou até mim.

29 de setembro de 1835

*Cara senhorita Grimké,*

*Se é corajosa o suficiente para sentar conosco no banco dos negros, talvez consiga dividir o lar conosco até que encontre local mais adequado. Minha mãe e eu não temos nada além de um sótão parcialmente mobiliado para oferecer; possui janela e a chaminé passa pelo meio, aquecendo-o. É de vocês, se aceitarem. Pedimos que não fale com ninguém sobre nosso arranjo, incluindo seu atual senhorio, Catherine Morris. Esperamos por vocês na Lancaster, 5.*

*Sua na Amizade,*

*Sarah Mapps Douglass*

Abandonamos nossa antiga vida no dia seguinte, sem deixar endereço para nos encontrarem e sem adeus, chegando de carruagem na pequena casa de tijolos em um bairro pobre e predominantemente branco. Havia uma cerca de madeira torta na frente, com cadeado no portão, o que nos obrigou a arrastar nossos baús pela porta dos fundos.

O sótão era mal iluminado e cheio de teias de aranha, e quando o fogo era aceso no andar de baixo, fazia um calor entorpecedor e o cheiro amargo de fumaça de madeira dominava o ambiente, mas não reclamamos. Tínhamos um teto. Tínhamos uma a outra. Tínhamos amigas, Sarah Mapps e Grace.

Sarah Mapps era culta, talvez mais do que eu, tendo frequentado a melhor academia quaker para negros livres da cidade. Ela me contou que desde criança sabia que sua única missão na vida era abrir uma escola para crianças negras. “Poucos entendem esse tipo de compreensão enfática”, ela disse. “A maior parte das pessoas, incluindo minha mãe, acha que eu me sacrifiquei demais ao não casar e não ter filhos, mas os alunos, eles são as minhas crianças.” Eu a entendia bem mais do que ela imaginava. Assim como eu, ela amava livros, guardando seus preciosos volumes em um armário na pequena sala de estar. Todas as noites, ela lia para sua mãe em sua adorável voz melodiosa — Milton, Byron, Austen — continuando bem depois que Grace já havia adormecido na cadeira.

Havia chapéus por toda a parte, em vários estágios de construção, pendurados em chapeleiros pela casa, e se não eram chapéus em si, eram desenhos de chapéus espalhados pelas mesas e enfiados na moldura do espelho na porta. Grace fazia chapéus enormes e cheios de penas, que ela vendia para as lojas, eram obras que, como quaker, ela mesma nunca poderia usar. Nina dizia que ela vivia vicariamente, mas acho que ela apenas possuía veia artística.

Em nossa primeira semana no sótão, fizemos faxina. Varremos o pó e as aranhas e limpamos o vidro da janela. Lustramos as duas camas estreitas, a cadeira e a mesa, a cadeira de balanço barulhenta. Sarah Mapps trouxe um tapete trançado, colchas coloridas, uma mesa extra, um lampião e uma pequena prateleira, onde ajeitamos nossos livros e diários. Colocamos galhos de sempre-viva para odorizar o ambiente e penduramos nossas roupas em ganchos na parede. Coloquei meu tinteiro de peltre sobre a mesa extra.

Na segunda semana, já estávamos entediadas. Sarah Mapps tinha dito que devíamos tomar cuidado em nossas idas e vindas, porque os vizinhos não tolerariam mistura racial, mas fomos vistas certa manhã por um grupo de meninos valentões, que nos atiraram pedrinhas e nomes feios. *Miscigenadoras*.

*Miscigenadoras.* No dia seguinte, a frente da casa levou ovos.

Na terceira semana, tornamo-nos eremitas.

Quando novembro chegou, eu caminhava sobre o tapete oval enquanto lia livros e velhas cartas, segurando-os enquanto andava, tentando não desaparecer no lugar melancólico que bem conhecia desde a infância. Sentia como se lutasse para me manter firme, se eu saísse do tapete, cairia no velho abismo.

Antes de deixarmos a casa de Catherine, uma carta tinha chegado de Encrenca nos contando sobre a morte de Charlotte. Todas as vezes em que lia a carta — tantas vezes que Nina ameaçara escondê-la —, pensava na promessa de libertá-la. Tinha me perseguido a vida toda, e agora que Charlotte se fora, em vez de me abandonar, sua morte de algum modo tornou minha obrigação mais indispensável. Eu disse a mim mesma que tinha tentado — eu *tinha* tentado. Por isso ensinara Encrenca a ler, e, em parte, por que passara todos aqueles anos tentando ser uma ministra quaker. Quantas vezes eu tinha escrito a mamãe, implorando para comprar Encrenca e assim libertá-la? Ela nem se deu ao trabalho de responder.

Então, certa manhã, enquanto minha irmã usava a última de nossas tintas para capturar o salgueiro sem folhas do outro lado da janela e eu caminhava minha rota corrosiva sobre o tapete, subitamente parei e encarei o tinteiro de peltre. Olhei durante alguns minutos. Tudo estava caindo aos pedaços, e lá estava o tinteiro.

“... Nina! Você se lembra de como mamãe nos obrigava a sentar por horas e escrever pedidos de perdão? Bem, eu vou escrever um... uma verdadeira apologia para a causa antiescravagista. Você poderia escrever também... Nós duas poderíamos.”

Ela me encarou, enquanto tudo que eu sentia e sabia vinha de uma só vez. “... É o Sul que deve ser alcançado”, disse. “... Nós somos sulistas... conhecemos os escravagistas, você e eu... Nós podemos falar com eles... não dar lição, mas atraí-los.”

Virando-se para a janela, ela pareceu estudar o salgueiro, e quando voltou a me olhar, vi o brilho em seus olhos. “Podíamos escrever um panfleto!”

Ela ficou de pé, pisando sobre o quadrado de luz sobre o chão. “O sr. Garrison imprimiu minha carta, talvez ele possa imprimir nosso panfleto também, e enviar para todas as cidades no Sul. Mas não vamos endereçá-las aos

donos de escravos. Eles nunca prestarão atenção.”

“... Para quem então?”

“Vamos escrever para o clero sulista e para as mulheres. Vamos colocar os pregadores atrás deles, e suas esposas e mães e filhas!”

Eu escrevia na cama, com minha mesa portátil, embrulhada em um xale de lã, enquanto Nina se debruçava sobre a mesinha com sua antiga touca forrada com pele. O sótão doía de frio e se enchia com o som do *scratch-scratch* de nossas penas e dos noitibós no escuro.

Durante todo o inverno a chaminé tinha infiltrado calor no sótão, e Nina abria a janela para deixar o ar gelado entrar. Escrevíamos ensopadas de suor ou escrevíamos tremendo de frio, mas raramente um meio-termo. Nossos panfletos estavam quase prontos — o meu, *Uma Epístola ao Clero dos Estados do Sul*, e o de Nina, *Um Apelo às Mulheres Cristãs do Sul*. Ela ficou com as mulheres, e eu, com o clero, o que achei irônico, considerando que tinha me dado tão mal com os homens e ela, tão bem. Ela insistiu que o contrário seria mais irônico — ela escrevendo sobre Deus, com quem tinha se dado tão mal.

Derrubamos todos os argumentos do Sul para a escravidão. Eu não gaguejava no papel. Era um êxtase escrever sem hesitação, escrever tudo escondido dentro de mim, escrever com o tipo de audácia que não possuía pessoalmente. Às vezes pensava em papai enquanto escrevia e a brutal confissão que ele fizera no fim. *Acha que eu não abomino a escravidão? Acha que eu não sei que foi a ambição que me impediu de seguir minha consciência?* Mas era principalmente Charlotte que assombrava minhas páginas.

Abaixo de nós, na cozinha, ouvia Sarah Mapps e Grace alimentando o forno com madeira, um genioso e velho Rumford que tossia nuvens de fuligem. Logo sentimos cheiro de vegetais fervendo — cebolas, nabos, beterrabas — reunimos nosso trabalho do dia e descemos a escada.

Sarah Mapps virou-se do fogão quando entramos, feixes de fumaça fluando sobre sua cabeça. “Vocês têm páginas novas para nós?”, ela perguntou, e sua mãe, que sovava a massa, parou para ouvir a resposta.

“Sarah trouxe a última dela”, respondeu Nina. “Ela escreveu a última frase hoje, e quero terminar a minha amanhã!”

Sarah Mapps bateu palmas, do mesmo modo que poderia fazer para as crianças na sala de aula. Nosso hábito era nos reunir na sala de estar depois da refeição, onde Nina e eu líamos em voz alta nossas últimas passagens. Grace às

vezes ficava tão irritada com nossos relatos sobre a escravidão que nos cortava a palavra com todo tipo de interrupção — *Que abominação! Eles não enxergam que somos pessoas? Pela graça de Deus.* Por fim, Sarah Mapps pegaria os acessórios de chapelaria para a mãe se distrair enfiando a agulha em um dos chapéus que estava fazendo.

“Um carta chegou para você hoje, Nina”, avisou Grace, limpando a massa das mãos e as enfiando no avental.

Poucas pessoas sabiam de nosso paradeiro: mamãe e Thomas em Charleston, e eu tinha enviado o endereço para Encrenca também, embora não tivesse obtido resposta. Entre os quakers, informamos apenas Lucretia, temendo que Sarah Mapps e Grace sofressem por se associar conosco. A caligrafia na carta, porém, não pertencia a nenhum desses.

Olhei por sobre o ombro de Nina enquanto ela rasgava o papel.

“É do sr. Garrison!”, gritou ela. Eu tinha esquecido: Nina tinha lhe escrito havia algumas semanas, descrevendo nossa empreitada literária, e ele respondera com entusiasmo, pedindo que enviássemos nosso trabalho quando pronto. Eu não poderia imaginar o que ele queria agora.

21 de março de 1836

*Cara senhorita Grimké,*

*Envio a você uma carta de Elizur Wright, de Nova York, que, sem saber como encontrá-la, confiou-me a missiva, para repassá-la a você. Acredito que a considerará de extrema importância.*

*Espero que as monografias que você e sua irmã estão escrevendo cheguem a mim em breve, e que você duas alcancem o momento que vos espera.*

*Que Deus lhe dê Coragem,  
William Lloyd Garrison*

Nina levantou os olhos, procurando pelos meus, e estavam cheios de preocupação. Inspirando profundamente, ela leu a outra carta em voz alta.

2 de março de 1836

*Cara srta. Grimké,*

*Escrevo em nome da Sociedade Americana Antiescravidão, que em breve irá comissionar e enviar quarenta agentes abolicionistas para falar em reuniões nos estados livres, tentando atrair convertidos para a nossa causa e angariando apoio. Depois de ler sua eloquente carta no The Liberator e observando o levante e espanto que ela provocou, o Comitê*

*Executivo é unânime na crença de que sua visão sobre os males da escravidão no Sul e sua voz apaixonada serão um recurso inestimável.*

*Escrevemos para convidá-la a se juntar a nós nesse empreendimento de alta moral, e sua irmã, Sarah, também, pois ficamos sabendo de seu sacrifício e visões abolicionistas incondicionais. Acredito que você será mais suscetível à missão se ela lhe acompanhar. Se as duas consentirem em serem nossas únicas agentes do sexo feminino, vocês falarão para mulheres em salões particulares, em Nova York.*

*Esperamos vocês ao dezesesseis de setembro para dois meses de treinamento rigoroso sob a direção de Theodore Weld, o grande orador abolicionista. O circuito de palestras começará em dezembro.*

*Pedimos suas considerações rogativa e sua resposta.*

*Atenciosamente,*

*Elizur Wright*

*Secretário, AAAE*

As quatro se encararam por um momento, com expressões assustadas, e então Nina me abraçou. “Sarah, isso é tudo que sempre quisemos e muito mais.”

Eu apenas fiquei imóvel enquanto ela me agarrava. Sarah Mapps pegou um punhado de farinha da tigela e jogou sobre nós, como arroz em um casamento, e a risada delas cresceu no ar vaporoso.

“Pense: seremos treinadas por Theodore Weld”, disse Nina. Ele era o homem que tinha “feito a abolição” em Ohio. Dizia-se que era exigente, de princípios ferozes e que não cedia.

Pensei ao longo da refeição e da leitura, e quando fomos para a cama, fiquei feliz pela escuridão. Deitei-me quietinha e torci para que Nina pensasse que eu dormia, mas sua voz veio de sua cama, bem próxima. “Não irei a Nova York sem você.”

“... Eu não disse que não iria. Claro que vou.”

“Você está tão quieta, não sei o que pensar.”

“... Estou exultante. Estou, Nina... É que... Eu terei que falar. Falar do modo mais público... entre estranhos... Terei que usar a voz de minha garganta, não a do papel.”

A noite toda passei imaginando como seria, o momento em que as palavras se embolariam em minha língua e todas as mulheres de Nova York se inquietariam em suas cadeiras, olhando para baixo.

“Você já ficou em pé nas Reuniões e falou”, disse Nina. “Não permitiu que sua gagueira a impedisse de tentar ser ministra.”

Encarei o caibro escuro sobre minha cabeça e senti a verdade e a lógica

daquilo, e entendi que o que eu mais temia não era falar. Esse medo estava velho e cansado. O que eu temia era a imensidão disso tudo — uma agente da abolição viajando pelo país com um mandado nacional. Eu queria dizer, *quem sou eu para fazer isso, uma mulher?* Mas a voz não era minha. Era de papai. De Thomas. Pertencia a Israel, Catherine e mamãe. Pertencia à igreja em Charleston e aos quakers na Filadélfia. Não pertenceria, se eu pudesse escolher, a mim.

## Encrenca

Eu estava perto do cais Adgers, fazendo um serviço, quando o barco a vapor deixou o porto e foi uma coisa de outro mundo, hélices trovejando, a chaminé soprando, e as pessoas enfileiradas no deque de cima acenando com seus lenços. Observei até a espuma sumir na água e o barco cair do outro lado da linha azul no horizonte.

A sinhazinha tinha me enviado para comprar duas garrafas de uísque importado, e agora eu corria para não me atrasar. Eu era quem realizava a maior parte de suas tarefas nos últimos tempos. Quando ela mandava seus escravos da plantação buscar algo, eles voltavam com a cesta vazia ou ainda segurando o recado que deviam ter entregado. Eles não conheciam a Battery nem a praça Wraggs, e ela deixava eles sem jantar, se estivessem com sorte, se não, cinco chicotadas do Hector.

Na semana passada, a Céu inventou uma rima e cantou na horta. *Sinhazinha Mary, ruim que nem serpente. Sinhazinha Mary, manda ela pegar no batente.* Eu falei pra ela não cantar, porque o Hector tem orelhas aguçadas, mas Céu não tirava a música da cabeça. Acabou com a focinheira de metal. Ela era usada para quando o escravo roubava comida, mas servia bem também para um escravo que falava mais do que devia. Precisaram de quatro homens para segurar a Céu, colocar as pontas da focinheira dentro de sua boca e apertar o aparelho na parte de trás da sua cabeça. Ela gritou tão alto que eu mordi a parte de dentro da minha bochecha até sangrar, e o gosto de cobre encher minha boca. Céu não comeu nem falou por dois dias. Dormia sentada para o ferro não cortar

seu rosto e, quando acordava gemendo, eu passava um trapo molhado por baixo pra ela chupar a água.

Saindo da loja de uísque, pensava nos rasgos dentro de sua boca, como ela não cantou nada desde então. Foi quando ouvi uns gritos e senti o cheiro de fumaça.

Uma nuvem preta subia da Old Exchange. A primeira coisa que me veio a cabeça foi Dinamarca, como a cidade estava finalmente pegando fogo que nem ele queria. Segurei a saia e enfiei a bengala de coelho no chão, tentando fazer minhas pernas irem mais rápido. As garrafas de uísque batiam na cesta. Meu quadril doía.

Na esquina da Broad, parei. O que pensei que fosse a cidade em chamas era uma fogueira na frente da Exchange. Uma multidão estava em volta da fogueira, e o homem do correio estava de pé nos degraus jogando montes de papéis nas chamas. Cada maço que caía, as cinzas voavam e o povo rugia.

Não sabia por que estavam tão agitados, e a última coisa que alguém quer é se enfiar no meio do problema de outra pessoa, mas eu sabia que a sinhazinha dava chicotadas por atraso tanto quanto por se perder.

Eu estava costurando meu caminho, de cabeça baixa, quando vi um dos papéis que eles queriam queimar jogado na rua, amassado sob meus pés. Abaixei e recolhi.

Estava assinado no rodapé. *Uma Epístola ao Clero dos Estados do Sul, por Sarah M. Grimké.*

Fiquei completamente parada. *Sarah. Sarah M. Grimké.*

“Me dá isso, preta!”, um homem falou. Era velho e careca e cheirava azedo no calor do verão. “Passa pra cá!”

Olhei para os olhos vermelhos e lacrimejantes dele, e enfiei o livreto no bolso. Era o nome da Sarah e suas palavras. Podiam queimar o resto, mas esse não iriam queimar.

Mais tarde, à noite, Céu e Bonzinho viriam para minha cama e falaria, *Encrenca, que cê tava pensando? Devia ter dado pra ele, mas eu fiz o que fiz.*

Não dei bola pro que ele falou. Dei as costas e comecei a andar, fugindo do seu fedor e de sua mão.

Ele conseguiu pegar a alça da minha cesta e puxar. Eu fui para trás, e ele não soltou, se remexendo nos pés e falando: “O que cê acha? Que vou deixar você ir embora com isso?”. Então ele olhou pra baixo, o bêbado idiota, e viu as garrafas de uísque na cesta, o melhor uísque de Charleston, e sua língua cinza saiu pra fora e lambeu os beiços.

Eu falei: “Toma, fica com a bebida e eu levo o livreto”, e tirei o braço da cesta. Saí mancando, eu e a bengala de coelho, desaparecendo na multidão.

Passei pela rua do mercado. O sol pingava laranja no porto, as sombras pretas e verdes caindo dos muros dos jardins. Pra cima e pra baixo na rua, cavalos galopavam pra casa.

Não tive pressa. Sabia o que me esperava.

Perto da casa Grimké, vi o desembarque do barco a vapor e o edifício caiado com uma placa em cima, *Companhia de Navios a Vapor de Charleston*. Um homem segurando um relógio de bolso trancava a porta da frente. Quando ele saiu, fui ao cais e sentei atrás das caixas de madeira, observando os pelicanos mergulharem em linha reta que nem lâminas. Quando tirei o livreto do bolso, floquinhos de carvão se soltaram em minha mão. Eu tive que me esforçar em umas palavras. Se alguma me passava o pé, eu encarava as letras, esperando o significado se mostrar, e se mostrava, como figuras se formando nas nuvens.

*Respeitados Amigos,*

*Dirijo-me a vocês como uma arrependida senhora de escravos do Sul, consciente do conhecimento que o negro não é um bem para ser possuído, mas uma pessoa sob o amparo de Deus...*

A sinhazinha mandou me açoiar sob a luz do luar.

Quando apareci atrasada no portão, sem seu uísque importado nem o dinheiro que ela tinha me dado pra comprar, ela disse a Hector para dar um jeito em mim. Estava escuro, o céu negro estava cheio de estrelas tão brilhantes que pareciam recortadas de folha de flandres, e a lua tão cheia que a sombra do Hector se formava perfeita no chão, como se viesse do sol. Ele trazia o chicote amarrado no cinto.

Eu sempre buscava esperança em mamã, mas ela não estava mais lá.

Ele amarrou minhas mãos ao poste da cozinha. A última vez que tinha sido açoiada foi por aprender a ler — uma chicotada, sopa no mel, eles falaram — e Tomfry tinha me amarrado nesse mesmo poste.

Dessa vez, dez chicotadas. O preço para ler as palavras de Sarah.

Esperei de costas para Hector. Dava pra ver o Bonzinho agachado nas sombras perto da horta de ervas e Céu escondida na copa, o brilho de seus olhos eram como os de um pequeno animal noturno.

Deixei minhas pálpebras fechadas caírem sobre o mundo. Pra quê tudo isso, de qualquer jeito? Pra que servia tudo isso, afinal?

O primeiro golpe veio direto do fogo, um atizador de chamas debaixo da minha pele. Ouvi o algodão de meu vestido rasgar e senti minha pele se abrir. Fiquei sem chão.

Gritei porque não pude evitar, porque meu corpo era pequeno, sem estofa. Gritei para acordar Deus de sua soneca.

As palavras do livro de Sarah vieram renovadas para mim. *Uma pessoa sob o amparo de Deus.*

Em minha mente, vi o barco a vapor. Via as rodas de água girando.

No dia seguinte, estava tirando medida da sinhazinha para um vestido de passeio de tafetá de seda, coisa essencial para todo mundo, e ela fingiu que nada tinha acontecido. Estava sendo amável. *Encrenca, o que você acha desse dourado, muito pálido? ... Ninguém costura como você, Encrenca.*

Quando eu estiquei a fita métrica de sua cintura até o calcanhar, a pele rasgada das minhas costas repuxou e um fio escorreu entre meus ombros. Phoebe e Céu tinham colocado papel-pardo encharcado de melaço para deixar a parte em carne viva limpa, mas isso não melhorava a dor. Cada passo que eu dava doía. Eu deslizava o pé no chão, sem levantar.

Sinhazinha estava de pé no tablado de medir e girou. Lembrei do velho globo no escritório do mestre Grimké, de como ele girava.

Alguém bateu na porta da frente e ouvimos os sapatos de Hector estapearem pelo corredor até a sala de visitas, onde sinhá tomava chá. Ele avisou: “Sinhá, o prefeito está aqui. Pediu que viesse até a porta”.

Mary desceu do tablado e colocou a cabeça para fora para tentar ver. A sinhá já era velha, o cabelo que nem papel branco, mas ela se virava. Ouvi sua bengala batendo com rapidez e sua voz bajuladora flutuou até nosso quarto: “Sr. Hayne! Que honra. Por favor, entre, junte-se a mim para o chá”. Como se ela tivesse pescado um peixe grande.

Sinhazinha começou a calçar os sapatos. Ela e a sinhá sempre comentavam sobre o prefeito. Sr. Robert Hayne andava sobre as águas em Charleston. Ele era o que chamavam de “nulificador”.

“Temo esta não ser uma visita social, sra. Grimké. Estou aqui em caráter oficial a respeito de suas filhas, Sarah e Angelina.”

Sinhazinha paralisou. Foi até o batente, um pé calçado e outro não, e eu fui atrás.

“Sinto lhe informar que Sarah e Angelina não são mais bem-vindas nesta

cidade. Deve informá-las que se retornarem para uma visita, ficarão presas até que outro vapor possa levá-las de volta para o norte. É para o próprio bem delas tanto quanto para o bem da cidade — Charleston está enfurecida com elas e, sem dúvida, sofrerão com a violência se derem as caras por aqui.”

Silêncio. Os velhos ossos da casa rangeram ao nosso redor.

“Você entendeu, senhora?”, disse o prefeito.

“Entendi perfeitamente, agora *você* me entenda: minhas filhas podem ter opiniões profanas, mas não serão tratadas com esse tipo de insulto e indignidade.”

A porta da frente bateu, a bengala bateu, e a sinhá estava parada em frente à porta com o lábio tremendo.

A fita métrica escorregou de meus dedos. Ficou enrolada no chão, a meus pés. Talvez eu nunca mais fosse ver Sarah.

## Sarah

Sentada na plataforma, observei os rostos da plateia ficarem cada vez mais entusiasmados conforme Nina falava, o ar parecia estalar sobre suas cabeças, como se elas estivessem fervendo. Era nossa palestra inaugural, e não estávamos escondidas num salão em algum lugar, diante de vinte senhoras com bastidores de bordados no colo, como a Sociedade Antiescraavidão tinha previsto. Estávamos num hall majestoso em Nova York, com balcões entalhados e cadeiras de veludo vermelho, transbordando em sua capacidade.

A semana toda, os jornais tinham discursado contra a novidade perniciosa de duas irmãs palestrando como Fanny Wright. As ruas tinham sido cobertas com folhetos advertindo às mulheres que ficassem em casa, até mesmo a Sociedade Antiescraavidão tinha ficado inquieta em mudar o local da palestra para um espaço público. Quase cancelaram a coisa toda e nos mandaram de volta para a sala de visitas.

Foi Theodore Weld que bateu o pé e castigou a Sociedade pela covardia. Chamavam-no de Leão da Tribo da Abolição, e com motivo: podia ser bem enérgico quando precisava. “Eu defendo o direito das senhoras de falarem contra a escravidão, em qualquer lugar. É supremamente ridículo que as forcem a se afastar desse grande momento!”

Ele nos salvara.

Nina ia e vinha pelo palco, levantando as mãos e elevando a voz até os balcões superiores. “Estamos diante de vocês como duas mulheres sulistas, para contar a terrível verdade sobre a escravidão...” Ela estava com um vestido azul-

marinho estiloso, que destacava seu cabelo, e não pude deixar de imaginar o que o sr. Weld pensaria se pudesse vê-la.

Embora ele tivesse comandado o treinamento para nós duas e mais trinta e oito agentes, ensinando-nos oratória, nunca pareceu certo sobre como nos aconselhar. Deveríamos ficar imóveis e falar com suavidade, como as pessoas esperavam de uma mulher, ou gesticular e nos projetar como um homem? “Vocês decidem”, ele nos dissera.

Ele tinha se interessado fraternalmente, como dizia, por nós, nos visitando com frequência onde estávamos alojadas. Na verdade, era por Nina que tinha se interessado, claro, e duvido que fraternalmente. Ela não admitia, mas se sentia atraída pelo homem também. Antes de chegar a Nova York, eu imaginara sr. Weld como um velho rígido, mas, na realidade, ele era jovem, e tão gentil quanto rígido. Trinta e três anos e solteiro, era lindo com seu cabelo grosso, castanho e cacheado e olhos azuis cortantes, e daltônico a ponto de usar todos os tipos de cores engraçadas e sem nenhuma combinação possível. Nós o achávamos gracioso. Certamente, no entanto, não foram nenhuma dessas qualidades que atraíram Nina. Suspeito que fora o discurso de salvação. Aquelas duas palavras, *vocês decidem*.

“As escravas são nossas irmãs”, Nina exclamou e esticou os braços como se estivessemos rodeadas de uma grande quantidade delas. “Não podemos abandoná-las.” Era a última frase de seu discurso, e foi seguida por uma trovoadade de palmas, as mulheres ficando de pé.

Conforme as palmas continuaram, o calor subiu pelo meu pescoço. Era minha vez. Ao ouvir-me treinando o discurso, os homens da Sociedade decidiram que Nina iria primeiro, temendo que na ordem contrária, poucas permaneceriam para ouvi-la. Ficando de pé, imaginei se as palavras planejadas já se recolhiam para suas trincheiras.

Quando pisei no púlpito, minhas pernas estavam moles como esponja. Por um momento, segurei os lados do atril, dominada pela percepção de que eu, de todas aquelas pessoas, estava ali de pé. Olhava o mar de rostos ansiosos, e me ocorreu que depois de minha alta e estonteante irmã, eu devia ser uma pequena visão. Talvez até um choque. Eu era baixa, na meia-idade, sem graça, com um par de óculos na ponta do nariz, e ainda com minhas roupas quakers. Eu me sentia confortável nelas. *Sou quem sou*. Esse pensamento me fez sorrir, e, para todo lugar que eu olhava, as mulheres sorriam também, e imaginei que elas tinham ouvido meus pensamentos.

Abri a boca e as palavras desabaram. Falei por vários minutos antes de

olhar para Nina como se para dizer, *não estou gaguejando!* Ela assentiu, olhos bem abertos e transbordando.

Quando criança, minha gagueira ia e vinha misteriosamente, desse jeito, mas estava comigo havia tanto tempo que pensara ser permanente. Eu falei e falei. Falei calmamente sobre as maldades da escravidão que tinha testemunhado. Contei sobre Encrenca e sua mãe e sua irmã. Não lhes poupei nada.

Por fim, espiei por cima dos olhos e as apreciei por um momento. “Não ficaremos mais em silêncio. Nós, mulheres, vamos nos declarar a favor dos escravos, e não nos silenciaremos até que eles sejam livres.”

Virei e andei de volta para a minha cadeira enquanto as mulheres se levantavam e enchiam o auditório com suas palmas.

Falamos para grandes grupos na cidade de Nova York por semanas antes de começarmos uma campanha em Nova Jersey, e depois viajar para cidades ao longo de Hudson. As mulheres vinham em multidões, proliferando-se como os pães e os peixes da Bíblia. Na igreja em Poughkeepsie, a multidão era tão grande que o balcão rachou e o local teve de ser evacuado, forçando-nos a discursar ao ar livre, no gelo e na escuridão de fevereiro, e nem uma única mulher foi embora. Em todas as cidades que visitávamos, encorajamos as mulheres a formar suas próprias sociedades antiescravidão, e as colocamos para coletar assinaturas em petições. Minha gagueira ia e vinha, mas gentilmente se manteve à distância da maior parte de meus discursos.

Ficamos modestamente famosas e extravagantemente infames. Ao longo do inverno e da primavera, notícias sobre nossas façanhas eram publicadas em quase todos os jornais do país, e dez mil cópias de nossos panfletos foram impressas. Até mesmo nosso ex-presidente, John Quincy Adams, concordou em nos receber, prometendo entregar as petições que as mulheres vinham recolhendo para o Congresso. Em algumas cidades do sul, éramos retratadas em espantalhos, junto com o sr. Garrison, e nossa mãe nos escreveu dizendo que não podíamos mais colocar os pés em Charleston sem correr o risco de prisão.

O sr. Weld era nossa tábua de salvação. Ele escrevia cartas de incentivo para nós, elogiando nossos esforços. Dizia que éramos corajosas, leais e tenazes. De vez em quando, adicionava um P.S. especial para Nina. *Angelina, todos dizem que você hipnotiza a plateia. Como diretor de seu treinamento, queria poder tomar crédito, mas é tudo seu.*

Em uma tarde amena de abril, ele apareceu sem aviso na casa de campo Gerrit Smith, em Peterboro, Nova York, onde Nina e eu passávamos alguns dias durante nossa última rodada de palestras. Viera, de acordo com ele, discutir finanças da Sociedade com o sr. Smith, o maior benfeitor da organização, mas era impossível não reparar na coincidência. A cada manhã, ele e Nina davam um longo passeio pela alameda que levava às orquídeas. Ele me convidara também, mas eu olhei para o rosto de Nina e recusei imediatamente. Ele nos acompanhava nas palestras vespertinas, esperando do lado de fora dos auditórios, e, à noite, os três sentávamos com o sr. e a sra. Smith na sala de estar, debatíamos estratégias para nossa causa e recontávamos algumas aventuras. Quando a sra. Smith sugeriu que era hora de as mulheres dizerem boa-noite, Theodore e Nina olhavam um para o outro, relutantes em se separar, e ele dizia: “Bem. Você tem que descansar”, e Nina deixaria a sala com uma lentidão dolorosa.

O dia em que ele partiu, observei pela janela os dois voltarem do passeio. Começara a chover, um daqueles temporais súbitos no qual o sol volta logo em seguida a brilhar, e ele segurava seu paletó sobre suas cabeças, criando uma pequena tenda sobre eles. Andaram sem pressa nenhuma. Vi que davam risada.

Ao chegarem à varanda, sacudindo o molhado, ele se inclinou e beijou a bochecha de minha irmã.

Em junho, chegamos a Amesbury, Massachusetts, para uma folga de duas semanas no chalé de madeira da sra. Whittier. Em breve começaríamos uma cruzada de palestras pela Nova Inglaterra que duraria até o outono, mas estávamos avassaladas pelo cansaço, com necessidade de roupas novas e adequadas para a estação, e eu com uma tosse da qual não conseguia me livrar. A sra. Whittier tinha bochechas vermelhas e cheias, e nos alimentou com sopas fortes e doses de óleo de fígado de bacalhau, recusava visitas e nos forçava a ir para a cama antes da lua aparecer.

Dias se passaram antes de descobrirmos que ela era mãe de John Greenleaf Whittier, amigo íntimo de Theodore. Estávamos sentadas na sala, tomando chá, quando ela começou a falar do filho e sua longa amizade com Theodore, e entendemos por que ela tinha nos recebido.

“Você deve conhecer Theodore muito bem então”, disse Nina.

“O Teddy? Oh, ele é como um filho para mim, e um irmão para John.” Balançou a cabeça. “Suponho que ficaram sabendo do péssimo pacto que fizeram.”

“Pacto?”, disse Nina. “Oras, não, nada sabemos a respeito.”

“Bem, eu não aprovo. Considero muito radical. Uma mulher de minha idade quer netos, afinal. Mas eles são homens de princípios, aqueles dois, não há argumentos contra eles.”

Nina foi para a beirada da cadeira, e eu vi a cor fugindo de seu rosto. “Qual é o pacto?”

“Juraram que não iriam se casar até a abolição da escravatura. Honestamente, isso não vai acontecer durante suas vidas!”

Aquela noite, fui acordada por um batida em minha porta muito depois de a lua ter aparecido. Nina estava ali, com a cara parecendo um quebra-mar, triste e resignada. “Eu não posso aguentar”, ela disse e caiu sobre meu ombro.

Naquele verão de 1837, os habitantes da Nova Inglaterra vieram aos milhares nos ouvir falar, e, pela primeira vez, homens começaram a comparecer. Primeiro, um punhado, depois, cinquenta, e então centenas. Que falássemos em público para mulheres já era ruim o suficiente — mas falarmos em público para homens, virou o mundo puritano de ponta-cabeça.

“Eles vão acender as piras”, disse à Nina quando os primeiros homens apareceram, tentando não arrumar confusão. Rimos, mas o que aconteceu depois não foi nada engraçado.

*Não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio.* Havia verso na Bíblia mais cheio de fel? Naquele verão, foi pregado em todos os púlpitos da Nova Inglaterra, com as irmãs Grimké em mente. As igrejas congregacionais emitiram uma resolução de censura contra nós, incentivando o boicote a nossas palestras, e, em seguida, um bom número de igrejas e salões públicos foram fechados para nossa causa. Em Pepperell, fomos forçadas a passar nossa mensagem em um celeiro com cavalos e vacas. “Como podem ver, não há lugar na estalagem”, disse Nina. “Mas, mesmo assim, os sábios compareceram.”

Tentamos ser corajosas, lais e tenazes, como Theodore nos descrevera em sua carta, e começamos a usar partes de nossas palestras para defender nosso direito de falar. “O que pedimos para nós, pedimos para todas as mulheres!” Esse foi nosso grito de guerra em Lowell e Worcester e Duxbury, na verdade, em todos os lugares aonde fomos. Você tinha de ter visto as mulheres, como elas corriam para o nosso lado, e algumas, como as corajosas senhoras de Andover, escreviam cartas abertas em nossa defesa. Nossa velha amiga,

Lucretia, enviou-nos uma mensagem da Filadélfia. Continha quatro palavras: *Continuem firmes, minhas irmãs.*

Sem intenção, provocamos um alvoroço no país. A questão das mulheres terem certos direitos era nova e estranha e ridicularizada, mas, de repente, estava sendo debatida por todo o estado de Ohio. Eles chamavam minha irmã de Diabolina. Batizaram-nos de “incendiárias femininas”. De algum modo, tínhamos acendido o estopim.

Na última semana de agosto, retornamos para o chalé da sra. Whittier como se voltássemos da guerra. Eu me sentia cansada e exaurida, sem ter certeza se continuaria as palestras de outono. A última colher de chá de luta tinha sido raspada de mim. Nossa última sessão do verão tinha terminado com dúzias de homens raivosos sobre carroças do lado de fora do salão, gritando “Diabolina!” e jogando pedras quando saímos. Uma atingiu minha boca, transformando meu lábio inferior em uma linguíça vermelha e gorda. Eu estava acabada. Não sabia o que a sra. Whittier diria de tudo isso, se nos acolheria — éramos párias agora —, mas quando chegamos, ela nos abraçou e beijou nossas testas.

No terceiro dia de refúgio, eu voltei de uma caminhada ao longo das margens do Merrimack e encontrei Nina escorada na janela, como se tivesse pegado no sono ali, a testa apoiada no vidro, os olhos fechados, os braços caídos de lado. Ela parecia um pião parado.

Ouvindo meus passos, ela se virou e apontou para a mesa de chá onde o *Boston Morning Post* estava aberto. A sra. Whittier tomava o cuidado de esconder os editoriais, mas Nina tinha encontrado esse na caixa de pão.

25 de agosto

As senhoritas Grimké fazem discursos, escrevem panfletos e exibem-se em público de maneiras não femininas há um tempo, mas não encontraram maridos. Por que todas as solteironas são abolicionistas? Por não serem capazes de arrumar marido, pensam que podem ter chance com um negro, se ao menos conseguirem colocar a miscigenação em moda...

Não consegui terminar.

“Se isso não fosse o suficiente, Theodore chegará esta tarde com Elizur Wright e o filho da sra. Whittier, John. A carta deles chegou quando você estava fora. A sra. Whittier está lá fazendo torta de carne.”

Ela não tinha falado sobre Theodore o verão todo, mas estava cansada de desejá-lo, ficou claro.

Eles chegaram às três da tarde. Meu lábio estava quase de seu tamanho normal, e eu já conseguia falar sem soar como se minha boca estivesse cheia de comida, mas estava dolorida e fiquei em silêncio, esperando que explicassem seu propósito, recordando como Theodore nos defendera anteriormente: *É supremamente ridículo que sejam forçadas a se afastarem desse grande momento!*

Naquele dia ele usava dois tons de verde que doíam os olhos. Ele andou até a lareira e pegou do tampo um osso de baleia entalhado e o examinou. Seus olhos pousaram em Nina. Ele disse: “Não houve contribuição mais impressionante e incansável para o movimento que a das irmãs Grimké”.

“Amém”, disse a pobre sra. Whittier, mas eu vi seu filho baixar os olhos e entendi por que vieram.

“Nós as louvamos por isso”, Theodore prosseguiu. “E, no entanto, ao incentivar homens a se juntar à nossa audiência, vocês nos colocaram em uma controvérsia que tirou a atenção da abolição. Viemos, na esperança de convencê-las...”

Nina o interrompeu: “Na esperança de nos convencer a agir como cachorrinhos de colo e aguardarmos satisfeitas debaixo da mesa por qualquer migalha que nos jogarem? É isso que espera?” Sua resposta foi tão rápida e rasteira que imaginei se tinha sido, acima de tudo, uma reação ao pacto de casamento.

“Angelina, por favor, apenas nos ouça”, ele continuou. “Estamos do seu lado, de coração. Eu, de todas as pessoas, apoio seu direito de falar. É simplesmente sem sentido manter os homens afastados.”

“... Então qual é o porquê da picuinha?”, perguntei.

“Porque as enviamos em nome da abolição, não das mulheres.”

Ele olhou para John, cujas sobrancelhas grossas e rosto magro me fez achar que podiam ser irmãos de verdade, não apenas figurativamente.

“Ele quer dizer que salvar o escravo é mais urgente”, acrescentou John. “Eu apoio a causa das mulheres também, claro, mas certamente não podemos perder o escravo de vista por conta de uma cruzada egoísta contra uma reles queixa?”

“Reles?”, Nina gritou. “Nosso direito de falar é reles?”

“Em comparação à causa da abolição? Sim, eu diria que sim.”

Sra. Whittier levantou da cadeira. “Realmente, John? Como mulher, eu não pensava ter uma queixa até você começar a falar!”

“Por que deve ser isso ou aquilo?”, perguntou Nina. “Sarah e eu não paramos de trabalhar pela abolição. Falamos pelos escravos e pelas mulheres. Não vê que poderíamos fazer cem vezes mais pelos escravos se não fôssemos tão restringidas?” Ela se virou para Theodore, dando-lhe seu olhar suplicante mais belo. “Não pode ficar lado a lado comigo? Conosco?”

Ele respirou longamente e seu rosto lhe denunciou — estava contorcido pelo amor e pela ansiedade —, mas viera numa missão, e como a sra. Whittier tinha dito, ele era um homem de princípios, estando certo ou errado. “Angelina, considero você uma amiga, das mais caras, e me tortura ir contra você, mas agora é o momento de se levantar pelo escravo. Chegará o tempo de tratarmos da questão da mulher, mas não por enquanto.”

“É hora de tratar o direito de alguém quando este lhe é negado!”

“Sinto muito”, ele falou.

Lá fora, o vento girava, balançando as folhas da bétula. Seu som e seu cheiro entraram pela janela aberta, e me apareceu rapidamente a lembrança de brincar embaixo do carvalho no pátio, em casa, formando palavras com as bolinhas de gude, *Sarah Ir*, e então a escrava é arrastada da cocheira e açoitada. Eu não grito, nem emito um ruído. Eu não digo nada.

O sr. Wright, mais velho, tinha começado o seu turno, chegando ao ponto crucial. “Entristece-me dizer isso, mas sua agitação pelas mulheres prejudicou nossa causa. Ameaça dividir o movimento para a abolição. Não creio que seja o que querem. Pedimos apenas que restrinjam seu público a mulheres e evitem falar sobre a reforma feminina.”

*Calar as irmãs Grimké... isso nunca acabaria?* Olhei para o sr. Wright, sentado ali, esfregando os dedos artríticos, e então John e Theodore — esses bons homens que queriam nos esmagar, gentilmente, claro, cheios de bondade, para o bem da abolição, para o nosso próprio bem, para o bem deles, para o bem maior. Tudo isso era tão familiar. Vindo deles, era apenas um tipo de mordação diferente.

Eu só falara uma vez desde que chegaram, e me parece agora que passei minha vida toda tentando obter de volta a voz que me abandonou naquele dia distante debaixo da árvore. Nina, claramente furiosa, tinha parado de discutir. Olhou para mim, rogando para que eu dissesse algo. Levantei os dedos até a boca e toquei o resto do inchaço, sentindo a maré de indignação que me sustentara ao longo de todo o verão, e, suponho, por toda a minha vida, mas, dessa vez, ela formou palavras duras e redondas. “Como vocês podem pedir que voltemos aos

nossos salões?”, perguntei, ficando de pé. “Dar as costas para nós mesmas e ao nosso próprio sexo? Não queremos que o movimento se divida, claro que não. Entristeço-me ao pensar a respeito. Mas pouco podemos fazer pelo escravo enquanto estivermos sob os pés dos homens. Façam o que precisam fazer, censurem-nos, retirem seu apoio, continuaremos firmes de qualquer maneira. Agora, senhores, gentilmente tirem seus pés de nossos pescoços!”

Naquela noite, comecei a escrever meu segundo panfleto, *Cartas sobre a Igualdade dos Sexos*, trabalhando até o amanhecer. A primeira linha que tinha se construído em minha mente enquanto ouvia os homens tentarem nos dissuadir: *O que quer que seja moralmente correto para um homem fazer é moralmente correto para uma mulher fazer. Ela está dotada por seu Criador dos mesmos direitos e dos mesmos deveres.*

## Encrenca

Era primavera, tempo em que a limpeza pesada e a ventilação da casa estavam em andamento, e todas as noites Céu e eu voltávamos para o quarto no porão depois de passar o dia com a escova de cerdas, e despencávamos na cama, e a primeira coisa que eu via era o tear, o verdadeiro teto sobre minha cabeça. Eu pensava em tudo escondido ali — a colcha de histórias de mamã, o dinheiro, o livrinho de Sarah, a carta me contando sobre a promessa de me libertar — e dormia feliz que estava tudo seguro ali.

Então, numa manhã de domingo, baixei o tear. Céu me olhou sem dizer uma palavra, enquanto eu passava a mão pela colcha vermelha com triângulos pretos, sentindo o dinheiro costurado lá dentro. Tirei a musselina de cima do livreto de Sarah e o observei, depois embrulhei de novo. Em seguida, abri a colcha de histórias em cima do tear e a gente ficou ali, olhando a história de mamã. Passei a mão sobre o segundo quadrado — a mulher no campo e os escravos voando. Toda aquela esperança ao vento.

Não ouvimos a sinhazinha do outro lado da porta. Fazia muito tempo que o cadeado de mamã não existia mais, e ela entrou sem bater. Pavoneou-se para dentro. “Vou para a St. Philip’s e preciso da minha capa bordô. Você já a deveria ter remendado.” Seus olhos passaram de mim para o tear. “O que é isso?”

Dei um passo para bloquear sua vista. “É verdade, esqueci a capa.” Eu tentava afastar a mariposa da luz, mas ela passou reto e viu os rosas, laranjas, vermelhos, roxos e pretos na colcha. Mamã e suas cores.

“Vou consertar a capa agora mesmo”, eu disse e peguei a corda da

roldana para levantar o tear antes que ela entendesse para o que estava olhando.

Ela levantou a mão. “Espere. Você está com muita pressa para esconder isso de mim.”

Enganchei a corda novamente, o peito tremendo. Céu começou a cantarolar uma melodia nervosa. Fui colocar o dedo sobre meus lábios, mas desde que ela tinha usado a focinheira, não tinha coragem de mandar ela se calar. Olhamos uma para a outra enquanto a sinhazinha estreitava os olhos para cada quadrado, como se estivesse lendo um livro. Tudo feito com a mamã — ali estava. A punição pernetá, os açoites, a marcação nas costas, a martelada. O corpo de mamã despedaçado no tear.

A musselina contendo o livreto de Sarah estava à vista, e, do lado, a colcha com o dinheiro. Dava pra ver o formato dos maços na batadura. Queria esconder tudo, mas não me mexi.

Quando ela se virou para mim, o clarão da manhã sobre seu rosto e o preto dos olhos virou para nós, ela falou: “Quem fez isso?”

“Mamã fez. Charlotte.”

“Bem, é medonho!”

Eu nunca quis berrar tanto quanto naquele momento. Falei: “Essas coisas medonhas aconteceram com ela”.

Um cor-de-rosa escuro se espalhou por suas bochechas. “Pelo amor de Deus, é de se pensar que a vida toda dela foi apenas violência e crueldade. Quero dizer, não mostra o que ela fez para justificar as punições.”

Ela olhou para a colcha outra vez, os olhos fuzilando os apliques. “Nós tratamos Charlotte bem aqui, ninguém pode negar. Não posso falar pelo que aconteceu quando ela fugiu, não estava sob nosso cuidado.” Sinhazinha esfregava as mãos como se as lavasse na bacia.

A colcha envergonhava a sinhazinha. Andou até a porta e olhou mais uma vez, e eu soube que ela não deixaria aquilo existir no mundo. Mandaria Hector pegar no minuto que saíssemos do quarto. Queimaria a história de mamã até virar cinzas.

Parada ali, esperando os passos da sinhazinha se afastarem, olhei para a colcha, os escravos voando no céu, e odiei ser escrava, mais do que a morte. O ódio que eu sentia era tão belo que eu me afundei no chão diante dele.

O cabelo da Céu era uma cesta enorme sem seu lenço e quando ela se abaixou para me ver, as pontas cutucaram meu rosto e cheiravam a escova de cerdas. Ela perguntou: “Cê tá bem?”

Olhei para ela. “Vamos embora daqui.”

Ela me ouviu, mas não teve certeza. “Como é?”

“Vamos embora daqui ou morrer tentando.”

Céu me puxou para cima como se recolhesse uma flor, e eu vi o rosto de Dinamarca no dela, o dia em que ele foi levado pra morte sentado em um caixão. Eu sempre quis a liberdade, mas nunca tive pra onde ir nem como sair. Não importava mais. Queria liberdade mais do que respirar. A gente iria, em cima dos nossos caixões se precisasse. Foi assim que mamã viveu sua vida. Ela dizia, “Cê tem que saber que lado da agulha vai sê, o que tá amarrado na linha ou o que fura o pano”.

Tirei a colcha do tear e dobrei, pensando nas penas dentro, e dentro delas, a lembrança do céu.

“Aqui”, falei, colocando a colcha nos braços de Céu. “Preciso consertar a capa daquela mulher. Coloca a colcha no saco de juta e leva pro Bonzinho e fala pra ele esconder com as capas dos cavalos e não deixar ninguém chegar perto.”

Consertar a capa não foi a única coisa que eu fiz. Peguei o selo da sinhazinha de cima da mesa dela enquanto ela estava ali de pé e joguei dentro do meu bolso.

Esperei até a noite para escrever minha carta.

*23 de abril de 1838*

*Querida Sarah*

*Espero que você receba essa carta. Eu e a Céu vamos embora daqui ou morrer tentando. É assim que falamos. Não sei como, mas temos o dinheiro da mamã. A gente só precisa de um lugar pra ir. Eu tenho o endereço dessa carta. Espero ver você outra vez.*

*Sua amiga*

*Encrenca*

## Sarah

O casamento ocorreu em uma casa na rua Spruce, na Filadélfia, no dia catorze de maio, às duas da tarde — um dia cheio de luz do sol e nuvens azul-claras. Aquele tipo de dia que parecia muito real e nem um pouco real ao mesmo tempo. Lembro-me de estar na sala de jantar, observando o dia surgir à minha frente, à distância, como se eu acordasse do sono profundo, saindo dos lençóis frescos para um novo dia, uma vida terminando e outra começando.

Mamãe tinha enviado uma nota de congratulações, pela qual nós não esperávamos, implorando que enviássemos uma carta descrevendo a cerimônia em detalhes. *O que Nina usará? Oh, como eu gostaria de vê-la.* Naturalmente, expressou quão aliviada estava por Nina ter um marido agora e como esperava que nos aposentássemos da vida anormal que vivíamos, mas, apesar disso, sua carta era o lamúrio de amor de uma mãe idosa. Ela nos chamou de queridas filhas e lamentou a distância entre nós. *Verei vocês outra vez?* A questão me assombrou por vários dias.

Observei Nina e Theodore de pé, diante da janela, prestes a fazer seus votos, ou, como Nina tinha expressado, quaisquer palavras que seus corações lhes dessem no momento, e pensei que era melhor mamãe não estar presente. Ela iria querer que Nina usasse renda cor de marfim, talvez chifon branco, carregasse rosas ou lírios, mas Nina dispensou tudo isso, tachando de falta de originalidade, e embarcou num casamento projetado para chocar as massas.

Ela usava um vestido marrom de algodão produzido por mãos livres, com uma faixa branca ampla e luvas brancas, combinando com o paletó marrom de

Theodore, e seu colete branco e calças bege. Ela segurava um punhado de rododendro recém-colhidos do jardim, e notei que colocara uma flor na casa do botão da lapela do paletó de Theodore. Mamãe não aguentaria nem o vestido marrom, quanto mais a oração, pronunciada por um ministro negro.

Quando o jornal da Filadélfia anunciou o casamento, fazendo alusão aos convidados de raças mistas que compareceriam, tememos a aparição de manifestantes — xingamentos, gritos e pedras voando —, mas, felizmente, ninguém apareceu, apenas os convidados. Sarah Mapps e Grace estavam lá, ao lado de vários escravos libertos que conhecíamos, e marcamos o casamento para coincidir com a Convenção Antiescavidão na cidade, para que os mais proeminentes abolicionistas no país comparecessem: sr. Garrison, sr. e sra. Gerrit Smith, Henry Stanton, os Mott, os Tappan, os Weston, os Chapman.

Ficaria conhecido como o casamento da abolição.

Nina falava agora, o rosto virado para Theodore, e pensei, subitamente, involuntariamente, em Israel, e uma dorzinha me atingiu. Sempre que isso acontecia, era como entrar em um cômodo vazio que eu não sabia que existia, e, ao pisar nele, era pressionado por ele, pelo fantasma daquele que um dia o habitou. Quase nunca mais ia parar nesse local, mas quando o fazia, arrancava pequenos pedaços de meu peito.

Olhando para Nina, a radiante Nina, me imaginei em seu lugar, com Israel ao meu lado, ambos dizendo seus votos, e a ideia de tal coisa me curou. Era a verdade para a qual sempre voltava, que eu não queria mais Israel, não queria mais me casar, no entanto, o fantasma do que poderia ter sido, a terrível fascinação ainda me perturbava.

Fechando os olhos, balancei a cabeça para espantar os resquícios desse desejo, e quando olhei outra vez para o noivo e a noiva, libélulas voavam do outro lado da janela, uma tempestade verde, que logo passou.

Nina prometeu em voz alta amá-lo e honrá-lo, cuidadosamente omitindo a palavra obedecer, e Theodore se entregou a um monólogo desajeitado, rejeitando as leis que davam controle sobre a propriedade da mulher para o marido e renunciando toda posse de Nina, e então ele tossiu, consciente de si, como se retornando a si, e professou seu amor.

Háviamos deixado aquele confronto no chalé da sra. Whittier para trás, não que Theodore tenha voltado atrás totalmente, mas havia suavizado sua retórica depois daquele dia, como qualquer homem apaixonado faria. O movimento abolicionista tinha se dividido em dois campos, como eles haviam previsto, e Nina e eu nos tornamos ainda mais párias, mas havíamos colocado a

causa da mulher em ação.

Estive presente quando Nina abriu a carta contendo o pedido de Theodore. Tinha chegado no fim do inverno anterior, durante uma longa estadia com Sarah Mapps e Grace na Filadélfia, enquanto nos preparávamos para uma série de palestras no Boston Odeon. Lendo-a, largava as páginas sobre o colo e começava a chorar. Quando a leu para mim, chorei também, mas minhas lágrimas eram uma mistura de alegria, tristeza e medo. Desejava esse casamento para ela, queria sua felicidade tanto quanto a minha, mas para onde eu iria? Por dias, não fui capaz de me concentrar na palestra que eu tentava escrever, ou esconder o sentimento desolado que trazia dentro de mim. Não suportava pensar numa vida sem ela, sozinha, mas também não queria ser o peso de um parente morando no quatinho dos fundos, atrapalhando, e não conseguia imaginar que Theodore pudesse desejar minha presença lá.

Então, um dia, Nina veio até mim, se jogando na banquetta ao lado de minha cadeira, na sala de visitas de Sarah Mapps. Sem preâmbulo, abriu a Bíblia e leu em voz alta uma passagem na qual Rute fala com Noemi:

*Rute, porém, respondeu: “Não insistas comigo que te deixe e que não mais te acompanhe. Aonde fores irei, onde ficares ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus! Onde morreres morrerei, e ali serei sepultada. Que o Senhor me castigue com todo o rigor se outra coisa que não a morte me separar de ti!”.*

Então, fechando a Bíblia, Nina falou: “Não podemos ser separadas, isso é impossível. Você deve vir e morar comigo depois de meu casamento. Theodore pediu que lhe falasse que meu desejo é seu desejo”.

Theodore tinha comprado um sítio em Fort Lee, Nova Jersey. Seríamos uma trindade estranha ali, nós três, mas eu ainda teria Nina. Poderíamos continuar escrevendo e trabalhando pela abolição e pelas mulheres, e ajudaria na casa, e quando viessem as crianças, seria a titia. *Uma vida terminando e outra começando.*

Na sala de jantar, o ministro fazia uma oração, e, por algum motivo, não fechei os olhos como sempre, mas observei Nina buscar a mão de Theodore. Tínhamos um plano de que eu daria duas semanas de privacidade ao casal e depois me juntaria a eles em Fort Lee, mas pensava agora em mamãe e na pergunta da carta, *verei vocês outra vez?* Parecia mais do que um questionamento tristonho no coração de uma velha mulher, e pensei se não deveria aproveitar a interrupção em nosso trabalho e ir vê-la.

“Quem diria, somos marido e esposa”, disse Nina quando a oração

terminou, pronunciando-os ela mesma.

A mesa posta no jardim com toalha de linho branco, coberta com bandejas de doces e flores recém-colhidas — dedaleiras, azaleias cor-de-rosa e pétalas macias de erigerontes. O confeitiro tinha coberto o bolo com espuma de clara de ovo e escurecido as camadas com melaço para combinar com o tema marrom e branco de Nina, e havia uma bacia enorme com suco de framboesa e groselha frente à qual os abstêmios abolicionistas se enfileiraram, fingindo que o suco não estava fermentado. Eu tinha consumido um copo muito rapidamente e minha cabeça flutuava.

Andei entre os convidados, quarenta ou cinquenta deles, procurando Lucretia, Sarah Mapps e Grace, pensando, um pouquinho zozna, *aqui estão nossos amigos, nosso povo, e graças a Deus ninguém está falando hoje sobre as crueldades do mundo*. Cheguei ao filho da sra. Whittier, John, que não via desde nosso confronto no último mês de agosto. Ele divertia a todos com um poema que escrevera e que levava Theodore a quebrar o voto de não se casar. Ele se comparava a Benedict Arnold. Quando me viu, cumprimentou-me como uma irmã.

Lucretia me encontrou antes que eu a encontrasse. Anos haviam se passado. Sorridente, ela me puxou para um canto do jardim ao lado do rododendro em flor, onde poderíamos ficar a sós. “Minha querida Sarah, eu mal posso acreditar em tudo que você conquistou!”

Enrubesci.

“É verdade”, ela continuou. “Você e Angelina são as mulheres mais famosas da América.”

“... Mal-afamadas, você quer dizer.”

Ela sorriu. “Isso também.”

Imaginei Lucretia e eu em seu pequeno estúdio, conversando e conversando todas aquelas noites. Aquela jovem inquieta que eu tinha sido, tão iludida, tão preocupada em nunca encontrar meu propósito. Eu queria poder voltar e contar a ela que tudo ficaria bem.

Olhando mais adiante, avistei Sarah Mapps e Grace do outro lado do jardim, marchando em nossa direção. Nina e eu viajamos durante quase todo o último ano, e exceto por nossa última visita no inverno anterior, pouco as tínhamos visto. Abracei-as, junto com Lucretia, que as conhecia dos tempos da rua Arch.

Quando Sarah Mapps pegou uma carta de sua bolsa de cordão e me entregou, reconheci a letra de Encrenca imediatamente, embora trouxesse o selo de minha irmã Mary. Sem poder esperar, rasguei e li a curta mensagem dela com um sentimento pesado. Havia relatos de escravos fugidos encontrando seu caminho pelo rio Ohio vindos de Kentucky, ou para a Filadélfia ou para Nova York, de Maryland, mas nunca tão do sul. *Vamos embora ou morrer tentando.*

“O que foi?”, Lucretia perguntou. “Você parece abalada.”

Li a carta para elas e depois a dobrei, minhas mãos tremiam visivelmente. “... Elas vão ser pegas. Ou mortas.”

Sarah Mapps franziu o cenho. “Elas sabem o que estão tentando. Não são crianças.”

Ela nunca tinha ido a Charleston. Não tinha ideia das leis e dos decretos que controlavam cada movimento da vida de um escravo, e a Guarda Municipal, o toque de recolher, os passes, as buscas, a guarda noturna, os comitês de vigilantes, os capitães do mato, a Casa de Trabalho, a impossibilidade, a pura brutalidade.

“Elas estão vindo até nós”, disse Grace, como se acabasse de compreender.

“E vamos recebê-las”, acrescentou Sarah Mapps. “Elas podem morar no seu antigo quarto, no sótão. Podem ajudar na escola.”

“Elas nunca vão chegar tão longe”, falei.

Ocorreu-me que Encrenca e Céu poderiam já ter partido, e abri a carta outra vez para olhar a data. *23 de abril.*

“Foi escrita há apenas três semanas”, disse para mim mesma. “... Duvido que já tenham partido. Pode ainda haver tempo para que eu faça algo.”

“Mas o que você poderia fazer?”, perguntou Lucretia.

“Não sei se posso fazer alguma coisa, mas não posso ficar de braços cruzados... Vou voltar para Charleston. Posso ao menos tentar convencer mamãe a vendê-las para mim para que eu as liberte.”

Eu já tinha perguntado antes, mas dessa vez iria implorar em pessoa.

Ela tinha me chamado de sua querida filha.

## Encrenca

Lá em cima, na alcova, eu espiei o porto pela janela, lembrando quando eu tinha dez anos e vi a água pela primeira vez, como ela viajava para longe, incansável, inventando aquela musiquinha, dançando, e agora eu estava chegando aos quarenta e cinco e meus pés não dançavam mais. Eles só queriam ir para longe dali. A sinhazinha não me deixava sair desde o açoite, mas a cada chance que eu tinha eu subia ali. Às vezes, como hoje, eu trazia minhas coisas de costura e passava a manhã na janela com a agulha. A sinhazinha não se importava, contanto que eu trabalhasse, segurasse a língua e balançasse a cabeça, falando *sissinhora, sissinhora, sissinhora*.

Naquele dia, estava quente, e o sol estava forte. Abri a janela e o vento bateu duro, trazendo o cheiro de alagadiço. De onde estava, eu via o navio a vapor chegando em East Bay. Eu aprendia bastante vendo o mundo indo e vindo da doca. Chegava um vapor quase todos os dias da semana. Eu observava o varredor ir na frente, abrindo caminho, então eu ouvia as rodas de água do navio rugir e os rebocadores bufarem e os escravos da doca berrarem, se apressando para agarrar as cordas e colocar a prancha.

Quando chegava a hora de partir, eu observava as carruagens estacionarem no prédio caído com a placa da Companhia de Navios a Vapor, e as pessoas entravam e esperavam um pouco. No cais, os escravos colocavam baús e pertences e malas de correio no navio. Quando dava dez horas, os passageiros atravessavam a rua e os escravos auxiliavam as senhoras sobre a prancha. O barco nunca partia antes de a Guarda aparecer. Sempre dois deles, às

vezes três, passavam pelo navio: primeiro deque, segundo deque, cabine do piloto, de cima abaixo. Certa vez, abriram um baú de tampa curvada antes de deixar entrar. Foi assim que soube que eles procuravam passageiros clandestinos, escravos.

O barco da quinta-feira ia até Nova York, e depois vinha outro indo pra Filadélfia — aprendi isso lendo o *Charleston Post and Courier* que eu pegava da sala de visitas. Eles imprimiam todos os horários, diziam que as passagens custavam cinquenta e cinco dólares.

Naquele dia, o vapor que chegou estava vazio, mas eu não estava na alcova para olhar o barco. Estava ali para descobrir um jeito de entrar nele. Todas essas semanas fui paciente. Cuidadosa. *Sissinhora, sissinhora*. Agora eu estava sentada ali com as sabais batendo com o vento e pensei na menina que tomou banho na banheira de cobre. Pensei na mulher que roubou o molde de bala. Eu amava essa menina, essa mulher.

Pensei em tudo que já tinha visto no porto, tudo que sabia. Sentei com as mãos paradas, olhos fechados, a mente voando com as gaivotas, e o mundo inclinado como a asa de um pássaro.

Quando levantei, meu corpo todo tremia.

Na semana seguinte, enquanto Hector passava as tarefas do dia, ele disse a Minta para tirar toda a roupa de cama e levar para a lavanderia. Pensei rápido e disse: “Oh, eu faço isso, pobre Minta, as costas dela estão doendo”. Ela me olhou com curiosidade, mas não discutiu. Você aproveita qualquer descanso que conseguir.

Na alcova, nesse dia, uma imagem surgiu em minha mente: *vestidos*. Eu via os vestidos pretos que as sinhás usavam pelo luto dos maridos. Via suas toucas redondas com véus grossos e pretos e suas luvas pretas. Essas coisas vieram para mim claras como a luz do dia.

Quando cheguei no quarto da sinhá, arranquei os lençóis, prestando atenção em passos na escada, em bengala abrindo caminho, então abri a última gaveta do armário de roupa branca. Eu mesma tinha dobrado o vestido de luto da sinhá, sua touca e suas luvas, fazia anos. Tinha embrulhado em lençol com cânfora pra afastar os ovos de traça e coloquei na última gaveta. Abrindo, temi que pudessem ter tido um fim, que o que afastou as traças tivesse atraído ratos, mas meus dedos roçaram o tecido.

Espiei o pacote. Ainda era o melhor vestido que eu já tinha feito — veludo

negro com centenas de enfeites de vidro negros. Alguns tinham caído e rolavam nas dobras do lençol. O véu da touca tinha dois rasgos que precisariam ser consertados, e tinha esquecido que as luvas eram sem dedos. Teria que colocar dedos nelas. Enfiei tudo no meio dos lençóis para lavar, fiz um bolo e dei um nó. Deixando ao lado da porta, corri para o quarto da sinhazinha.

Sua roupa de funeral tinha sido guardada quase do mesmo jeito, mas com lascas de cedro em vez de cânfora. Não sabia como a gente iria arejar esses cheiros chamativos. Quando peguei seu vestido, chapéu e luvas e enrolei nos lençóis, joguei as duas trouxas nas costas e descí a escada com a bengala, direto para o porão.

Aquela noite, depois de Céu e eu arrastarmos a cama para bloquear a porta, ela experimentou o vestido de veludo da sinhá e ficou ali parada com os botões abertos. Por mais que a sinhá tivesse cintura larga, eu ainda teria que soltar o corpete para a Céu, acrescentar doze centímetros no comprimento e cinco nas mangas. Filha do pai dela, tá certo.

Sinhazinha tinha tamanho médio, mas cabiam duas de mim no vestido dela.

A única coisa que a gente não tinha era sapato, sapato adequado. A gente tinha sapato de escravo e nisso a gente teria que dar um jeito.

Comecei a trabalhar naquela noite. Céu pegou linhas e tesoura para mim e observou cada ponto. Ela cantava a canção gullah que mais gostava. *Se você não sabe pra onde está indo, deve procurar saber de onde veio.*

Eu falei: “Agora a gente sabe pra onde está indo”.

“É,” ela disse.

“A gente vai estar pronta pro vapor da quinta, daqui oito dias.”

Ela pegou seu avental, dobrado na cadeira de balanço, e enfiou a mão no bolso, de onde tirou duas garrafinhas iguais a que a Tia-Irmã usava para tinturas. “Fervi um pouco de chá de oleandro branco.”

Um tremor saiu de meu pescoço e foi até meus dedos. Oleandro é a planta mais mortal do mundo. Um arbusto pegou fogo na Hasell e um homem caiu morto só de respirar a fumaça. O líquido marrom na garrafa de Céu iria nos atirar ao chão, vomitando até a última respiração, mas não demoraria.

“Ir embora ou morrer tentando”, ela disse.

## Sarah

Cheguei em Charleston durante uma tempestade. O vapor gemeu para dentro do porto, raios rasgavam o céu e a chuva batia de lado, ainda assim, saí para debaixo do telhado no deque superior para poder observar a cidade aparecer. Eu não a via fazia dezesseis anos.

Acenamos ao passar pelo forte Sumter na boca do porto, que não parecia ter a construção muito mais adiantada desde quando zarpei. A península surgia da água como uma velha miragem, as casas brancas na Battery embaçadas pela chuva cinza. Por um momento, senti um aperto silencioso por dentro, de quando se retorna ao seu lugar de origem, e depois a dor do não pertencimento. Esse lugar era lindo, e selvagem. A cidade te engolia e fazia de você parte dela, ou se você se mostrasse muito inassimilável, cuspia-lhe como semente de ameixa.

Eu tinha deixado esse lugar por vontade própria, porém, parecia que a cidade tinha me banido do mesmo modo que eu a banira. Ao vê-la depois de tanto tempo, ver o capim do charco balançando selvagememente nas periferias da cidade, os telhados amontoados com suas alcovas e seus balcões e, atrás deles, os campanários de St. Philip e St. Michael levantados como dedos escuros, eu não sentia o menor arrependimento por amar Charleston nem por deixá-la. A geografia tinha feito de mim quem eu era.

O vento arrancou minha touca, a faixa presa ao meu pescoço, e ao me virar para pegá-la, vi o casal ameaçador pela janela do salão. Voltando para casa depois de socializar em Newport, eles tinham me reconhecido pouco depois de deixarmos Nova York. Tentei despistá-los, mas a mulher me encarava com

curiosidade inabalável. “Você é a filha Grimké, não é?”, ela perguntou. “A que...” Seu marido lhe pegou pelo braço e levou embora antes que pudesse terminar. Ela iria dizer: a que nos traiu.

Eles me fulminavam agora, minha saia molhada e minha touca voadora, e eu tive certeza de que o homem denunciaria minha chegada para as autoridades assim que atracássemos. Talvez voltar tivesse sido um erro terrível, afinal. Afastei-me deles, para a proa, quando uma trovoada soou sobre nós, perdendo-se no ruído do motor. Charleston perdoaria muitas coisas dos seus, mas não traição.

Encontrei Encrenca uma hora depois de chegar. Fiquei surpresa ao descobrir que ela costurava na alcova. Quando me viu parada ali, ficou de pé e tropeçou um pouco com sua perna enferma, largando a camisa de escravo no chão junto com a agulha e a linha. Estiquei os braços para segurá-la enquanto ela se apurava e, de repente, a abraçava, sentindo o abraço recíproco.

“Recebi sua carta”, falei, suavemente, com medo que houvessem ouvidos por perto.

Ela balançou a cabeça. “Mas não voltou por causa disso, por minha causa.”

“Claro que voltei”, falei. Recolhi a camisa e nos sentamos à janela acolchoada.

Ela usava seu lenço de cabeça de sempre e pouco tinha mudado. Seus olhos ainda eram grandes tigelas, e sua cor dourada tinha escurecido um pouco, estava pequena como nunca. Não frágil ou desnutrida, mas destilada, concentrada.

Havia uma bengala apoiada entre nós com um coelho esmeradamente talhado no cabo. Colocando-a de lado, ela disse: “Você não veio nos impedir, veio?”

“É perigoso, Encrenca... Temo por vocês.”

“Bom, isso pode ser, mas tenho mais medo de me curvar e rastejar para sua mamã e sua irmã pelo resto dos meus dias.”

Falando pouco acima de um sussurro, contei a ela de meu plano de tentar convencer mamãe a vender as duas para mim.

Ela deu uma risada amarga. “*Ahn-hm.*”

Eu não esperava por essa. Tirei os olhos dela e estudei o porto, reparando no vapor à distância, limpo pela chuva.

Ela se movimentou na almofada e ouvi seu suspiro. “Eu só não vejo a

sinhá fazendo qualquer coisa em meu favor, só isso. Mas aqui está você, lá de longe — ninguém mais faria isso por mim —, então vale tentar, e se ela estiver disposta, eu te dou tudo que tenho, quatrocentos dólares.”

“Não precisa...”

“Bom, não vai ser de outro jeito.”

Paramos de falar quando Hector, o mordomo que Mary tinha trazido, subiu com meu baú, seu olhar ficou fixo até me deixar desconfortável. Fiquei de pé. “Vou arrumar minhas coisas.”

“Vai lá e fala com ela então”, Encrenca sussurrou. “Mas não demora muito.”

Esprei quatro dias. Parecia imprudente fazer o pedido antes — queria que mamãe acreditasse que eu tinha vindo apenas por causa dela.

Abordei o assunto na terça à tarde, sentadas na sala de visitas, mamãe, Mary e eu, batendo nossos leques no calor vaporoso. Um silêncio lânguido tinha caído e nenhuma de nós parecia disposta a quebrá-lo. Havíamos terminado os assuntos triviais: o tempo chuvoso, o espetáculo da ferrovia que ligava Charleston a Savannah, uma versão expurgada do casamento da Nina, notícias de meus irmãos, e sobrinhas e sobrinhos que nunca conheci. Para assegurar a chance de libertar Encrenca e Céu, não poderíamos conversar sobre minhas aventuras escandalosas que tinham aparecido em todos os jornais. Nem de abolição, escravidão, o Norte, o Sul, religião, política, ou o fato de que eu tinha me tornado uma fora da lei na cidade no último verão.

“As pessoas estão falando, Sarah”, disse Mary, quebrando a calmaria. Ela trocou olhares com mamãe, e vi como estavam alinhadas, semelhantes. Um eco de solidão reverberou de minha infância, e me senti novamente a criança deslocada. Até hoje. Ouvi a voz de Binah em algum lugar de minha memória. *Pobre da srta. Sarah*. Essas angústias irracionais da infância, de onde tinham surgido?

“Rumores de seu retorno estão galopando”, Mary dizia. “É só uma questão de tempo antes de o xerife vir questionar a respeito, e com você aqui, não sei o que espera que digamos. Não podemos esconder você como uma fugitiva.”

Virei-me para mamãe e vi seus olhos se desviarem para a sacada. As janelas estavam abertas e o cheiro achocolatado do oleandro entrou, enjoativo e pesado.

“Vocês querem que eu vá embora?”

“Não é uma questão do que queremos”, disse mamãe. “Se as autoridades vierem, não vou entregar você para eles, claro que não. É minha filha. Ainda é uma Grimké. Apenas sugerimos que seria mais fácil se sua estadia fosse curta.”

Para minha surpresa, seus olhos lacrimejaram. Ela estava roliça, com cabelos brancos finos e um daqueles rostos antigos, profundamente marcados com vincos. Ela me olhou entre as lágrimas que começava a verter, e eu deixei minha cadeira e fui até ela. Abaixando-me, desajeitadamente, a abracei.

Ela me abraçou de volta por um instante, depois se endireitou. Em vez de retornar ao meu lugar, eu fui até a janela e voltei, tomando coragem.

“Não vou colocar vocês em risco, partirei no próximo vapor, mas antes que eu vá, tenho um pedido. Gostaria de comprar Hetty e sua irmã, Céu.”

“Comprá-las?”, disse Mary. “Mas por quê? Você nem gosta de escravos.”

“Mary, pelo amor de Deus, ela quer libertá-las”, interveio mamãe.

“Ofereço qualquer quantia.” Fui até o lado de mamãe. “Por favor. Eu consideraria uma grande gentileza para comigo.”

Mary ficou de pé e foi para o outro lado da cadeira de mamãe. “Não conseguimos viver sem a Hetty”, ela falou. “Há poucas costureiras em Charleston à sua altura. Ela é insubstituível. A outra é descartável, mas não Hetty.”

Mamãe encarou as próprias mãos. Seus ombros subiram e desceram com a respiração, e eu comecei a sentir uma pontinha de esperança.

“Há leis que dificultam”, ela falou. “Emancipá-las requereria uma ação especial da legislatura.”

“Difícil, mas não impossível”, respondi.

Algo dentro dela parecia se curvar, se inclinar para o meu lado. Mary sentiu também. Colocou a mão sobre a de mamãe, unindo-as, e falou: “Não podemos ficar sem a Hetty. E temos de pensar nela também. Para onde irá? Quem cuidará dela? Ela tem um lar aqui”.

“Não é um lar, é uma prisão”, falei.

Mary endureceu. “Não precisamos que você venha aqui para nos passar sermão sobre a escravidão. Não vou defendê-la para você. É nosso estilo de vida.”

Suas palavras me enfureceram. Pensei, por um momento, se segurar minha língua ajudaria na minha causa com mamãe. Seria certo sacrificar a verdade por conveniência? Mamãe faria o que bem entendesse, não? Conjecturei como era possível encontrar minhas palavras no mundo afora, mas perdê-las na casa onde eu tinha nascido.

Acharam seu caminho dentro de mim — anos ali, coexistindo com o insustentável. “*Seu estilo de vida!* O que isso justifica? A escravidão é um sistema infernal, não é possível defendê-la!”

Manchas vermelhas pipocaram pelo pescoço de Mary. “Deus ordenou que tomássemos conta deles”, ela falou, agitada, balbuciando.

Dei um passo em sua direção, minha indignação irrompendo. “Você fala de Deus como se ele fosse branco e sulista! Como se nós fôssemos donos de sua imagem. Você fala como uma tola. O negro não é um tipo de criatura diferente de mim ou de você. A brancura não é sagrada, Mary! Não é parâmetro para todas as coisas.”

Duvido que alguém já tivesse falado com ela dessa maneira, e ela me deu as costas, chocada.

Não sabia explicar aquela erupção total de mim mesma, a audácia e a autoridade que minha vida tinha encontrado. Também fiquei chocada, e fechei os olhos e me abençoei por isso. Era como finalmente chegar ao lugar que tinha deixado, e senti, então, que nunca mais seria uma exilada.

Mamãe levantou a mão. “Isso já me cansou”, ela disse e se apoiou na bengala de ponta dourada para ficar de pé. Andou até a porta, depois se virou, me olhando nos olhos. “Não venderei Hetty ou Céu para você, Sarah. Desculpe desapontá-la, mas farei *uma* concessão.”

Na escuridão do porão, o som de minha batida na porta pareceu se perder e sumir. Passava da meia-noite. Esperei até esse momento para procurar Encrenca, descendo sorrateiramente até ali quando a casa dormia, ainda de camisola. Meu lampião balançava em minha mão, fazendo as sombras girarem, e bati novamente. *Acorde, Encrenca.*

“Quem tá aí?” A voz soou alarmada e abafada detrás da porta.

“Está tudo bem. Sou eu, é a Sarah.”

Ela fez uma fresta na porta, depois me deixou entrar. Ela segurava uma vela que tremeluzia sob seu queixo. Seus olhos pareciam quase luminescentes.

“Desculpe acordá-la, mas precisamos conversar.”

Do outro lado do quarto, Céu estava sentada na cama, o cabelo esticado para cima como um enorme leque negro. Baixei o lampião e olhei para ela. Logo depois de minha chegada, tinha visto Céu no jardim ornamental, de joelhos, cavando com uma espátula de jardineiro. O jardim tinha se tornado um jardim das maravilhas, um claustro de florescências coloridas, arbustos aparados, e

caminhos tortuosos, e fui até lá como se para dar uma volta. Céu não esperou minha aproximação, ficou de pé e veio até mim, cheirando a terra fresca e plantas verdes. Não parecia com Encrenca, nem com Charlotte. Ela era robusta. Parecia feroz e ardilosa. Ela disse: “Cê é a Sarah?”. Quando falei que sim, sorriu. “Encrenca disse que você é a melhor Grimké.”

“Não sei se isso significa muita coisa”, respondi, sorrindo.

“Talvez não”, ela disse, e gostei dela imediatamente.

Olhei para o quarto no porão, mais cheio agora, com duas camas. Elas tinham sido colocadas juntas, lado a lado, sob a janela.

“Que foi?”, perguntou Encrenca, mas antes que eu pudesse falar, vi que ela tinha entendido. “Sua mamã não vai nos vender, vai?”

“Não, sinto muito. Ela se recusou. Mas...”

“Mas o quê?”

“Ela concordou em libertar vocês depois de sua morte. Ela disse que vai mandar fazer o documento e acrescentar em seu testamento.”

Encrenca ficou de pé com uma poça de luz ao seu redor e me encarou. Não era o que nenhuma de nós queria, mas já era alguma coisa.

“Ela está com setenta e quatro”, falei.

“Ela vai viver mais do que a última barata”, disse Encrenca e olhou para Céu. “A gente vai embora daqui depois de amanhã.”

Fiquei aliviada e atemorizada ao mesmo tempo. Estudei a rebeldia compacta que fazia tanto parte de quem ela era. Falei: “Diga-me como posso ajudar”.

## Encrenca

Na noite antes de nossa partida, Céu e eu andamos pela escuridão, recolhendo tudo o que tínhamos. Fomos até o estábulo para pegar a colcha da mamã que estava com as cobertas dos cavalos, trilhando o caminho pelo pátio com as estrelas despencando sobre nós. Subimos até o quarto da Sarah, a partir do porão para o segundo andar, em três viagens, carregando colchas, os vestidos negros, chapéus, véus, luvas e lencinhos. Pra cima e pra baixo, eu com meu pé ruim, passando bem na frente das portas dos quartos da sinhá e da sinhazinha. Colocamos meias, dando passinhos como se o chão pudesse afundar.

Na última viagem, Sarah trancou a porta atrás de nós, e eu tive uma vaga lembrança de quando ela tampava o buraco da fechadura para me ensinar a ler, como a gente cochichava perto do lampião, igual agora. Pendurei nossos vestidos em seu armário. Feitos sob medida. Os véus perfeitamente passados. E borrifei água de lavanda no veludo e no crepe da sinhá para ficarem com cheiro de madame. Eu costurei bolsos no interior dos vestidos para guardar nosso dinheiro, além do livreto de Sarah, o lenço vermelho de mamã e o endereço da Filadélfia onde a gente esperava que iria parar.

Céu disse que o coelho estava tapeando a raposa.

Sarah abriu seu baú de viagem e colocou a colcha de história de mamã sobre o forro de cetim do fundo. Eu tinha pegado a colcha com os quadrados vermelhos e os triângulos pretos, querendo empacotá-lo também — as primeiras asas negras que eu tinha costurado —, mas agora via quão pequeno era o baú, e me senti mal por ocupar o espaço precioso. Eu falei: “Não preciso levar isso”.

Sarah o pegou de mim e colocou no baú. “Eu prefiro deixar meus vestidos... eles não valem muito.”

Eu sabia os perigos do que ela estava fazendo tanto quanto ela. Li nos jornais. Vinte anos de prisão por distribuir publicações de natureza sediciosas.

Vinte anos por ajudar um escravo a escapar. Observei Sarah colocando seus poucos pertences em cima da colcha e pensei, *essa não é a mesma Sarah que foi embora daqui*. Ela tinha um olhar firme e sua voz não vacilava e hesitava como antes. Ela tinha sido fervida até virar um caldo forte e bom.

Seu cabelo estava solto, balançando ao lado do pescoço como videiras de seda, como a linha vermelha que eu costumava enrolar na árvore espiritual, e então eu vi, aquela coisa estranha entre nós. *Não é amor, é? O que é?* Sempre estive lá, essa redondeza em meu peito, uma almofadinha de alfinete. Dava pontadas e apertava. Aquelas meninas no telhado com o chá frio na xícara.

Ela desceu a tampa do baú.

Disse pra Céu, “Desce no porão e descansa, vou daqui a pouco.” — eu tinha uma tarefa pra fazer sozinha. Então eu fui devagarinho pelas escadas e pela porta de trás, e trotei com minha bengala até a árvore espiritual.

Embaixo dos galhos, a luz da lua respingava das folhas sobre mim. Senti as corujas piscarem e o vento tomar o fôlego. Quando olhei de volta pra casa, mamã estava no andar de cima, olhando pela janela, esperando para me jogar um caramelo. Ela estava de pé no sulco do caminho da carruagem, com a perna levantada atrás dela e amarrada no pescoço. Ela estava sentada, apoiada no tronco da árvore com a costura no colo.

Me dobrei e recolhi um punhado de restos da árvore — sementes, gravetos, uma folha velha e dobrada — e enfiei no meu saquinho de pescoço. Então, peguei meu espírito.

Na manhã seguinte, agimos normalmente. Céu foi pra horta com a cesta e colheu tomates maduros e alfaces. A sinhá me colocou pra esfregar seus leques de marfim com lixa, pra tirar as manchas amarelas. Trabalhei na alcova com um pedaço de lixa, observando o navio. A água no porto estava amarrotada como babados de vestidos.

Sarah estava na sala de visitas traseira com a sinhá, dando adeus. Ela não veria a mamã dela de novo. Ela sabia disso, e sinhá sabia disso. O ar na casa soava como uma nota longa da espineta. Lá embaixo, o baú de Sarah estava trancado e pronto, perto da porta da frente, com tudo dentro: a história de mamã,

a revoada de pássaros negros.

O relógio tocou, e eu contei as notas, nove delas, e Sarah saiu da sala com os olhos molhados. Larguei os leques e a segui até seu quarto, deixando a bengala de coelho para trás, encostada na janela.

Sarah usava um vestido cinza pálido com um botão enorme de prata no colarinho, o mesmo botão de quando ela era menina, com todas as suas esperanças alfinetadas nele. Passando pela portinhola até a sacada, ela espiou sobre a balaustrada para a Cêu e o jardim ornamental e acenou com a mão. Isso significava, *largue suas plantas e flores e venha para dentro. Passe pelos escravos da casa. Se a sinhazinha parar você, diga, a Sarah me chamou.*

Quando Cêu bateu na porta, eu já estava de vestido, o rosto coberto com goma de farinha branca. Ela sorriu e falou: “Cê parece um fantasma”.

“Alguém por aí?”, perguntou Sarah.

“Só o Hector. Ele mandou te falar que o Bonzinho vai trazer a carruagem agora.”

Fechei as costas do vestido da Cêu e ajudei a pintar seu rosto, e ninguém falou palavra. A sobranceira de Sarah franziu. Ela andava pra cima e pra baixo no quarto, com uma bolsa de cordão balançando no braço.

Enfiamos as luvas. Ajeitamos os chapéus. Abaixamos o véu até a cintura. As garrafinhas de suco de oleandro a gente enfiou nas mangas — Sarah não precisava saber disso.

Detrás do véu, o quarto parecia sem cor, como névoa antes de o sol nascer.

Escutei o *clop-clop* do cavalo ao lado da casa, vindo do pátio, e senti um frio na barriga. Tentei não deixar meu coração muito animado, tentei não pensar nas mulheres negras livres lá no norte querendo nos receber, no sótão da casa delas, com a chaminé no meio, mas não consegui me segurar. A gente podia ajudar na escola e fazendo chapéus. Eu poderia costurar colchas pra vender. Cêu podia fazer uma horta.

Sarah me entregou a bengala de ponta dourada da mãe. Então olhou para nós e disse: “Eu não reconheceria vocês na rua”.

Descemos a escada correndo. Se a sinhazinha aparecesse, que aparecesse. Ir em frente era tudo. Não parar por ninguém. Chegando ao último degrau, vi o lugar vazio onde o baú tinha ficado, e então o Hector na porta, furando a gente com os olhos.

Sarah falou com ele. “Mamãe pediu para que eu providenciasse uma carona para suas visitas. Você pode ir. Bonzinho vai nos ajudar a partir daqui.”

Hector foi embora devagarzinho. *O modo como ele nos olhou... ele sabia?*

Sinhazinha não estava por perto.

Passamos pela porta da frente e o mundo girou. Olhei para trás, para a Céu, e vi um rastro de brancura flutuar atrás de seu véu.

Quando Bonzinho levou a carruagem até a placa da Companhia de Navios a Vapor, o calor tinha engrossado embaixo dos véus. O suor escorria pelos pescoços. Céu levantou a ponta da saia para se arejar e o cheiro de lavanda e fedor de corpo flutuaram para fora.

Me ajudando a descer da carruagem, Bonzinho sussurrou: “Meu Deus, Encrenca, o que cê tá fazendo?”

A gente não tinha enganado o Bonzinho, e até onde eu sabia, o Hector devia ter percebido também. Olhei para trás para ver se a carruagem pequena descia correndo a East Bay com a sinhazinha.

Eu falei: “Bonzinho, me perdoa, mas vamos embora. Não dedure”.

Ele apertou os lábios, e eu senti os lugares em que ele tinha me tocado. Ele era o melhor homem que eu conhecia. Sem querer, meu coração tinha se entrelaçado com o dele.

Ele apertou minha mão, o rosto escurecido através da cortina. Ele falou: “Você se cuide, garota”.

Esperamos pelas passagens, esperamos para embarcar, esperamos por alguém que fosse dizer: *Quem são vocês?*

Quando cruzamos a prancha, a brisa aumentou e o barco balançou. Pensei na patroa e suas devoções. A gente tinha lido a Bíblia de cabo a rabo com aquela mulher. Agora a gente era Jesus andando sobre a água.

Passamos pelos baús, barris, fardos e engradados, passamos pela caldeira até o segundo deque, e sentamos em um banco no salão para esperar a guarda vistoriar. O local era pintado de branco com mesas ao longo das janelas, todas pregadas no chão. As pessoas ficavam em grupos de dois ou três, nas suas melhores roupas, em nuvens de cachimbo, e de vez em quando olhavam para o nosso lado, curiosos pelo luto que usávamos. Sarah sentou um pouco distante, com a cabeça bem baixa dentro da touca.

Quando os dois guardas entraram desajeitadamente, ouvi a respiração de Céu acelerar. Um guarda patrulhou o lado direito, e o outro, o lado esquerdo. Assentiram para o pessoal, conversando aqui e ali. Olhando para baixo, vi os pés com sapato de escravo de Céu saindo por debaixo do vestido fino. Os sapatos marrons arranhados, a tristeza esfolada deles.

Ele parou diante de nós e disse: “Para onde vocês vão?”. Falando comigo.

Minha língua de escravo seria como a ponta dos sapatos de Céu, denunciando a gente. Levantei a cabeça e olhei para ele. Seu chapéu de policial estava inclinado na sua cabeça. Ele tinha bigodes loiros recentes e olhos verdes. Atrás dele, através da janela sujada, vi a água brilhar.

“Senhora?”, ele chamou.

Sarah se remexeu no banco. Fiquei com medo de ela se levantar para dizer algo, de Céu começar a cantarolar agora, que o medo encolhido dentro de mim iria se soltar. Então me lembrei do vestido de viúva que eu usava. Fiz um som com os lábios como se tentasse responder, mas engasgasse nas palavras, tomada pela dor, e não tive de fingir muito. Sentia tristeza pela minha vida, pelo que eu tinha vivido, visto e conhecido, pelo que eu tinha perdido, e o choro se tornou real.

Um choro suave saiu de mim e ele deu um passo atrás e falou: “Sinto muito por sua perda, senhora”.

Conforme ele foi em frente, uma gota branca caiu do meu queixo, a farinha despencando em minha saia.

O motor foi ligado e um tremor passou pelo banco. Então veio o cheiro de óleo e o cuspe de fumaça. Os passageiros deixaram o salão e foram para o deque para balançar seus lencinhos em adeus, e nós fomos também, onde os escravos do porto jogavam as cordas grossas. À distância, os sinos da igreja soaram em St. Michael.

Ficamos na proa, nós três, segurando firme o gradil, esperando. As gaiotas circulavam, e o vapor se mexia para a frente. Quando as rodas de água começaram a girar, Sarah colocou a mão sobre a minha e a deixou lá enquanto a cidade se distanciava. Era o último quadrado da colcha.

Pensei em mamã então, como os ossos dela sempre estariam ali. As pessoas dizem pra não olhar pra trás, que o passado é o passado, mas eu sempre olharia para trás.

Observei Charleston cair na luz da manhã.

Quando deixamos a boca do porto, o vento inchou e as velas ao nosso redor bateram, e ouvi as asas dos pássaros negros. Navegamos na água brilhante, na direção da distância.

## Notas da autora

Em 2007, viajei para Nova York para ver *The Dinner Party*, de Judy Chicago, no Brooklyn Museum. À época, eu estava no meio da escrita de uma biografia, *Traveling with Pomegranates*, com minha filha, Ann Kidd Taylor, e ainda não estava pensando sobre meu próximo romance. Eu não tinha ideia sobre o que seria, apenas uma vaga noção de que queria escrever sobre duas irmãs. Quem essas duas irmãs seriam, quando e onde viveram, e qual sua história poderia ser, ainda não tinham me ocorrido.

*The Dinner Party* é uma obra de arte monumental, que celebra as conquistas femininas na civilização ocidental. A mesa do banquete de Chicago, com seus suculentos pratos homenageando trinta e nove convidadas de honra, está sobre um chão de azulejos de porcelana com os nomes de novecentos e noventa e nove outras mulheres que fizeram importantes contribuições para a história. Foi lendo esses novecentos e noventa e nove nomes na Comissão de Patrimônio na Galeria Biográfica que me deparei com os nomes de Sarah e Angelina Grimké, irmãs de Charleston, na Carolina do Sul, a mesma cidade em que eu vivia na época. Como eu podia não conhecê-las?

Ao deixar o museu naquele dia, imaginei se tinha descoberto as irmãs sobre quem eu queria escrever. De volta a casa, em Charleston, enquanto começava a explorar suas vidas, fiquei apaixonadamente certa disso.

Descobri que passava dirigindo pela casa não sinalizada das irmãs Grimké havia mais de uma década, sem saber que essas duas mulheres foram as primeiras agentes femininas abolicionistas e umas das primeiras entre as

importantes pensadoras feministas americanas. Sarah foi a primeira mulher nos Estados Unidos a escrever um manifesto feminista abrangente, e Angelina foi a primeira mulher a falar diante de um conselho legislativo. No final da década de 1830, elas eram, possivelmente, as mais famosas, e também mais infames, mulheres na América, embora parecessem pouco conhecidas, mesmo na sua cidade de origem. Minha ignorância a respeito delas me pareceu não só uma falha pessoal, mas também a confirmação da opinião de Judy Chicago de que as conquistas das mulheres foram repetidamente apagadas da história.

Sarah e Angelina nasceram na aristocracia poderosa e abastada de Charleston, uma classe social derivada dos conceitos ingleses de aristocracia rural. Eram mulheres piedosas e refinadas, que frequentavam círculos sociais de elite, e, no entanto, poucas mulheres do século XIX foram tão completamente “malcomportadas”. Elas passaram por uma longa e dolorosa metamorfose, separando-se da família, da religião, da terra natal, das tradições, tornando-se exiladas e, por fim, párias, em Charleston. Quinze anos antes de Harriet Beecher Stowe escrever *A cabana do Pai Tomás*, amplamente influenciado por *A escravidão americana como ela é*, um panfleto escrito por Sarah, Angelina e o marido de Angelina, Theodore Weld, e publicado em 1839, as irmãs Grimké estavam em uma cruzada não apenas pela emancipação imediata dos escravos, mas pela igualdade racial, uma ideia radical mesmo entre os abolicionistas. E dez anos antes da Convenção de Seneca Falls, iniciada por Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton, as irmãs Grimké lutavam uma batalha agressiva pelos direitos das mulheres, recebendo os primeiros golpes de reações negativas. Conforme eu lia sobre as irmãs, ficava cada vez mais atraída por Sarah e o que ela tinha superado. Antes de subir em palco público, experimentou intensa necessidade de uma vocação, esperanças esmagadas, traição, amor não correspondido, solidão, dúvida pessoal, ostracismo e silêncio sufocante. Parecia para mim que ela tinha inventado suas asas não tanto a despeito a essas coisas, mas por causa delas. Outra coisa que me atraiu tanto quanto sua vida como reformista foi sua vida como mulher. Como ela se tornou quem foi?

Meu objetivo não era escrever uma versão fictícia superficial da história de Sarah Grimké, mas uma história profundamente imaginada inspirada por sua vida. Durante minha pesquisa, mergulhando em diários, cartas, discursos, relatos de jornais, e a própria escrita de Sarah, como também uma enorme quantidade de material biográfico, formei meu próprio entendimento de seus desejos, lutas e motivações. A voz e a vida interior que dei à Sarah são minha própria interpretação.

Tentei me manter fiel aos amplos entornos históricos da vida de Sarah. Incluí nessas páginas a maior parte dos seus eventos significativos e experiências formativas, além de uma enorme quantidade de detalhes factuais. Usei as próprias palavras de Sarah de seus escritos. Suas cartas no romance, no entanto, são de minha própria invenção.

O modo mais amplo e notável que divergi do histórico de Sarah foi por meio de sua relação imaginária com o personagem fictício de Hetty Encrenca. A partir do momento em que decidi escrever sobre Sarah Grimké, me senti motivada a também criar a história de um personagem escravizado, lhe dando uma vida e uma voz que pudessem ser entrelaçadas às de Sarah. Senti que não poderia escrever o romance de outro modo, ambos os mundos teriam de ser representados aqui. Então, me deparei com um detalhe irresistível. Quando criança, Sarah tinha recebido uma jovem escrava chamada Hetty para ser sua dama de companhia. De acordo com Sarah, elas se tornaram próximas. Desafiando as leis da Carolina do Sul e seu próprio pai jurista que ajudara a criar essas leis, Sarah ensinou Hetty a ler, pelo que ambas foram severamente punidas. Aí, então, termina a curta narrativa de Hetty. Nada mais é sabido a seu respeito, exceto que morreu de uma doença não especificada, pouco tempo depois. Eu soube imediatamente que a outra metade da história pertencia a ela. Eu tentaria trazer Hetty de volta à vida. Eu imaginaria o que poderia ter sido.

Além disso, eu criei e extrapolei numerosos outros eventos na vida de Sarah, enxertando ficção na verdade para servir à história. É bem documentado, por exemplo, que Sarah falava mal em público e tinha dificuldades em se expressar verbalmente, mas não há indícios de que teria problemas na fala, como eu retratei. Sarah de fato retornou a Charleston meses antes do plano de Dinamarca Vesey, como escrevi, muito provavelmente tentando fugir dos seus sentimentos por Israel Morris, e, lá, tornou públicas suas visões antiescravagistas, incitando confrontos, mas seu encontro casual na rua com um oficial da milícia da Carolina do Sul é coisa minha. Se é verdade que Sarah conheceu Lucretia Mott, frequentando a mesma Casa de Reuniões da rua Arch e se inspirando na vida de Mott como ministra quaker, ela nunca morou em sua casa. O mesmo é verdade para Sarah Mapps Douglass, que também frequentou essa casa de reuniões. As duas Sarahs tiveram uma amizade duradoura, mas Sarah e Angelina não se refugiaram no sótão de Mapps depois de a carta incendiária de Angelina ser publicada no *The Liberator*. Não mais confortável nem bem-vinda na casa de Catherine Morris, encontraram um lugar com amigos em Rhode Island e em outros locais. Inventei o sótão principalmente para criar um futuro santuário para

Encrenca e Céu. Esses são apenas alguns dos modos como misturei realidade e ficção.

Aqui e ali, tomei pequenas liberdades com o tempo. A esteira na Casa de Trabalho com a qual imaginei Encrenca ficando aleijada é bem real, mas adiantei a instalação da esteira ali em sete anos. A batida na Igreja Africana em Charleston que radicalizou Dinamarca Veseey aconteceu em junho de 1818, um ano antes da minha versão. Também adiantei a canção do alfabeto, que descrevi Sarah cantando para as crianças na Escola Dominical para Crianças de Cor, onde ela realmente deu aula. E enquanto a carta de Angelina para o jornal abolicionista foi de fato o fulcro que propeliu as irmãs na arena pública, Sarah não aceitou a declaração pública da irmã de imediato, como sugeri. Sarah era geralmente mais lenta com seus pontos de virada do que uma romancista gostaria. Ela levou um ano até finalmente ceder e se jogar no trabalho revolucionário que se tornaria seu grande sucesso. Também me sinto obrigada a mencionar que Sarah e Angelina não foram imediatamente expulsas de seu grupo conservador de quakers, mas a carta de Angelina gerou, de fato, condenação, reprimendas e ameaças de repúdio pelo comitê de Supervisores. As irmãs foram expulsas por volta de três anos depois — Angelina por casar com um não quaker e Sarah por comparecer ao casamento.

A estranha e tocante simbiose que começou quando Sarah se tornou a madrinha de sua irmã com a idade de doze anos me faz pensar que elas não se importariam muito que ocasionalmente eu pegasse emprestado algo que Angelina falou ou fez e desse para Sarah. Um dos exemplos mais marcantes tem a ver com os panfletos antiescavidão que elas escreveram apelando para as mulheres e o clero do Sul. Angelina teve a ideia, não Sarah, e escreveu seu panfleto um ano antes da irmã. De qualquer modo, quando Sarah mergulhou na composição de seus próprios artigos, ela se tornou uma teórica e escritora mais talentosa, enquanto Angelina se tornou uma das mais inspiradas e persuasivas oradoras de sua época. Os argumentos feministas ousados de Sarah em *Cartas sobre a igualdade dos sexos*, publicado em 1837, inspirariam e impactariam mulheres como Lucy Stone, Abby Kelley, Elizabeth Cady Stanton, e Lucretia Mott. Além disso, foram os panfletos de Angelina que foram queimados em público pelo chefe do correio de Charleston, enviando um aviso para a sra. Grimké que sua filha não deveria retornar a Charleston sob ameaça de prisão. Porém, Sarah também não era mais bem-vinda na cidade.

Eu resumi e consolidei eventos na cruzada pública das irmãs que aconteceu entre dezembro de 1836 e maio de 1838, oferecendo apenas uma

visão telescópica dos ataques, da censura, da hostilidade e da violência que elas encontraram por falar em público como fizeram. Elas balançaram, dobraram e, por fim, quebraram a barreira de gênero que negava às mulheres americanas uma voz e uma plataforma nas esferas políticas e sociais. Durante o furor, Angelina disse espirituosamente: “Nós, mulheres da abolição, estamos virando o mundo de ponta-cabeça”. A zombaria de Sarah, incluída no romance, foi mais aguda: “Agora, senhores, pedimos gentilmente que tirem os pés de cima de nossos pescoços”.

O que aconteceu com as irmãs depois do fim da narrativa do romance? Após o casamento de Angelina, elas se retiraram dos rigores da vida pública, em parte devido à frágil saúde de Angelina. Juntas, criaram as três crianças de Angelina e Theodore, e permaneceram ativas nas organizações antiescravidão e sufragistas, incansavelmente coletando petições e apoiando uma grande quantidade de escravos da família Grimké, que ajudaram a libertar. O poderoso documento, *A escravidão americana como ela é*, foi o panfleto antiescravidão que vendeu mais cópias até a publicação de *A cabana do Pai Tomás*. Sarah escreveu pelo resto da vida, e achei comovente ter publicado sua tradução da biografia de Joana D’Arc, a figura feminina que tanto admirava, escrita por Lamartine. As irmãs abriram mais de um pensionato e ensinaram crianças a respeito de muitos líderes abolicionistas. Enquanto lecionavam na escola da Raritan Bay Union, uma cooperativa em uma comunidade utópica em Nova Jersey, entraram em contato com reformistas e intelectuais como Ralph Waldo Emerson, Bronson Alcott, e Henry David Thoreau. Me diverti ao ler que Thoreau achou que a Sarah de cabelos grisalhos era uma estranha visão em seus trajes feministas, modernos para a época.

Meu evento favorito na história tardia de Sarah ocorreu em 1870, poucos anos antes de ela morrer em Hyde Park, Massachusetts, quando ela e Angelina lideraram uma procissão de quarenta e duas mulheres até as urnas em meio à uma eleição municipal. Elas marcharam através de uma tempestade de neve, e quando chegaram, colocaram cédulas eleitorais ilegais em urnas simbólicas. Foi o último ato de desacato público das irmãs. Sarah viveu até os oitenta e um anos. Angelina, até os setenta e quatro. Apesar dos ocasionais conflitos entre as irmãs, o laço incomum que as unia pareceu nunca se quebrar, e elas nunca se separaram.

Além de Sarah e Angelina, incluí outras figuras históricas no livro, representando-as através de minhas próprias elucidações de suas histórias: Theodore Weld, o famoso abolicionista, com quem Angelina se casou; Lucretia

Mott, outra famosa abolicionista e pioneira dos direitos das mulheres; Sarah Mapps Douglass, uma negra livre abolicionista e educadora; Israel Morris, abastado negociante quaker e viúvo, que pediu Sarah em casamento, duas vezes (Seu diário sugere que ela o amou profundamente, apesar de tê-lo recusado. Ela afirmava que estava presa à sua vocação para ministra quaker, talvez por acreditar que não pudesse ter casamento e independência ao mesmo tempo.). Há também Catherine Morris, irmã de Israel e uma quaker mais velha e conservadora, na casa de quem Sarah e Angelina moraram; William Lloyd Garrison, editor do jornal abolicionista radical, *The Liberator*; Elizur Wright, secretário da Sociedade Americana Antiescravidão; e o poeta John Greenleaf Whittier, amigo de Theodore Weld. Eu devo acrescentar que ambos apoiavam os direitos das mulheres, no entanto, em cartas para Sarah e Angelina, pressionavam fortemente as irmãs para desistirem da causa das mulheres por temer que ela dividisse o movimento abolicionista. Algumas das palavras mais salientes que Angelina escreveu de volta para Theodore estão inclusas na cena imaginada na qual os homens chegam ao chalé da sra. Whittier e ordenam que as irmãs parem sua luta pelas mulheres. Sarah e Angelina desafiaram os homens, e, de fato, como a historiadora Gerda Lerner aponta, elas eram as únicas que ligavam a causa dos direitos das mulheres à causa da abolição, gerando o que alguns enxergavam como uma divisão perigosa, e outros, uma aliança brilhante. De qualquer modo, a recusa em cessar teve um papel vibrante no impulso da causa das mulheres na vida americana.

Tentei representar os membros da família Grimké com bastante precisão. A mãe de Sarah, Mary Grimké, foi, de acordo com os relatos, uma mulher orgulhosa e difícil. De acordo com Catherine Birney, a primeira biógrafa de Sarah, a sra. Grimké era devota, constricta, reservada em suas demonstrações de afeto para seus filhos, e com frequência cruel com os escravos, dando-lhes punições severas e frequentes. Ela não infligia, até onde eu saiba, a punição pernetas em seus escravos, mas essa punição existia, e Sarah a descreveu em detalhes e como sendo usada por “uma das principais famílias de Charleston”. Minha representação do pai de Sarah, juiz John Grimké, e dos eventos em sua vida, são razoavelmente próximas do que está registrado, bem como a descrição do irmão favorito de Sarah, Thomas. Não tenho dúvida de que me desviei com a irmã mais velha de Sarah, Mary (“sinhazinha”), cuja história é praticamente desconhecida. Embora eu tenha encontrado uma fonte que lhe descrevia como solteira e outras que listavam seu marido como desconhecido, casei-a com um fazendeiro e depois a fiz voltar para casa como viúva. Ela permaneceu

comprometida com a causa da escravidão e encontrada a esse respeito até sua morte, em 1865, um detalhe que expandi.

Foi uma emoção para mim visitar a casa dos Grimké, na rua East Bay. Embora a casa possa ser datada por volta de 1789 apenas, pode ter sido comprada por John Grimké à época de seu casamento, em 1784. Permaneceu na família até a morte da sra. Grimké, em 1839. Hoje, está bem preservada e ocupada por uma firma advocatícia. É provável que parte da planta original da casa e de seu interior seja o mesmo, incluindo as lareiras, os painéis de cipreste, azulejos holandeses, carpetes de pinheiro e molduras. Passeando pela casa, pude imaginar Encrenca na alcova no segundo andar, observando o porto, e Sarah descendo escondida até a biblioteca do pai enquanto os escravos dormiam no chão ao lado das portas dos quartos. Tive permissão de entrar até no sótão, onde reparei em uma escada que levava a um postigo no teto. Não sei dizer se o postigo sempre existiu, mas pude vislumbrar Sarah e Encrenca subindo por ali, quando meninas, uma ideia que geraria a cena em que elas tomam chá no telhado e contam seus segredos.

A Fundação Histórica de Charleston foi de grande ajuda para mim e me providenciou um documento que continha um inventário precificado de todos os “bens e haveres” na casa charlestoniana de John Grimké logo depois de sua morte, em 1819. Enquanto me debruçava sobre essa longa e meticulosa lista, fiquei chocada ao me deparar com nomes, idades, papéis e valores de dezessete escravos. Eles estavam registrados entre o tapete de Bruxelas e dez metros de algodão e linho. A descoberta me assombrou e, por fim, encontrou um espaço na história com Encrenca desencavando o inventário na biblioteca e descobrindo o seu nome e o de Charlotte inscritos nele, além de seus supostos valores.

Todos os personagens escravizados no romance foram criados por minha imaginação, com exceção dos tenentes de Dinamarca Vesey, que eram reais: Gullah Jack, Monday Gell, Peter Poyas, Rolla e Ned Bennett. Todos, exceto Gell, foram enforcados por seus papéis na revolta planejada. Vesey era mesmo um negro livre, carpinteiro, cuja vida, plano, prisão, julgamento e execução tentei representar relativamente semelhantes aos relatos históricos. Não inventei o bizarro detalhe de Vesey ganhando na loteria com o número 1884, depois usando o dinheiro para comprar sua liberdade e sua casa na rua Bull. Francamente, imagino se eu teria tido coragem de inventar uma coisa dessas. Nos registros públicos, afirmava-se que Vesey tinha sido enforcado no Blake’s Lands junto com outros cinco de seus conspiradores, mas escolhi retratar uma tradição oral que persistiu entre alguns cidadãos negros de Charleston desde 1820, que afirma que

Vesey foi enforcado sozinho em um carvalho para manter sua execução no anonimato. Vesey era conhecido por manter inúmeras “esposas” pela cidade e ter sido pai de inúmeras crianças com elas, então, tomei a liberdade de fazer da mãe de Encrenca uma dessas “esposas” e Céu, sua filha.

Alguns historiadores têm dúvidas se a insurreição escrava planejada por Vesey realmente existiu e até que ponto, mas eu segui a opinião de que Vesey não apenas era capaz de criar tal plano, mas também de tentá-lo. Eu queria que esse trabalho reconhecesse os muitos escravizados e americanos negros livres que lutaram, planejaram, resistiram e morreram pela liberdade. Ler sobre o protesto e as fugas de várias escravas reais me ajudou a delinear os personagens e as histórias de Charlotte e Encrenca.

A colcha de histórias no romance foi inspirada pelas magníficas colchas de Harriet Powers, uma escrava da Geórgia que usou a técnica africana de apliques para contar histórias bíblicas e de lendas históricas. Suas duas colchas que sobreviveram estão arquivadas no Museu Nacional de História Americana, Washington, D.C., e no Museu de Belas-Artes, em Boston. Peregrinei até Washington para ver a colcha de Powers, e depois de vê-la, pareceu-me plausível que mulheres escravizadas, proibidas de ler e escrever, tivessem inventado meios subversivos de dar voz a si mesmas, de manter sua memória viva e preservar a herança de tradições africanas. Imaginei Charlotte usando tecido e agulha do mesmo modo que outros usam papel e caneta, criando uma memória visual, tentando colocar todos os eventos de sua vida em uma única colcha. Uma das partes mais fascinantes de minha pesquisa foram as horas em que passei lendo sobre as colchas de escravos e os símbolos e imagens em tecidos africanos, que me introduziram à noção de triângulos pretos representando asas de pássaros negros.

Se você deseja ler mais sobre o conteúdo histórico do romance ou sobre as colchas de Harriet Powers, você pode querer explorar essa amostra de livros muito acessíveis:

*The Grimké Sisters from South Carolina: Pioneers for Women's Rights and Abolition*, de Gerda Lerner.

*The Feminist Thought of Sarah Grimké*, de Gerda Lerner.

*Lift Up Thy Voice: The Grimké Family's Journey from Slaveholders to Civil Rights Leaders*, de Mark Perry.

*The Politics of Taste in Antebellum Charleston*, de Maurie D. McInnis.

*Denmark Vesey: The Buried Story of America's Largest Slave Rebellion and the Man Who Led It*, de David Robertson.

*Africans in America: America's Journey Through Slavery*, de Charles Johnson, Patricia Smith, e o WGBH Series Research Team.

*To Be a Slave*, de Julius Lester, com ilustrações de Tom Feelings (ganhador do Newberry Honor).

*Stitching Stars: The Story Quilts of Harriet Powers*, de Mary Lyons (ganhador do ALA Notable Book for Children).

*Signs & Symbols: African Images in African American Quilts*, de Maude Southwell Wahlman.

Ao escrever *A invenção das asas*, fui inspirada pelas palavras do professor Julius Lester, que mantive sobre minha mesa: “A história não são apenas fatos e eventos. A história também é a dor em nosso coração, e nós repetimos a história até que sejamos capazes de fazer nossa a dor no coração de outro”.

## Agradecimentos

Meus mais profundos agradecimentos para...

Ann Kidd Taylor, uma escritora e autora excepcionalmente talentosa, que leu e releu o manuscrito em andamento, oferecendo comentários valiosos e acreditando infinitamente.

Jennifer Rudolph Walsh, minha incrível agente e querida amiga.

Meu fabuloso editor, Paul Slovak, e Clare Ferraro, e a equipe extraordinária na Viking por seu apoio sem limites.

Valerie Perry, gerente do museu Aiken-Rhett House, na Fundação Histórica de Charleston, que cedeu seu tempo e seus esforços tão generosamente e ofereceu enorme ajuda para minha pesquisa.

Carter Hudgens, diretor de preservação e educação no Drayton Hall em Charleston, por seu tempo e pela perspectiva na vida e história do povo escravizado.

As seguintes instituições, as quais, junto com a Fundação Histórica de Charleston e o Drayton Hall, foram fontes: o Museu de Charleston, a Charleston Library Society, a Biblioteca da Universidade de Charleston e o Centro de Pesquisa Avery, a Biblioteca Pública do Condado de Charleston, a Biblioteca South Caroliniana, o Museu Aiken-Rhett House, o Museu Nathaniel Russell House, o Charles Pinckney House, o Old Slave Mart, Magnolia Plantation and Gardens, Lowcountry Africana, Middleton Place, e Boone Hall Plantation.

Pierce, Hems, Sloan & Wilson, LLC em Charleston, que me deram permissão para explorar a meu contento a casa histórica que pertenceu à família

Grimké (chamada casa Blake por causa de seu dono original).

Jacqueline Coleburn, catalogadora de livros raros na Biblioteca do Congresso Nacional, Washington, D.C., por sua enorme assistência em me prover com uma coleção valiosa de cartas, jornais, ações da Convenção Antiescravidão, e outros documentos relacionados a Sarah e Angelina Grimké e história do começo do século XIX.

Doris Bowman, curadora associada e especialista da Coleção Têxtil no Museu Nacional de História Americana, Washington, D.C., por me receber nos arquivos do Smithsonian para ver o *Bible Quilt* de Harriet Powers e por me fornecer uma fartura de informações a respeito.

A Historical Society de Nova York, por disponibilizar documentos relacionados às irmãs Grimké e Dinamarca Vesey, incluindo relatórios oficiais da insurreição e do julgamento de Vesey.

O National Underground Railroad Freedom Center, em Cincinnati, que me impressionou e me educou com suas exposições e experiências interativas sobre escravidão e abolição.

Marilee Birchfield, bibliotecária da Universidade da Carolina do Sul, por sua ajuda com questões de pesquisa.

Robert Kidd e Kellie Bayuzick Kidd, por serem assistentes de pesquisa capazes e dispostos.

Scott Taylor, por providenciar ajuda técnica paciente e especializada, principalmente na semana em que meu computador quebrou.

Houve muitas fontes primárias, livros, artigos e ensaios sobre os Grimké, Dinamarca Vesey, escravidão, abolição, colchas e têxteis africanos, e história do começo do século XIX que se tornaram o alicerce de minha pesquisa, mas gostaria de mencionar especialmente minha dívida com a dr. Gerda Lerner, cuja pesquisa e escritos sobre as irmãs Grimké muito me influenciaram, particularmente a biografia *The Grimké Sisters from South Carolina: Pioneers for Women's Rights and Abolition*. Estou também em débito com a pesquisa e os escritos de Mark Perry em seu livro *Lift Up Thy Voice: The Grimké Family's Journey from Slaveholders to Civil Rights Leaders*; H. Catherine Birney em *The Grimké Sisters*; David Robertson em *Denmark Vesey: The Buried Story of America's Largest Slave Rebellion and the Man Who Led It*; e Maurie D. McInnis em *The Politics of Taste in Antebellum Charleston*. Quero mencionar uma lenda afro-americana, que me inspirou, sobre o povo na África capaz de voar e que depois perdeu as asas quando capturado para a escravidão. A história é belamente contada por Virgínia Hamilton e magnificamente ilustrada por Leo e

Diane Dillon no livro ganhador do prêmio ALA Notable Children's Book, *The People Could Fly: American Black Folktales*.

Sou imensamente grata para com o maravilhoso grupo de amigos que me ouviu recontar o impulso, os desafios e as alegrias de escrever este romance, e que nunca deixou de me encorajar: Terry Helwig, Trisha Sinnott, Curly Clark, Carolyn Rivers, Susan Hull Walker e Molly Lehman. Agradeço também a Jim e Mandy Helwig, que junto com Terry há muito fazem parte de minha família estendida.

Fui amparada todos os dias pelo amor e pelo apoio da família: meus pais, Leah e Ridley Monk; meu filho Bob Kidd e sua esposa, Kellie; minha filha Ann Kidd Taylor e seu esposo, Scott; meus netos Roxie, Ben, e Max; e meu marido, Sandy, que está nessa jornada comigo desde a faculdade e cuja coragem durante o último ano tanto me inspirou quanto me aprofundou.

Nenhuma palavra pode expressar minha gratidão para cada um.



ROLAND SCARPA

O primeiro livro de SUE MONK KIDD, *A vida secreta das abelhas*, ficou por mais de um ano e meio na lista de mais vendidos do *New York Times* e foi adaptado para o cinema em 2008. Seu segundo romance, *A sereia e o monge*, número 1 na lista de mais vendidos do *New York Times*, ganhou o prêmio Quill de 2005 como melhor obra de ficção e foi transformado em filme para a TV. Ela mora perto de Charleston, na Carolina do Sul.

Copyright © 2014 by Sue Monk Kidd Ltd.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Invention of Wings

CAPA estúdio insólito

FOTO DE CAPA Yagi Studio

PREPARAÇÃO Tato Carbonaro

REVISÃO Mariana Cruz e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-8086-923-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br)

## Sumário

Capa

Rosto

PARTE UM NOVEMBRO DE 1803 — FEVEREIRO DE 1805

PARTE FEVEREIRO DE 1811 — DEZEMBRO DE 1812

PARTE TRÊS OUTUBRO DE 1818 — NOVEMBRO DE 1820

PARTE QUATRO SETEMBRO DE 1821 — JULHO DE 1822

PARTE CINCONOVEMBRO DE 1826 — NOVEMBRO DE 1829

PARTE SEIS JULHO DE 1835 — JUNHO DE 1838

Notas da autora

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos